

A. F. CASTILHO



QUADROS

HISTORICOS





Cubic Prof.  
20-7-903

RESERVADO

Res  
539

B  
RESERVADO

539



# QUADROS HISTORICOS

DE

## PORTUGAL.

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

*Bacharel Formado em Direito, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade Juridica da mesma Cidade, da Sociedade Litteraria Portuense, do Instituto Historico de Paris, da Academia Real das Sciencias e Bellas-Lettras de Rouen, da dos Ardentes de Viterbo, e da Arcadia de Roma.*

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Fantasticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas.

CAM. Lus. C. I.

INTER FOLIA PRODUCE  
Castilho

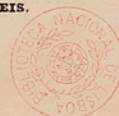


LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

RUA NOVA DO CARMO N.º 39 — D.

1838.



QUADROS HISTÓRICOS

DE

PORTUGAL

YOR

ANTONIO PEREIRA DE CASTILHO

Publicado em Lisboa, na Typographia da Sociedade Typographica e Litographica, e no Instituto Historico de Lisboa, de acordo com o parecer da Comissao de Historia e Geographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Comissao de Historia e Geographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Comissao de Historia e Geographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Com a approbacao do Excmo. Sr. Ministro da Real Academia das Sciencias de Lisboa, e do Excmo. Sr. Ministro da Real Academia das Sciencias de Lisboa, e do Excmo. Sr. Ministro da Real Academia das Sciencias de Lisboa.

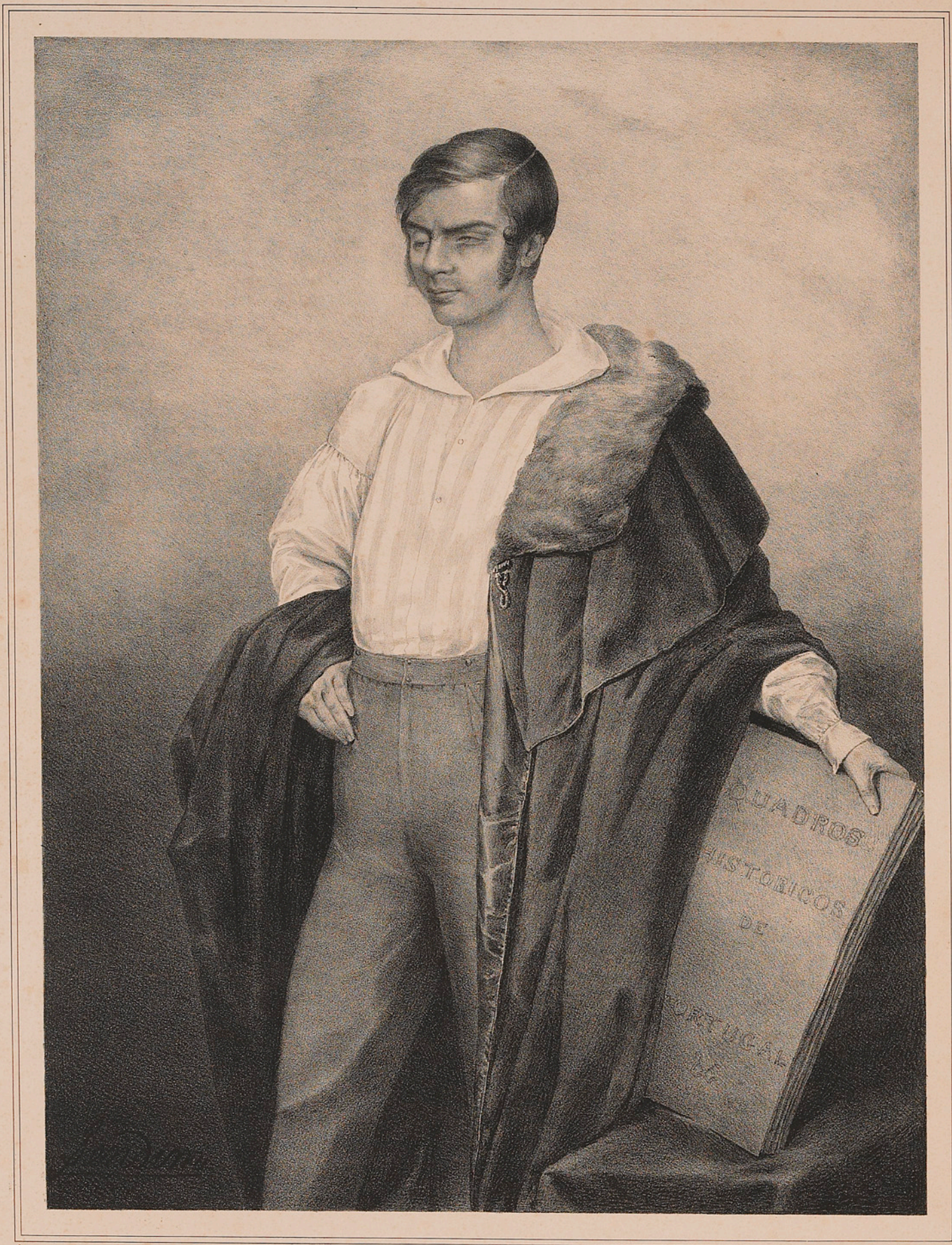


LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DE JOSEPH PEREIRA DE CASTILHO, POR COMMISSAO DA REAL ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

EM 1833

1833



*Londim* . de vivo delinens e lith

*Off. Lith de M.<sup>o</sup> Louz, Rua Nova dos Martyres N.<sup>o</sup> 72*

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

NASCEU EM LISBOA A 26 DE JANEIRO DE 1800.





# PROLOGO.

**E**NTRA o anno de 1838 triste, carrancudo, mal assombrado; e a carga dos maus annos defunctos o assoberba; sae como esparvado d'entre ruínas; multidão de caminhos e veredas desconhecidas se lhe presentam; e a lanterna da esperança se lhe apagou na noite passada; perdeu a innocencia, seguro bordão do peregrino; e a nevoa de Deus lhe cerra todo o horizonte.

Onde ha ahí homem que, ao amanhecer do anno novo, se não assente uma hora juncto a esse outro marco de legua na estrada da vida, a ajustar contas com o passado, e a considerar por onde cortará ao longe o caminho que o aguarda? se pelas serras bravas e inhospitas, que divisa, se por valles de abundancia e verdura, que se lhe escondem! E esta hora de pausa, que bem houvera de ser para descanso, toda he repassada de tristeza, porque do espaço caminhado por nossas jornadas, raro trazemos, para brindar a pedra milliar, uma flôr de algum apreço, quando de sobra vem as ramas de cipreste. E se isso he no que toca aos desabrimentos do mundo e fortuna para conosco, peor he ainda a amargura de cuidar no como nós proprios nos houvemos para com os nossos semelhantes lesando-os, empecendo-lhes, ou quando menos disservindo-os, e certo desbaratando o maior dom de Deus, o thesouro dos thesouros, o tempo; matando o tempo, que nos podia fazer immortaes, e enterrando, sem remordimento da consciencia, a unica moeda com que homem pôde comprar o proveito de outrem; condição solemne, com que a todos nos foi dada a vida.

Entrados assim a estreitas contas conosco, determinámos aproveitar o novo anno em alguma obra de utilidade. Homens de mais vulto e forças, dotados de mais poderoso ingenho, e levantados mais alto, a si tomem, que lho não invejamos, o fundir e cunhar a seu gosto os annos que hão de vir, calcular a torrente dos acontecimentos, resistir-lhe ou ajuda-la, encana-la, torcê-la, ou pôr-lhe diques; presumam poder, elles a quem essa mesma torrente arrasta, o que só cabe na alçada do genero humano e do tempo colligados, ou mais propriamente, o que só a Providencia pôde: nós para o futuro não temos palavra alguma, e oxalá nem idéa tiveramos! Dos ermos do passado instituímos arrancar as pedras para um edificio, que hoje começaremos, dedicado ás Glórias, e portanto ás Saudades Portuguezas. Não será monumento grande, como cumprira, mas sim um abrigo, um refugio qualquer para os pensamentos affligidos de males, e atormentados de receios; uma sala de pinturas, com que quebremos os olhos a estrangeiros que, desprezando o que somos, se não lembram do que hemos sido; um como museu pompeiano, que nos diga: « Romanos fomos um tempo; e eis aqui aos olhos do sol as joias de que usavam nossos avós, emquanto lava de vulcão não submergiu tudo. »

Rica mais do que nenhuma he nossa Historia: vão por ella os vãos e feitos memorandos tão densos e apertados que, antes do que procura-los, nos será fadiga estremar d'entre elles os insignissimos. Com a historia inteira, qual e quanta he, nem a nossa penna se atreve, nem menos se atreveria a mór parte dos espiritos para quem vamos escrevendo: a tanta debilidade são chegados os estomagos e vontades dos que n'esta era lêem, que as letras se lhes hão de dar coadas por quartos e meias horas, como fio d'arêa de ampulheta, e o mantimento da alma partido em pequeninos, disfarçado no sabor, e delido em espiritos de muita invenção. Houve livros, houve bibliothecas, houve uma grande gloria, e então houve estudos no mundo: ha hoje só folhas na arvore da sciencia, chamam-lhe Jornaes; toda ella se desata n'esse viço, todo o ar vai cheio do seu murmurinho, do qual hei medo não sirva só para aturdir e adormentar: verde he que alardea esperanças, mas quando e qual virá o fructo, de que nem ainda flor se enxerga que desabroche! D'estas folhas quer a moda, e ja talvez a razão da necessidade, nos alimentemos, ainda que de si tão pèças e mesquinhas, que a primavera de sua duração raro passa de um dia, apoz o qual se despegam, e sêcas, e confusas com tanto redemoinho de outras, se vão cair onde mais olho de homem as não descubra. Punham os antigos seus feitos e seus nomes em monumentos com que os annos se não atrevessem; confiámo-nos nós a folhas! Assim correm as cousas: assim corram embora!

Emquanto pois outros escriptores, rebaixando por ventura suas almas bem nascidas, ahí vão talhando e dispartindo em fragmentos as theorias da moral, da philosophia e da política, as noções e principios das sciencias e das artes, forcejaremos nós trazer, para espectáculo dos oculos, os sujeitos e exemplos de melhores eras: arrancando-os das entranhas de sua colossal historia, faremos como os moradores do Egypto, que dos calados seios das pyramides traziam as coroadas mumias de seus avós, a reprimir com sua presença as sobejidões dos festins, com suas linguas mudas a prégar desenganos e sabedoria. Sairá a obra digna d'elles? não cuidamos; que a elles e a nós nos conhecemos de sobra. Será recebida e agazalhada de Portuguezes? sim o será, que ainda tanto os não degenerou a má fortuna, que se não prezem, como bem he razão, do nome de Portuguezes, nem por ora a nova philosophia, mercê de Deus, cuspiu, escarneceu e queimou a arvore genealogica dos povos como as das familias: pobre philosophia! como se por umas e outras se não empenhassem as mesmas razões de geral utilidade!

Para não desmerecermos o público favor, que o prestadio de nosso commettimento nos affiança, quizeramos poder lustrar, com todos os primores das artes e do estilo, obra que assim he rica de seu sujeito; re-

sistem aos bons desejos, por uma parte a escaceza de nosso ingenho, e por outra a dos tempos, que para obras uteis se empeoram de dia a dia, á conta do grande numero das más e pessimas, em que estas definham e morrem afogadas. Comtudo faremos quanto em nós for por que a escriptura sáia grave, conceituosa ou florida, casta, suave e poetica, e sempre portugueza, como a requer portuguez assumpto, e tal que accomodando-se ás varias materias, lhes conserve, quanto possa, as naturaes côres, espirito e vida.

Ir-nos-hemos á ventura pelo reino da historia, como cavalleiro vagabundo, de coração sempre feito para passar das batalhas ás canas e torneios, de romper lança em favor da innocencia, a seroar conversador entre boa gente á fogueira aldeam; não recusando nunca, onde a occasião o requer, agora fadigas, agora desenfadamento de trovas e cantares, ja peregrinação ao templo remoto da romaria, ja tambem espaiar-se á sombra e entre amenidades.

Isto certo promettemos nós a pais e mãis, a educadores Moraes e litterarios, e a quantas almas antigas escaparam do moderno diluvio, que por todas nossas paginas podem deixar recrear-se á vontade os olhos e animos da gente moça, que, se tambem temos andado pelos novos territorios da republica das letras, nem lhes trouxemos de lá as modas extravagantes, nem (e muito menos ainda) vimos tocados de sua peste. Do estilo e conceito com que hemos de escrever, não he mister mais fallar, a obra o dirá; mas do estilo e conceito de que fugimos, alguma cousa será razão que aqui explanemos; e valha, se poder, por desculpa aos que por isso nos houvessem de taxar de acanhados. Faremos por ser justos.

A actual litteratura (onde a ha), em desconto de seus outros grandes peccados de scepticismo religioso e, o que mais forte e indesculpavel he, de scepticismo moral, tem introduzido e refinado muito conhecimento de relações das partes e individuos do mundo entre si; e d'ahi nos tem espremido para o coração uma quinta essencia mui pura de interesse e affecto universal, misturada com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterilizador (não sei como diga, para que a entendam, a verdade que me abafa). Depois que a Musa se chrisinou em Natureza, e largou por velhos os graves cothurnos, e fidalga palla do seu tempo; depois que se fez cosmopolita, liberal e plebea, prestes para tudo, para banquetes de cynicos sobre a lama ou nas tabernas, para a adoração profunda do Eterno; para dançar nua com as prostitutas, ou voar pelos alcantis e espinhos de todas as difficuldades ao cume de todas as virtudes; depois que disse na sua nobre ou delirante ambição « Tudo he meu » e cravou no meio do mundo espantado bandeira livre de conquistadora que, remontando pelos ceos, vai tremular por cima da cabeça de Deus; depois que olhou para o espectro do Passado, e lhe cuspiu na face, e riu; para o embrião do Futuro, e lhe atirou veneno, e riu; e disse ao Presente « Dança em redor de mim, porque eu te abri o magestoso manancial de todas as dores impias » — e riu; levantou-se entre todos seus ministros uma grande confusão, porque se ouviram os gemidos do Porvir, os lamentos do Passado, as blasfemias do Presente. Uns, almas generosas nascidas para amar, disseram « Nós procuraremos salvar tudo isto pelo amor. » — Outros, almas indomaveis, nascidas para o triumpho, disseram « Nós assignalaremos as rodas do nosso carro sobre estes tres cadaveres de Tempo. » E a Poesia lhes disse « Ide » e os bafejou a todos. O povo, que só das palavras alheas compõe a sua sabedoria, corre aos theatros a aprender como se consumma, explica e defende o adulterio, o incesto, a traição, o perjurio, o parricidio, o fraticidio, o infanticidio, o regicidio, o deicidio, horrores que o grande Solon nem quizera se julgassem possiveis, para lhes prevenir penas em suas leis; palavras de agouro e maldição que, semelhantes ás que uma antiga religião defendia, nunca haviam de sair de humanos labios. O mesmo povo abre livros, e n'elles se encontra com os mais formosos quadros de toda a imaginavel brandura. Por um ouvido, um demonio lhe sopra como se embotam os punhaes, para que a ferida seja mais vagarosa; como se farpam, para que mais doa; como se hervam, para que não sare; por onde se hão de embeber, e quanto sangue ha de manar, quantas fibras descozer-se, quantos gemidos e arrancos ouvir-se, com que gestos, com que sorrisos e palavras se ha de desesperar a agonia, como he que o pé se lhe ha de pôr sobre os olhos para que não veja o ceo. No outro ouvido, um Anjo lhe insinua que a felicidade toda assenta na paz interior, a paz interior na virtude, a virtude no amar sempre a todos e a tudo, no amar sem outro fim senão o proprio amar. Apparecem á porfia os sophismas do parricidio nos *Salleadores* de Schiller, e os extremos da affeição a um pobre cão no *Jocelyn* de Lamartine; e os horrores de uma *Justina*, e as piedosas magoas de um *Leproso d'Aoste*; *Catharina Howard* e as *Prisões* de Péllico. Que digo? o mesmo livro e quasi o mesmo momento muitas vezes abrange e combina estas repugnancias: o famoso monstro litterario intitulado *Nossa Senhora de Paris*, por Victor Hugo, he um libello diffamatorio e infernal contra a natureza humana, e junctamente um Evangelho de amor materno. He a luta perpétua do Bom e do Mau Principio: são os dois extremos do homem, nefandamente amarrados entre si pelo genio do homem; imagem d'aquelle supplicio, inventado por um antigo rei da Italia, o despresador dos Deuses, como lhe chama Virgilio, o vivo abraçado com um cadaver, ligados todos seus membros quentes e palpitantes com os

membros hirtos e gelados de um cadaver, os labios que respiram e gemem pregados n'uns beiços mudos que exhalam morte, e os olhos que vêem sobre dois globos que olham sem ver. Esta he a incomprehensivel, a espantosa litteratura da nossa idade! Oh quem soltasse este vivo, por que o contacto d'este defuncto o não contaminasse! oh quem enterrasse este morto, por que a presença d'este vivo lhe não aggravasse a condemnação! Homens innovadores, sublimes, infernaes, romanticos, algozes do coração, da alma e da fé, que resplandeceis na vossa gloria como Satanaz em seu throno de fogo, eu escriptor desconhecido do mais pequeno recanto do mundo; eu, cujas galas poeticas são tão mesquinhas, que por minhas mãos as rasgo sem dó; eu vos despréso, e por uma fama sete vezes mais alta do que a vossa, por thesouros sete vezes mais fartos do que vos rendem as vossas frases magicas, não quizera ser o que sois; que se assim como inventastes um veneno infallivel para cada virtude, não inventastes outro para a vossa propria consciencia, temerosa tem de ser a vossa ultima hora na vida.

Traz o gósto me deixava agora ir de foz em fóra, sem reparar em que era isto, como diz o meu Luiz de Sousa, um *esgrimir no ar, dar golpes em vão, e emfim fallar com um penedo*. Outro dia e n'outro logar entraremos a contas, que citados ficam, e são horas de nos virmos recolhendo. — E a que era (murmurando está ja ahí a critica) dissertação de poetica em prefacio de prosas? Com duas respostas acudo por mim. Uma: que se as reflexões que encetava contém verdade, verdade de consciencia, verdade para uso de escriptores, em nenhuma parte se lhes ha de negar cabida, e cumpre evangelizar a razão, como S. Paulo mandava prégár a fé, opportuna e importunamente; e que, pois o caminho do discurso me trouxe, não sei como, a passar pelo vallado d'este largo campo, não podia ser mal que por elle estendesse os olhos. Segunda: que ja hoje em dia me está parecendo não haver essa differença da poesia á prosa. A liberdade e igualdade que, para nivelar a face da terra, vão apagando a figura e pulverizando o ser proprio de tantas cousas, ja invadiram e senhoream a litteratura. A eloquencia e poetica são escolares de S. Simão, junctaram em commun os seus haveres, e fizeram mais, que se transubstanciaram uma na outra. A prosa, que na jerarchia das ideas era o povo, levantou-se, e metteu em si todas as nobrezas, todas as licenças e arrojos, luxo e fasto, desenvoltura, amor á mentira, e consciencia larga de Senhores. A poesia, que era na ordem das ideas a aristocracia e monarchia, porque o Genio he verdadeiro Grande e verdadeiro Rei por direito divino, desceu, e ja consente em sua linguagem as pequenezas, os plebeismos, a infima conversa, o escrupulo de circumstancias nos factos, o rigor dos algarismos nas datas. Com esta revolução e confusão de propriedades, tem cada uma os bens e os males, os prós e precalços de ambas. Se pois a prosa he poetica, e a poesia prosaica, não se estremando senão pela igualdade ou desigualdade das linhas; deixemos ficar onde estão as reflexões que se leram.

A mãos experimentadas e mestras se fiou o cuidado de representar á vista, por via do desenho em pedra, os mesmos rasgos a que a penna se aventurava, para que aos incuriosos entre pelos olhos, como costuma, a cubiça da lição, aos applicados se firmem melhor na memoria os successos, não já relatados e lidos, senão vistos e presenciados. N'esta parte prometteremos largo, e mais afouts que no tocante á obra de nossa penna: cada painel, sobre ser rico de seu escolhido assumpto, e formoso e cabal como cousa ja do Sr. Mauricio José Sendim, ja do Sr. Antonio Manuel da Fonseca, terá de mais o merito mui particular de estudada e escrupulosa exactidão em tudo o que possível fór de architectura, vestidos, armas, utensis e mais costumes: amplissimo trabalho este, para o qual não basta revolver copiosas bibliothecas, mas se necessita muito comparar, muito ouvir, muito discorrer, e alguma vez não pouco adivinhar; por onde nos vangloriamos que, posta a mão ultima ao nosso longo trabalho, haveremos tambem dado a Portugal a collecção, que ainda lhe faltava de suas antiguidades, deduzindo-se e transformando-se successivamente pelo fio dos tempos.

Oh que bem nos cançaremos nós de escrever e de pintar, primeiro que esgotemos todas as gloriosas memorias d'este mimoso, fecundo, abençoado e bem invejado canto do mundo, que a tantas e tão remotas provincias d'elle deu e tirou reis, venceu e avassallou mares, estendeu as bandeiras de suas quinas, por uma parte alem da Aurea Chersoneso e ultimo Oriente, por outra até ás regiões encantadas e infinitas do Occidente austral, amansou povos ferros, estendeu o commercio, dilatou a fé, e quasi não deixou parte no orbe onde não chegasse um resplendor de sua gloria, um echo das façanhas de paz e de guerra, com que seus filhos o afamaram.

Tal he a tenção e traça d'esta Óbra. Moveram-nos a ella amor da patria que foi, dó da patria que he, sollicitude dos que n'ella virão depois de nós. Repitamos, que nunca o repisar taes ideas será demasiado: desenravado o mundo moral dos polos em que girou tantos seculos, revolvendo-se como em vertigem por espaços novos e desconhecidos e por entre luzes e trévas estranhamente misturadas, aneando sacudir de sobre si, como frenetico, todos os restos do passado, para se revestir de um porvir todo novo, sobrenadaremos nós, emquanto podermos, na assoladora e caudal corrente das novas cousas, alcançando ainda com a mão fóra da agua, por que se não afoguem no esquecimento, os nossos Lusíadas, as lembranças, ao menos escriptas, de nossas magnificencias. Quadros formosos da Historia ornem sequer a nua e estremeçada Casa Portugueza. Deu o tempo cabo dos tropheos, dos sceptros conquistados, do ouro tributarió, das armadas que o traziam; desbara-

tamos nós costumes puros e castos, união de irmãos, vida de remanso e folguedos: pois gozemos ainda por este modo, como os mortos nos Elysios dos antigos poetas, umas imagens e simulachros vãos dos bens que se ja possuiram: aos dias turvos da realidade vá furtando a memoria algumas horas, e as doure.

Que Portuguez nos desagradecerá as piedosas diligencias? A todos elles appareçam bem vindas, como estreas do Anno novo, estas pinturas. Grandiosas são, porque representam homens que o foram; nobres, porque d'elles houvesmos os nomes, o sangue e os bens; poeticas; porque tem maravilhas como as fabulas, e ainda algumas flores fabulosas, das que por si nascem em todas as ruinas antigas, luxo de cuja mór parte não as despojaremos, porque não somos dos que folgam de limpar do musgo dos seculos o marmore dos edificios anciãos, para que alvejem como o casal a que se hontem poz a mão ultima; moraes são emfim, e melhor em principio o houveramos posto; moralissimas são, porque desde o comêço até os nossos dias ainda a terra de Portugal se não tinha emancipado do espirito, e o Ceo apparecia sempre formando a parte mais bella e pura dos seus paineis. — Costume era do homem que sommou em si todas as glorias antigas e modernas, alargar muitas vezes seu pensamento immenso na lição de nossos fastos, e recommenda-los como aquelles que melhor exhalavam por todos os poros heroismo inspirador: bem era digno Napoleão de amar assim a Historia Portugueza; para banhar com delicias tamanha alma, era preciso um mar de gloria. Mas, quando nós mesmos prégamos e recommendamos a nossos irmãos e filhos os feitos de nossos antepassados, não he só, nem he tanto á conta do espirito bellicoso, como á conta do espirito moral e verdadeiramente christão, que nos desvelamos. Via elle na campa historica d'este povo, gravada de trophéos e epitafios honrosissimos, a pedra mais propria para afiar espadas a vencedores: namora-nos a nós a fragrança pura, o cheiro, di-lo-hei, de casta santidade, que debaixo d'ella está saindo, exhalção balsamica do mundo velho, remedio milagroso, se o ha, para nos curar da corrupção e lepra que nos mata. Sim, este tempo he um grande tempo; grandes cousas tem feito e cousas ainda maiores nos promete: quem o negará? mas quem negará tambem que este seculo de grande cabeça e grandes mãos, he um seculo sem coração? que todo o seu trabalhar he terrestre? que a felicidade fisica e material, se a essa cabe nome de felicidade, que a vida positiva e a exterior se engrandecem e aperfeçoam? que a sociedade aprendeu arithmetica e economia? que ás precisões naturaes e ainda a muitas imaginarias se acode com mais apurados meios e mais regalos? que para todos se dizem abertos os caminhos da fortuna? que todos podem concorrer, cada um segundo a sua vontade ou capacidade, para o arranjo da ordem publica e dos destinos mundanos e transeuntes de todos? Mas he o portuguez d'hoje mais contente comsigo, mais composto com o seu estado, que o portuguez d'ha duzentos annos, d'ha cem annos, d'ha trinta annos? Não me responderão labios, ou affirma-lo-hão, mas lá está en todos os corações uma voz de consciencia que murmura: não. Pois que falta, perguntaria eu a essas mesmas consciencias, que falta para que tão suadas fadigas d'esta geração produzam uma sombra de contentamento, que seria ao menos um simulachro de felicidade? falta a espiritualidade, sem a qual todos os commodos e bens são flores sem fragrança nem virtudes; servirão para coroar a vida nos dias de festa, servir-lhe-hão para leitos de regalo, porem não para a enlevar interiormente, nem para a curar em suas enfermidades. Vivemos n'um mundo, na praça dos comicios, nos tribunaes, nos campos de batalha; na familia não vivemos: derramamo-nos pelos outros; não entramos em nós: matamo-nos sobre o que a fortuna dá ou tira, e rimos do thesouro íntimo para o qual a fortuna não tem chave, nem a alheia malicia alavanca com que o arrombe: debruçamo-nos e estiramos-nos, quando muito, para a posteridade; mas não sabemos desenlear do tempo um só pensamento que remonte o vóo a um estado de permanencia, a um estado sublime e infinito para que fomos creados, pois he instincto procura-lo até dentro na vida onde elle não cabe. He um grande tempo este nosso, e brotará tempos ainda maiores; mas um tempo de felicidade não o he! Está ahí composto um painel de muitas formosuras, mas são mortas como as boas obras sem a fé: imaginai-as cercadas da crença que em nossos velhos sobrava; de repente realçar-se-hão todas, como os primores d'um painel, apenas se embebe nos reflexos da moldura dourada.

Os que dizem que a liberdade he tudo, mentem ou deliram, como já bom ingenho lhes declarou. Não he a liberdade mais do que um meio para um fim de felicidade temporal, como tambem não he senão meio a religião para outro fim de felicidade perpetua. Ora, assim como não ha separar no individuo o homem material do homem moral, e por mais que se agucem os falsos philosophos, nunca lograrão convencer a consciencia humana para um brutal materialismo, cumpre forcejar por entretecer estes dois meios, Religião e Liberdade, que tão maravilhosa-mente se combinam entre si, para que essas duas felicidades se travem igualmente e se fortifiquem, segundo a sua natureza, uma pela outra. Cultivemos esta idade fecundissima, mas lembremo-nos que não somos chamados a lavrar e semear n'um mundo sáfaro e baldio: sobeja terra para a seara que nos ha de alimentar, para o pasto dos rebanhos que nos hão de vestir, para os bosques de que nos hão de sair navios e palacios, para os caminhos que nos hão de sociar; para que he preciso demolir o templo, onde o espirito se refrigera do cançasso do corpo, e derrocar os monumentos onde as eras se assentavam a relatar suas mocidades ou a doutrinar a multidão? — Lisboa: 1 de Janeiro de 1838.



O. C. A. M. J. A. Ferreres, Acad. Humana, Pl. C. de S. M. F. no. 1.143

O. C. A. M. J. A. Ferreres, Acad. Humana, Pl. C. de S. M. F. no. 1.143

COM AS ESPADAS NUAS E ALÇADAS PROCLAMAM OS PORTUCUEZES EM LAMEGO  
 A SUA INDEPENDENCIA, E FUNDAM A MONARCHIA.





**D. AFFONSO HENRIQUES,**  
PRIMEIRO REI DE PORTUGAL.

**CORTES DE LAMEGO.**

..... Os animos da gente  
Portuguesa inflamados, levantavam  
Por seu Rei natural este excellent  
Principe, que do peito tanto amavam.  
CAM. LUS. C. III.



OM RUES, ainda que desveladas mãos, somos vindos a levantar edificio de glorias, que todo e em tudo devêra de ser primo, se não unico. Sobram para a obra os materiaes, fallece o tempo e a área assignalada para a edificação: mas nem o amor vê contrastes, nem com difficuldades se hão de acobardar animos resolutos. De Portuguezes foi sempre, ensinados por seu primeiro Rei, commetter os feitos com o coração, e não tomar o pezo ás victorias senão depois de havidas. Aberto está o alicerce, que este são para qualquer obra as boas vontades de quem a ha de fazer, e d'aquelles para quem se trabalha: lancemos ja n'elle, como moeda rica, sobre a qual irá crescendo depois a fábrica, um nome de Rei, tão Rei na fortuna e no coração, que a nenhum, quer antigo, quer moderno, conceda vantagem. Este he o Senhor D. Affonso Henriques, Principe de esclarecida estirpe; favorecido da natureza com singular estatura e forças, clara denúncia do muito para que era nascido; não menos mimoso da Providencia, que, sobre havê-lo prendado com alma tão gigante como o corpo, e atado a fortuna aos copos da sua espada, se aprouve de lhe ornar o quasi seculo da sua vida com tantas e tamanhas maravilhas, que não sem razão lhe dessem nome de Santo os historiadores, e a posteridade lho confirmasse, festejando e invocando suas reliquias. Não nasceu Rei, senão maior do que Rei, como aquelle que de si mesmo havia de brotar a realza: não tomou do berço a purpura, mas tingio-lha a victoria com sangue de infieis: não achou feito o sceptro, que de sua lança robusta lho houve de lavar sua mesma virtude: não alardeava eras o seu throno, mas estreou-o elle, e no estrea-lo lhe imprimiu veneração que ainda hoje dura; throno a que lançou por fundamento o ferro de mais de trinta espadas de reis vencidos, como do ouro de mais de trinta coroas fundiu a sua.

Não he instituto nosso escrever sua vida, que não sabemos ousar com a escriptura o que elle logrou conseguir com as obras, isto he, abranger em pequenino espaço o infinito. Como dos Estados do grande Alexandre se formaram muitos reinos famosos, assim em muitas historias illustres se poderá dispartir a historia d'este Varão, em quem, porque nos podessemos gloriar de avantajados a Romanos, com tão melhores auspicios começou nossa monarchia, que em um rei unico nos deu a Providencia o que em Roma custou a caber em dois; a alma bellicosa e indômita de Romulo, o coração piedoso e pacifico de Numa. Lidou Romulo em guerras de conquistador toda sua vida; cerrou Numa as portas en-

sanguentadas de Jano, para abrir a seu povo as dos outros Numes da paz e da abundancia: de louro e oliveira viveu sempre coroado Affonso. Batalhava nos campos? era para a Fé e para Deus: orava nos templos que fundou? era para pedir e grangear novas victorias. E tão travados andavam em seu sujeito o sacerdote e o soldado, o exterminador e o restaurador, que maravilhados e confusos os animos, não acertavam differença-los. Romano, houvêra sido relatado no numero das Divindades Indígetes: Christão e Portuguez, como podia a imaginação de seu povo deixar de o cercar de uma nuvem de poesia e resplendores celestes?

Muitas historias poderam avultar da sua, dissemos nós, e com razão. O narrador de façanhas militares, cançaria escrevendo tantas batalhas: a de Guimarães seu berço; a sanguinosa e decisiva de Valdevez, que lhe submetteu o senhorio de Portugal; a recuperação de Trancoso; a defeza gloriosa de Coimbra; a tomada e retomada de Leiria; o rendimento de Torres Novas; a jornada incrível e milagrosa de Ourique; Santarem, a guerreira, forçada e levada n'uma noite; Sacavem, a quem a espada varreu de Mouros e desassombrou de seu temeroso castello, para abrir o passo á conquista de Lisboa, conquista que por si só está offerecendo uma cabal e magnifica epopéa; as luas mouriscas em breve praso eclipsadas em quantas villas e castellos desde Lisboa até Leiria alardeavam ufania; a poderosa Alcaçer do Sal, gentilmente firme contra um cerco porfioso, e mais gentilmente rendida aos pés da cruz; Béja humilhando a soberba de suas muralhas e torres; Cezimbra, que envão se defende; el-rei de Badajoz poderoso, Palmella e seu castello inexpugnavel, pasmados do pequeno numero que os vence; Evora, no bre façanha de Giraldo sem pavor; Moura, Serpa, Alconchel, Coruche, e a cidade d'Elvas arrebatadas na corrente das victorias; tantas asperas lides com el-rei de Leão; a traição da Fortuna ás portas de Badajoz, Affonso pela primeira e unica vez captivo, mas de seu inculpado revez tirando por suas virtudes com que melhor ao diante se afamasse; o destroço e morte do capitão arabe Almoleimar, dos reis Alboazem de Tangere, e Albaraque de Sevilha, quando o Rei ancião, saltando de seu carro, combateu, a pé, e peito por peito, como soldado; e outras galhardias, ja do Infante seu filho, ja de seus capitães, que em todos ressumbra o valor quando nos reis o ha: a entrada por Andaluzia até Sevilha, com grande desbarate dos Sarracenos; a derrota do filho do imperador de Marrocos perante os olhos de Abrantes; destruição de Radavam; Fuas Roupinho vencedor em terra, e duas vezes vencedor no

mar, como quem abria já, com este primeiro exemplo de navaes triumphos, o caminho aos que mais tarde se deviam de colher por tanto mudo; e emfim a grande e temerosa batalha em que os nossos capitães, príncipe e rei arrancaram com poucas mãos a mais fastosa palma de guerra que nunca se viu, defendida, segundo he fama, por centenares de mil homens do Miramolim de Marrocos, e de treze reis Mouros seus vassallos e aliados. — Em todos estes rasgos, sem medo podia o escriptor derramar sua admiração, porque, ainda que o tempo, como costuma, engrossasse depois os successos, encarecendo por uma parte, por outra atenuando o numero dos pelejadores, sempre comtudo fica certo que, sem extremadissimo valor e muita constancia, se não podiam tomar terras guardadas por filhos seus, e bellicosos como os Mouros; postas em paiz que, por sua fertilidade e temperada condição, muito era para amores de seus donos; fortificadas com todos os meios que a sciencia d'aquelles tempos ensinava, e por tal arte que ainda hoje duram e irão adiante assombrar outras gerações; mais fortificadas ainda pelo odio religioso que, nos Mahometanos accommettidos, não devia ser menos poderoso que nos Christãos accommetedores; e, o que mais he, tomadas sem o soccorro das artilharias, que ainda então não eram, e tendo os peitos e os pulsos dos combatentes de voar ao alto das muralhas, onde hoje mandamos voar as balas e bombas.

O historiador ecclesiastico, houvera de referir fundações, inda hontem desmesuradamente prodigiosas, solidão hoje, amanhã ruinas, para o futuro saudades, que assim he o theor do humano espirito: o votivo convento de Alcobaca, cuja fábrica foi cançando as forças, sem cançar as vontades de tantos reis e principes, e cuja doação, tão ampla como os horisontes, só foi menor que o coração de Affonso: o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que elle fundou e dotou não só para joia e espirital reparo de sua cõrte, que então era n'aquella cidade, mas para retiro de seus religiosos pensamentos, para commercio com Deus nas horas em que repousasse de bemfazer aos homens, e emfim para leito ultimo onde esperava dormir no Senhor: o de S. Vicente de Fóra em Lisboa, sumptuoso relicario do Santo Martyr (de cujos corvos e navio deu armas á cidade), e jazigo, que depois havia de ser, de tantos principes e reis seus successores: e com estas, quantas outras fundações, restaurações, dotações e grossas esmolas a Conventos, a Igrejas, a Collegiadas! Restaura as Cathedraes de Lamego, Viseu, Evora e Lisboa, e lhes põe os primeiros Bispos. Querendo emfim imprimir em obras suas as duas diversas naturezas de que a sua se compunha tão avantajada, cria ou introduz, melhoradas e engrandecidas com rendas e favores, as Ordens, ao mesmo tempo religiosas e cavalleiras, dos Templarios, de Avis, da Ala, de S. João, e de Santiago; Ordens, cujos claustros fossem quartéis e fortalezas, e as trincheiras e campos templos de oração; sublime enlace das duas mais sublimes milicias, a dos christãos e a dos heroes, dos conquistadores e dos mártires; arvore extraordinaria, que só um seculo de fé podia produzir, e só eras de fé podiam manter, porque na terra sustentava a raiz, emquanto a melhor parte de sua florescia e fructos eram no ceo. Oh que grande era a alma de Affonso! Disséreis que no mundo e na vida não cabia sem se estender de continuo para fóra d'elle e d'ella, para a eternidade! E que bem que tre mûla em mãos de Alferes seus a bandeira (que ainda ao menos possuimos)! não flores, não aguias, não leões coroados, mas o emblema da redempção, hasteado na lança das batalhas!

O Publicista, o Economista político, o Antiquario, o Genealogico, em summa todo o genero de Letrados, achariam, para compilar fartos volumes, o nascimento da Monarchia; titulos de sua independencia e dominios; a interior organização do Estado; o influxo moral, espirital e temporal da sua sujeição a Roma; a verdadeira indole da Nobreza e Clero d'aquelles tempos, o que valiam e cabiam com o Rei, o que pezuavam ou serviam ao Povo; as diversas Magistraturas e sua força; as leis civis, criminaes, militares e canonicas, suas fontes e philosophia — qual o systema dos tributos, a condição da agricultura, e o começo ou o estado das artes; as moedas e interior commercio do reino: os trajos e costumes; o que dos Mouros conterraneos, quer em paz, quer em guerra, quer depois em servidão e recebidos no tracto domestico, se deveu tomar de genio, de usanças, de modas, de festas, de sciencias, de superstições e de lingua; as fundações de villas e castellos: — as raizes ou ja troncos de tantas familias, que ainda hoje permanecem, veneração grande por natural e íntimo consenso; emfim a multidão de homens celebres que n'aquelle reinado floreceram. Obras estas montanhosas, e fadiga de largos dias e noutes para quem as houvesse de rematar, pelo que se havia de entranhar, com luz frouxa muita vez e incerta, pela mina dos documentos de cõrtes, foraes, escripturas de doações e fundações, cartas, testamentos, fragmentinhos poeticos, livros arabes, chronicas e historias nacionaes e estrangeiras. E de nenhum ulterior reinado seria mais para folgar se commettessem e levassem a bom fim taes investigações, do que d'este; porque d'esta serra escondida de antiguidade, que nos lá fica entre os seculos onze e doze, corre a fonte de muita parte do nosso ser pelos tempos adiante.

Recuámos nós encolhidos, de tanta immensidade: fitar-nos-hemos em sós alguns quadros. Razão nos pareceu tomar, para primeiro que de sua historia offerecessemos, o que ahi se descobre.

Ja pela famosa batalha de Valdevez, e não sabemos se por algumas posteriores, era o poder de Affonso bem seguro em muitas e boas terras de Portugal. A justiça do ceo, manifestada pelas armas, tinha destramado, antes cortado para sempre, as intrigas ambiciosas da Rainha D. Tareja. El-Rei de Leão e Castella embainhava, para descançar, a

espada vencida; e todo o norte nos repousava desassombrado de medos de Hespanha. A espada do vencedor, que nunca soube entrar em bainha, fôra continuar victorias no sul. A milagrosa jornada de Ourique, onde, com só treze mil Portuguezes, desbaratára quinze regulos, cinco reis seus superiores, e Ismar cabeça de todos, o tinha saudado ja Rei, por aclamação unisona de seus soldados e capitães. Era isto bastante para a força, não o era para a razão: com os que o victoriaram monarcha podia sustentar o titulo, mas não o conservaria se não fosse á boa mente de todo o seu povo. Era no remanso da paz e após uma deliberação madura, e com a maxima liberdade de votos, que elle entendia poder-se tornar valioso um nome que o lisongeava, porque para elle era synonymo de Pai, mas que só lhe tinha resoadado aos ouvidos entre estrépito de tambores e clarins. Deus que inspire o Povo, e o Povo que decida, que só assim se fazem os primeiros Reis.

Na Igreja de S. Maria de Almaceve em Lamego, se congregam com a maior pompa que o tempo consentia, e com toda a que requeria o presente caso, pelo Clero, o Arcebispo de Braga e os Bispos de Vizeu, do Porto, de Coimbra e de Lamego, alguns dos quaes das mãos de Affonso deviam ter recebido o baculo e o rebanho christão; e grande multidão de Abbades, Clerigos e monges, que a elle ou a seu Pai deviam casas, doações e esmolas. Por parte da Nobreza, os que a tinham ganha á ponta da lança, ou nas conquistas do Conde D. Henrique, ou nas suas proprias façanhas, e que para o futuro se deviam ainda grandemente illustrar; os Officiaes de sua casa, e chegados á sua Pessoa, que bem he de adivinhar quaes seriam. E por parte do Povo, os *Procuradores da boa gente*, cada um por suas cidades e villas. Toma Affonso logar no Throno, mas sem nenhuma insignia de Rei: ao lado, e mais abaixo, lhe está Lourenço Viegas, seu Procurador. Invocada a Trindade Santissima, «Eu Affonso (diz em pé o Príncipe), eu Affonso, filho do Conde Henrique e da Rainha Tareja, neto do grande Affonso, Imperador das Hespanhas, e por mercê de Deus, pouco ha levantado a Real Throno: ja que Deus me ha concedido repousar, e nos deu victoria dos Mouros nossos contrarios, e pelo tanto ja podemos agora tomar algum fôlego; por que não viesse a succeder fallecer-nos depois o tempo, vós convoquei a vós todos, quantos aqui sois.» — N'este passo os nomeou do primeiro até ao ultimo, começando pelo Arcebispo de Braga; e sentou-se no solio.

Levanta-se Lourenço Viegas, e diz: «O Senhor D. Affonso, ja Rei por vós aclamado em Campo de Ourique, vos congregou para haverdes de ver as Lettras do Padre Santo, e declarar se sois contentes com ser elle Rei nosso, conforme n'ellas o appellida Sua Santidade.» — «Queremos que seja Rei nosso» clamaram todos a uma voz. — Proseguiu o Procurador: «Como quereis que seja Rei? elle e seus filhos, ou só elle?» — E todos responderam: «Elle, em quanto vivo for, e depois que nos fallecer, logo seus filhos.» — «Pois que assim o quereis, accrescentou o Procurador, dai-lhe vós outros a insignia.» — Ao que todos acudiram: «Em boa hora lha demos, e vá em nome de Deus.»

Levantou-se o Arcebispo de Braga, e tomando das mãos do Abba-de de Lorvão uma boa coroa de ouro, toda resplandecente de pedraria, presente que ao mosteiro haviam dado os reis Godos seus primeiros donos, a cingiu, ajudado de todos os mais, na cabeça d'El-Rei. E El-Rei, surgindo outra vez, com a mão cerrada no punho da espada nua, companheira que nunca o desemparára em guerra (ficou guardada para reliquia, e ainda a não destruimos nós), disse: «Seja Deus bemdito, que assim me ajudou! Com esta vos livre, e venci a nossos inimigos; e vós sois os que me heis levantado por vosso Rei e companheiro. E pois que assim he, e vos praz, Mando que se façam leis, por onde nossa terra se logre de boa paz.» — E todos responderam: «Assim o queremos, Senhor Rei, e praz-nos constituir convosco leis, segundo melhor vos parecer: nós todos, com os nossos filhos e filhas, netos e netas, ja d'aqui nos temos á vossa obediencia.»

Chamou El-Rei para logo os Bispos, Nobres e Procuradores, e fizeram junctos as Leis acerca da herança do reino. Leu-as Alberto, Chanceller d'El-Rei, a todos; e todos disseram: «Boas são, justas são; quero-las por nós, e por toda nossa descendencia, depois de nós.»

Disse então mais o Procurador d'El-Rei: «O Senhor Rei me manda que vos pergunte se quereis que se façam leis da Nobreza e Justiça?» — E todos responderam: «Em boa hora se façam, que nos praz, e vá em nome de Deus.» — Como se fizeram umas e outras, e as leu separadamente o Chanceller Alberto; de cada uma das vezes, tendo-as bem ouvido, clamaram todos á uma: «Boas são, justas são; quero-las por nós, e por toda nossa descendencia, depois de nós.»

E disse por derradeiro o Procurador d'El-Rei Lourenço Viegas: «Quereis que o Senhor Rei vá ás Cõrtes d'El-Rei de Leão, ou lhe pague tributo, ou a alguma outra pessoa, afóra o Senhor Papa; que o appellidou Rei?» — A esta voz surgiram todos, e com as espadas nuas e alçadas, gritaram: «Livres somos, nosso Rei he livre, só ás nossas mãos devemos a nossa Liberdade: e qualquer Senhor Rei, que em tal consentir, morra por ello; e se ainda não for Rei, nunca em nenhum tempo possa vir a reinar sobre nós.» — Aqui El-Rei coroado, se ergueu outra vez, e florecando na direita a espada nua, disse para todos: «Quanto hei lidado por vossas Liberdades, assás o sabeis vós. Por testemunhas vos tomo, e por testemunhas a este meu braço e espada; se algum em tal consentir, morra por ello; e a ser filho ou neto meu, não reine.» — Todos disseram: «Boa palavra, morrerão: Rei, que em alheio dominio consentir, não será de nós soffrido uma só hora no throno.» — Ao que El-Rei poz remate, com dizer: «Assim se faça.»





ASSIMI DESEMPENHA ID. EGAS MONIZ A SUA PALAVRA.

Ind. de. M. L. de. R. A. de. M. L. de. R. A. de. M. L. de. R. A.



## D. EGAS MONIZ.

Vendo Egas que ficava fementido.  
[O que d'elle Castella não cuidava]  
Determina de dar a doce vida  
A trôco da palavra mal cumprida.

CAM. LUS. C. III.

I.



VIRTUDE e a fortuna, a piedade e a valentia houve-as no mundo em todos os tempos, porem mal avindas entre si, derramadas e solitarias. N'uma era, e talvez unica, permittio a Providencia que se congregassem em logar seu, digno de as receber: este logar foi Portugal, foi aquella era o comêço da Monarchia Portugueza; a qual, semelhante aquella Deusa, de gentios fabulada para Nume de valor e sabedoria, como que brotou da mente divina, ja adulta, ja armada, virgem casta e formosa, sempre cubiçada, e sempre livre, e sempre triumphante. Que muito não seria para folgar (antes para gemer) se podessemos nós agora, a cabo de setecentos annos revolvidos, recompor inteira, aviventar com o estilo, concertar e ataviar de todas suas circumstancias aquella veneranda sociedade e vida esforçada, christã, e gloriosa de nossos maiores! mas tão cerrada e cega caio ahi a nevoa da ignorancia e descuriosidade de antigos, que do Portugal, como do resto da Europa d'esses tempos, encheremos os principaes feitos, no demais rastreamos probabilidades e conveniencias; e como o esculptor antigo, por estudo de proporções e harmonias cinzelamos completo o animal, de que não vimos senão a garra. Muito para aquem ou para alem alumia e brada a historia: ahi porem balbucia apenas, e tropeça, e estende os braços pelas trevas: verdade he que em quasi tudo o que topa, palpa grandezas e formas colossaes, que ora são a columna robusta do templo, ora o peito de aço de um gigante cavalleiro, outr'ora um sceptro que sem mão valia a sustentar-se firme em pé com o proprio pezo. Quiz Deus que d'esses dias maravilhosos, ainda que rudes e semi-barbaros, soubessemos alguma cousa para nos encendermos no amor de muitas virtudes, mas não lhe approve que tudo soubessemos para não esmorecermos de ver a nossa pequenez.

Acclamado deixámos ja, e confirmado Rei primeiro de Portuguezes o verdadeiramente Alto e verdadeiramente Poderoso Senhor D. Afonso Henriques. Por ahi nos pareceu comêçar, ainda que outra cousa nos estivesse requerendo a razão dos tempos. Ja temos seguro e famoso o reino pelo Rei, vejamos agora, seguro e famoso o Rei pelo valido. Grande e mui grande estranheza he ja esta, e muito para ser notada e estudada de validos e reis como he notada e sabida do entendimento e experiencia dos reinos. Não foi D. Egas Moniz um valido com seu Rei como os outros validos, nem Afonso um Rei com o seu valido como os outros Reis: uso he dos Principes escolher para privados seus os com quem melhor conformarão na idade e inclinações, e muitas vezes nos vicios e desmanchos; inspirar-lhes ou intimar-lhes os conselhos e arbitrios que lhes hão de dar; levanta los e engrandece-los por vaidade ou interesse proprio; quebra-los e destrui-los na primeira hora de revez da fortuna, ou como victimas de propiciação, ou por despeito, ou porque n'outro rosto que respondeu ao seu sorriso, n'outros olhos que namoraram os seus, vislumbaram mais condescendencias, mais ardis, ou mais determinadas afoutezas para bem servir. Este foi e será sempre, ainda mal, o uso dos Principes: o dos cortezaes he rastejar, torcer-se, insinuar-se para romper chegar e subir; tomar todas as cores e figuras de agradar; desatar-se em lisonjas e promessas; immolar a justiça ao proveito, a consciencia ao gosto, o Estado ao Imperante, e o Imperante, em convindo, ao egoismo proprio. He um tráfico mutuo de mentira, em que um finge respeitar a soberania, o outro o talento ou a virtude, e um a outro se desprezam com razão, porque um e outro são instrumentos em mãos refalsadas. Quasi sempre a historia dos mimosos dos potentados vai cerrar-se n'um capitulo de desenganos, e ás vezes de sangue: quasi sempre tambem a vida dos monarchas, se se estende e mette pela velhice, acaba em dias de solitarios arrendimentos. E comtudo de tão repetidos exemplos nada tomam os que mais importára que os soubessem, e só os estudam e decoram os que d'elles não tem que fazer, que são os povos: e d'ahi vem o descredito dos Grandes, as murmurações surdas, depois os clamores, depois as tempestades; e os thronos de seculos desabam, e á tyrannia succede muitas vezes a licença, e outra tyrannia nova, ou muitas tyrannias. — Pasçamo-nos, para instrucção nossa, edificação de nobres, e gloria da patria, nas saudosas memorias que o tempo nos deixou d'este Cavalleiro honrado e bemaaventurado, segundo o appellidam as historias; cuja prosapia esclarecida se alonga e some pela noute dos tempos; cuja descendencia se perpetuou até nós, creando ou melhorando quantas fidalguias existem nas Hespanhas; e

que, em meio de tantos ascendentes e descendentes gloriosos, ainda avulta mais por virtudes do que por sangue, pela alma do que pelo nome, pelo que fez e foi do que pelo que a fortuna foi e fez com elle; e ver-se-ha, quando lhe houvermos recopilado as principaes excellencias, como parece tê-lo a Providencia concebido, talhado, e posto de sua mão juncto ao throno nascente de um Rei tão seu como Afonso, e em terra tão sua como Portugal!

II.

Quaes fossẽm remotissimamente os ascendentes de D. Egas Moniz, nem os historiadores concordam, nem he ponto facil de averiguar, nem que o ommittamos faz isso nada ao nosso proposito. Ou da Gascunha procedesse a sua estirpe, como querem muitos, ou segundo melhor nos contenta acredita-lo, fosse ja ella portúgueza de tempos antiquissimos, sempre para todos fica fóra de dúvida terem sido seus maiores gente de muita conta por geração, virtudes e esforço. Ainda o Conde D. Henrique, pai que depois foi d'El-Rei D. Afonso, não era vindo a Portugal guerrear mouros, e tomar-lhes terras para accrescentamento de dote de sua mulher D. Tareja e senhorio seu, quando ja de tres gerações dos Gascos ou Gastos, que de um ou de outro modo appellidam as chronicas a esta familia, se faz gloriosa menção. Terceiro avô do nosso Cavalleiro fóra aquelle valoroso D. Moninho Viegas, que em tempo de D. Ramiro III de Leão, pelos fins do seculo X, entrára a barra do Douro com uma armada de aventureiros que da Gascunha trazia: apossou-se do Porto então destruido, restaurou-o, e lhe poz por bispo um irmão seu D. Sisnando; e continuou accomettendo e rendendo os mouros largamente senhores das terras ao norte do rio, d'onde a elle lhe veio o senhorio, e a seus descendentes ao diante, juncto com o mesmo senhorio, o appellido de *Riba do Douro*. Um dos filhos d'este capitão (ja se chamou, como o nosso, Egas Moniz) accrescentou o herdado lustre das armas com o esmalte de sangue real, casando com D. Toda Hermigues Alboazar, bisneta de outro mais antigo D. Ramiro, Rei de Leão. Nasceu d'este consorcio D. Hermigio Viegas, que no patronimico de ambos seus nomes, está descobrindo ambas suas nobilissimas linhagens: e he este o pai de D. Moninho Hermigues, de cujo casamento com D. Moninha Dona Ouroana nasceu o grande D. Egas Moniz. — Que arvore genealogica tão alterosa e vasta para quem a podesse toda abranger desde as pontas dos infindos ramos, que ainda em nossos dias florescem, até ás grandes raizes, enredadas entre as ruinas das idades! Que venerando todo não formaria, quando na curtissima parte que d'ella ahi agora enxergamos pendem mitras, espadas de conquista, coroas; e não quaesquer coroas, senão da mais fina nobreza, da raça Goda, da raça de Pelagio, e Rodrigo!

Impõe a nobreza hereditaria obrigações grandes: não as entendem os que a não tem, por isso a motejam. Um nome afamado por avós he onerosa herança que, se dá em mãos que se não queiram infamar desbaratando-a, nem os respeitos, nem as riquezas tão invejadas a compensam. A todos incumbem deveres da natureza e da sociedade: mas ao grande incumbem demais os deveres da fidalguia. A vida do plebeu tem juizes contemporaneos, a do nobre tem alem de juizes contemporaneos, juizes no futuro, que lhe hão de tomar contas quando ja se não possa defender, e juizes terriveis dentro nas pedras dos monumentos carregados de brazões de virtude e esforço. He o bom nobre (embora pèse a philosophos sem pai, e o que peor he, a philosophos sem philosophia) he o bom nobre homem superior ao vulgo; assim como o máo nobre (em bora lhe pèse a elle) he menos que o vulgo, e tanto mais pequeno de si, quanto maiores eram as pompas que lhe deixaram, porque só por essas he que o mundo os ha de medir. — Tudo isto alcançou certamente aquelle subtilissimo animo e magnanimo coração de D. Egas, o qual em todos os lances de sua vida fez sempre tanto, que muito mais pagou a seus progenitores do que lhes devia, e muito mais emprestou a seus netos do que estes lhe poderão nunca pagar todos junctos.

Antes de nascido, e ainda muito antes de gerado D. Afonso, começaram os serviços que a elle e ao futuro reino fez D. Egas. Quando por terras de Portugal mourisco vinha entrando com a espada dotal em punho o valoroso Conde D. Henrique, ja, como quem sem o saber alargava casa para tamanho hospede, lidava, vencia e desapossava infieis o bom D. Egas, imitador certamente e companheiro das façanhas pater-

nas. — Largo mar de Mourisma trasbordou de Africa sobre a antiga Lusitania e Hespanha. Diffusamente esvoaçam por todos os ares, nas planicies, nos outeiros, e nas serras, nas mesquitas, nos Paços, nas alcáçovas, nas muralhas, nos castellos, nos estandartes do crescente, que um Profeta victorioso e conquistador parecêra fadar á victoria e á conquista; e o solo que, defendido de antigos Lusitanos, tanta vez engolira os esquadrões do Povo-rei, e as aguias do Capitolio, voadoras impunes de todos os ceos, como que endurecêra sobre tão magnifica sepultura; deixava-se pisar dos pés altivos do soldado Agareno, pascor dos seus cavallos da Arabia, sulcar dos seus bois de Barberia, opprimir-se de seus baluartes eternos, affrontar-se de suas ruas serpeadas e estreitas, furar-se para suas estradas subterraneas, minar-se para dar ouro aos cabos dos alfanges, ao recamo dos turbantes dos régulos, á compra das captivas formosas, ás arrecadas e braceletes das concubinas: emfim, este solo, tão senhoril outrora, dormia somno de canção ao som do pregão nocturno do almoaden no alto das mesquitas, dos cantos de *Salá*, dos açoutes dos christãos escravos, dos alaudes e trovas dos namorados por baixo das gelozias dos harens, e dos suspiros e das penas d'aquellas rivaes esposas de um só marido. — Este era o paiz que nós habitámos, onde de uma era de vergonha nos manaram saudades deliciosas: tanto póde a convivencia até de inimigos! saudades semeadas na linguagem, saudades nos arruinados monumentos que assignalam o territorio como cicatrizes em costas de escravo liberto, saudades em festas e usos, e até saudades de avareza e de amor nos sonhos dos thesouros sotterrados, no apparecimento das formosas mouras encantadas, que ainda vem juncto de nossas fontes alisar com pente de ouro as tranças negras, ao primeiro raio da manhã santa do estio. Era aqui a casa grande de prazer e espaçoso jardim da Mauritania: com ferro a haviam comprado, por todo o ouro a não houveram vendido. E se abundassem por cá os palmares; se pelas charneças se visse atravessar o camelo; se a calada da noute se quebrasse ao longe com os ruidos do leão ou da hyena; se um quasi nada mais quentes bafejassem as virações, cabal lhes seria a illusão da patria, que ja por tantos outros modos o era sua. — Como ilha rasa por entre ondas, que de perto e de longe por toda a parte lhe murmuram destruição, lá se descobre para o norte uma porção de boa terra christã liberta: desde as frescas varzeas do Mondego se estende, e corre até para alem das alcantiladas ribas do Douro: da visinha Galisa lhe veio nome a toda ella: he a terra de Gessen alumiada do ceo no meio de todo o Egypto anoutecido. — De sua politica organização pouco ha saber: parece com tudo a quem agora as vê de longe, que muito por essa parte se deviam de assemelhar a Sociedade Christã e a Mourisca. Uma e outra são complexos de varios e distinctos senhorios, sujeitos lá a seus régulos, cá a seus Consules ou Condes e Ricos-homens: os régulos mahometanos governados para um fim geral de segurança e conquista por um cabeça que reside em Africa; os Consules ou Condes e Ricos-homens governados para um fim geral de conservação e conquista por outro cabeça em Leão: os primeiros unidos em um só espirito, o do Alcorão, os segundos unidos em um só espirito, o do Evangelho: uns e outros provavelmente feudatarios a quem de sua mão os tinha e conservava, mas gosando-se de pleno dominio, e por ventura absoluto, em seus estados, que isso nos dá a cuidar a bellicosa, e necessariamente mui bellicosa, indole de todos esses povos. Os exercitos das grandes nações são de soldados, os troços armados dos povosinhos são de leões, porque só estes combatem por si, pela familia, pelo amor, pela amisade, pelo altar, pelas arvores, pelo rio, pela patria que inteira conhecem. E tudo isto assim devia de correr n'aquella era: mui outra em tudo d'esta nossa, porque eram ainda então povos, os que deviam ao depois ser nações: a força e a fortuna ainda não tinham decidido a questão de qual dos dois estandartes prevaleceria, para nascerem á sua sombra as leis, uma ordem geral, um systema completo e permanente. Era um espectáculo afflictivo aquelle, até visto atravez do nevoeiro de tantos seculos. Duas grandes sociedades humanas, assistidas ambas de grandes fados, vivificadas de grande fé, mas com todos os seus membros ainda soltos ou mal seguros, e comtudo lutando arca por arca, e escorrendo em sangue, e disputando-se a base em que uma só cabia e uma só havia de ficar de pé, triumphadora, colossal, rodeada por magnificencia dos despojos mortos de sua inimiga!

Era pois D. Egas Moniz, ja ao tempo que em terras de Portugal se vinha estreando o Conde D. Henrique, varão n'ellas famoso em paz e guerra; senhor de muitas, ou por elle resgatadas ou por seus pais; sujeito ao mesmo Rei de Leão que enviava o novo Conde, mas obedecido e amado como rei elle mesmo de seus povos.

Como se passassem os annos de sua puericia não no-lo diz a historia, mas bem o entendemos nós pelo mais e muito que de sua vida alcançámos. Não se herdará com o sangue o valor, mas herda-se muitas vezes com o nome e exemplos domesticos: de berço enamorado de louros antigos e recentes havia de se levantar quem ja brincasse com as armas. Era isso de mais a mais necessidade: havia terras suas para defender e alargar, visinhos e alliados para os ajudar e acudir-lhes, porque de seus dominios até Coimbra ou alem corriam senhorios de Christãos. E ainda mais, guerreiro e lidador, como era o seu senhor de Leão e Castella, muitas vezes lhe seria forçado, antes gôsto, soccorre-lo, e ir com seu pendão e caldeira, engrossa-lo contra os communs adversarios, como nos consta que por vezes aconteceu com outros cavalleiros e senhores portuguezes de seu tempo, que não era D. Egas para dormir onde e quando outros batalhavam para accrescentamento da fé, e honra propria.

Nobilitada como quer que seja a sua infancia e adolescencia, sabemos que fôra desde logo a sua familia, d'entre todas a mais esclarecida de Portugal, a que mais particularmente privou com o hospede francez, valoroso genro do Rei Castelhana. Do pai Moninho Viegas nos consta haver sido official de sua Casa, com um dos mais honrados officios, ou o mais honrado que se podia desejar, que era o de Mordomo Mor. Dera a fama de ambos logar á mutua estima; o conhecimento e tracto de perto o deu para a intimidade; fraternidade de boa cavalleria os prendeu para sempre. E que ja então muito houvesse D. Egas campeado e vencido parece não haver dúvida, porquanto ja saem mais por largo seus dominios, por Cresconhe, Resende, e S. Martinho de Mouros; ja o Castello de Lamego se reconhece por seu vencido, senhorio que por sua morte passará a seu filho Sueiro Viegas. Da tomada d'este castello e cidade nos praz fazer aqui alguma memoria.

Não faltavam na porção de Portugal que ja era nossa, partes moradas e ainda regidas de mouros; como tambem no resto do paiz mouro outras havia de christãos. Consentiam uns e outros n'estas encravações mutuas, medeante todavia conhecida de senhorio e vassallagem. Requeria-o a boa politica, porque melhor vence o amor que a força; porque era justo premiar com paz os que á boa mente se rendessem; porque para povoar tudo de gente propria nem uns nem outros seriam ainda em cópia que bastasse; e porque emfim onde tanto vacilava todos os dias a fortuna, temeridade seria semear no dia de prosperidade rigores, que lá ao diante em dia escuro se podessem colher com arrependimentos. Governava pois em Lamego, com venia e boa paz dos nossos, o régulo Echa Martim, tributario e vassallo do Conde. Correndo o anno de 1102, rebellou-se, saindo-se com gente armada pelas visinhas terras descuidadas de tamanha insolencia. Chega a noticia a Guimarães: grande era, e maior a figuravam as lastimas dos fugidos. Manda o Conde para logo junctar sua gente, D. Egas se lhe apresenta de improviso com a sua (era sempre nos apertos o primeiro). Partem; dão com os inimigos em um valle juncto ao mosteiro de Arouca, então da Ordem Benedictina. Deviam-se ir estes já de tornada para sua terra, grossos com as tomadias, embaraçados com a multidão de captivos; e bem que o feito que a seu salvo acabavam, lhes podesse dar animos, lembrava-lhes a vingança provavel. Não ha colhêr ladrões desaparecidos: caminhavam em boa ordem e som de guerra, prestes para pelear, mas com as bagagens, prisioneiros, e mulheres em seguro: todas estas cousas tinham então pelas asperezas altas de um monte, de que ha muitos no sitio, e no recôsto da serra a gente de batalha, só com suas armas. Chegados o Conde e D. Egas ao valle por onde corre o rio Alarda ou Arnaldo, como hoje se chama, e dando vista de quem vinham buscando, pararam a concertar como melhor os accommetteriam. Era gente victoriosa, tinha entre suas mãos e á mercê muitas vidas christãs, favorecia-os o posto, que pelas costas os guardava como muralha, e pela frente dificultava, por agro e empinado, a subida a quem os houvesse de investir. Propõe D. Egas o seu arbitrio: parte-se do Conde pelo silencio da noute com um par de companhias; rodea a serra, embosca-se juncto ao campo dos captivos e bagagem. Entre as mulheres se achava abi Axa Anzures, de todas as do régulo Echa Martim a que elle mais amava e estremecia. Ao alvorecer da manhã dá subito o Conde sobre os Mouros de rosto, com grande estrondo de grita, trombetas, e tambores, que se vai temerosamente repetindo e retumbando pelos echos das serras. Acodem todas as forças ao conflicto: rompe da cilada D. Egas, colhe o largo e rico depósito, a Rainha Axa, muitas mulheres e filhas de outros mouros, restitue a liberdade aos christãos; e quando mais acceso andava o combate pelas faldas do monte, (foi uma das mais bem feridas batalhas d'aquelles tempos) precipita-se com o seu troço, como rochedo de rondão pela serra abaixo, sobre as espaldas dos infieis. Fizeram estes maravilhas com a desesperação: todo o ar he alarido, toda a terra bebe sangue. Amanheceram pelejando para a victoria, presentiram-na falseada, e não cederam: viram-na perdida, e pelejaram não menos galhardos o resto do dia para a morte. Essa a tiveram em grande numero, e por bem cavalleiras mãos. O resto pagou com o captivo a aleivosia, entrando n'esta conta o proprio valoroso Echa. E se o perder ao mesmo tempo throno, esposa, riquezas, gloria e liberdade, com alguma cousa se podia consolar, foi D. Egas o seu vencedor; quasi um dia inteiro brigou corpo por corpo com D. Egas; foi D. Egas o que lhe chamou seu captivo. Ainda melhor: toda a fortuna que n'essa hora se lhe dissipava, na seguinte lhe voltou inteira, avantajada e mais segura. Convertido pela mansidão dos christãos, e generosidade dos Portuguezes, requeridas e tomadas para si e para Axa Anzures as aguas do baptismo, Echa recupera a liberdade, a mulher, e o throno, e ganha nas pessoas de seus vencedores, braços que lhe acudam e o salvem quando os visinhos mouros, agora seus contrarios, o houverem de pôr em apêrto. Com isso contava, e como era fiar em Portuguezes, isso lhe saía. Mas o que abi narram as historias não faz ao nosso proposito. Omitto o que em seu favor se pelejou, até que desceu por vontade sua do throno, preferindo-lhe a bemaventurança do viver privado, só apontaremos que foram os seus Estados repartidos por nossos Capitães, que mais se tinham ácerca d'elles assignalado, donde ficou a D. Egas por melhor quinhão o senhorio do Castello de Lamego, e das terras entre Balsamão e Barosa, e muitas outras até quasi ao rio Távora.

Melhorada em dominio, igualmente se melhorou a Comarca em mo-

radores: devolvem-se as mesquitas em templos, convida D. Egas povoadores christãos dos seus de Entre Douro e Minho; funda-lhes logares; e entre elles, como entre filhos, vem recobrar-se, fazer justiça e dar exemplos de piedade e virtudes, todas as vezes que descançava a guerra: o que mais temido fôra n'ella era então na paz o mais amado. Bello he de imaginar este varão, que por si só ennobreceria o seu seculo, este que em historia de Romanos lhe houvêra accrescentado lustre, rusticando agora entre lavradores, madrugando para sentenciar como os patriarchas d'outro tempo nas querellas e desavenças dos visinhos; e gosando-se das horas merecidas de ocio para crear filhos que se podem o excedam; ceifando abundantemente os fructos da terra para os ir com sua mulher depôr diante do altar ou debaixo do tecto dos pobres e enfermos; derramando a actividade de sua alma benefica e piedosa por tudo o que o cêrca, e trasbordando-a pelo futuro ao longo; recebendo talvez á sua lareira nos serões familiares e cordiaes entre os humildes da aldeã, e os senhores e grandes de seu sangue ou amisade, o pai de uma dinastia, educando-lhe no filho um grande homem e um grande rei; amamentando, embalando e doutrinando, se he licito dizelo, a Monarchia Portugueza na casta e callada sombra de sua casa, onde nada reluz senão as armas com que por ella acodirá em resoando Alláh de mouros, ou Santiago de Leonезes.

Aqui se nos abria diante da vontade largo campo á escriptura; mas sôbre fazerem-nos força as razões que ha para a brevidade, fallece-nos a penna de Fenelon. Livro de ouro seria, melhor que o seu para educação de principes, o que fantasiasse pelas cousas d'aquelle tempo sabidas, e pelas notorias indoles do mestre e do alumno, a historia da sua inteira doutrinação no pertencente á guerra, á paz, e á piedade, onde com os varios successos apontados das historias, se entresachassem ramos fructuosos de apurada philosophia, aformoseados com muitas flores viçosas do dizer; que demonstrasse com plena luz esta util verdade, que sempre se julga mal uma era no tribunal de outra era; que differem entre si os seculos todos em rosto e indole; que nenhum d'elles se faz nem se muda a seu sabor, senão que aquillo que he, o he por necessidade e pendor incontrastavel das cousas; que alma nenhuma vale a anticipar um só dia na natureza; e que lá onde nós hoje condemnâmos demasias de espiritualidade, amor da guerra excessivo e por ventura feroz, partilha desigualissima de direitos entre os homens, lá se era e se fazia tudo isso fadadamente, como fadadamente se he e se faz hoje o diverso ou o contrario; e que se houermos de condemnar essa antiga gente pelo que de nós differia e devia differir, ja nos havemos de resignar a que nossos netos nos condemnem, e Deos sabe se com mais razão, porque não nascemos ja de noute, senão em dia de boa luz. Se d'aquellas religiosas guerras motejarmos, lá virá, quando o universo der mais um passo, quem moteje das nossas guerras civis e politicas, e dir-se-ha debalde — *era pela Liberdade* — como debalde se diz hoje — *era pela Fé*. — N'este cume alto, sobranceiro ás ondas do tempo, he que se havia de assentar um ingenho grande, que de olhos fitos no semigasto cadaver d'aquelle seculo, se propozesse retrata-lo vivo. Nós, que não podêmos vingar tamanha altura, espreatemos timidamente para dentro d'esta casa, onde sem rumor, entré um velho e um minino, se estão preparando tamanhos futuros.

### III.

— «Senhor, verdes são os vossos annos, porem madrugou-vos a razão. Erráreis se a vós o attribuisseis; muito mais gravemente erráreis, se o attribuisseis ás minhas diligencias: de cima se vos accendeu essa luz para alumiardes a terra, que de vós está esperando salvação. Deus vos concedeu, Infante, a agra fortuna de nascerdes em tempos de tantos trabalhos e novidades, que antes da barba vos pungir ja podesseis ser velho pela experiencia. De valorosos derivou quanto sangue vos anda nas veas, para que vos chegassem os animos de ousar até onde vos alcançasse o entendimento: e forças e corpo vo-los deu de gigante, e com assignalada maravilha vos desenleou da enfermidade que na infancia vos condemnava a nunca serdes cavalleiro, para que até onde se estendessem em vós os brios, vos não desamparasse o poder do vosso braço. Incriveis, não só gloriosas, são as historias de vossa casa; de boa parte das quaes foram testemunhas estes olhos com que no rosto vos estou vendo ressumbrar a heroicidade hereditaria. Das de vosso Pai não direi, tive n'ellas parte, não o ouso; todas as linguas e toda a terra vo-las pregoarão. Menos direi do Imperador vosso Avô, Principe suinno entre todos os das Hespanhas, que do claustro, onde santa corrêra a sua criação, saio com sabedoria para o throno, e para o campo com benção de victoria. Verdade he que essa muita sabedoria e essa benção se lhe perderam a final; o que inimigos não tinham podido, ponde-o elle contra si; o que odios não acabaram, acabou-o uma affeição amorosa; fez mais uma só moura que muitos exercitos de mouros. Ponde n'isto os olhos, Infante; he ja segundo Sansão que por namorado de uma infiel caio e se perdeu. Assim que, até no occaso tenebroso de sua vida, vos está dando uma grande lição do que se ha de evitar, quem em todo o demais d'ella vos deixou os exemplos que sem falta haveis de seguir. Vós, que ao mundo viestes com sangue d'elle, tomareis de seus annos viçosos a prudencia e bom conselho, a constancia e determinação nas armas: de suas cãs não tomareis nada, se não for argumento para lastimardes sua cegueira, e razão dobrada para vos nunca ensoberbecerdes das virtudes ou felicidades que Deus vos emprestar, que onde e quando mais segu-

ras parecem, ahí muitas vezes se perdem miseravelmente. Como elle viveis, e se Deus ouve as minhas orações, e vossas mostras não mentem, não vos sobreviveis como elle. Chora o povo quando sepulta principes virtuosos, e espanta-se, porque a virtude lhe parecia dever ser immortal. Isso foi em Astorga, ao fallecer de vosso Pai, isso em Braga, quando mais tarde trasladámos para lá as suas reliquias: não só anciavam todos vê-lo, senão que, olhando-o depois de tanto tempo, não acabavam de entender como ja ali não apparecesse nem resto de tamanho espirito. Quando porem a alma de quem governa se aparta d'elle, e a terra se sente ainda senhoriada de um defuncto coroado, ahí não se chorará por se não ousar, mas todas as orações caladas da noute vão pedir a Deus que se abra uma sepultura; e terrível e poderosissimo he o suspirar nocturno de um povo. E não haveis de cuidar, Filho e Senhor meu, que possa nunca um Soberano deslisar da perfeição, a que mais que ninguem he obrigado, sem que logo seja isso sentido de sua grei. São os Paços Reaes em parte d'onde tudo senhoream, mas tambem onde tudo os está observando. Embora se lhes tomarão de guardas as entradas; transparentes são as paredes, transparente a purpura, transparente o peito e a cabeça do Senhor: contam-se lhe as passadas, aponta-se-lhe para o coração, vê-se-lhe e conhece-se-lhe a alma. Quem ahí quizer dormir ha de entender que nos proprios sonhos o espreitarão dois olhos que nunca se cerram, um lá de cima, outro do povo: ha de muitas vezes lembrar-se do que raro lembra a quem muito póde, que ha um tribunal terrestre, mas venerando e permanente, onde, ainda quando nem labios ousam mover-se, se estão julgando, sentenciando e punindo os que se cuidam arbitros absolutos de vida e morte. Esta verdade vos encomendo eu sobre todas; temerosa he, mas salutar mais que nenhuma. Se me ordenára Deus abrir escola a reis, n'isto cifraria eu toda sua doutrina, — que ha nos ceos uma justiça, na terra um entendimento, e no sacrario do peito a Lei moral, livro que falla, e que ninguem vale a abrochar.

« Em quanto ora leva as redeas do Estado a Rainha vossa Mãi, cabe a vós preparar-vos com o estudo das cousas e homens de vosso tempo para quando lhe hajaes de succeder. Não he no mar e nos temporaes que o piloto ha de aprender as estrellas, as costas, os parceis, e a maneira de contrastar ventos e ondas, senão em terra e horas de ocio. Assim como haveis de velar as armas antes que por vossa mão vos armeis cavalleiro, assim antes que entreis a reinar vos aparelhai ja desde aqui com o bom proposito e animo determinado. N'estas terras onde vosso Pai fez tanto, sendo estrangeiro, nascestes vós, e ja por isso he razão que esforceis para o excederdes. Isto vou deixou elle encomendado, e isto lhe havia eu prometido quando, ainda antes que viesseis á luz, lhe pedi e alcancei vos houvesse de confiar alumno ao meu amor e experimentada fidelidade. Filho, pois que como a filho vos amo, e essa licença me dão a amisade de vosso Pai, as minhas cãs, os extremos com que dos peitos de vossa ama vos tomou logo para seus braços minha mulher, a veneração com que sempre nos heis tractado, o uso de vos ver brincar e crescer debaixo d'estes nossos tectos, a fraternal amisade com que vos haveis com meus filhos, e as esperanças que me daes de que sempre os honrarei como vosso Pai me honrou a mim; Filho, mal ereis vós entrado na vida por porta que vos abriu o Anjo da Guarda de Portugal, quando d'ella saía coroado de laureis, porem muchos, vosso Avô, e logo apoz, vosso Pai que até o limiar da eternidade chegou armado. Ao ultimo suspiro do primeiro seguiu-se rebate de guerra entre principes christãos, soltura de ambições encontradas, ousadias de inimigos, mouros d'aquem e d'alem mar: uma guerra de muitas guerras composta incendiou as Hespanhas. Com a falta do segundo deveram-se nos infieis dobrar brios e esperanças. Mais que nunca se carecia de ver entre nós lançar em braço esforçado, e via-se apenas um sceptro vacillar em punho de mulher. Em perigo vai a vossa herança: a fortuna, que ainda aos mais felizes vende, não dá, quando ao cabo da vida do Senhor Conde lhe alargava os dominios por Galiza, com ferro arabe lhos cerceava pelo sul. O principe Sairi nos expugnou cidades e villas, uma e outra margem do Tejo largamente. Que olhos cessarão de chorar a muita flor de esforçada cavalleria, que ahí pereceu pela Cruz e terra nossa! Eram esses dannos annuncios de outros maiores que logo haviam de ensombrar o comêço da carreira da Senhora Rainha D. Tareja. A's tres causas de boa fortuna mahomentana, que eram vosso Pai no sepulchro, no throno vossa Mãi, e vós no berço, outras tres accresciam não menos mal agouradas; os bons successos ja contra nós havidos pelos mouros nos ultimos dois annos de vosso Pai, o recente crescimento de poderio que as discordias christãs de Hespanha lhes haviam facilitado, e a presença de Aly Aben Tefelim Imperador de todos os arabes de Africa e Hespanha, capitão sagaz e valoroso, que em nosso paiz por mais pequeno determinou encetar a conquista geral d'estas partes. Foi-nos com grande crueldade destruida a comarca de Coimbra, pouco antes ameaçada em vão por el-rei Brafimi; muitos portuguezes nobres lá caem juncto a Miranda passados á espada; o castello de Santa Olaia poderosissimo com todos seus defensores desaba arrazado pelos fundamentos, e de Soure e suas visinhanças ardem por nós mesmos entregues ás chammias, para que os barbaros, não achando senão cinzas e ruinas, os desamparassem antes ás feras; a Rainha fuge espavorida e salva-se a custo em Coimbra, onde com os seus barões resiste ainda a bravo cêrco. Lisboa (ja ereis chegado a lume de razão, não vos deverá ter esquecido, nem muito ha que todos nós o deplorámos, jurando uma vingança que Deus nos dará por

vossas mãos) Lisboa, a muito forte e antiga Lisboa, assediada de um mar immenso de ondas de ferrô, e entrada, e captiva, e desbaptisada; d'ahi a assolação e a morte campeando senhorilmente por todas as cercanias e até ao largo, pelos povoados e campanhas, pelos homens, pelas searas, pelos gados e fructos, até pelas pedras, resistindo apenas ao estrago um ou outro castello inexpugnável para mais longas agonias de valerosos. Assim que o que era nosso por herança, por posse, por conquista, e por sêllo que lhe nós pozéramos de sangue, tudo isso jaz hoje de barbaros, e o Mondego he a orla ultima do nosso mundo, cuja ancia de se dilatar mal a podia conter ainda ha pouco a barreira do Têjo. Mas virão por vós dias, que muito para alem o alargaremos, retomada e vingada tôda a terra christã. Estenda-me o Senhor Deus a vida, para que eu possa com meus filhos ajudar-vos nas façanhas que ja estou prevenido; que se diga sobre o nosso sepulchro: «Com D. Afonso pelejaram pela fé, pela fé pereceram e pela patria; e por seus e martyres os chorou D. Afonso!»

«Senhor, de muitas partes se compõe o officio de quem governa, porque de muitas diversas cousas depende a bema venturança do povo. Ser só valoroso, ou só justiceiro, ou só cultivador, ou só espiritual muito he, e será bastante para subditos, para imperantes he só parte. A cada uma d'essas diversas cousas e de muitas outras haveis de dar inteiro o vosso animo: para bem regerdes a multidão, haveis de ser muitos homens n'um só homem. Duas porem são, d'entre todas, as apertadissimas necessidades d'este nosso tempo; a guerra libertadora das gentes, e a religião, santificadora da guerra não menos que da paz. Virão eras para os vossos descendentes em que se pouze e se folgue, em que se estudem sciencias e se aformosêe a terra: virão eras, praz-me crê-lo, em que seja aqui uma nação; mas este seculo nosso veio mandado adiante rude e ferrenho para suar e preparar caminho, pousada e cama a seus irmãos mais novos, e nós todos somos os instrumentos da dura arroteação que Deus lhe metten nas mãos. Invadido e em parte senhoreado jaz o nosso Occidente dos filhos innumeraveis de Mafoma: Asia os vomitou sobre Africa, Africa sobre nós. Cobre gente de Europa, vencedora (porem com mais direito, e mais santamente vencedora), o Oriente, lá d'onde do sepulchro de Christo alvoreceu fé para todo o mundo. Em terra não sua, e que os não quer, moram aqui os barbaros: moramos nós lá em terra nossa, mas que nos não quer a nós. Mares de sangue nosso e d'elles misturado custaram lá e cá estas conquistas, uma piedosa, outra impia; ambas temerarias, ambas repugnantes ás indoles dos homens, e das terras, e das cousas; e ambas, se me não engano, para se perderem em lhes chegando a sua hora. Ainda que dois estandardes, tão diversos como o Alcorão e o Evangelho, pareçam dever augurar diversos fados, vencerá cada povo no que poderá chamar sua patria, e exterminá-la-hão da alhêa. Pelo que, Infante, muito vos encommendo que não imiteis n'isto o exemplo de vosso Pai; que vos não deixeis levar como elle de cega piedade, para irdes pelejar na Syria contra aquelles mesmos que aqui tendes ás vossas portas. Embora venha outra eloquencia como a do Santo varão Pedro Heremita prégar segunda cruzada; outra auctoridade como a do Santo Padre Urbano II; outro incentivo tão poderoso como o chamamento de todos os melhores cavalleiros e mais devotos animos de França, Alemanha e Italia: resisti vós, lembrado de quão poucos d'estas nossas partes acompanharam o Heremita capitão, sendo que não faltava n'elles o espirito que por todos os outros reinos creava e accendia exercitos; lembrado da miseravel destruição que devorou pelo caminho numero innumeravel d'esses mais aventureiros que peregrinos, castigo certo dos que ousam (e essa he a maior parte) cozer no hombro a cruz vermelha, sem a levarem de fogo no coração; lembrado de que ao Levante só irieis lidar por exterminar infieis, em quanto aqui, exterminando infieis da mesma seita e raça, despejaes e purifiquaes terra para vossa gente e descendentes: se lá em fim jaz o sepulchro do redemptor, jazem cá as reliquias de tantos martyres desde o apostolo Santiago, que fica sendo este solo como uma grande ara, aonde não menos será santo e suave o morrer victima. Vêde como o vosso parente Callixto II, Pontifice que Deus guarde, acode com poderosos auxilios a seu sobrinho e primo vosso, D. Afonso VII, successor de vosso Avô! e não só lhe abençoa, senão que lhe multiplica as armas para se desafrontar dos mouros visinhos. Pelo tanto vos repito, segui a religião, mas pelo caminho da prudencia; e entendei que no que ao mundo traz e ameaça damnos não se serve ao ceu, nem se trabalha pela eternidade.

«E pois que viemos a fallar do Successor de S. Pedro, procurarei imbuir ja desde aqui o vosso animo tenro em outra verdade, que o tempo e vossa razão lá para o diante acabarão de vos provar; e he, que ao Pontifice da Igreja de Deus deveis sempre tributar com o vosso povo vassallagem de bons subditos e amor de bons filhos. Entendo eu bem que não constituiu Deus a S. Pedro vigario seu no temporal: tambem vos não dissimulo que a barquinha d'aquelle pescador de almas, no engolfar-se pelo mar dos seculos, se esqueceu do manso porto donde vinha e da divina praia para onde caminhava, e appareceu a miude transformada em navio de corsario: e quasi todo o seculo passado, cuja derradeira parte ainda eu presenciei, foi tecida de muitos escandalos e vergonhas, que infamaram perante o mundo a cabeça da christandade: o Principe dos Apostolos tornou a ser muitas vezes martyrisado em Roma pelos seus successores. Mas sobre esses mortos pessimis caíu a absolvição da campa; e oxalá que as chaves da eterna porta, de que em vida não curaram, as não achassem enferujadas quando para si a qui-

zessem abrir! No ultimo quartel do seculo porem, comquanto essencialmente se não melhorassem as cousas no espirital, desenvolveu-se e encorpou-se, e vai ainda crescendo um pensamento mui vantajoso á ordem do mundo, segundo os tempos. Hildebrando, varão temperado de allivos animos, sagacidade e constancia, e por mui vezado aos negocios conhecedor dos homens, e por conhecedor dos homens capaz de reger o mundo, soube aqar-se ao throno de Deus no anno de 1073: foi esse Gregorio VII: e o pensamento grandioso de universal monarchia que o sempre tentára, determinou de o pôr de uma vez por obra. Eis aqui o seu simbolo de fé terrestre: — «Entre os homens que iguaes nasceram, e hão mister de desigualdade para se governarem, nenhum poderá nascerá legitimo, se de cima lhe não cair semente. Só o que de tudo he Senhor pôde conferir senhorio, e só aos que por elle regerem será devida vassallagem. O interprete de Deus he o seu Pontifice. Na Cadeira, unica aonde se não erra, habitam os seus oraculos. Toda a terra me será sujeita a mim e a meus successores; todos os Principes serão servos nossos: o nosso cajado de pastor aqui o cravámos fundo para que lance raizes na terra de Roma, reverdeça, dê sombra ao orbe: só de ramos seus se cortarão sceptros incorruptiveis. Arvore que para todos he, de todos será mantida: tributárias nos serão todas as gentes. Não ha mais que uma só verdadeira justiça, que em Deus reside e de Deus emana: aqui será o tribunal para onde de todos os outros se appelle, e d'onde se não appelle para nenhum.» — E em doze annos que governou assim o manteve, a despeito de innumeraveis contrastes, resistencias, tempestades, que em vez de o quebrantarem o endureciam para resistir. Tinha por si um Codigo de amplos e sobejos direitos que na Igreja se introduzira; tinha a grande fama de sua concertada vida e recto interior; tinha sobre tudo a varonil constancia do querer, para a qual não ha impossiveis. Esta obra, temerariamente fastosa, não morreu com elle: todos seus descendentes, bons e maus, fortes e fracos, a tem ido sempre mantendo e acrescentando. Por onde Roma, que em pagá ja fôra a senhora das gentes pelo ferro, hoje christã o torna a ser pela palavra: e a terra de Lusitanos que lhe então resistiu á fôrça, hoje se lhe entrega como as outras, rendida e contente. Nos Pontificados desde Gregorio VII até nós, de Urbano, Paschoal, Gelasio, e Callixto que ora rege, tem-se ido a ponto engrossando com triumphos aquelle mixto poderio de magestade e sacerdocio, que a mim se me representa a omnipotencia. D'ali se poem e se depoem os reis, se dardejiam as excommunhões ou se chovem as bençãos sobre Povos e Principes, se desligam vassallos do juramento de fidelidade: d'ali, do alto d'aquelle throno, se demarcam com o dedo os Estados; d'ali soa o rebate das guerras ou a alvorada das pazes. Usurpação, direito divino, ou fado das cousas, irá por diante o costume. E bem que entendo eu andar n'elle um grande vicio, e haverem ja d'elle brotado graves damnos, outra vez, Senhor, vos repito, e fortemente vos encommendo, que nunca por vossa parte o contradigaeis, que muito vai n'isso ao vosso seguro, ao bem dos Portuguezes, e ao concêrto da grande familia christã. Lançai os olhos por toda esta nossa Europa, e chegai-os ainda á Asia; que parte da christandade vêdes segura, ou quieta, ou certa de seus limites? Por dentro o direito feudal com todas suas consequencias de desordens, a fraqueza das leis, o poder da fôrça, as tyrannias dos senhores, as impaciencias e rebeldias dos servos, as invejas dos visinhos, e as desavenças e usurpações mutuas; e por dentro e por fóra os Mahometanos, sempre com o punho alto e armado, e o pé a caminho. Quem não vê que he preciso um braço, como quer que seja divino, para nos enfeixar; e que assim como o povo se une pelo rei, he mister que os reis se unam por quem represente a Deus? Embora esse tal, pois que he homem, abuse da omnipotencia mundana; ainda assim sairão em conta ao mundo os males que por ahi vierem. Um ancião que lá pouza tão alto, estranho por tantos modos a estas ondas de successos e interesses, pelo demais julgará sizudo, como pai de familias entre filhos e servos, ou como eu me prézo, de sentenciar as differenças de meus subditos: muitas vezes terei errado, porem muitas mais haviam de errar elles, e muito maiores lesões se haveriam feito, se por suas mãos se quizessem dar justiça. Accresce, para melhor vos abraçardes com o meu conselho, o conhecimento que ja outras vezes vos tenho dado da indole d'esta nossa gente, e de outras muitas. Do seu uso longo com os Mahometanos, aqui em Europa e lá na Syria, sem o querermos nem o cuidarmos, nos veio que em muitas cousas se nos pegasse o seu modo e pensar. Não se dividem entre elles política e fé; todo o subdito he simultaneamente soldado e martyr, e entende não obedecer senão a Deus quando não obedece senão ao homem, que junctamente he principe e califa, como fôra Mafoma, como osão os soberanos de Bagdad, como temos visto nos de Cordova. D'ahi vem aos cabeças de seus Estados aquella espantosa fôrça com que muitas vezes tem quebrantado as nossas. E pois que tão travados andâmos com elles em guerra, que muito tem de durar, isto que d'elles houvemos convertamo-lo em virtude christã, que pesada recáia sobre seus auctores e os esmague. Em tempos mais felizes poderá Roma ser reduzida ao espirital, porque já as nações serão adultas, terão corpo grande, e razão, e experiencia; ter-se-hão assentados necessariamente deveres e direitos, e provavelmente um codigo geral de consenso que regule entre si as diversas gentes, e se mantenha sem vingador especial. Mas nós, tambem ja vo lo-hei dito, vivemos n'um tempo de passagem; nada está formado, muitas cousas estão para nascer, muitas das que hoje fazemos são-nos necessarias a nós, mas transitorias:

andaimes são, que em o edificio crescendo, serão substituidos de outros andaimes mais altos, e que, se algum dia Deus consentir que vá muito acima, serão havidos com desprezo, e queimados por homens de melhor saber, e peor juizo que nós, que não saberão entender as necessidades dos tempos que precederem aos seus e os produziram.

«Mas que julguem lá no porvir esta nossa idade como quizerem ou poderem: Príncipe, de vós me adivinha o coração, que fareis taes cousas, que de vós e de vosso aio e servo Egas Moniz durarão ainda memorias e louvores quando quasi tudo que ora he o nosso mundo se houver de ha muito apagado das lembranças.» —

Com estas e semelhantes práticas se hia D. Afonso creando entre exemplos de todas as virtudes activas e militares, publicas e de justiça, christãs e domésticas; amando como filho a mulher de D. Egas D. Moraes, filha do castelhano D. Paio Góterres da Silva, que antes da vinda do Conde D. Henrique governava a Comarca de Braga em nome d'El-Rei de Castella, e com o titulo de seu Vigario; amando como irmão os filhos de seu mestre, D. Leonor Viegas e D. Lourenço Viegas: D. Leonor, mulher que depois foi, segundo a alguns parece, de Gonçalo Mendes da Maia, descendente de D. Ramiro II de Leão, um dos mais esforçados cavalleiros de que se faz memoria, que se estremou na batalha de Ourique, aos noventa e cinco annos ainda capitaneava exercitos, morreu com as armas na mão sendo fronteiro de Beja, e mereceu o nome que lhe as historias deram de Lidador: D. Lourenço, Procurador que depois foi d'El-Rei, segundo ja o vimos nas Côrtes de Lamego, assignalado na jornada de Ourique e prêza de Santarem, igual de Afonso na idade, e por elle honrado com o titulo de seu Irmão, e pela fama com o nome de Espadeiro, pelo mui galhardo cortar da sua espada.

N'esta companhia corria a infancia e adolescencia do Príncipe por Cresconhe e Honra de Resende, na Comarca de Lamego, que eram parte do patrimonio de D. Egas. Mais de cousas que de palavras e letras era a creação do futuro Rei. A actividade, que a estes nossos tempos caía para a lingua, andava então nos corações e braços. Não era um seculo doutor, engenhoso, e mirrado: era um seculo rude, parco em fallas, potentissimo em feitos. Por aquellas espaçosas veigas cuidámos ver o Real Mancebo, com a alma cheia de futuro, exercitar-se com seu Irmão em domar o generoso cavallo arabe: outras vezes apparecer-nos e desaparecer-nos correndo pelas asprezas dos visinhos montes apez as feras: no uso das diversas armas ir-se a revezes amestrando; esgrimir espada, descarregar montante, enristar lança, brandir maça, tirar bêsta, voltar funda. São suas uteis recreações a lucta, a carreira, a barra, o tavolado, e de tavolado conserva ainda nome um campo que ha na quinta de Resende. De taboas artificiosamente travadas se erguia um simulachro de castello, forte para estar, fraco para resistir a impetus violentos. Contra elle provavam seu esforço os cavalleiros, tirando-lhe valentes arremessos (*lançar o tavolado se dizia*); e o que lograva desfaze-lo, pèrcibia o premio, por entre os applausos que acompanhavam o fracasso da ruinosa fábrica. Vê-lo requer do seu aio relações, que vai com accesos olhos escutando, de quantas batalhas deu, e como se disposeram as bandeiras, e como se houveram em um e outro campo, e como se venceu a despeito do numero; e faz sobre cada uma cousa reparos de minino que, por exactos e profundos, maravilham a sagacidade e experiencia de um cabo tão consummado! Que de vezes do alto do seu castello de Lamego lhe não faria repetir ponto por ponto o vencimento d'El-Rei Echa! Mas não se contenta o profundo mestre com o que só vale a formar um príncipe robusto e bellicoso: quer que tudo veja, tudo ouça, de tudo aprenda. A seu lado o toma todas as vezes que se assenta presidente dos homens bons e principaes da sua terra, para julgar, segundo o costume dos tempos, as desavenças dos particulares. Não havia então outros tribunaes senão estes quasi familiares e semipaternos, que por sua indole deviam tender á conciliação, e por sua probidade difficulter os pleitos, ou decidil-os exemplarmente. Ahi havia o Infante de aprender a Jurisprudencia do tempo, que menos seria a dos Godos, ja reformada por D. Afonso V de Leão, e para nós approvada por um Concilio (o Coyacence de 1050), do que os foraes particulares das terras, obra uns dos réis, outros dos proprios senhores e povoadores d'ellas, a tradição dos casos julgados, o uso, e as leis que todas as outras dispensam, juizo e consciencia. Assim he que ja pelo instincto do bem faziam os povos na rudeza de sua infancia, e melhor, o que nós hoje cuidamos inventar, e alardeamos por documento sublime de nossa philosophia. Juiz de Paz antes do processo! o Senhor o era: Jurados para decidir do feito, e Juizes do Direito? eram-no os homens de experiencia, de probidade e independentes, mais inteiros que subtis, mais justiceiros que sabios, que junctamente com o Senhor, em sua balança pesavam a verdade nua, e não as galas e flores com que muitas vezes uma eloquencia traidora enfeita a mentira, nem o ouro de que a astucia a veste, para que a não firam.

A cultura da terra produz com a abundancia e com a saude virtudes e amor da patria: não era por tanto uma lição de que D. Egas se devesse esquecer. Elle quer que Afonso presencêe as fadigas dos colonos, e com elles contrária a amizade da infancia, para que, em subindo e em os perdendo de vista, se lembre ainda de que ninguem merece mais o seu amor; vendo o pão na sua Mesa Real, lhe conheça a valia, e procure ser a segunda providencia dos que fecundam com o suor o solo, que não menos defendem com o sangue, e que dos metaes não possuindo senão o ferro, o trazem de continuo em punho, ora alveão que

sustenta o Estado, ora espada que o defende. «Quem advogará sua causa, dizia em si o bom velho, quem advogará sua causa perante o coração do Príncipe, se não for elle mesmo? frontes sempre curvas para a terra não tem geito de se levantar para o alto dos thronos; mãos calejadas no servir, não se junctam para implorar senão a Deus; e para os verdadeiros hemfeitores da Sociedade, que d'ella vivem retirados pelas campanhas, sumidos pelas serras, não ha entre cortezãos procurador espontaneo e zeloso.» Deleitam-se Grandes e Senhores de ir recrear-se a campos um dia de primavera entre pomares floridos, outro de estio a ouvir susurrar searas; mas como que fosse tudo aquillo obra de fadas e não de homens, sem os terem nem se quer saudado, voltvem a banquetear-se no povoado com o fructo d'aquellas fadigas de um anno tão longo e tão variado de contrarios incommodos. E são esses muitas vezes, que assim desprezam a terra, os proprios senhores d'ella, por isso tambem ella se vinga muitas vezes denegando-lhes sua natural abundancia. Oh quem educára fidalgos e reis como n'aquelle ninho viviam o tutor e o pupillo! Ver-se-hia para logo reverdecer o torrão, amansar se a rusticidade, diminuir a indigencia e a perguça, a riqueza prosperar e comedir-se, as artes enxertar-se na cultura e medrar, e das artes nascer a vida, a alegria e a bemaventurança a toda a republica.

Com os pensamentos utilissimos de agricola vem os não menos uteis de povoador; e essa era outra parte da doutrina, que na alma do Infante se devia de irembebendo. A villa de Breliande e logares visinhos patrimonio agora de D. Egas, esta-os elle edificando, accrescentando, e povoando de christãos — «Filho (diria o magnanimo adolescente, conduzindo-o por entre o alvorocado trabalho das obras novas), á fé que nunca vencendo e destruindo lograreis contentamentos como são os de fundar. De uns e outros posso eu fallar experimentado. No devastar, ainda quando para santos fins, só com os heroes nos assemelhamos; no crear porem, assemelhamo-nos com Deus. Menos repentina e estrondosa he esta gloria; mas he mais pura, menos cara, e por ventura tão duradoura. Debaixo de cada tecto d'estes, que ora mandamos cobrir, resoará abençoado o nosso nome nas horas da reza, porque haverá ahi um portuguez, a quem dando uma lareira com o seu lume, e um pouco terreno debaixo do sol de Deus, lhe facilitamos ter uma mulher, e mininos seus á volta da sua meza, e uma arvore para lhes deixar: e esse homem, que por feliz nos he ja amigo, nos acodirá defensor extremado em se apregoando batalha pela sua patria. Lembro-vos sempre que; segundo he ainda verde e crescente o vosso dominio portuguez, muito haveis de repovoar, muito de edificar e fortalecer, dando ao mesmo tempo bons regimentos e foraes ás novas povoações, porque prosperem: porquanto, Senhor, o dar ao territorio moradores he nada, se aos moradores se não der a lei de que hão de mister: a lei he para os homens o que os homens são para o paiz, cultura, vida, e prosperidade. Uma e geral seja embora a lei onde for uma e geral em seus interesses a nação; mas isso que eu presumo dever chegar com os tempos, está por ora mui remoto. De povosinhos se comporá o vosso Estado, cada um dos quaes tendo sua particular historia, comêço, necessidades, moradores e cabeça que os reja, deseja ter seu codigo distincto, com leis a que chame suas no cível, no crime, na milicia, com isenções e privilegios que os especialisem. Cada um, para haver este favor, competirá com todos em bom serviço de guerra e paz, e depois de obtido forcejará pelo não desmerecer. São cártas de nobreza e fidalguia das villas e cidades, bem comparadas com as de nós outros os vassallos, que por lealdade e valor as conseguimos, e por ellas conservamos e testamos lealdade e valor. Assim como cada gente se reúne estremada em derodor do seu pendão, e sem ser inimiga das que seguem pendões alheios, se esforça todavia pelas exceder, e d'este trabalhar cada uma para si, maior proveito redunda a final para todas, assim o nome de foral para os que o desejam, despertando emulações, tornar-se-ha nobre origem de incremento ás cousas lusitanas.» —

Emquanto assim edificava e aconselhava ao futuro Rei, que edificasse para os homens, não se esquecia o piedoso ancião de erigir e recomendar-lhe que igualmente erigisse casas para Deus. Perto da sua de Resende se via ja então por elle alçado o mosteiro de Carquere, dedicção á Santa Virgem, a quem devoto havia encommendado a cura do Real Minino: em idade pouco maior de cinco annos lho offerecêra, como cordeirinho alvo, banhado de muitas lagrimas, sobre a pedra de sua ara; por onde dizem que milagrosamente se recobrára aquella tão preciosa saude, havendo o tutor e o pupillo que se constituia a Senhora particular advogada sua d'ahi ao diante, e soccorrendo-se a ella, como bem he de cuidar, em todos os lances afrontosos. Embora ria d'isto esta nossa idade que de tudo ri, mas que por honra sua não passe do rir ao discorrer, e por dó do mundo do discorrer ao devastar. Se não sabe crer deixe crer a quem sabe; se não póde edificar durma, não aniquile o que lhe veio emprestado só para usufructo, ou mostre-nos a escriptura aonde as gerações mortas e as gerações ainda não nascidas assignaram para lhe conferir esse monstruoso direito. Recolhamos as velas, que este vento nos arremessaria para longe, e digamos lisamente a idea que encetavamos.

Aquella fé na existencia e valimento de celestes protectores, do que resultaram tantos prodigios que as historias narram, e a que nosos avós consagraram por votos tantos monumentos como este, aquella fé robustissima, se não era philosophia, era cem vezes mais poderosa, mais util, mais fecunda que esta philosophia: prendendo as ideas mun-

danas com as espirituaes, encaminhava-as em torrente para o fim moral; diminuindo na convicção o numero dos impossiveis, convertendo pela esperança as difficuldades em facilidades, as facilidades em probabilidades, arremessava-se com as obras para alem do horizonte frio e apertado da mediocre experiencia: a fé viva he a omnipotencia no mundo. Homens dos sentidos e da materia, dissertadores da natureza que não entendeis, desconsolados missionarios da mortalidade, e que mal vos faz que ao desgraçado, a quem mais nada resta, restem amigos invisiveis? e que o triste deitado nu em uma brenha espinhosa, e não podendo descançar de nenhum dos lados, se recline de costas e se console olhando para cima? Se a fé não fôra a porta de um mundo, que apezar vosso existe, seria a de uma bemaventurança na vida. Se a crença dos milagres se vos antolha absurda, véde pelo menos como ella os produz. São fantasias dizeis; e mas não são muitas vezes fantasias, não he muitas vezes mais o confiar no medico do que a virtude dos remedios, quem restitue aos enfermos a saude? Ide pois, ide escrever vossos pobres livros, e deixai subsistir vestigios ao menos d'essas fundações, pregoeiras de maravilhas, e maravilhas ellas mesmas.

Da mór parte dos mosteiros edificados ja por D. Egas e sua familia, ja por D. Affonso, nenhum talvez deixaria de se abonar de alguma razão particular de notavel conveniencia; mas pois que temos em juizo a antiguidade e nos coube advogar sua causa contra herdeiros ingratos e nescios, que por mentecapta a quem condemnada, apontaremos aqui em seu favor o que no discussão d'esta obra por ventura teremos occasião de desenvolver mais largamente. Foram estas religiosas fundações, sobre mui conformes á indole dos tempos, summamente vantajosas ao melhoramento do Clero, e por ahi ao dos Povos; á introdução das luzes, e por ahi á dos commodos; ao crescimento da agricultura, e por ahi ao da povoação. — Não anticipemos, e não percamos vista do industrioso formador de tão rica mocidade.

## IV.

Ja passou meia noute. Pelas ruas caladas e ermas de Braga só resoa o piso de dois cavallos possantes e velozes, montados de dois varões gigantes, que emparelhados e taciturnos demandam a Cathedral. Colheram redeas, saltaram em terra: pelas trevas da sonora crasta se embrenharam com religioso recolhimento. Luz de alampada, que ahi pende de um archête sobre um tumulo, lhes chama os olhos e os passos. Não havia outro clarão nem vida em todo o espaçoso recinto, porque a lua lá do alto, meia velada de nuvens densas, nem chegava a debuxar pelas lageas a corpulencia da arcada. Como houveram acabada sua reza, só ouvida de Deus e dos quietos ossos que ali jaziam: «Filho (disse o mais idoso, enxugando lagrimas de que se não envergonhava, e olhando com gosto para as muitas que manavam dos olhos do seu companheiro) Filho de D. Henrique, ahi tens teu Pai! E tu, que a meu amor o commetteras, Cavalleiro modelo de cavalleiros christãos, reconhece o teu Filho, coroa a minha obra com teu valimento, e inspira-lhe lá dos ceus virtudes por onde te exceda. — Infante, escutai-me. Vem desabrochando em vós a adolescencia: d'aqui a poucos dias, mercê de Deus, sereis ja cavalleiro: á vossa espera está a lança pesada de vosso Pai, e a victoria que juncto d'ella dorme; á vossa espera os novos destinos d'este largo Senhorio, de que vos profetiso fareis um Reino independente e glorioso. Para Zamora caminhâmos, onde para tamanhos fins ides vestir as armas. Entendi que daria bons auspicios á vossa jornada, se vos trouxesse a tomar primeiro a benção de vosso Pai, e a ouvir d'elle mesmo conselhos de que haveis mister. Sim, recolhei o animo, e ponde o coração attento, que o ides ouvir.» — E aqui, tirando do seio um pergaminho, e beijando-o como reliquia santa de uma alma: — «Ahi tendes palavras suas, e por sua mão escriptas para vós: he o testamento da sua experimentada sabedoria: he a escriptura da vossa futura fama. Tomai-o; mas antes que o leais, reparaí em todas as circumstancias que vo-lo tornam solemne. Diante de vós o sepulchro do descendente por varonia dos Reis de França, a quem deveis o ser, e dobradamente venerando, porque he finado: ao pé de vós, e como testemunha, vosso Aio, D. Egas Moniz, eu: por cima de nós as estrellas, a lua, o ceu de Deus: a hora religiosa da meianoite: e n'esse templo, edificação de vosso Pai, entre as alampadas, que alumiam a sua calada vastidão, a presença do Altissimo! Nunca tão mergulhado estivestes no mundo espirital, no mundo invisivel, que envolve, enche, vivifica, e rege este orbe de terra e morte, onde trazemos os pés. Entendo o alvorço do vosso rosto, a luz estranha dos vossos olhos, o desusado tremer de todo vossa sujeito!... hora he esta de inspiração; hora d'aquellas mui raras horas que só transvoam pela mocidade virtuosa, e na solidão. Filho de Deus e de Henrique, Pai de Reis e da Patria, lêde.»

O Principe, tomado respeitosa e o pergaminho, entendendo-o sobre o monumento, e despegando a custo a vista do estirado vulto de pedra, que sobre elle jazia, figurando o Conde, leu, entre outras, estas palavras, que representando-se-lhe vir dos labios moribundos, lhe desciam unguidas a se encarnar no coração — «Filho, esta hora derradeira que me Deus concede, e apoz a qual te deixarei vivo e sem mim no mundo, resume toda minha alma e affectos em ti; mas o preço dos momentos ninguem melhor o conhece que o agonisante, e não quero desbaratar em saudades, tempo, que para os avisos me poderia logo falecer. Ja quando isto leres não serei eu entre os vivos; mas estarei d'ou-

de te observe, e de dentro da tua consciencia me ouvrás fallar-te. Filho, has de saber que não fez Deus os Principes para os Principes, se não para os Povos, e lhes commetteu, sob graves penas, que sem falta lhes serão postas, o socego dos bons, e a repressão dos maus. Sé justo com uns e outros; o premio anima os bons, e lhes augmenta o numero; o castigo diminue o dos maus, e os refreia. Não conheças grande nem pequeno no julgar; todos os homens são grandes para se lhes guardar seu direito; e todos pequenos para não haver cobardia em os punir. Nenhuma razão de amor ou odio te desvie nunca da justiça, que se um dia te separares d'ella um palmo, logo ao seguinte se arredará ella do teu coração uma braçada. Nenhum homem deixa de pôr os olhos no que fazem suas mãos: as mãos dos Principes são os officiaes a cuja conta anda a policia e regimento das terras; observa-os, e nos que em teu nome vexarem o Povo dá aos outros exemplo com que vingues o Povo e desaggraves o teu nome. Se outra cousa fizeres, por muitos mais que por ti, haverás de responder perante Deus. Não te arrisques a perder por desméritos o divino auxilio, sem o qual não ha poder nem saber que te aproveite: da mão de Deus somos isso que somos, e o que temos não teriamos, se da sua mão e bondade o não tivéssemos. Da terra que te deixo não percas uma polegada, que a ganhei eu com grande fadiga e trabalho; mas recobra o que d'ella se nos perdeu, e accrescenta quanto mais podéres para a tua gente e para a Fé. Filho, toma do meu coração um pouco, porque sejas esforçado e sem medo.»

Aqui o Infante lançou involuntariamente os olhos para a parte onde deixára seu fozoso cavallo, acudindo com a mão á cinta onde ainda não pendia espada; e logo córando, e perguntando mudamente ao semblante de seu mestre, se por ventura havia feito mal, e vendo-o sereno e satisfeito, proseguiu a ler, e concluiu com o mais religioso respeito uma lição de que em toda sua vida se não havia de esquecer.

Ao despontar do sol, estava aquelle sepulchro ainda orvalhado de algumas lagrimas, e o guerreiro simulacro de pedra, coroado na cabeça e nas armas de louros mui frescos e viçosos: os cavalleiros eram partidos caminho de Zamora.

## V.

Tres annos são passados desde que na Cathedral antiga de Zamora se ennobrecceu a cavalleria, recebendo em si a D. Affonso. Pela primavera do vigesimo oitavo anno do duodecimo seculo, o vemos estreado as armas, isto he triumphando pela primeira vez. O Conde D. Fernando, de linhagem Real, e de animos não menos altivos, ou captivado da formosura de D. Tareja, ou namorado do resplendor de sua Corôa, chegára a se associar com ella no governo de Portugal. Que n'elle desse a Rainha um padrao a seu filho, não he provado nem verosimil; que profanassem com amores illegitimos a viuvez do thalamo, a nós nos repugna affirmar-lo, pois sobre temeridade nos parece cobardia mui descavalleira, e mui desportugueza, infamar por meras presumpções uma mulher, viuva, rainha, desgraçada, morta. E porque se carece de ir buscar o amor, para explicação de guerras, onde ja está a ambição? D. Tareja e D. Fernando são pois socios no governo, pertendem resumir-lo todo em si, e entendem poder conseguilo: na mão d'ella está a escriptura de dote, na d'elle a espada. Fantasiam ter em si o direito e a força; a força reconhece-lha o povo, Leão lhe affiança o direito; que mão valerá a desarraigá-los? a de Affonso. He mais a usurpação do Tyranno estrangeiro que a ambição de sua Mãe quem o abala: he mais o empenho d'exalçar Portugal á grandeza que só elle por ora prevê, do que não o seu proprio interesse, quem o determina: por elle e com elle he D. Egas, o Ceu será tambem por elle e com elle.

Não foi larga a contenda; começou-a, e decidiu-a uma primavera: em dia de S. João Baptista do mesmo anno vinte e oito, no campo de S. Mamede, juncto a Guimarães, apoz uma desabrida batalha, D. Affonso era senhor de seus Estados, a Rainha sua captiva, D. Fernando em fuga.

Cortada estava a guerra, mas duravam-lhe as raizes: tornou a rebenotar. El-Rei de Leão, quer movido de supplicas de sua Tia D. Tareja, quer de ciumes de sua propria auctoridade, determina derrubar o Principe Portuguez do carro triumphal; e lembrar-lhe com o pé na garganta, que para independente, se o quizer ser da Soberania Leonesa, lhe falecem forças. Marcha com grosso exercito por Galliza contra Portugal; de Portugal sae o vencedor a recebe-lo. Foi batalha temerosa! á Veiga de Valdeve que a soffreu ficou o nome de *Veiga da Matança*. O Estrangeiro fugiu derrotado, e affirmam que ferido, e o Principe nosso, depois de ter feito pelo seu braço maravilhas de valor, se recolheu, dizem, com sete condes inimigos captivos, e sua gente melhorada em brios para novas façanhas. E assim devia de ser, o genio portuguez ja era nascido, e os povos que entre a Mãe e o Filho se repartiram armados, armados se ajunctavam agora em favor da patria. E isto foi no mesmo anno vinte e oito.

Não esqueciam ao vencido os primeiros motivos, mais aggravados agora, e accrescia-lhe para o odio a vergonha da derrota. Sabe que D. Affonso Henriques tem sua córte em Guimarães, villa ainda mal fortificada, e presume-o descuidado e adormecido sobre os louros. Levanta caladamente exercito crescido; e outra vez por Galliza voa, sem dar á fama tempo de o preceder, e presenta-se d'improviso a cercar a cabeça de Portugal, que ja cuida ter entre as mãos. Agro lance era este para os nossos, em que o valor nada podia contra o valor, a vingança, e

o numero. Feito era, talvez para sempre, dos alterosos fados nascentes d'esta Monarchia, se dos Ceus lhe não assistira uma Providencia, e na terra um D. Egas! D. Egas a salva, não ja acodindo a seu Senhor com a victoria, como na jornada de S. Mamede, segundo he fama, porem com a magia de sua palavra, fazendo retroceder a victoria que os hia engolir, creando uma virtude nova, a da mentira, e uma nova gloria, a da traição! — Durava o cerco: deviam ir minguando os animos aos poucos de dentro, quando nem ao velho se antolhava possivel a resistencia. Só, e a occultas do Principe, sae-se da villa ao campo dos contrarios, e requer d'El-Rei uma audiencia secreta. Entrado á sua presença, com rosto grave mas desassombrado, e com um tom seguro de palavras, mais de quem aconselha, que de quem requer — «Senhor (lhe disse), releva-se-ha á minha idade o vir no meio das armas ser orador da paz. Se mo alguém quizesse attribuir a vileza de animo, todos os feitos de minha vida até hoje, ahí estavam para o desmentir. Como cavalleiro me houve sempre, e como tal me achareis ainda agora com o meu Principe no mais acceso do conflicto, se huns com outros, o que a Deus não praza, houvermos de ter batalha. Mas o cavalleiro póde e deve ser christão, político e amigo; e tal venho, Senhor, á vossa presença. Que novidades e guerras são estas, e para que? Dois Principes visinhos como vós, Filhos de duas Irmãs, e de dois Primos, quasi Irmãos como vós sois, e quereis dar a vossos subditos, e á custa do seu sangue, uma lição e exemplo de odio fraticida? dois mancebos a quem por suas virtudes e esforço todo o mundo houvera de respeitar, e serão os proprios que um a outro se desacatem? Mas embora creis os corações aos clamores da natureza, e os ouvidos aos brados da fama: lembrai-vos de vossa obrigação de catholicos. No Occidente e no Oriente toda a Christandade está em pé diante do Mahometismo; n'uma e n'outra parte, mas cá muito mais do que lá, rebentaram já, e de dia para dia se amiudam mais, as pelejas, para as quaes de todas nossas diligencias e braços se carece: quando os cabeças e reis barbaros se unem e condensam, desunir-nos-hemos nós? e o ferro que cingimos diante dos altares para defensão da fé, mergulha-lo-hemos no peito de soldados da fé, ajudando por nossas mãos os votos dos infieis? e continuaremos, para que elles folguem, o ferino espectáculo de ambições sanguinolentas que, desde a morte de vosso commum Avô o Senhor D. Affonso VI, tem enluctado as Hespanhas? e Com estes exemplos de virtude e caridade quereis converter e reduzir os Mouros, quando com vossa espedaçada milicia ja não valerdes a sujeita-los? Demais, Senhor, ainda que nenhuma d'estas razões houvera, e mesquinhos pundonores valessem o sangue dos homens, e como se absolvia no tribunal de sua consciencia o aggressor, se a fortuna lhe viesse a falsear a victoria? No numero dos vossos soldados vos fiaes, e melhor ainda em vós: desprezaes nossos muros e reparos nascentes, e os poucos homens de armas que lá dentro imaginaes: mas, Senhor, os campos de S. Mamede e de Valdevez ja provaram que sabemos batalhar sem escudo de muralhas, e nem nosso Principe, nem seus barões, nem nenhum dos que o seguem aprenderam a contar lanças. A fortuna, que ja uma vez vos desamparou, poderia bem conservar agora o seu costume, que he favorecer em cada terra os filhos d'ella.»

Mais hia por diante aquelle magnanimo embaixador de si mesmo, quando assomadamente o atalhou El-Rei, dizendo-lhe: que se da parte de seu Senhor vinha a lhe tributar a devida vassallagem, como a herdeiro do grande Affonso, e verdadeiro Soberano de Portugal; se lhe dava certo que iria elle, como os outros condes, subdito seu ás Côrtes de Leão, logo se partiria para suas terras: quando não, nenhuma das razões, que tão bem lhe dourava, os salvariam. — «Senhor (acudiu submissamente D. Egas, depois de estar algum espaço cuidando entre si), nem me cabe a mim disputar com tamanho Rei acerca do direito, nem para isso me daria licença a minha ignorancia de soldado. Tão pouco permittirei á minha lingua revelar-vos as vontades e razões que todos nossos povos manifestam para haverem independencia. Pois que he essa a condição que pondeis para se poupar o sangue christão, D. Affonso de Portugal vos pagará tributo, e comparecerá nas vossas Côrtes de Leão.»

Prestes estava D. Affonso Henriques com toda sua pouca gente, quando de repente soa que os inimigos levantavam o cerco. De toda a parte se ouve o confuso alvoro de um exercito que se abala: relinham os cavallos sofregos da partida, nuvens de soldadesca se agitam vozeando, desarmam-se e enrolam-se tendas, tremulam os brados dos clarins, rangem os carros de bagagem, trovejam os tambores, os pendões se alçam e demovem esvoaçados; e como ondas do mar que descem clamorosas e deixam livre e descoberta ao sol a praia, Affonso Henriques observa com pasmo desfazer-se-lhe de redor este bando ameaçador de inimigos, contra quem ainda não levantára braço. Então D. Egas arremessando-se-lhe aos pés lhe explica todo o enigma. Affonso indignado pela primeira vez o repelle, arranca a espada, quer ir chamar novamente a tempestade que se afasta! quer vencer ou morrer, mas pelejando, mas livre, mas senhor de terra independente e gloriosa. A idea de vassallagem, que elle não ousa converter em palavra, lhe reverbera como sangue pelas faces, pelos olhos como fogo; e cravando-os no Velho, parece perguntar áquellas cãs, como chegaram a regelar ahí dentro tantos brios e virtude! Egas, rebentando em lagrimas, e ajunctando as mãos para o Ceu, «Bem dito seja o Omnipotente, exclama, que deu aos Portuguezes um Principe digno de os reger!» — E logo abraçando-o com orgulho «Segui, lhe disse, segui a estrella que vos guia a

grandes cousas! Eu vos agradeço em nome dos vindouros, o desmentirdes com o feito a promessa a que a salvação da minha patria me obrigava. Poucos eramos aqui; sem gloria e utilidade hiamos perecer; hiamos legar captivo a nossos filhos, se eu refugisse fazer á patria o maior sacrificio que homem póde, que não he o do corpo e da vida, senão o da alma, o da fama, o da amizade do seu Principe. Não consintaes que tão amargo serviço se mallogre; aproveitai-vos d'elle, se não para vós, para os vossos subditos. E pois que tendes de não ir ás Côrtes de Leão, e de recusar o tributo de feudatario, empregai a presente paz que Deus vos concede, como treguas, e apercebamo-nos para nova guerra. No demais serenai o animo, a vossa honra ficará illesa: e quanto á sanha de El-Rei de Leão, ainda por ventura terei eu em minha casa escudo, que a imbeba toda.» — Aquí uma nuvem de tristeza resignada, passou por diante do contentamento do fiel Aio: o Principe não ousou escruta-la.

Chegava o tempo de se haver de cumprir a palavra do Portuguez, quando por Toledo entravam com os horrorosos trajos de réus sentenciados, e grossos barços ao pescoço, D. Egas, sua Mulher, e todos seus numerosos Filhos. Acode e apinha-se o povo, maravilhado de espectáculo tão estranho: quem sejam, d'onde venham, e para que, se perguntam entre si. Tudo n'elles está respondendo que são desgraçados; caminham para os Paços d'El-Rei. As mãis, vendo aquelles mininos, apertam os seus aos peitos chorando. O semblante grave mas quebrantado do ancião, as lagrimas no rosto da esposa formosissima de innocencia enfeitam todas as vontades. Oh! que se maniatados os vissem e levados entre guardas, nenhum dos espectadores se houvera contido, que não arremettesse a salva-los e defende-los!; mas alguma força sobre humana parece leva-los. Não se enganam; essa força mais forte que as armas, essa força que triumpho do medo da morte e do amor materno, he a honra de um Portuguez antigo!

Susurro de povo ás portas do Palacio annuncia a El Rei que vem lá novidade. «Gente de Portugal! Gente de Portugal!» reboa pelas abobadas. D. Affonso manda franquear as portas; e sentado no throno, rodeado de seus Grandes, aguarda magestosamente. Pés descalços ousam transpor o limiar dos reis: perante o forte coroado vem offerecer-se as mais desamparadas fraquezas do mundo; um velho, uma mulher, uns mininos! — «Que significa tudo isto D. Egas? e que demandas? —» «Senhor Imperador de Leão e Castella, trago-vos o unico preito que de Portugal podeis haver: venho desempenhar minha palavra e desaffrontar-vos. Nem D. Affonso Henriques, nem Portugal vos reconhecem por seu cabeça. Quebrantada está minha fé: a de um Fidalgo Portuguez vale mais que sua vida: eu vos entrego junctamente as vidas dos que mais amo. De todos nós mandai fazer justiça, e ficarei quite.» — El-Rei furioso arranca da espada contra o inerme ancião, que para ella se arremeça com a mão sobre o coração, não como escudo, sim como alvo: mui feliz se com seu sangue resgatar tão caros penhores! Mas a espada que instantaneamente lampejou, recaio envergonhada na bainha. Bastou um grito de espanto dos cortezãos para que a sanha se convertesse em outra tanta admiração: El-Rei perdoa, abraça e premia.

Soam aclamações na fronteira: he a vistosa cavalgada com que o Principe Portuguez sae a receber o Salvador da patria. Que momento para D. Egas! recuperar simultaneamente com toda sua familia a terra do nascimento, que ainda ha pouco julgavam perdida, até para seus ossos; o ar e os horisontes da mininice; o theatro de tantas suas façanhas; a presença e applauso de tantos cavalleiros amigos; e os abraços d'Affonso, de Affonso que ja não vê n'elle um Pai, senão um Anjo, que a Providencia lhe pôz ao lado, para lha representar no mundo!

Mas tomemos aqui o fôlego. Tempo he de levantar mão de um retrato para o qual muito ainda nos quereiam offerecer as historias, mas que, pela ultima feição que lhe lançámos, nos está ja ahí completo e perfeito. Demais, não he proposito nosso, como ja advertimos, escrever a historia, mas só apontar seus mais altos e formosos cumes, quer para espertar em muitos o amor de seu estudo, quer para acordar brios portuguezes a tres ou quatro, a quem ainda de todo não cahisse defuncto o coração. Menos nos deteremos enramalhando com o nome do nosso Cavalleiro os feitos de armas e preeminencias de seus muitos filhos, as excellencias de suas mulheres, das quaes uma creou Affonso, e outra, ja viuva, os filhos de Affonso, e as piedosas fundações com que esta familia multiplicadamente perpetuou sua memoria.

## VI.

Se algum dia uma saudade filial do mundo antigo te nascer no coração, como um pensamento de poesia, como uma flor de primavera que, sem semente, vem creada a um bafo puro do ceu; se jamais saires da sombra conhecida do teu tecto, não para ir visitar as capitaes florescentes e juvenis, mas os cemiterios dos grandes povos, a Italia, a Grecia, o Egypto, a Syria; os meus votos e invejas te acompanharão, porque tu não vaes, como os frivolos cortezãos e falsos amigos, embriagar-te ao banquete das nações no dia da prosperidade; vaes como piedoso romeiro tributar calado offerenda de suspiros aos finados, e volverás para entre teus filhos, largos seculos mais velho para a sabedoria. Pelas conchas da murça e maviosa toada de seus cantares se distingue de longe o christão romeiro: mas tudo isso depõe elle com o bordão, ao cabo da jornada, no canto da sua lareira; só a melancolia grave que he meia virtude, só as palavras de aviso que são meia felicidade, só o de-

sapêgo dos bens moveiços e cambiantes do mundo, que he no mundo o unico bem possível, lhe permanecem, e o acompanham até á hora derradeira — Se em terra porem de Lusitania abriste os olhos, se o primeiro passo que dêste, descido dos braços maternos, foi em terra de Lusitania, seja ella a que estrêe os teus pés, e te afaça para as viagens longinhas: seja o antigo Minho o primeiro que te apasente de recordações gloriosas. Oh berço venerando de Monarchia tão largamente Rainha! não são as muitas delicias de que a natureza te arraiou, perfumada como paraizo; não he a indole anciã dos filhos que ainda hoje crias, esses homens tão laboriosos, tão constantes, tão leaes, tão portuguezes, e essas mulheres tão dignas d'elles, tão virtuosas, tão mulheres; não he a abundancia que de teu solo e industria dimana para toda a parte, o que mais e melhor namora a vontade ao viajante sabedor dos tempos que foram: tu conservas ainda padrões e monumentos de nossa primeira idade. Mas qual d'entre todos disputará primazias ao tumulo de um Egas Moniz! Viajante, se es Rei, se es Príncipe, se es Conselheiro, se es Soldado, se es Magistrado, se es enfim homem, que isso basta, mais se te inspirará, com pores os olhos n'aquellas sagradas pedras, do que sentado inteiras noutes ao luar de Roma, juncto aos tumulos venerandos da via Appia.

Chegado ás frescas e selvosas terras entre o Douro e o ribeiro de Souza, viajante, pergunta pelo terreiro, fonte e carvalho de Gamús (he corrupção de Egas Moniz: até os grandes nomes caem em ruínas!) Essa Igreja e Mosteiro, que defronte se te abrem, repousam em alicerces mais velhos que a Monarchia. Annos e homens por muitas vezes variaram o edificio: a santidade mais austera, a mais devassa corrupção a reveses o habitaram: hoje nem corrupção nem santidade, mas desamparo; e amanhã Deus sabe o que! Todas essas pedras estão ainda tepidas de sua antiga vida, tudo isso povoado de saudades, e da memoria de D.

Egas Ahi teve Paços seus; ahi edificou para os seus religiosos; ahi orou pela prosperidade do Reino que ajudava a fundar; para ahi deixou em testamento parte dos seus bens; e ahi dorme ainda agora o somno da morte. Assim prouve á Providencia irmana-lo em tudo com D. Affonso. Um e outro de esclarecido sangue; um e outro de grande alma em corpo digno d'ella; companheiros na paz, na guerra, e em toda a fortuna; ambos vencedores, fundadores, e povoadores; ambos dotados, para bem do mundo, de larga e inteira vida; deixando ambos apoz si filhos esforçados e dignos de seus nomes, e depois jazendo em tumulos que ainda ahi vão para diante, a sobrenadar no oceano dos seculos; D. Affonso nas margens do seu Mondego, D. Egas nas do seu Douro; D. Affonso a par dos restos de seu Filho; D. Egas com os restos de seus Filhos; D. Affonso entre a familia religiosa a quem fundára Mosteiro e que amára como sua, D. Egas entre familia religiosa a quem amára como sua e com quem reparára de sua pousada e haveres. Uma e outra casa subsistem n'esta hora; mas os moradores que elles ahi deixaram, cujas ondas se succediam sem rumor por baixo das abobadas sagradas, ao longo dos tempos, como esses rios subterraneos que vão calados e não vistos atravessando o mundo, desappareceram; e os cantos que dia e noute lhes acalentavam piedosamente as cinzas, dissiparam-se! Assim o lume perpetuo das urnas dura escondido nas sepulturas de antigos Romanos, em obsequio aos Manes, e apenas as quebras e lhes entrou a luz do dia, trepida, apaga-se, e nem deixa um pouco fumo. — Por aqui passou tambem a renovadora charrua do seculo novo, e estas urnas espedaçadas ja lhes lá ficam para traz dos pés no deslebrado sulco. ¿Ha ahi razão para suspiros? para folgares? ou para uma e outra cousa junctas? Os seculos que d'este herdarem, o dirão; e este Deus o guie! Deus o guie; que sobre o que faz e o que desfaz assim caminha seguro e cantando seus proprios louvores!

## NOTAS.

Pag. 8. col. 2. lin. 25. e seguintes — Ha quem dê por falsa a historia que referimos da tomada de Lamêgo, taxandô de apócrifa a escriptura trazida por Brito no Cap. 1 do Liv. 1 da Chron. de Cist. Porem Brandão que não era homem para se deixar embai de artificios, e menos da auctoridade de Brito, como muitas vezes o provou, não pareceu duvidar do documento, posto que só o visse trasladado em uns cadernos de Arouca: tanta fé lhe mereciam taes cadernos! Verdade he que a fórmula do documento = *Henricus Portugalsium Comes* = por singular, se faz suspeita: mas nós contamos, não affirmamos.

Pag. 8. col. 2. in fin. — Sobrê as terras e possessões que constituíam o patrimonio de Egas Moniz, e que passaram por herança a seu filho Suetrio Viegas, quem desejar notícias miudás consulte a eruditissima *Nova Historia da Militar Ordem de Malta em Portugal*, por José Anastacio de Figueiredo.

Pag. 9. col. 2. in fin. — A data do perdimento de Lisboa em tempo do Conde D. Henrique foi ignorada em Portugal até o anno de 1828, em que o nosso benemerito professor de lingua arabe, o Sr. Moura, publicou a sua traducção da *Historia dos Soberanos Mahometanos que reinaram na Mauritania*, por Abu-Mohammed Assaleh. Conforme esta Historia, Lisboa foi-nos tomada pelo Príncipe Sairi em 1113, e tornada a tomar por Aly, filho de Jusuf em 1121, d'onde se conclue que por nós foi recuperada n'este intervallo. He muito para notar que em nenhuma parte das nossas antigas memorias, nem sequer se falle d'esta recuperação, sendo, como era, gloriosa. Fr. Antonio Brandão ja com a sua admiravel sagacidade, não poderô por falta de provas historiar a epocha da perda de Lisboa, a havia comtudo adivinhado, marcandô-a na occasião da expedição d'El-Rei Cyro (que he o Sairi da Historia arabe) nos dois ultimos annos da vida do Conde D. Henrique, vindo a enganar-se, quando muito, em um anno. No texto só mencionamos o ultimo perdimento, por mais importante.

Pag. 10. col. 2. lin. 26. — As falsas Decretas de Isidoro Mercador ou antes Peccador appareceram no principio de Sec. VIII. As suas doutrinas exageradamente papaes, foram principalmente adoptadas na epocha a que se allude no texto: e posto que ja então houvesse outras Collecções Canonicas, não lhes tinham essas tirado a voga, antes lha haviam corroborado, adoptandô e sancionando as mesmas doutrinas.

Pag. 11. col. 1. lin. 64. — Canon 8. do Concilio Coyacence, celebrado no governo d'El-Rei D. Fernando de Leão em 1088 (ann. de Chr. 1050). *Octavo autem titulo mandamus, ut in Legione et in suis terminis, in Gallacia, et in Asturiis, et Portugale, tale sit judicium semper, quale est constitutum in Decretis Adalphi Regis pro homicidio, pro rauto, pro sayone, aut pro omnibus calumniis suis. Tale vero judicium sit in Castella, quale fuit in diebus avi nostri Sancti Ducis.*

Pag. 11. col. 2. lin. 65. — Na parte I, Cap. III, Art. I do *Exame Comparatibo de Chronicas Portuguezas, relativamente do Governo do Senhor Conde D. Henrique, Tom. XI, Part. I da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, da-se por erro historico o aleijão com que nasceu o Infante D. Affonso, e consequentemente a edificacão do Mosteiro de Cárquere *ex toto* pela cura do mesmo Infante. Funda-se o auctor, na falta de prova por Documentos: o que se procedesse, quasi toda a historia julaica, grega, romana, quasi toda a das nações modernas, e uma parte da nossa deixariam de ser. Como porem a tradição, não contradictada por algumas razões de notoria falsidade, se haja e deva haver por boa fonte de conhecimentos, e a do presente caso seja abonada pelo mais antigo chronista portuguez de D. Affonso Henriques, que he Duarte Galvão, razão nos parece que se receba, moimentê depois dos argumentos com que Brandão a corroborou.

Pag. 12. col. 1. § IV. lin. 3. — Da famosa corpolencia de D. Affonso Henriques fallam todos os historiadores desde a *Chronica Gothorum*, mas em nossos dias palparam-se-lhe as provas, quando ha poucos annos, abrindo-se em Santa Cruz de Coimbra o tumulo Real, se acharam nelle ossos agigantados. — E quanto á estatura de D. Egas, mui superior ao usual, pôde-se ver o que refere a *Benedictina Lusitana Trat. I. Part. IV. Cap. 15.*, por occasião de fallar na traslação dos seus ossos e tumulo em 1605.

Pag. 12. col. 1. in fin. — Estes conselhos escriptos indica-os o Conde D. Pedro, e tra-lhos extensamente Duarte Galvão, como dados vocalmente pelo Conde D. Henrique a seu filho, pouco antes de expirar; mas Brandão, o judiciosissimo dos nossos historiadores, provou pela accurada confrontação das datas, segundo seu costume, que tal exhortação vocal não podia ter tido lugar. Pareceu-nos conciliar tudo, e não exceder a licença de narrador poeico, fantasiando esta scena, e fazendo lêr por D. Affonso na sua adolescencia, o que em sua primeira puericia lhe não fôra possível ouvir.

Pag. 12. col. 2. § V. in princ. — Em uma dissertação do P. Antonio Pereira de Figueiredo impressa no Tom. IX da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, e em uma Memoria do Sr. Antonio d'Almeida no Tom. XI P. I da mesma Collecção, defende-se o segundo casamento da Rainha D. Tareja, com D. Fernando Conde de Trastamara: mas apear do que ahi se aponta mais positivo, que são a Historia Compostellana, e a Chronica d'El-Rei D. Affonso VII. subsistem ainda para nós as duvidas em que laborou Fr. Antonio Brandão; e a inclinar-nos para alguma parte, com elle nos inclinamos a que tal casamento não houve. A materia he muito mais vasta do que importante; remetemo-la aos curiosos desocupados. E quanto aos muito menos improvidos amores illicitos, tambem nos não parecem evidentes: comtudo não poremos a mão no fogo pela innocencia da Rainha, a qual se foi desenvolva no seu viver, melhor nos ficam defendidas ás armas com que seu filho se levantou, e a depez.

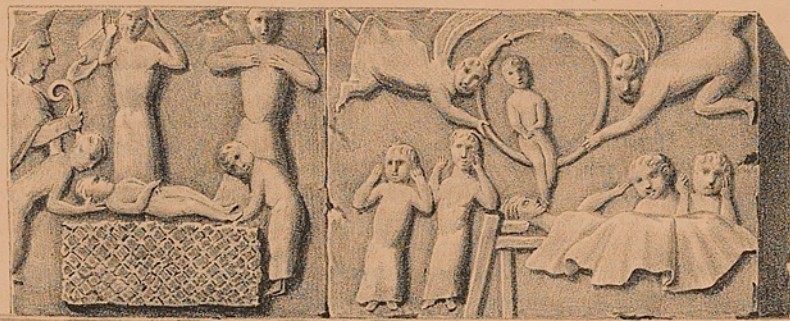
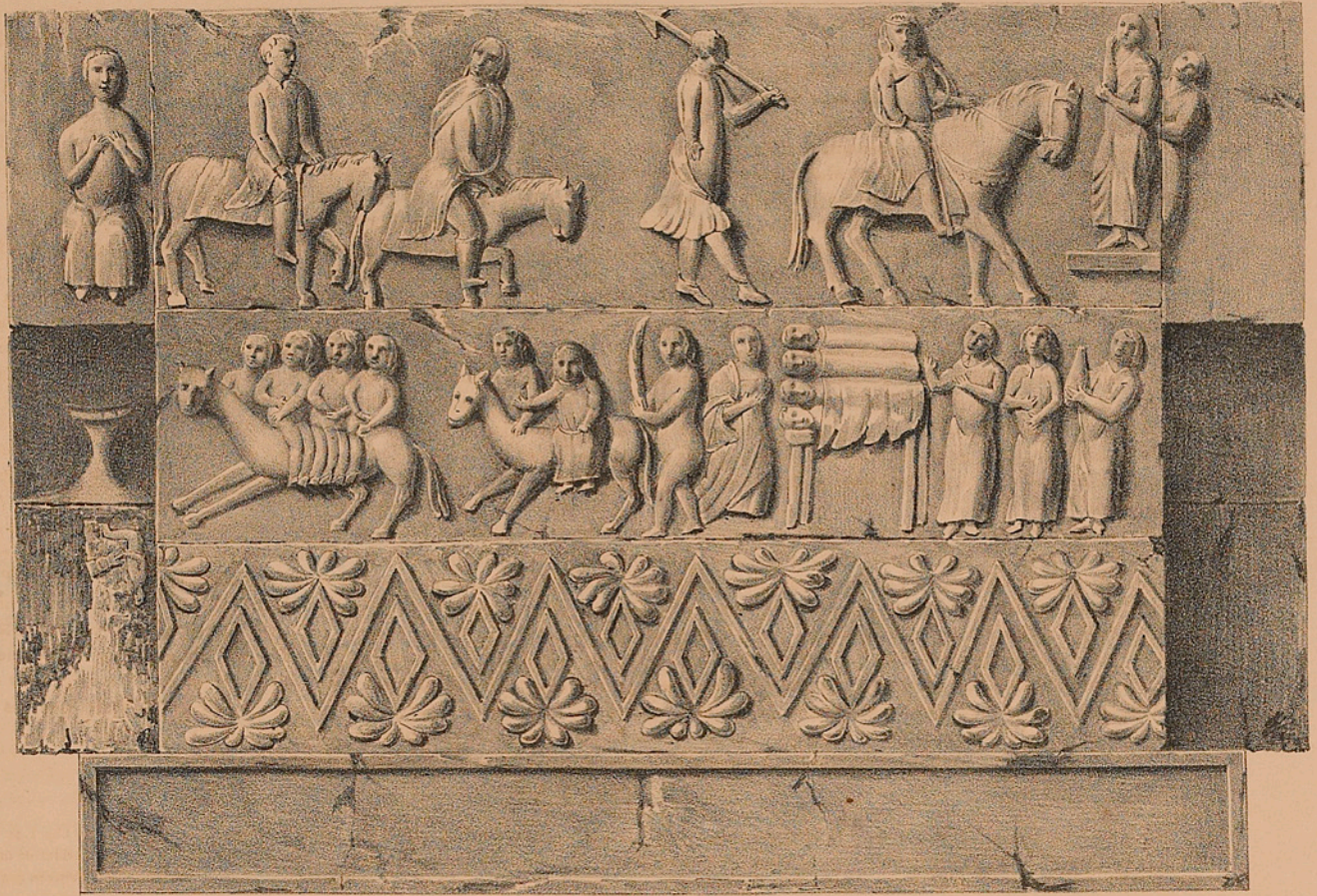
Pag. 12. col. 2. § V. lin. 6. — Da extremada formosura da Rainha D. Tareja nos consta pelo Foral de Tentugal de 1108: *Ego Comes Henricus, una cum uxore mea formosissima Tharasia*: assim como pelo testemunho de um auctor coevo, que escreveu a vida de são Giraldo: *Comiti Henrico et uxore ejus, venusta Regina silicet Tharasia, presentibus &c.*

Pag. 13. col. 2. lin. 66. — A *Nova Historia da Militar Ordem de Malta em Portugal*, fundando-se em muitos documentos de Salzedas, dá-nos Egas Moniz cinco vezes casado: com D. Mor Paes pela primeira vez; depois com D. Dordia em 1105, com D. Dorothea em 1120, com Maria Onoriz em 1130, e desde 1184 com D. Theresa Affonso: mas não produz nem ao menos cita os ditos documentos, os quaes ainda mesmo existindo, como não duvidamos, seria necessario que se não referissem a outro ou outros sujeitos d'aquelles tempos com o mesmo nome, como nos parece provavel, não só pela estranheza e pouca verosimilhança destes cinco casamentos em pouco mais de 50 annos, como porque desde o Conde D. Pedro até agora todas as nossas historias não deram mais de duas mulheres a Egas Moniz, D. Mor Paes ou Peres, e D. Theresa Affonso.

## MONUMENTOS SEPULCHRAES DE EGAS MONIZ E SEUS FILHOS.

Na Igreja do Salvador de Paço de Sousa, Mosteiro que foi dos Benedictinos, em a provincia do Minho, cinco leguas ao nascente do Porto, duram ainda, mais bem tractados do tempo que dos homens, os cenotaphios que representa a Estampa. São elles, por muitas circunstancias, notaveis entre os mais notaveis monumentos de toda a nossa Peninsula. Representa o primeiro, em relevo informe, a jornada de Egas Moniz á Côte d'El-Rei de Leão, não se podendo comtudo assaz explicar cada figura: mas lá vai na dianteira um cavalleiro com suas cordas ao pescoço, que deve de ser D. Egas: outros dois de cavallo poderão ser dois de seus filhos mais velhos: tres de inferior idade sobre uma besta e quatro creancinhas em berços, serão os outros: uma matrona a cavallo parece ser a mulher de D. Egas: os demais talvez servos e companhia da jornada. — O segundo monumento em relevos, tambem toscos, mostra a morte e enterro de Egas Moniz. Dois Anjos lhe estão recebendo a alma, que lhe sae da boca em forma visivel, quatro mulheres se estão carpindo. Depois duas figuras mettem o cadaver n'um tumulo, um Bispo assiste a esta cerimonia, e duas mulheres pranteam. Por baixo em duas pedras separadas apparece a inscripção = *Hic requiescit Famulus Dei Egas Moniz, vir inclitus, Era Millesima Centesima LXXXII.* O caracter da letra induz ao principe dos nossos paleologos, o Sr. João Pedro Ribeiro, a reputar coevo aquelle monumento. A metade superior da inscripção acha-se ao revez, porque trasladando-o, a ultima vez, assim a collocaram. Acerca das diversas trasladacões, do que se achou no carneiro sottoposto aos monumentos, e dos estragos que n'elles se tem feito, e provas da antiguidade e coevidade de taes pedras, são muito para se ler a *Benedictina Lusitana* de Fr. Leão de Santo Thomaz, Tom. 2. Trat. I Part. IV Cap. 14. e 15. e a *Memoria Polemica acerca da verdade da jornada de Egas Moniz a Toledo*, composta pelo nosso laboriosissimo consocio Academico, o Sr. Antonio de Almeida, e impressa no Tom. XI Part. I da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.





OH. Lih. de M. Lutz.

Monumentos Sepulchraes de Egas Moniz e seus Filhos.



## JORNADA DE OURIQUE.

(ANNO 1139.)

Em nenhuma outra cousa confiado  
Senão no summo Deus que o ceu regia;  
Que tão pouco era o povo baptisado,  
Que para um só cem Mouros haveria.

CAM. Lus. C. III. Est. 43.

I.



ós saudámos, com respeito e amor, a terra antiga e flo-  
recente do Minho; terra, grande mãe de fructos, e gran-  
de mãe de varões, como pela sua Italia dizia Virgilio:  
hoje desceremos ás planícies aridas do sólo Transtagano,  
para saudar também ahí a gloria dos tempos que foram. Em toda a  
parte de terra e mar por onde passarão nossos avós, ainda reflexos de  
gloria estão brilhando, como os arreboés saudosíssimos de um crepus-  
culo da tarde: aqui porem foi a primeira aclamação de Rei Portu-  
guez, e logo apoz uma batalha e uma victoria taes, que para que a  
sua verdade fosse acreditada, nunca as historias a poderam narrar  
desassociada de um prodigio celeste.

Quietadas as discordias intestinas, desfeitas com dois sopros da  
fortuna as nuvens temerosas por todo o horizonte da fronteira castelha-  
na, olhou o Infante D. Afonso Henriques em deredor de si, e sentiu  
que não cabia na terra de seu senhorio. Passará o Mondego; fará mais,  
quebrará foros e encantamentos d'esse mourisco e apartado Tejo, e che-  
gará com victorias onde por ventura nem sonhos ambiciosos de seu Pai  
ou de seu Avô houvessem chegado. Não são isto ardimentos de coração  
de trinta annos, ou delirios de Príncipe embriagado dos prosperos suc-  
cessos; he antes a heroicidade aconselhada da prudencia.

Soa nova certa que vão entre os mouros grandes aprestos e alvo-  
roço para total extirpação da Christandade; que o potentissimo Ismar,  
braço de ferro do Miramolim de Marrocos, e por elle Rei de muitos reis  
mouros de Hespanha, por todos esses povos mandára deitar bando de  
guerra santa, de guerra das guerras, de guerra geral e derradeira, em  
nome de Deus e do Profeta; que por cidades e aldeas hespanholas e  
africanas correm, como passaros negros, pregoeiros de temporal, os  
alfaquis de sua seita; que ao som d'aquellas vozes, quasi inspiradas,  
que proscrevem do livro da vida Portugal e seu Príncipe, todos os co-  
rações se inflammam e lhes voam apoz; que os obreiros e lavradores se  
convertem em soldados, os soldados em tigres; que os velhos se armam  
cubiçosos do martyrio; que as proprias mulheres não só os imitam, se-  
não que muito mais ainda vencem a natureza, armando e exhortando  
os filhos mininos para morrer; que ja nos campos do chamamento não  
cabe o numero dos futuros pelejadores, os quaes de hora para hora re-  
crescem; e que o mar d'entre os Algarves está pasmado da quantia de  
galés que de dia e noite vão e vem em cardumes, despejando nas beiras  
d'este ameaçado torrão Iberico quantos braços, ferro, e machinas de  
guerra se poderam grangear por tanta Africa.

De todos os imperantes christãos ameaçados, he D. Afonso Henri-  
ques, e com razão, o a que mais tiram os odios dos Barbaros. Revol-  
veu este no seu coração grande todas as sortes de futuro. Se os aguar-  
dasse, a multidão inimiga viria, como uma alluvião, não vencê-lo, mas  
afoga-lo; e não só engolir toda sua gente de peleja, mas exterminar-  
lhes as mulheres, e os filhos, e a casa, que he abraçar como raio a pa-  
tria nas suas raizes e renovos. Se sair a procura-los, minguar-lhe-hão  
os auxilios com que a terra acode pelos seus, pôr-se-há mais longe de  
principes christãos, desgasta-lo-hão sêde e fome em páramos estereis.  
Não importa: este segundo arbitrio ainda com todos seus rigores o con-  
vida: accommetedores em vez de accommettidos, os seus soldados se  
melhorarão em brios; os mouros pasmados descirão algum ponto de  
suas tamanhas afoutezas: tempo longe a patria? não nos doerá a asso-  
lação da terra: não avistámos valedores? faremos por onde os não ha-  
jamos de mister: e se nos fallecerem o pão e a agua, mais será logo  
necessário que apressemos a victoria. Deus no-la dará, por cuja fé pu-  
gnámos!

Tomada esta determinação, appellida toda sua terra, congrega a  
maior massa de gente. Que milhão de homens gigantes he este que,  
arraiados os rostos do sorrir da victoria, o acompanha, e estremece o  
sólo sob sua marcha de ferro? São, quando muito, mil de cavallo e do-  
ze mil peões, mas Portuguezes. E bastará isso para desfazer um mun-  
do de inimigos? Sim: se contra a enorme desproporção de todo outro  
genero de forças se lançar mão do tempo. Nada he elle a olhos de nes-  
cios, porque o não vêem; em juizo de prudentes, que o entendem, he

tudo, porque he a vida e alma de todas as cousas, e o elemento dos ele-  
mentos, e o destruidor e fazedor universal: nada o paga nem o desconta,  
elle só desconta e paga tudo: do tempo he a occasião, da occasião  
a fortuna; penda até abaixo a balança da guerra com o pezo de ferro,  
ouro e heroicidade, se na outra extrema se lançou vontade e engenho,  
ondeará; se á vontade e engenho se ajunctou a leveza do tempo, essa  
leveza romperá o equilibrio, esse nada levará pelos ares o tudo vencido  
e espantado. Semelhantes deviam de ser os pensamentos do D. Afonso,  
esporeando e correndo á redea larga, na frente de seus companheiros,  
para aquelle sul tão desconhecido, tão ameaçador, tão rumoroso, tão  
sem limites nem horisontes. O colosso do poder barbaro lá está em pé:  
ja na mão lhe tremula desenrolado o estandarte da Meia Lua, que esten-  
de sombra de medos por todas as Hespanhas christãs; e ao primeiro som  
de rebate marchará. Quem então se tomaria com elle para lutar braço  
a braço? Agora, agora, que tão cheio está de si, e de nós tão seguro e  
descuidado, agora he o voarmos-lhe ao coração, e dar n'elle tão subito  
e rijo encontro que se baqueie em terra esmorecido. Sim, o arrôjo do  
nosso commettimento o fascinará, para que os poucos lhe pareçamos  
innumeraveis, e as nossas estaturas descommunae, e encantadas as  
nossas armas: e em chegando a hora que os podesse tornar em si, ja  
elles não serão!

Como nuvem tocada do vento rijo de Deus, ja o bando christão dei-  
xou para traz potentissimas cidades e fortalezas mouras, transvouo o  
grande rio, e lá pousa pelos altos de Castro Verde, entranhas do Alem-  
tejo. Aqui he o sobresaltar de corações varonis, aqui o enfiar de ros-  
tos cortidos nas batalhas, aqui o encoller de afoutezas. Cinco poderosos  
reis, em armas, e presentes com seus povos; por todas partes cêrco,  
até vinte, trinta e mais leguas, de gente inimiga e inimiga terra, gen-  
te em tão espantosa multidão, que parece que as lanças fieis bem pode-  
rão de todo consumir-se n'ella, sem a gastar; terra conhecida e auxi-  
liar de mouros, ouriçada de perigos e embuscadas, com temerosa car-  
ranca de fortalezas, abastada de tudo, e toda á roda por estradas ma-  
ritimas e terrestres, por Andaluzia e mares d'entre Algarves aberta ás  
perennes torrentes dos auxiliares, e abundancias para a vida e para a  
guerra. — Arrimados ás lanças os soldados de Afonso, a quem o largo  
uso da guerra havia dado sabedoria de generaes, pezavam mudos o tem-  
erario e o impossivel da empreza, e uns a outros com os olhos se di-  
ziam: que o mais leve infortunio ou descuido, o primeiro tropeçar ou  
duvidar, seria para todos hora inevitavel de perdição. Como elles, e  
melhor do que elles, via o Príncipe o muito apêrto em que eram pos-  
tos: dissimula comtudo, manda reunir os esquadrões, menos para haver  
mostra da gente, do que para que ella a houvesse da segurança do seu  
Capitão; e de cima de seu alteroso cavallo, ferindo a terra com o con-  
to de sua lança corpolenta, com rosto soberano e affavel, grave e ani-  
mado, lhes disse: — « Companheiros! nem paz, nem tregua, nem fu-  
ga se nos consente. He infallivel o pelejar, aqui, logo, e sem soccor-  
ro, nem esperanza d'elle. Parabens, que será este um combate digno  
que os Anjos lá de cima o contemplem de joelhos, tremulando-nos  
com mão incerta ou a palma da victoria ou a coroa do martyrio! Sem  
numero são os inimigos: agradeçamos a Deus que nos trouxe para  
cegadores a tão larga seara; despejaremos este campo para nova pa-  
tria. Todas essas bandeiras que esvoaçam, amanhã as ajunctaremos  
« enfeixadas para os nossos templos: as riquezas que por ahí vão derra-  
« madas são ja de vossas mulheres e filhos: e toda essa turba que ora  
« enche os ares de ruido e relampagos de armas, he de moribundos,  
« por cima de cujos ossos enterrados depois de amanhã vos banquetea-  
« reis com o festim que elles vos andaram custosamente aprestando.  
« Vencedores com D. Henrique, e vencedores comigo até hoje! a hora  
« do vosso repousar está emfim chegando. O valor, que em tantas bata-  
« lhas heis mostrado, he mister resumi-lo ora todo n'esta derradeira,  
« que todas as outras resume. Lidadores da Fé e da Patria! as idades  
« passadas, se podessem resuscitar, vos contemplariam com inveja; e  
« cada um dos seculos por vir inclinará, em passando, a fronte, e sal-  
« vará com vivas esta jornada portentosa de Ourique. Desce a noite:

« encommendai a Deus a sua causa, e adormeei confiados no seguinte sol. Vai alvorecer para o conflicto a Festa de Santiago: o numero dos reis inimigos he o das chagas do Salvador, por quem pelejamos: que mais fadados auspícios, ou mais seguro abono para o bom successo da nossa façanha! Boa noute por tanto, companheiros, até á victoria. »

Recollido he em sua tenda o Capitão dos Portuguezes. São as horas de remanso, as horas descontadas da vida para tudo o que respira feliz; mas eternas e amargas para os pungidos de dores ou consumidos de cuidados. A vastidão dos arraiaes agarenos, atalaiados de suas vigias e roldas, jaz adormecida e sorrindo para a victoria que em sonhos os visita: oh! visitar de fantasma que se despede lhes será aquelle! Tambem o campinho christão repousa, bem velado entre suas pobres trincheiras; mas ali reza-se em voz sumida pela patria, e muita vez no fundo do coração murmura, sem ousar subir aos labios, a oração da agonia, e as palavras do bem morrer. As sentinellas, medindo a passos duros e contados o terreno onde os seus companheiros pousam armados e mudos, detem-se a espaços, figurando-se-lhes já aquella a imagem do seu campo ao cabo da lide. Ahí, ahí, no segredo d'essa noute de estio, correram lagrimas de olhos portuguezes; de medo não, que a sepultura viam-na elles resplandecer como porta de paraíso; de saudades sim, saudades de suas terras e familias, a quem haviam prometido tornada breve, largos despojos, multidão de captivos, accrescentamento de patria, dilatação de christandade, paz e segurança para todo o futuro, e sobre quem agora impendiam cadeas e alfanges. — Mas, porque ainda nos casos mais apertados, nunca lá por cima na alma se apaga um alvor de esperança, assim como não ha noute tão cerrada que não consinta alguns longes duvidosos de luz, de crentes e piedosos que eram, cada um calava o seu desalento, esforçava os companheiros, porque do alheio esforço lhe podesse renascer algum, e recorriam aos remédios extraordinarios, sobrenaturaes, e milagrosos, tão bem erididos de todos n'aquella idade. Que romarias e ofertas se não prometteriam á Casa santa de Compostella! e com que fé se não entreteria o tardo sear das fogueiras do arraial, com os poderes e cavallerias do Apostolo bemaventurado das Hespanhas!

## II.

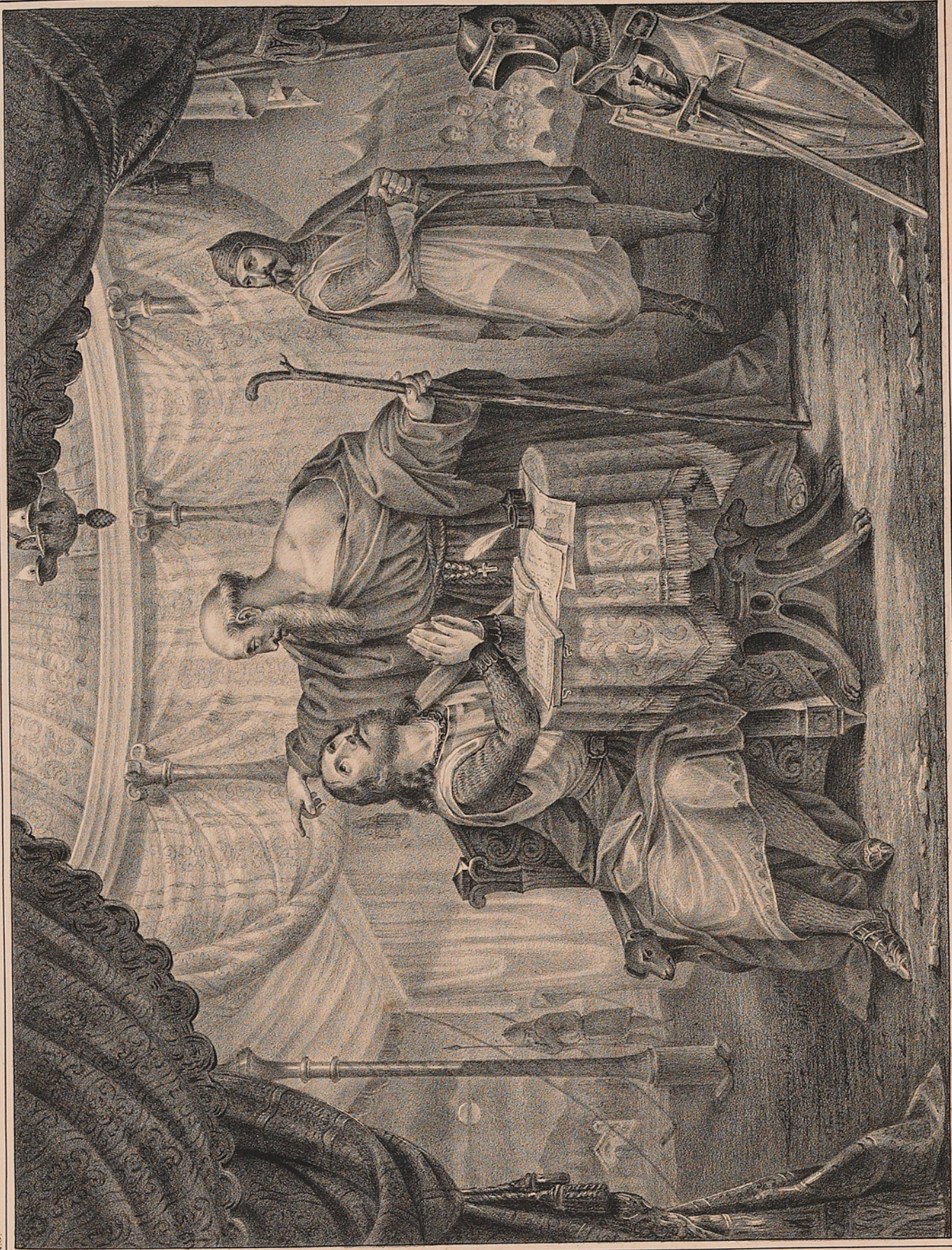
— « Que nos digaes por vida vossa (perguntavam os soldados novéis), não a que vem, mas de que vem que sempre para dar nos inimigos, bradaes por Santiago? » — Ao que logo os antigos acudiam, que muitas batalhas haviam sido ganhadas por seu auxilio, e galhardamente feridas de seu proprio braço. — « De duzentos annos passa ja (dizia um), que achando-se El-Rei D. Ramiro de Leão nos montes de Clavijo, com grande tristeza, por haver sido derrotado de um innumeravel e tempestuosissimo exercito de mouros, com quem na vespera se affrontára (era noute como agora, e deviam de fazer pelo arraial pouco alegres os soldados, como nós outros), appareceu-lhe o Apostolo Santiago, e lhe disse: — « Esforçar, esforçar, que amanhã serei eu contigo e com os teus! « O tributo das cem donzellas que pagaveis ao Cordovez, e que a ti te mettem as armas na mão desesperada, ficará dando logar a outro mais suave, que a meu sepulchro e templo pagareis vós outros, em conhecida de agradecimento: em vez de entregardes vossas filhas aos barões, ireis alegremente com ellas todos os annos, visitar-me em minha casa festiva, e saudar-me com hymnos patrono vosso e das Hespanhas: essa corôa de flores virgens, tirada debaixo dos pés do demónio, será a minha de triumphador. Esforçar, cavalleiros, que amanhã se verão maravilhas! Fazei o signal da cruz, orai, e invocai-me, segui-me os passos, tomai-me o exemplo, e tende fé. » — Com aquellas palavras se desfez a visão. No seguinte dia, tendo-se persignado e orado e cheio de viva fé o exercito, onde boa parte da gente era da nossa terra e sangue, cerraram com o inimigo victorioso e infinito. Santiago lhes corria diante, fazendo caminho com a lança, armado de ponto em branco, descommunal na estatura, e montado em um poderoso cavallo alvissimo: com a dextra e pezo de sua carreira derrubava como corisco as multidões descrentes, ao mesmo tempo que meneava com a esquerda uma bandeira candida, ou como quem acenava para os ceos á victoria que descesse logo, ou como quem chamava pelos christãos, que se chegassem a colhê-la. E ella baixou, e elles a colheram n'esse dia incredibilissima; derrotado Abderraman, mortos setenta mil dos seus, captivo o seu terrivel feiticeiro e Cacic da Meca, Alfarami, e o que mais foi para felicidade de agouro, o proprio Alcorão da sua maldita lei. E desde então não sem causa o temos por advogado nosso, os que militamos. » —

— « Não ha mais de cento e quarenta e dois annos (dizia outro) que d'esse seu valimento se houve clara prova, ja cá em terra do nosso Portugal, de que ficou por memoria a ermida, que muitos haveréis visto sobre um alto, entre os valles de Cambra e Arouca: de Santiago se diz, ao qual a dedicou por voto o Conde Froilaz Vermuiz, pelo grande estrago que ahí fez com pouca gente, mas ajudado visivelmente do Santo, no copioso exercito d'El-Rei de Cordova Almansor (de Mansores tem nome um logar que ahí se povoou na visinhança; e de Cabeça de Almansor um alto, onde he fama que o Barbaro acampára). Bem merecido foi o castigo que o Santo veio dar por suas mãos, e bem havia por onde ficasse, como ficou para todo sempre, furioso inimigo d'estes perros Mouros. Fôra o caso; que tendo Almansor com torrente de vic-

torias expugnado muitas e grandes cidades e povoações do Mondego acima, até ao interior da Galliza, rendida e entrada Compostella, tanto se desatinou e endoudeceu com a soberba do feito que em afronta do Santo Patrono acabava, que assim mesmo a cavallo entrou com a lança alta pela igreja acima, como quem ja não duvidava tomar-se com elle, em sua propria casa. Ao cavallo mandou deitasse de comer ali mesmo, em uma pia que ainda se lá mostra; e profanando com blasfemias os echos santos das abobadas, e desejoso de arrancar do relicario o feitiço christão das Hespanhas, investiu com o sepulchro, onde o martyr jazia; senão quando feixa-se repentino o ceu, gela-se o ar, estouram trovões, estremece a terra, range o Santuario, voam e revoam por fóra de todas as janellas e frestas coriscos, alumando aquella noute medonha e repentina com luz ainda mais medonha, e do sepulchro rebentam labaredas (raio, ou filho do trovão, parece que chamam as Escripturas ao Santo)! Espavorido o valoroso saio, como levado de tufão, pelo templo e portas afora, onde mais se não tornou a afoutar. Mas porque nem fogos de Deus dissipam a cegueira d'estes impios, deu (de crer he que não seria sem lhe tremar a voz) ordem aos seus, que apeassem os sinos; e vendo que as torres lhe não desabavam em cima, ordenou logo, mais seguro, que se levassem dos umbraes as portas; entendendo que no deixar o templo sem voz de pregão para o ceu, nem resguardo e defeza para a terra, lhe quebrava a immuniade, e com a immuniade a virtude. Os sinos mandou-os para a sua mesquita grande de Cordova, onde servem de alampadas; as portas lá estão pregadas no tecto da mesma mesquita. Não se levantou por então o Santo de sua jazida, como poderá; mas porque as portas lhe ficaram abertas, não tardou em sair, e montado em seu cavallo de neve, e com as suas armas de boa tèmpera celeste, o foi colher onde juncto com o nosso portuguez Froilaz Vermuiz lhe deu combate, como vos ja disse, do qual o deixou escapar vivo, para maior sentimento, mas com só a vigesima parte de suas tropas. Pelo que vos digo, que se nos a elle soccorremos com coração devoto, e for servido cavalgar amanhã per nós, bem poderá ser que vençamos: e nem he nosso Principe D. Afonso, por capitão e piedoso, menos digno de seu amparo, do que El-Rei D. Bermudo, e o Conde Froilaz Vermuiz que castigaram a Almansor; nem por ventura esta gente que nos cerca mais ferrenha de cortar ou mais copiosa que os inimigos de D. Ramiro, que tambem se diz terem sido toda a massa mourisca de Africa e Hespanha. Bem sabe o martyr como he nosso Portugal o vestibulo de sua Casa, e que se o deixasse tomar, logo veria em dois ou tres dias este cão de Ismar, mandado do Miramolim de Marrocos, e toda a canalha de reis que o acompanha, vir-lhe tomar a pousada para seus cavallos, e deshonrar-nos mulheres e filhas ao lume de suas tochas. Andai, andai, que mais he sua a terra do que nossa. » —

— « Nasceria n'ella (dizia outro soldado), que he essa bastante obrigação, ainda para peccadores, quanto mais para santos como elle, de a amar e defender, ainda depois de morto, podendo ser. » —

— « Mais obrigação lhe tendes logo para devotos, que não nasceu n'ella (acudia um religioso), senão em Galilea; e vi eu com estes olhos, quando fui com o Conde D. Henrique em Oriente, o mar de Genesareth, onde elle e S. Pedro pescavam. Mas sôa que, morto o divino Mestre, viera prégar os seus Evangelhos pelas nossas Hespanhas, ainda que o martyrio só em Syria o recebeu. Se eu fóra mais sabio, que tivesse podido deletrear um pergaminho, que ouvi ler, mui venerado, a uns Conegos de Compostella, que o escreviam por ordem do seu Arcebispo, e uma Carta do Santo Padre Leão III, uma e outra cousa houvera decorado com gôsto, e maior ainda tivera em vo-las poder agora declarar, por serem tudo milagres e louvores do Santo, e antiguidades mui para folgar de sua Igreja. Mas o que na memoria me ficou d'isso, e do mais que por lá ouvi, vo-lo direi ora brevemente. » — Aqui o cêrco dos ouvintes se apertava, e os olhos, que se divertiam com a chamma da fogueira, se fitavam curiosos no semblante grave do historiador das tradições, o qual postos os seus n'aquella resplandecente calçada de astros que *Estrada de Santiago* se nomêa, disse, apontando-a com o dedo: — « Por ali se partiu, cá do valle dos trabalhos, para a escondida Jerusalem celeste, a alma purpurada d'este Santo, primicia dos apostolos martyres, assim como lhe foi cortada a cabeça por Herodes Agrippa. Por ali descera elle amanhã galopando em seu cavallo branco, de lança feita e sembrante alvoraçado, ou para nos trazer victoria, como espero, ou para nos levar comsigo ao triumpho e descanso dos martyrisados. Seus discipulos n'essa mesma noute se foram tomar o bemdito corpo defuncto na praça onde jazia, e ás escuras, sem voz mas desfazendo-se em lagrimas, com pés ligeiros e surdos por não serem sentidos, o foram trazendo até fóra da cidade, d'onde encaminhados de um Anjo por valles e montes, fugindo dos povoados e trilho seguido, o levaram com grande fadiga e consolação até ao porto de Joppe. Ahí se estavam passados, sem saber que fizessem de si e d'aquella pobre thesouro. Alçavam a vista ao ceu, giravam-na pela terra, alongavam-na e perdiam-na pelos mares; e nem o ceu lhes acudia com o conselho, nem a terra lhes promettia seguro, nem o mar os convidava com uma véla para outro qualquer cabo do mundo. E estando-se n'aquella tamanho desamparo, foi Nosso Senhor servido deparar-lhes um navio, que de nenhuma parte veio, senão que ali se lhes teceu de repente aos olhos, de nenhuma outra materia senão de sua muita fé, esperanças e orações. E embarcando-se a toda pressa, levaram ferro, desferiram véla, e seguiram jornada com marés tão tendentes, e ventos tão do ceu, que a nau pa-



OCAR. AM da Fenecca. Acad. Romano, eP. da Cortie. de S.M.E. inv.

OT. Lath. de M<sup>l</sup>. Jaurz. Rua Nova dos Martyros N. 12 Lic.

# D. ALFONSO EM QUALQUER RECEBE A EMBAIXADA DE DEUS.



recia ir levada e embalada de anjos, berço amorosíssimo d'aquelle filho mimoso da Providencia. Não houve mão que em leme se pozesse, que o para onde iam não os cançava, certos de que bem, e melhor do que elles, entendia a proa os seus caminhos. Todo o seu marear de vélas era estarem acalentando com muitos cantares bemditos osomno do Mestre, em joelhos, dia e noite, de roda d'elle. E vos direi as palavras, que até as estrellas das horas mortas se consolavam de lhes ouvir, em passando por cima dos mastros: eram aquellas do Psalmo de David: *Pelo mar vai o teu caminho, ó Senhor, e por entre as multidões de suas aguas as tuas veredas: e os teus vestigios nunca homem os conhecerá.* E como borboleta, que se deixa boiar na viração por cima de uma seara de primavera, e onde o vento lhe adormeceu, pouza; aportou o navio, de Palestina, em sós sete dias, n'um porto e cidade de Galliza, que se dizia Iria Flavia: e desembarcados, levaram o santo corpo para um campinho oito milhas distante d'aquella cidade, e onde ora jaz a de Compostella. Mettida a santa reliquia em uma arca de pedra, e a arca em uma ermida, que por suas mãos levantaram, ficados sós dois para guarda, os quaes eu lá venerei tambem sepultados, um á direita outro á esquerda, os demais com muitas devotas lagrimas se partiram a prégar a lei de Deus pelas Hespanhas, que então eram todas dos idólatras Romanos; e não tornaram mais. Não era arca de tamanha joia para fazer sem veneração; e com tudo assim durou todo o tempo dos Romanos, e dos christãos Godos, e todo o da tyrannia Mourisca n'aquella parte, até que prouve a Deus que, sendo Bispo em Iria Flavia Theodemiro, tivesse principio milagroso este culto, que de então para cá tem ido crescendo, com grande honra d'estas partes. Tinha o correr do tempo, que he lima surda que tudo gasta e apaga, derrocada e arrasada a ermida, e para até o conhecimento e lembrança do sitio se perderem, acudira a terra, como envergonhada de taes ruinas, com quantos mais dobrades tapetes pôde de hervançaes, moutas e arvoredos silvestres. Era aquillo render como serva ao seu Santo as vassallagens e obsequios que sabia. Vieram mais annos, encorpavam e subiram troncos, estenderam-se e abraçaram-se ramos, ficou uma infinita arcaria e abobada de folhas e sombras, com tão natural graça e tamanha magestade, com tão curioso artificio em seu descuido rustico, que estava sendo um genero de templo, não indigno dos ossos que hospedava. E como para o devido culto não fossem bastantes os passarinhos com seus cantares, as arvoredos com sua primavera, as hervas com seus pivetes, os ventos com as vozes, a madrugada, o sol, e a lua com a alegria, com os resplendores, com a devoção, cousas estas todas de Deus, mas rudes e sem entendimento, vieram anjos com lumes accesos lá em cima no throno grande, ser honradores, ministros e sacerdotes d'esta igreja, não feita senão nascida e creada de benção: e viam, os que de noute acertavam de passar por perto do sitio, toda aquella mata estrellada e resplandecida pordentro com umas luzes, que espantando os olhos, os consolavam. E como paravam a orar, logo sentiam por lá umas toadas devotissimas de musica nunca ouvida, como côros de religiosos que acordam com suas matinas a meia noute de um ermo. Mais se dizia (e devia de ser mui certa cousa) que algumas boas almas, afoutando-se a espereitar mais de perto, haviam divisado, em ponto certo da selva, uma visão mui donosa; de uma turba de mininos, todos irmãos e gentis, alvos como lirios, rosados e risonhos como alvoradas, madeixas como raios do sol, olhos rasgados, serenos, e celestes, andarem voando com azas ouro-azues, e nas mãosinhas palmas florecentes, uns por entre outros, acima e abaixo e em giro, e com as ramadas encobrimdo-se e descobrimdo-se como estrellas, e de cada vez que roçavam com o vôo a terra, inclinando-se a beija-la. — Narrados os quaes portentos ao Bispo, e abonados por pessoas graves e autorisadas, quiz este certificar-se da verdade, foi-se de noute ao sitio, e achando-a maior ainda que a fama, amanheceu logo ao seguinte dia com obreiros, para desmoutar, e reconhecer a causa secreta de tantas estranhezas. Desenrigada a terra do véo que a cobria, deram em uma ruina de ermida, com a arca de pedra do bemdito Apostolo. Passada a nova a El-Rei D. Alfonso o Casto, veio este logo voando adorar o futuro Patrono do seu Reino, e dar principio á edificação de sua Igreja. Para ella se trasladou de Iria a cabeça do Bispado; e esta foi a origem da devota e peregrinada cidade de Compostella. Todos os Reis e Summos Pontifices tem desde então acrescentado a Casa com grossas esmolas e mercês temporacs e espirituacs, até ao auge em que hoje osromeiros a veneramos arcebispal, servida e officada de sete Conegos Cardeacs com suas mitras como Bispos, que nem de outra gerarchia podem sacerdotes celebrar missa no altar sobre a sepultura do nosso Santo. E tende bom animo, que cedo lá ireis os que o tiverdes promettido, dar-lhe graças, que assim he elle obrigado a nos dar victoria, não só por visinho e morador de terra nossa, e fundador que foi de nossa boa Igreja de Braga, a primeira das Hespanhas christãs, onde nos deixou por Bispo o que depois foi estrea de martyres em Europa, o seu discipulo S. Pedro de Rates, senão tambem porque ao nosso Senhor D. Alfonso bem he que ora pague a devoção do Senhor D. Henrique seu pai, que o foi com a Rainha D. Tareja visitar peregrino, e lhe fez escriptura muito honrada de por sua intenção libertar de antigos vexames e favorecer, como favoreceu, um notavel patrimonio de sua Igreja. Mas porque alguns dos presentes, pelas mostras do rosto, me não parecem ainda de todo confiadados, contai-lhes vós outros, Senhores Cavalleiros de Coimbra, o que ja

em tempos de vossos avós ou bisavós aconteceu, sendo El-Rei D. Fernando de Leão sobre vossa cidade, então de Sarracenos. —

— « A ponto nos empraazes, Sr. Monge, e somos contentes de vos obedecer (acudiu um Cavalleiro); mas porque vai alta a noute, e he razão que nos recobremos com o somno para a batalha, só tocarei de leve o succedido, que minha dona muitas vezes me cantava, quando era no lavor; deixando de fóra outra glória da minha Coimbra, que foi haver sido por essa occasião armado n'ella Cavalleiro o maior homem das Hespanhas, o Cid Ruy Dias, assim como uma victoria que o mesmo Cid, com o auxilio do Santo, alcançou já defuncto contra mouros em Valencia, como tão cantado anda nos Romances. E dizia minha dona:

1.º

Caminhavam frades Bentos  
Do Mosteiro de Lorrvão,  
Quando acharam D. Fernando  
No meio de Carrião:  
Era D. Fernando Rei,  
E seu reino era Leão.

— « D. Fernando, D. Fernando,  
« Novas de consolação!  
« Cavalleiros não nos ouçam,  
« Manda sair quantos são.  
« Deus te nos manda dizer  
« Que tens Coimbra na mão.

« Descuidados estão mouros  
« Do poderio christão:  
« D'elles o havemos sabido  
« Por sua conversação,  
« Quando de Coimbra vem  
« A montear em Lorrvão.

« Fingimos uma romagem  
« Por livrar de suspeição,  
« E viemos dar-te aviso,  
« Gram Rei, Senhor de Leão.  
« Manda logo fazer prestes  
« Todo o ginete e peão. —

Como tres mezes passaram,  
Era por Janeiro então,  
El-Rei he sobre Coimbra,  
E os de dentro em confusão:  
Mas vale o muro á cidade,  
Que he mui boa defensão.

Em que traz muitos vassallos  
De caldeira e de pendão,  
Em que traz o Cid Ruy Dias  
Mais forte que quantos são,  
Não acaba de a tomar,  
Sete mezes ja lá vão.

2.º

Ja do cêrco de Coimbra  
Se quer El-Rei abalar,  
Por ser a cidade forte  
Que não a pôde tomar,  
E á gente que traz comsigo  
Falta com que a sustentar.

Mil triste, mil assombrado  
Vê-se Lorrvão todo estar;  
Temem-se os frades dos mouros  
Mal que El-Rei os descercar:  
Tocam sinos no mosteiro,  
Vão-se os monges ajunctar.

Chorosos dão despedida  
Ao seu côro e ao seu altar,  
A's cellas e sepulturas,  
Aos troncos do seu pomar,  
Aos montes dos arredores,  
A's pedras, tambem ao ar.

Cruz alçada se partiam,  
Sem usarem de se olhar,  
Que aquelles sinos que soam  
Não se ouvirão mais soar;  
Vão cantando *Miserere*,  
Mui de dentro he seu cantar.

Era El-Rei em Almafala;  
Lá lhe foram entregar,

Quanto havia no mosteiro,  
Sem nada ali lhe faltar,  
Bois, cabras, porcos, ovelhas,  
Que se não podem contar;

Pão, e vinho sem medida  
De sua eira e lagar,  
Legumes das hortas grandes,  
Frutas do rico pomar,  
Cousas todas que de ha muito  
Tinham andado a ajunctar.

Tudo El-Rei lhe agradecia  
Com amor mui singular,  
E orações lhe encommendava  
Para a victoria alcançar:  
E vendo a gente abastada,  
Continuou de cercar.

3.º

A' Casa de Santiago  
Em devota romaria  
Chegára um Bispo de Grecia,  
E Astiano se dizia,  
Que ouviu contar das batalhas  
Em que o Santo apparecia.

Dado que fosse este Bispo,  
Bom o mais que ser podia,  
Disse aos romeiros: — « Senhores,  
« Tenho essa fé por sandia;  
« Pescador foi Santiago,  
« Nanja de cavalleria. —

Recolhido á sua cama,  
O Santo lhe apparecia,  
Armado de ponto em branco,  
Com mui muita galhardia,  
E duas chaves douradas  
Que na sua mão trazia.

— « As chaves são de Coimbra  
« Onde o Senhor Deus me envia;  
« Vou-me abrir a D. Fernando  
« As portas da mouraria,  
« Amanhã terei lá missa,  
« Que he amanhã o meu dia.

« Fui pescador algum tempo,  
« Mas sou guerreiro á porfia,  
« Açoute de Sarracenos,  
« Escudo da monarchia;  
« Quantos se a mim socorrerem  
« Tem certa a minha valia. —

Dizendo aquestas palavras  
N'um cavallo se subia  
Fanfarrão e corpolento,  
Alvo, de gram bizzaria;  
Deu de esporas, largou redeas,  
Logo desaparecia.

4.º

Vinte e cinco são de Julho,  
Dia de grande prazer;  
Lá na Sé de Compostella  
Vai festa mui para ver,  
Que he dia de Santiago,  
Santo de grande poder.

Orando estão peregrinos  
Lhes queira sempre valer,  
Mas Santiago está longe,  
Que a outros foi socorrer,

Batalham christãos e mouros  
Batalha de gram temer.

Aguas claras do Mondego  
Ja se vem sangue correr,  
Portas altas de Almedina  
Não se vem estremecer;  
Pelo muro da Couraça  
Anda a batalha a ferver.

Cercadores e cercados  
Todos votam não ceder,  
Mas he mais a gente moura  
Da que se pôde vencer;  
Tem lá mulheres e filhos,  
Quem n'haverá de render?

Morrei, martyres de Christo,  
Que vos não podeis valer,  
Foge, fuge, D. Fernando,  
Se não queres perecer;  
Foge, que os teus cavalleiros  
Ja fogem de arremetter.

A lua á tarde, em nascendo,  
Tristes cousas ha de ver;  
Mal ousará n'estas veigas,  
Tão suas, respandecer;  
Christãos em lagos de sangue,  
Quaes mortos, quaes a morrer!

5.º

— « Santiago, Santiago,  
Soa por todo o arraial,  
« Salvação aos Leonezes  
« E á gente de Portugal. » —  
Vê-lo campea esgrimindo  
Sobre um cavallo real!

Santiago, Santiago!  
Vede o rosto angelical;  
Vede as armas que reluzem,  
Como se foram cristal;  
A cor leite do cavallo,  
Nunca se vio outra igual!

Opa da cor do martyrio  
Que lhe vem mui natural,

Bordada de ouro mui fino  
Que he das virtudes, não d'al,  
Barrada de pedraria  
De lustre celestial;

Seu olhar como de estrellas  
Mui sereno e imperial:  
Co'a lança de largo ferro  
Acena a todo o arraial,  
E arremette contra a porta,  
Que nada contra elle val.

Aberta jaz a Cidade  
Pela porta principal;  
O Cavalleiro remonta  
A' patria celestial;  
O rei co'as chaves em punho  
Entrou com os seus em geral.

Christãos, ganhastes Coimbra,  
Mais que joia oriental;  
Mais tu, Coimbra, ganhaste,  
Que tens fonte baptismal,  
E a tua mesquita grande  
Verás logo em cathedral.

Dar meia cidade aos monges  
Quería o Rei liberal,  
Mas os Monges só quizeram  
Uma casa monachal;  
Contentes com Lorrão santo,  
Seu paraíso terreal.

Foi-se El-Rei a Compostella  
Com sua gente leal:  
De atabales e trombetas  
Soa estrondo festival,  
Abrem-se as portas do templo  
Bem armado e triumphal.

Todos com o joelho em terra,  
Como cumpre em caso tal,  
Diziam de agradecidos  
Ao valedor immortal:  
« Santiago, Santiago!  
« Salvaste o nosso arraial;  
« Salva sempre os Leonezes,  
« E a gente de Portugal. »

## III.

Com estas e outras semelhantes prácticas se deviam de estar entretendo os varios ranchos do arraial na jejuada vigilia do Apostolo Santo (eram taes fabulas piedosas crença e amores d'aquella idade, e sobre bafejarem e fortalecerem o esforço, respiravam sua graça), até que estirando-se para repousar, costas com costas, abraçados com as armas, se ficavam calados, sem poderem adormecer, todos com os olhos pelas muitas fogueiras derramadas até ao horisonte pelo arraial mouro, porem mettido cada um em a sua solidão, onde com o coração andava repartindo beijos e abraços e palavras de amor ás visões dos seus, das suas casas, e terras tão apartadas; e com isto volviam branduras, e com as branduras desalento.

Porem que fazia entretanto D. Afonso? as mesmas imagens lhe atravessavam pela grande alma: mas no interior deserto de sua tenda, elle concerta e amadurece os seus vastos projectos, confronta e compara os diversos arbitrios dos valentissimos Cabos do seu exercito, com quem houvera conselho sobre a incrível façanha do proximo dia. Mais de um taxára o seu arrojo de temerario; mais de um em quem nunca vislumbrou sombra de pavor o esconjurára pela Patria e por Deus, cujos eram soldados, que ou pedisse treguas para melhor se aperceber, ou repassasse o Tejo, e tentasse a fortuna por qualquer outra via, agra, terrivel muito embora, mas não impossivel, nem desesperada: e aquellas reprehensões livres, saídas de labios valorosos, sem o desarraigarem do seu proposito, lhe volteavam todavia pela memoria, como nuvens de celestes ameaças. Oh se o ter morto um homem basta para atormentar uma vida inteira, que pezo não deve assoberbar a consciencia ao Chefe de um exercito nas horas que precedem a uma grande batalha! E se esse Chefe he um Principe, e se esse exercito he um povo todo, e se d'essa batalha se aguarda existencia ou morte de uma patria! Treze mil vidas ahí estão em torno de Afonso, confiadas n'elle, e pendentes de sua sorte; e tantos mil corações de mãis, de pais, de filhas, de irmãs que lá ficaram nas terras, que ora parecem na extrema opposta do mundo, vem todos palpitar apinhados e fundidos no seu coração. Se o dia de amanhã lhes fôr contrario e succumbirem, os ala-

ridos de tantas casas orfãs, e logo depois captivas e assoladas, não irão até aos ceus perturbar-lhe a paz, que elle haverá comprado com o seu sangue? E elle ora, porque a Oração, que he a filha do perigo e a amiga da noute, recae lá de cima sobre a alma, convertida em orvalho de esperanza e benção. E sentando-se depois diante da alampada que alumiaava e aviventava a tenda, como seu espirito vigilante aviventava o arraial taciturno, tomou nas mãos as Escripturas Santas, que sempre comsigo trazia: n'ellas folgava, mormente em dias de tribulação, metter o pensamento como em uma barca de fé, para andar vagueando pelas maravilhas dos tempos antigos, d'onde sempre volvia com mui formosa colheita de esperanças novas: e o acaso, ou o seu Anjo lhe abria na pagina de Gedeão, Capitão e Juiz de Israel, o qual com sós trezentos soldados desbaratou quatro reis de Madian, e lhes exterminou cento e vinte mil pelejadores, e aos proprios reis prendeu e matou, acabando de consumir mais de doze mil fugitivos, apoz a batalha. O livro então lhe pareceu estar fallando vozes de propheta, a luz lhe sorriu boas novas, e uma alegria santa lhe encheu os olhos que fitou affectuosos no symbolo da redempção, debuxado no paterno escudo, ao qual n'esta jornada milagrosa outro esmalte mais sobido estava ainda destinado, e com elle a honra de ser o pendão portuguez até ao fim dos tempos.

Assim passava esta noute solemne! Triste he o vogar de uma nau populosa pela escuridão, em paragem lageada de parceis, infamada de naufragios, e com vendaval imminente. Os que n'ella vão pousam e não dormem: os vigias do quarto consternam-se calados: o piloto vai inclinado diante da luz da bitácola, com os olhos na agulha e carta do roteiro, e a mão no leme, e o pensamento no ceu: e o reflexo d'aquella candea, e a sombra da cabeça d'aquelle homem, são o unico fito e esperanza de todos. Tal ou mais triste era o arraial dos baptisados no meio d'este oceano de infieis, na noute de vinte e quatro para vinte e cinco de Julho do anno de 1139. Ora passai, passai nas boas horas, estrellas d'esta noute, que bem-trocadas achareis as mãos da fortuna em tornando amanhã por este horisonte.

Ja quer alvorecer a manhã. Ainda bem não he para serem desbertos os olhos do seu trabalhado dormir ou velar, quando ja pelos bandos christãos vai grande movimento e alvorçado ruido de fallas. — « Milagre! Deus por nós! Thiago Santo! Victoria! Portugal! » — são as vozes com que uns a outros se dão as alvoradas. Uma maravilha d'aquella noute, cuja narração parece proceder da propria tenda do Principe, era a que os incendia e transportava. Verdade ou mentira piedosa, milagre do insondavel poder divino que o obrasse, ou milagre do amor patrio que o fingisse, todos o creram, e era o seguinte.

Canção do Principe de profiar com seus pensamentos, sentara-se a ler por sua Biblia, onde lhe logo Deus deparou uma historia de mui altas esperanças. Cêrca da meia noute adormecêra, com a testa sobre a pagina inspirada; por ali lhe exhalára Deus para o animo um sonho todo seu. Figurava-se-lhe ver um ancião que o vinha procurar, e lhe dizia: « Sus, D. Afonso, cobra alento, que haverás victoria. Debella-ás rás todos esses reis infieis, e metterás debaixo dos pés o seu poderio: « e o que de todos nós he Senhor se te descobrirá aos olhos corporaes. » E como isto sonhava, entrou pelo aposento o camareiro João Fernandes de Sousa, e com estas palavras o acordou: « Ergue-te ora, Senhor, que he chegado um ancião, e quer fallar-te. » A que o Principe respondeu: « Embora entre, como seja christão. » E entrado que foi, reconheceu ser o mesmo que por sonhos estivera vendo, o qual postos gravemente os olhos n'elle, com voz clara e segura lhe disse: « Cobra animo, Senhor; has de vencer, has de vencer, e não podes ser vencido. Deus « que te ha por seu filho dilecto, poz sobre ti e sobre tua descendencia o ciao os olhos de sua misericordia, até á decima sexta geração, na qual « a tua prole será attenuada, mas ainda attenuada, volverá a pôr-lhe a « vista, e a olhar por ella. Elle te manda por minha boca dizer, que « assim como ouvires no decurso d'esta noute a sineta da ermida onde « vivo, sessenta e seis annos ha, entre estes infieis, guardado da mão « divina, te saías do arraial só e sem nenhuma testemunha, porque tem « determinado mostrar-te as enchentes da sua misericordia. » — D. Afonso que, absorto no que ouvia, estivera até ali com as mãos e os olhos alçados para o ceu, com todo o semblante guerreiro desfeito em devota piedade, arremessou-se de repente em terra a venerar o santo embaixador, e quem o mandava; e posto em oração, se deixou ficar aguardando solitario o promettido som. E como fosse ja a segunda vigilia, ouviu a sineta; e aquellas misteriosas toadas, suaves como voz de amigo em deserto, consoladoras como pensamento do ceu em terra barbara, esperançosas como preludio de preces, lhe deram rebate nos intimos da alma: e tomando por sós companheiros a espada e escudo, como quem se hia á mercê de Deus por campos perigosos e mal sabidos, aparelhado para qualquer fortuna, saio dos arraiaes. Eis que da parte direita lhe apparece contra o nascente um raio de luz, o qual pouco a pouco se foi derramando em resplendores, e crescendo. E espantado da visão, suspenso o fôlego, e fito o animo todo pelos olhos n'aquella parte, vio do mesmo raio formada uma Cruz de mór claridade e formosura que a do sol, e n'ella Jesu Christo pendente, e por um e outro lado córos apinhados de mininos mui candidos. Arremessa de si a espada e escudo; e descingido das roupas e descalço se baquêa em terra sobre os peitos; e afogado em lagrimas, começou de interceder ao Senhor pa-



ra que alentasse aquella sua gente, e disse com voz clara e desassombrada: « Por que a mim, Senhor? aos infieis, aos infieis, para que aprendam a conhecer-te. » — Ao que lhe foi respondido: — « Não venho a confirmar-te na fé, mas a fortalecer-te o coração para o conflicto, e a assentar sobre aliceire perenne o teu Reino. Confia, Afonso, que não só haverás esta victoria, mas quantas outrás commetteres contra inimigos d'esta Cruz. Tua gente, acha-la-has alegre e esforçada para a peleja, e d'ella te será requerido que não entres na batalha sem o titulo de Rei. Outorga-lho: reinos e imperios eu só os fundo e os dissipo; em ti e na tua descendencia quero fundado um imperio, que eu a haverei por meu mimoso, pelo qual o meu Nome seja levado ás mais remotas gentes do mundo. » — E apoz estas e outras algumas palavras de muita consolação e promessa, desapareceu a grande visão, corrida novamente sobre o campo a magestosa cortina estrellada da noite; e por meio do profundo silencio, o Principe se recolheu aos arraiaes.

Tal era a mui fausta nova, com que os soldados então tumultuavam fóra de si, e prestes para tudo. Entretanto sacerdotes e religiosos armaram em diversas partes do campo os altares em que deviam celebrar o sacrificio incruento em honra do Apostolo das Hespanhas. Todo o exercito ajoelhado, com as frentes descubertas e as armas por terra, ora com o mais profundo recolhimento, olhos cravados na Cruz que lá se ergue sobre a ara, e a quem a fantasia encantada está prestando os resplandores do prodigio, e as palavras abonadoras de triumphos. Por entre as bandeiras que se condensam como alameda aos dois lados do sacrificio, embaladas da viração fresca, e tintas nos reflexos vivos da aurora, o ministro eleva vagarosamente aos ares a hostia, que ali parece protegida d'aquelles mesmos estandartes que protege. Grandiosa he a scena! em meio de barbaros que encham montes, valles, planicies, um punhado de varões semelhantes a estatuas de ferro, uns poucos Portuguezes de D. Afonso, com a mão, que logo irá exterminar descrentes, batendo no peito a que tantas lanças virão apontadas, e inclinando sobre o pó o corpo, que a muitos d'elles antes da noute será caído, para nunca mais se levantar!

Concluida a cerimonia, que foi como um tomar posse d'aquellas paragens para a fé, reunidos em torno de cada balsão, on bandeira particular, todos os valorosos do seu séquito, dividiu o Principe a hoste em tres corpos. A dianteira, com tres mil infantes e tresentos ginetes escolhidos, tomou para si: era o posto de mór perigo e exemplo, competia-lhe. Ao filho de seu aio, D. Lourenço Viegas, a quem todos appellidavam o Espadeiro, e elle seu Irmão, e a D. Gonsalo de Sousa genro do mesmo seu aio, tambem seu privado, e por virtudes de paz e guerra, mui digno, commetteu confiadamente a saga [chamamos-lhe hoje retaguarda], composta de igual numero. Emfim as costaneiras, isto he as alas da direita e da esquerda, com o restante da gente, a Martim Moniz e a Mem Moniz, cavalleiros ambos, como bem cumpria, de claro sangue, e valor experimentado, posto que d'elles sós os nomes chegassem vivos ao nosso tempo: o segundo seria por ventura irmão do seu mesmo aio.

Postos d'esta maneira em som de arremetter, estes e muitos outros senhores, Condes, Ricos-homens, Infanções, Cavalleiros, Coudeis, Almocadens, Adais e Sacerdotes [que muitos d'estes n'aquella idade e por tal causa se presavam de vestir as armas], saindo de seus bandos, se foram em turba a D. Afonso, requerendo-lhe, por parte de todo o povo e sua, que se deixasse logo n'aquella hora acclamar Rei. Era difficullosa a proposta, e mal consentia o tempo deliberar. Quizera o Principe differir o negocio; mas as instancias de tantos amigos, o querer unanime dos subditos, o cuidado da batalha, a vontade de Deus, e por prova d'ella o bater que no peito sentia de coração regio, lhe arrancaram dos labios o sim; e aquelle sim voou repetido de boca em boca, e de companhia em companhia, até aos confins do campo. Com esta palavra nova parece ter caído das nuvens, no meio do exercito, um ancilio, com fado de imperio e victorias! Troveja no ar a saudação unisona dos soldados; a terra até muito ao largo estremece com o tripudiar dos peões, o recalcar dos cavallos, os rufos dos atabales e tambores, e o vibrado clangor das trombetas, e mais instrumentos inspiradores de valor e alegria. Levado na torrente de seus cavalleiros, D. Afonso vai correndo por entre os esquadrões, agradecendo a alegria commum, e acrecentando-a com as mostras de confiança, abonos de victoria que no rosto se lhe divisam. D'entre esta selva de espadas e lanças em alto, e pendões meneados, sáe por tres vezes repetido aquelle brado com que todos seus successores até hoje tem sido alçados ao throno, *Real Real por D. Afonso Rei de Portugal!* E o sol rompendo do oriente, dourou com delicias este painel soberbo de amor, de heroicidade e de fé. Outro igual ainda até esse dia o não víra, nem maior lho apresentou nunca depois o rodear dos annos.

Alvorotados os Sarracenos com este subito alarido, entenderam de primeiro que seria chegado bom soccorro aos Portuguezes; mas avisinhando-se mais, e vendo que nenhuma novidade d'estas havia, não acabavam de entender o como e o porque assim victoriavam e se encendiam em júbilo, homens a quem tudo estava ameaçando ser este o seu ultimo dia; e tal saudar de gente moribunda á luz suprema, lhes parecia escarneo e demencia de desesperados. Já toda sua hoste ondea, se despega, adianta-se! Já se podem numerar as batalhas ou exercitos que lá vem: por doze no-los conta a fama; para mais, e sem medida, era a chusma. — Firmes, como rochedos de costa; aguardarão os de

Christo estas ondas que de lá rebentam e crescem, rumorejando como trovoadas, té que venham n'elles embater, espedaçar-se, e cair umas apoz outras? não: por cima d'ellas se arremessarão como tufão que as curve, as rasgue, as atormente, redemoine, atropelle, e desfaça. Este he o pensamento d'El-Rei, ao pensamento seguio o feito, ao feito as maravilhas. — Da parte do poente, d'onde hoje he Ourique, vinha o temporal: para ahi se arroja. Já por ordem sua a Sina [estandarte] Real se desfralda. A este signal do costume, todas as mais sinas da hoste se despem de suas fundas, e se tendem pelos ares: os balsões, ou bandeiras dos diversos senhores, hiam sempre soltos e largados ao vento. Garcia Mendes, o alferes d'El-Rei, como archanjo que leva pelos ceus diante de si cometa de destruição, se atira com aquella Sina Real ao meio da dianteira inimiga, arrôjo para os desconcertar a elles, inflamar e atrair os nossos. Desaçaimaram-se os leões! Na frente de sua batalha vóa D. Afonso com Santiago nas vozes, Portugal no coração, no rosto as furias, a victoria na alma, e a lança fatal feita e bem cerrada na mão de bronze: logo no primeiro encontro fada o resto da jornada, derruba morto a um dos reis sarracenos, e de todos o bellicosissimo, que assim ousava de se afrontar com elle. Dentro em pouco não havia em todo o campo braço vivo que não obrasse extremos. Corpo por corpo era já o pelear: peleja de cem mil pelejas a um tempo, espectáculo estranho e soberbo, se para elle houvera espectador! Dianteiras, sagas, costaneiras, tudo se descompoz e derramou: os dois campos são um campo, os dois exercitos uma só voragem de vidas, as meias luas se tecem com as cruces, os capelhares e albornozes de mil côres com os corpos negros de malha de ferro, as palavras da nossa ainda rude e já formosa lingua com as arabes altivas e sonoras, o nome do Apostolo com o de Mafoma, o de Deus com o de Allah: tudo revolve e baralha o espirito de destruição. Assim fervem na caldeira horrenda do fundidor os varios metaes de que ha de saír um colosso, que em pedestal inabalavel conte as idades ás idades, e viva ao longo d'ellas vida de Deus, sem morte, nem quebra, nem mudança! — Particularisar feitos não he possivel; faziam muito os nossos avós, contavam pouco, nada escreviam. Em vão procuramos soprar o pó ao painel de suas gentilezas; só uns longes apparecem das côres primitivas, só traços do desenho destravados e soltos. Se alguma cousa ahi se não gastou, e se vem ainda mostrando com todo o frescor e lustre, he a parte superior do quadro, o ceu. He portanto, o que d'esta jornada alcançamos, pouco para as palavras, mais que muito para a admiração. Imagine cada qual quanto mais poder e quizer, nunca excederá nem igualará a verdade. Ao cabo de largas horas de porfioso e acerrimo lidar, quando veio pelo fim da tarde, eram valles e montes de cadaveres carancudos quanto largo espaço por terrenos ondeados se desenrola desde o lado de Ourique até Cabeças de Reis, onde a tradição nos aponta que os reis mouros acabaram degolados, e com elles a batalha, e com a batalha o dia, e com o dia o imperio futuro dos Sarracenos em Lusitania: por sobre seus irmãos defunctos levavam-se os captivos em rebanhos de milhares; milhares de fugitivos, arremessadas de si as armas, ora procurando-se uns a outros para se afoutarem, ora, e logo, separando-se por não redobrar os riscos, hiam correndo pelos longes sem saber para onde, imaginando de toda a parte a Cruz que os seguia e os esmagava; as ribeiras Cobres e Terges fugiam ambas sanguinolentas, e retingiam longamente o Guadiana; e sobre terra empapada em sangue, por entre as pedras e moutas refervidas em sangue, os cavallos, os cavalleiros, os peões, tudo ostentava a mesma côr, por entre cuja terribilidade só o luzir dos olhos se estremava.

De alegria, e mui outra da vespera, foi a noute: pousavam em terra que elles mesmos baptisaram, e ja patria; anteviam possivel um porvir de descanço; hiam-se tornar a suas pousadas com despojos e servos para suas familias, com offerendas para suas Igrejas, com a historia de um portento para seus filhos, com um grande Rei feita sua para cabeça, escudo, e esperanza da sua patria, e com os caminhos abertos e desimpedidos para com elle, se aprouver, colherem mais patria, mais despojos, mais fama. — Ajudemos com o nosso echo o galardão devido aos valentes de tal dia. O como se cada um assignalasse ignora-se; que todos se houveram dignos do nome portuguez e de seu Capitão, não consente dúvida; e estes foram: Egas Moniz e seus filhos Sueiro Viegas e Moço Viegas; os tres irmãos Mendes de Bragança, progenie de Reis da Armenia e de Leão; os outros tres Mendes filhos de Mem de Gungar, esforçado e honrado Cavalleiro Asturiano e Capitão do Conde D. Henrique; o Alferes Real Garcia Mendes; Pero Paes, descendencia de D. Ramiro II. de Leão, e genro de Egas Moniz; Gonçalo Mendes da Maia o Lidador; Diogo Gonsalves, contraparente d'El-Rei; os dois Fafes, Godinho e Egas, filhos de um Alferes do Conde D. Henrique; o rico-homem Paio Guterres; Martim Anaia; Gonçalo Dias o Cid; D. Fuas Roupinho Alcaide de Coimbra, que mais celebre veremos depois pela primeira victoria naval de Portuguezes; Fernão Pires que succedeu a Egas Moniz no Officio de Trinchante ou Veador da Casa; e Martim Moniz, de quem fallaremos na tomada de Lisboa. N'estes poucos nomes, escapos ao tempo, se jactam de prender muitas nobrezas e fidalguias ainda hoje existentes.

Tres dias permaneceram os vencedores na posse do campo, segundo a usança. Quando veio a Assumpção, aos quinze de Agosto, presentes El-Rei, os seus Cavalleiros, e toda sua gente, faziam-se em Coimbra as pomposas festas da victoria: alardeavam-se pelas ruas os capti-

vos e despojos, celebrava missa na Cathedral o Bispo de Coimbra D. Bernardo, echoava por aquellas abobadas gothicas o Sermão de graças do Arcebispo de Braga D. João, girava pelas praças com edificação e enlevo do povo uma apparatusa e solemne procissão, corriam-se canas e touros com os outros jogos e passatempos tão bem acceitos nas Hespanhas, e com tanta razão bem acceitos entre gente namorada da guerra. Estas festas se estenderam por muitos dias e noites, de que para muito tempo deveram de ficar saudades e memorias até filhos e netos.

Ah! saudades e memorias são as unicas flores do campo do passado! mas as memorias se desbotam, as saudades murcham ainda mais depressa. Vãmente nos promettemos immortalidade em terra de morte, e permanencia em mundo de mudanças: do caminho da náu só ficam espumas que se apagam; do raio só echos e fumos que se dissipam; das façanhas dos heroes apenas um ruido que logo com outros mil ruidos se confunde e desbarata. Triste he este apressado ceifar e comer do tempo no que elle proprio semeou: porem mais triste he de ver concertado com elle o homem, ou barbaro e demolidor, ou descurioso e adormecido. — Em Ourique, ali onde obeliscos e piramides seriam pouco, nem piramide, nem obelisco, nem pedra se levantou por espaço de quatrocentos e trinta e tres annos, o que era faltar o brazão de armas no solar da Monarchia. Foi El-Rei D. Sebastião visitar o sitio; bem eram dignos um do outro, visitador e visitado: no coração lhe doeo ver a gloria do maior feito, e que mais o incendia em invejas, sepultada sem epitaphio (porque lhe não segredou então ao ouvido o Anjo bom os seus proprios futuros?). Determinou de pagar a dívida de quatro seculos. Onde orava o penitente embaixador de Deus, alçou um templo, que ainda em grande cidade seria grande, e em um arco magnifico, mandou se gravasse com elegantes letras o successo, as quaes em linguas dignas de o relatar, em linguas Romana e Portugueza, diziam:

— *N'este logar, estando o feliz D. Affonso Henriques para entrar em conflicto contra Ismar e outros quatro reis de Sarracenos, e innumeravel multidão de barbaros, foi victoriado Rei Principeiro de Portugal: e instigado por Christo, que na Cruz lhe appareceu, a se haver esforçadamente, com sua gente pouca tamanha destruição fez nos inimigos, que o confluyente dos rios Cobre e Terge trasbordou sangue. E para que, pelo desfreqüentado do sitio, se não viesse a desluzir d'elle um tío grande e estupendo feito, D. Sebastião I Rei de Portugal, admirador do esforço militar, e acrecentador da gloria de seus maiores, algado este Padrão, lhe restaurou a memoria.*  
O templo lá está, he a Matriz de Castro Verde; do arco são in-

certas as noticias: por onde, se realmente foi edificado, e n'elle aberta a letra, bem fez o eloquente Mestre que a compoz, André de Rezende, de no-la conservar em seus livros, que assim tinham de sobreviver aos marmores. — N'outro monumento, erigido no proprio logar, onde memoram que tinha sua pousada o Santo solitario, e he a Igreja das Chagas do Salvador, hoje Senhora dos Remedios (piedoso soa a ouvidos christãos o nome recente, porém o antigo, sobre piedoso, pregoava o tradicional prodigio da appareição, e a origem das quinas em nossas armas) vão a idade e o desprezo fazendo seu officio; não tardará que o consummam. — Mas que muito, se de novo tropheo, já em nossos dias levantado pela Rainha D. Maria I, só umas desconsoladas ruinas apparecem!

E não nos envergonharemos da nossa descuriosidade? e não acordaremos a este continuo desabar do passado? Não haverá outra mão de Rainha, ou de Rei, ou de Povo, que acuda a salvar, por qualquer preço que seja, o derradeiro livro da Sibilla, que se vai ao fogo? Não ha quem dê uma esmola á gloria Portugueza, que se morre ao desamparo? Nem ao menos por ser a primeira pagina, e a do titulo nos fastos da nossa monarchia, guardaremos esta com ciúme d'entre tantas já perdidas?

Mas emfim o que monumentos não brilham, brilhará a terra: lancemos por ella os olhos. Que são hoje estes campos triumphaes de Ourique? prosperam, florecem ou folgam sob os netos de seus redemptores? Dissereis que as imprecações dos mouros na hora da agonia, ali ficaram com elles enterradas, para se desenvolver e brotar seu fructo em nossos dias. N'esse torrão calado e nú, de rotas e escuras aldeas, e choças immundas, habitação de mendigos, corre a lava da guerra, que tem seu vulcão vividouro nas montanhas do Algarve: não guerra de christãos com musulmanos, não guerra de naturaes com estrangeiros, nem ao menos de grandioso espectaculo, fatora de heroicidades, cheia de esperanças e de porvir: mas guerra de irmãos, guerra de punhal, guerra por brenhas, como caçada de javalis, guerra emfim cujos triumphos, quaesquer que sejam, são sempre lucto, porque todos seus golpes acertam no coração da patria, e cujo padrão, se lho podessemos levantar, mereceria que nossos descendentes o arrazassem, para poder olhar uns para os outros e amar-se. — Aqui nos cahem as mãos e a vontade: começáramos tecendo uma tão farta corôa de louros, hiamos a remata-la, e vê-las as pontas de suas ramas se nos converteram em cipeste! Foi o presente quem lhe deu olhado e a bafejou; larguemo-la já, que está contaminada, e refujamos com o pensamento para as eras Portuguezas, a colher outras frescas e viçosas.

## NOTAS.

Pag. 17. col. 1. lin. 32. — Lê-se na *Chronica Gottorum*, documento de grande credito e quasi coevo, o seguinte: *mulieres ibi affuerunt amazonico ritu belligerantes, sicut exitus postea prohibuit in eis quaz ibi occisæ inventæ fuerunt.*

Pag. 18. col. 1. lin. 35. — Ainda que tudo o que de Santiago trazemos, seja episodico, nem por isso nos peza de o haver tractado com extensão, antes sim de nos termos acanhado com escrúpulos alheios, omittingo muitas noticias curiosas portuguezas e castelhanas sobre o assumpto. As romarias, os votos, o culto, o valimento, os milagres de Santiago pertencem ás historias antigas d'estas partes, como as mythologias ás historias dos povos remotos, como o cheiro proprio a cada genero de planta, como a alma ao corpo vivo. A scena que fantasiámos no serão do arraial he de grande probabilidade, não só verisimil, para a epocha em que vai, na qual principalmente andava accessa a devoção dos povos e reis para com o Santo.

Pag. 18. col. 1. lin. 46. — No *Chronicon* do Cerratenense, que Flores, seu primeiro publicador, na *Espana Sagrada T. II. P. II. Cap. V.* attribue ao meado do Sec. XIII, lê-se: *Era DCCCCLXXII. [he o anno 934] Rex Ramirus commisit prælum cum Saracenis, Divo Jacobo visibiliter adjuvante: et excussit grave jugum a cervicibus Christianorum: nam usque ad illum diem dabant eis C. virgines deludendas.* — Cita-se um privilegio que o proprio D. Ramiro dera á Igreja de Compostella, aonde vem affirmada a appareição, e declarada a obrigação em que fica elle e todo seu reino, de pagar para o Santo um tributo de pão e vinho, á maneira de primicia, d'onde veio ficar a Casa muito grossa em rendas.

Pag. 18. col. 1. lin. 71. — Tudo quanto no texto relatamos, incluido nesta falla, he provavelmente mais tecido de mentiras que de verdades. Fez o tempo seu officio, que he desgastar estas, e semear aquellas. Fr. Bernardo de Brito, que isto refere muito largamente, na *Parte II. da Monarch. Lus. Liv. VII. Cap. XXXV.*, abona-se, parte com documentos que pouco provam, parte com as tradições dos moradores e visinhos dos proprios logares. Essas tradições, assim como os nomes antigos de Mansores, Cabeça de Almansor &c. explicados da maneira que dizemos no texto, ainda lá duram, de que fomos não ha muitos annos testemunhas.

Pag. 18. col. 2. lin. 14. — *Imposit. . . nomina Boanerges, quod est filii tonitru. S. Marc. C. III. v. XVII.*

Pag. 18. col. 2. lin. 54. — Diogo Gelmires, Cancellario do Conde D. Raimundo, genro de D. Affonso VI e por elle Governador de Portugal, antes do Conde D. Henrique, foi Arcebispo de Santiago, em cuja Sé se conservam d'elle grandes memorias, sendo uma ter alcançado do Summo Pontifice a preeminencia dos sete Conegos Cardeas para a sua Igreja, e ultimamente a dignidade de Metropolitana, que d'aquelle tempo até ao presente conserva, sendo antes sujeita á Igreja de Braga. Foi este Arcebispo quem encomendou a tres Conegos da sua Igreja a feitura da *Historia Compostellana*, cujo he principal assumpto o mesmo Prelado.

Pag. 19. col. 1. lin. 65. — A Igreja que D. Affonso o Casto edificou em Compostella, ao Apostolo Santiago, era de pedra e barro, e assaz rude: D. Affonso III, o Magno, a concertou mais sumptuosamente. Os reis seguintes a foram á porfia engrandecendo, e os papas, conformando com os seus rogos e devoção, lhe vieram concedendo muitos indultos e graças especies. O papa João VIII mandou consagrar a Igreja: foi Urbano II quem trasladou a cadeira episcopal de Iria para Compostella, e a desujeitou da Metropoli de Braga: Paschoal II a autorizou com sete cardeas em Maio de 1103, e concedeu em Outubro do seguinte anno ao bispo de Compostella o palio archiepiscopal: Callisto II deu ao arcebispo de Compostella a metropoli de Merida em 1120. Uma das maiores excellencias d'aquelle casa, foi a que por então lhe começou, sendo o voto de ir a Santiago exceptuado como o de Jerusalem. A admiravel Igreja que hoje existe, foi obra do primeiro arcebispo D. Diogo Gelmirez, o qual metteu a arca de marmore com o corpo em uma abobada debaixo do altar mór. Segundo a *Historia Compostellana*, d'onde extraímos muitas das noticias que vão n'esta parte do texto, por este mesmo tempo foi a cabeça do Santo trazida de Jerusalem por ordem de D. Urraca, filha do mesmo Rei D. Affonso VI, e posta juncto com o corpo pelo mesmo arcebispo Gelmirez. Em quanto porem os gallegos assim se presam de possuir o martyr, a mesma presumpção ostentam muitas outras Igrejas. Já lá vai o tempo de se discutirem muito profunda e eruditamente essas piedosas contendas: custa a acreditar até que o Apostolo viesse em vida ás Hespanhas, onde podesse por prin eiro bispo de Braga a S. Pedro de Rates, quanto mais depois de morto: todavia a Igreja hespanhola allega por si muitas, e antiquissimas tradições e monumentos, como se pode ver até não mais, nos dois valentes volumes em folio, que com o titulo *Expeditio Hispanica Apostoli Sancti Jacobi Majoris Aserta*, publicou em Lisboa de 1727 a 1732, e dedicou a El-Rei D. João V, o eruditissimo D. Manoel Caetano de Sousa.

Pag. 19. col. 1. lin. 79. — Allude-se á mercê feita á Villa de Cornelian pelo Conde D. Henrique, por occasião de ter ido com sua mulher visitar a casa de Santiago em 1097. Para mais clareza remettemos o leitor curioso ao *Cap. XV. do Liv. VIII. Part. III. da Monarch. Lusit.* onde vem trasladada a escriptura, na qual entre outras cousas são para notar estas palavras, por onde começa: *Glorioso et venerabili patrono nostro domino Jacobo . . . quia in nostro dominio et dicta ecclesia consistit omnis portugalis provincia &c.*

Pag. 19. col. 2. lin. 12. — Das circumstancias da tomada de Coimbra por D. Fernando I. de Leão em 1064 he documento principal, antes unico, uma escriptura de doação feita pelo mesmo Rei ao Mosteiro de Lorvão, em o dito anno, trasladada por Brito na *Part. II. da Monarch. Lusit. Liv. VII. Cap. XXVIII.* he instrumento curioso pelas noticias, e pela singelleza e sabor biblico do seu latim. O Sr. João Pedro Ribeiro, que della faz larga menção na primeira das suas *Dissertações Chronologicas* pag. 41 e seguintes, tem-na por suspeitosa; porem as razões que allega não nos satisfazem, e por ex. a 5.<sup>a</sup> = *O socorro que ali se suppõe dado a D. Fernando pelo mosteiro de Lorvão, era mais natural ser-lhe prestado pelo Bubalense ou da Vazariça, igualmente visinho, e muito mais opulento* — além do pouco peso de tal discurso, achamos o mesmo facto authenticado pelo Romance XIII. do *Romançero do Cid*, talvez anterior ao Seculo 13, colleção que muitas vezes tem sido citada para testemunhar a historia d'aquelles tempos obscuros, da qual o auctor não teve conhecimento, nem, segundo nos parece, o proprio Brito, porque nos não lembra que jámais com ella argumentassem. O outro tanto dizemos da 6.<sup>a</sup> razão de suspensão, que se desvanecia tambem com aquelle mesmo testemunho. Para credito d'este Documento, he acrecesce, além da desartificiosa singelleza do seu estilo, que desdiz singularmente do genio de Brito, seu primeiro publicador; além dos dois fundamentos com que o celebre paleographo impugnador, não deixa de o abonar a pag. 44 da sua citada Dissertação; além da sua coherencia com as memorias do tempo; além da autoridade de Mariana que mostra ter alguma noticia d'elle, na sua *Historia General de Espan. Liv. IX. Cap. II.* publicada pela primeira vez alguns annos antes da primeira edição da *Monarchia Lusitana*; acrecesce, dizemos, para seu credito, o não mencionar a milagrosa appareição de Santiago. Outros são os que a contam, a saber, os Romanceiros antigos, que ou da tradição a receberam, ou a crearam e legaram á tradição; d'onde, e de nenhuma outra fonte, a tomaram os piedosos espiritos que a entreteceram nas legendas, e os historiadores faecis, que d'ahi a adoptaram para suas historias. — Importa agora dar razão dos cinco Romanceiros, com que rasgámos a prosa do texto. Entendemos que facultando-nos licença para o fazer, o genero da nossa escriptura, que logo para isso no Prologo o declarámos, nunca podia ser que melhor coubesse esta novidade, do que no assumpto que ora tinhamos entre mãos. ¿Cairiamos porem em anachronismo, tratando-o em verso, e na forma ritual de Romance? cuidamos que não, e breve diremos os porques. — De que o metro fosse usado em Portugal n'aquelle idade, e ainda nas anteriores, para objectos não só de amores, porem tambem de heroicidade, são prova os troços que nos ficaram de poesia portugueza, a saber, a Canção de Gonsalo Hermigues, as duas Cartas de Egas Moniz Coelho, o fragmento do poema da perda da Hespanha, as Cantigas a Gosto Ansur, e o Cancioneiro do Collegio dos Nobres, publicado em Londres por Sir Charles Stuard, obras estas de que algumas pela immensa diversidade de sua



artefactos, por incuria e ignorancia do vulgo se tinham consummado, perdendo-se por este modo um meio muito proprio e adequado, para verificar muitas noticias da veneravel antiguidade, assim sagrada como politica; e luz da verdade e conhecimento dos seculos passados que, no que restava de semelhantes memorias, e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno, em que pôde ser muito interessada a gloria da Nação Portuguesa, não só nas materias concernentes á Historia secular, mas ainda á sagrada: E desajando El-Rei contribuir com seu Real Poder para impedir um prejuizo tão sensivel, e tão damno á reputação e gloria da antiga Lusitania: Houve por bem em Alvará de Lei de 20 Agosto de 1721, que d'ahi em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade, e condição que seja, desfaça ou destrua em todo, nem em parte, qualquer edificio, que mostre ser d'aquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado; e da mesma sorte as estatuas, marmores e cippos, em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Phenices, Gregos, Romanos, Goticos, e Arabicos; ou laminas ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros ou caracteres; ou moedas, que mostrarem ser d'aquelles tempos, nem dos inferiores até o reinado do Senhor Rei D. Sebastião; nem encubram ou occultem alguma das sobreditas cousas; encarregando ás camaras a conservação e guarda dos ditos objectos, e obrigando-as a dar conta dos que se descobrirem, ao secretario da dita Academia Real, para que esta dê a providencia necessaria para que melhor se conserve o monumento descoberto: e sendo medalhas ou moedas as possa comprar. Ás pessoas de qualidade que desfizerem os edificios daquelles seculos, ou deteriorarem ou esconderem qualquer das mencionadas cousas, impoem por pena que alem de incorrerem no desagrado Real, experimentarão tambem a demonstração que o caso pedir e merecer a sua desatenção, negligencia, ou malicia; e ás de inferior condição manda applicar a Ord. do Liv. 5. Tit. 12. §. 5. aos que fundem moeda. Obriga outro-si as camaras a comprarem pelo seu justo valor as medalhas e moedas antigas que remettersão á Academia Real, que lhas pagará. — Pelo Alvará com força de Lei de 4 de Fevereiro de 1802 fez o Principe Regente suscitar estas providencias, *mutatis mutandis*, ficando em vez da Academia Real de Historia, já não existente, a Real Bibliotheca Publica de Lisboa; pertencendo ao Bibliothecario maior toda a correspondencia com as camaras, o qual deveria fazer tudo presente a S. A. pelo Ministerio da Fazenda, para do governo se determinar o necessario, tanto para a compra como para a conservação das medalhas, e semelhantes objectos. — Não nos deteremos em demonstrar a insufficiencia d'estas leis; o tempo a tem já provada, fazendo-as cair em desuso; e agora seriam de mais a mais contrariadas pelo systema e formas politicas actuaes. Consta-nos que já o dignissimo Bibliothecario mór, que hoje he, representou ao Governo em Janeiro d'este anno de 1839, a necessidade de novas providencias; mas na alçada do Governo só cabe apresentar um projecto de lei á approvação das Côrtes, com o que muito se acreditaria, e solicitar a brevidade. A duas cousas cumpre que principalmente se attenda na nova lei: 1.<sup>a</sup> que a vela dos monumentos fique a cargo de quem possa, queira, e saiba: 2.<sup>a</sup> que se definam melhor, e se abranjam mais completamente as antigalhas a que se der privilegio, e foro de vida, levando sempre o olho, em que de todas ellas são as mais valiosas as que mais nos forem de casa, e as propriamente portuguezas, do que as phenicias, gregas, persas, romanas, godas, e arabias; cousa a que nos citados Alvarás se desatendeu, deixando-se tantos seculos ricos e portuguezes fóra da arca da salvação.

## SITIO E MONUMENTOS DA JORNADA DE OURIQUE.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA, Pag. 26.

A maior parte das noticias que imos a dar ainda não havia sido publicada, nem tão pouco a Estampa dos Monumentos 1, 2, e 3. Para estes trabalhos, assim como para o Mappa do sitio de Ourique, nos ajudaram muito com informações, por mais de quatro mezes de assidua correspondencia, pessoas muito respeitaveis, moradoras ou visinhas dos logares. O Sr. José Maria Esteves, de Béja, nos obsequiou com desenhos dos tres monumentos, serviço generoso a nós e ás letras, que lhe custou não só passos e despesas, mas até perigos, pelo pouco seguro que, á conta da guerra civil, então offerecia o Campo de Ourique, aos que transitavam.

Fig. 1.<sup>a</sup> Igreja Matriz de Castro Verde. — Antes do anno de 1573 não houve monumento algum á batalha de Ourique. D'isso se faz queixume na Chronica, tão desconhecida como curiosa por antigalhas, que da ordem dos Carmelitas imprimira, um anno atrás, Fr. Simão Coelho. Existia contudo em Castro Verde, uma capellinha a cair em ruínas, da qual dizia a tradição haver sido oratorio do ermitão, que alguns querem, com pouco fundamento, se chamasse Leovigildo Pires de Almirda: e a capellinha servia de freguezia, sendo filial da Matriz de N.<sup>a</sup> Senhora da Graça da Villa de Padroes. — Hia-se El-Rei D. Sebastião em 1573 fortificar os portos maritimos do sul do reino, contra as invasões dos mouros, com uma apparatus comitiva de creados e fidalgos da sua casa e côrte. Depois de ter assistido a um Auto de fé em Evora, e em Béja a um combate de touros, chegou a Ourique, estranhos não achar pedra, nem letra que fallasse de tamanhas glorias, havendo só a ermida meio delida dos annos. Deu ordem com que se renovasse avantajada e grandiosa, e de mais se erigisse um sumptuoso arco, para o qual foi feita a seguinte inscripção, pelo Mestre André de Resende, que d'isto nos falla no Liv. IV de *Antiquit. Lusitan.*

*Heic contra Ismarium, quatuorque alios Saracenorum Reges, infulmura multitudine, pugnaturus felix Alphonsus Henricus, ab exercitu primus Lusitaniae Rex appellatus est: et a Christo, qui ei crucifixus adparuit, ad fortiter agendum communitus, copis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. Ingentis ac stupendae rei, ne in loco ubi gesta est, per infrequentiam, obsolesceret, Sebastianus I. Lusitaniae Rex, bellicae virtutis admirator, et majorum suorum gloriose propagator, erecto titulo memoriam renovavit.*

Não poucas duvidas recessem acerca d'este arco, que já não apparece. Seria, como os triumphaes dos Romanos, obra independente, e debaixo de ceu? deverá haver d'elle algum vestigio. Seria o proprio arco interior da Igreja, como alguns se persuadem? mas n'esse, ainda concedendo que lhe possa caber a qualificação de sumptuoso, não se lê uma só letra. Valerá para aqui a desculpa com que vem acudindo Sousa na *Historia Genealogica*, quando diz que o tempo fez na inscripção os seus costumes estragos, e os moradores ainda maiores com a sua incuria, encobrendo esta admiravel inscripção com os ornatos da Igreja? impossivel que dois seculos escassos nossem letras gravadas em pedra, e dentro de uma igreja: falso que se afogasse a inscripção com ornatos, porque taes ornatos não ha, nem signal, nem memoria delles, sendo o arco, nas dez varas de sua altura, totalmente despido e liso. Inclinamo-nos por tanto ou a uma opinião, que já, segundo o mesmo Sousa, fóra de um Ex.<sup>mo</sup> Erudito, o qual duvidou de haver sido posta a inscripção, o que não contradiz o testemunho de Resende, que assevera sim ter sido construido o arco, mas fallando da inscripção, só diz que lha encobriam: ou a que ella existio até ao anno de 1727, vindo-se a perder por occasião da renovação que da Igreja mandou fazer El-Rei D. João V. O que nos livros da Camara de Castro Verde se diz a respeito do arco e sua inscripção, nos deixa nestas mesmas incertezas. — Voltemos á Igreja. Edificou-a El-Rei D. Sebastião já com a valentia de paredes de 16 1/2 palmos de grossura, se portas na frente, uma torre, duas sacristias com portas para a capella mór, tudo bons marmores e ricas madeiras do Brazil, com abobada e orgão: e pelos livros da Camara de Castro Verde consta que lhe pozera o titulo de Basilica. Correndo o anno de 1727, o Prior que então era veio a Lisboa [segundo os livros que existem da Comenda da dita Villa de Castro Verde] representar a El-Rei D. João V, que não era a Igreja capaz dos freguezes que tinha, e pedir-lhe a mandasse acrecentar. Deferio El-Rei, movido tambem do desejo de concorrer, como o seu predecessor D. Sebastião, para a permanencia de uma tão honrada memoria e antigalha, como aquella: e mandou applicar para a obra os dinheiros da Comenda então vaga: saiu a Igreja magestosa com trinta e tres varas e meia de comprimento [sendo as seis e meia de acrescimo] sobre o eixo de largura, e quatorze e meia de altura até á cimalha. He apparencia, sobre magnifica e rica, mui formosa, por qualquer modo e parte que os olhos a tomem. Nas paredes, de alto abaixo, vestidas de bem fadados azulejos, pôde o curioso menos instruido lêr por cima os primeiros capitulos da Historia Portuguesa, pois que n'elles, á semelhança de quadros se representam os varios lanços da Jornada de Ourique, sem inscripções, nem as carecem; tanta he a viveza da pintura! No cimo do entalhe da Capella Mor apparecem as Armas Reaes, indício de Basilica; e por prova do affeito Real, se guardam nos quatro altares lateraes muitas reliquias mandadas pelo mesmo Soberano, cujo foi tambem presente o orgão actual do côro, as suas vestimentas e custodia. Por cima do arco cruzeiro vê-se o Apostolo Santiago. Na parte interior de um segundo arco, onde diz a frontaria do côro, estão as Armas Reaes desde D. Afonso Henriques até D. João II. — He o exterior singello, mas elegante: as torres tem 20 varas de altura, 26 palmos em quadro: a frontaria da Igreja, comprehendendo as duas torres, 18 varas e 2 palmos de largura: de torre a torre corre uma varanda espaçosa. Sobre o portal da entrada, que he de marmore, veem-se as armas de S. Thiego da Espada. Este edificio he circundado de hum adro todo ligeado de cantaria, tendo de comprimento 64 varas, e 20 de largura, passeio mui saburoso para os moradores da villa, pelas tardes do verão.

Fig. 2.<sup>a</sup> Igreja das Chagas do Salvador. — Esta Igreja, chamada hoje da Senhora dos Remedios, em Castro Verde, e visinha da Matriz, foi primitivamente levantada, segundo tradição que entre os visinhos dura, pelo proprio Rei D. Afonso Henriques, no logar da gruta do ermitão; vindo-nos desta maneira a ficar honrados os assentos, tanto da pouxada do servo de Deus como do seu oratorio. O nome de *Senhor das Chagas*, que tambem pôde parecer monumento, creem ter-lhe sido dado logo então por El-Rei. Esta mesma tradição se acha repetida em uma sentença obtida pela Camara de Castro Verde contra a Camara das villas de Almódovar e Padroes, em 19 de Novembro de 1626. Em tempos de Philippe III, e andando o anno de 1620, obteve a Camara de Castro uma Provisão para se fazer ali uma feira franca, applicados os rendimentos dos terradeiros para a reedificação e alfaias da Igreja: e outra depois em 7 de Maio de 1623, continuando o favor para remate do começado. Poz embargos a Camara de Almódovar e Padroes, pelo prejuizo que vinha á sua feira de Santa Barbara, mas decaio por sentença de 19 de Novembro de 1626, e concluiu-se a obra. He este templo muito menos alteroso que o outro, posto que a estampa inadvertidamente represente o contrario: tem contudo 22 varas de comprimento e quasi 7 de largura, com sua abobada ricamente pintada: por cima do arco cruzeiro vê-se, em talha de madeira, dourada, e muito bem trabalhada, a apparição de Christo a D. Afonso; e em cada parede lateral, quatro paines de pintura muito miuda e curiosa, e os diferentes passos da Jornada de Ourique. O altar mor he dedicado ao Senhor das Chagas. Os direitos que a Igreja recebia pelo terreiro e piso da feira acabaram em 1834. Começa a querer arruinar-se, e se lhe não acodem breve virá a terra.

Fig. 3.<sup>a</sup> Padrão da Rainha D. Maria I, em Ourique. — Saíndo da Matriz de Castro Verde, pela porta travessa da direita, contra o noroeste, fica fronteiro, e em curta distancia, um largo, a que chamam o Paço, onde se edificou o Padrão. A altura, comprehendendo os cinco degraus (e não se tem que enganadamente mostra o desenho), he de 25 1/2 palmos, a circunferencia do 1.<sup>o</sup> degrau 73 pés. He tudo de bom marmore de Montes Claros, junto a Estremoz; e o busto da Rainha de finissimo jaspé, e de subtil lavor; a coroa, sobreposta á esfera, dourada. Leamos as inscripções da base, que ainda estão vivas, e são em letra mauscula Romana. — Na face lateral da parte da Igreja, a inscripção de Resende, até ás palavras *cruore inundarint*. — Na face principal, e por baixo do busto: *Primi Portugaliae Regis Alphonsi virtute et armis a Saracenis liberi, Prince Portugaliae Reginae Mariae, Alphonsi Sobolis, Sapientia, Curis et Magnificencia felices, Agri Ouriquensis incolae, Ulrique, ob egregiam in bello et pace meritum, grato in Ulrique animo possidere, anno MDCCXXI*. — Na face lateral da parte opposta á da Igreja: *O Corregedor da Comarca Jacinto Paes Moreira de Mendonça o fez executar a 9 de Maio de 1792*. — Quando este bello monumento estava pelo delgado inferior da piramide, com uma vendaval, na vespera da Senhora da Conceição de 1803, partio se a dita piramide em tres pedações: um até pouco acima do busto, o qual busto ficou sem macula e se conserva estimado na sala da Camara de Castro; este troço mandou-o a Camara em 1835 converter em pia para beberem os animaes, a qual está collocada junto ao Poço Canavial, na distancia de um tiro de bala: — o segundo troço, d'ahi até ao capitel, serve hoje de humbreira na guarda construida por detras do Colleiro da Comenda, antigamente palacio dos Duques de Aveiro, onde se conservam ainda as suas armas, e hoje cavalherias da Nação; sessenta passos desviado do Padrão: — o restante, a saber, capitel, esfera e coroa, fez-se pedações: — a base, começava a estragar-se, mas está segura com uma cinta de ferro com que a Camara lhe acudia em 1835.

Fig. 4.<sup>a</sup> Mappa do Sitio da Batalha de Ourique. — Valeu-nos muito para este Mappa, outro que em 1813 publicou o Bispo de Béja D. Fr. Manoel do Cenaculo, n'um opusculo tão curioso como raro, com o extravagante titulo: *Gracias concedidas por Christo no Campo de Ourique, acatadas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades*. Era porem esse seu esboço consideravelmente imperfeito, com as confrontações dos ventos erradas, e em tanta maneira desconcertada nas proporções, que a applicar-se-lhe a escala, que não traz, sairia, por exemplo, Castro Verde, só por si maior por ventura de duas leguas. Obtivemos depois pela amizade e bom zelo de um mancebo de Béja, cuja modestia não consente que o nomeemos, muitas informações, que mandou tomar cuidadosamente dos proprios sitios; á vista das quaes, e do Mappa já impresso, poude o nosso amigo, o Sr. Varnhagen, desenhá-lo por aproximação a Carta que apresentamos.

Em Castro Verde, e de El-Rei D. Manoel fez villa, tinha sua tenda e arraial o Principe D. Afonso, segundo se conjectura. A Oeste, e duas leguas d'esta villa, fica a de Ourique com seu castello alto. Segundo o Bispo Cenaculo [que examinou muito mudamente estes logares, e d'elles tractou nos *Cuidados Literarios*, pag. 383 e seguintes, de que algumas vezes nos aproveitaremos] principia a batalha para este lado, o que bem conforma com as palavras da Chronica Gottorum, *bellum committit in loco qui vocatur Aulic*, e com as do Chronicon Lameense, *in loco qui dicitur Oriac*. — Na distancia de duas leguas, na entrada da serra, se acha outra fortaleza, de mais de 800 passos em circuito, chamada hoje da Senhora da Colla, em uma empenhosa inacessivel por toda a parte. Na cabeça dos outeiros que a avizinham por dois lados, e d'onde, como lembrou a Resende, se derivaria, pelo nome latino de *Collis* ou de *Colla*, encontram-se vestigios de fortins, que eram uma especie de reductos e atalaias, que avizavam e dificultavam o passo, dispostos de quarto em quarto de legua, e menos. Podem aquellas fortalezas ser dos Romanos, ser dos Mouros, e por ventura dos Lusitanos velhos, que viviam *more spartiano*, como diz Strabão. A fabrica das muralhas, das quaes algumas tem 12 palmos de largura, não tem a liga Vitruviana, solta-se, o que pôde ser tambem da velhice: em parte são de lajeas sobrepostas seccamente. A fortaleza da Colla, em tempos de Resende (*Antiq. Lusit. Lib. IV*), conservava ainda as suas muralhas e torres, obra tosca e de alvenaria, mas accomodada á defensão pelo difficuloso do accesso: no angulo de uma torre semigradada permanecia uma elegante mesa de marmore. Cenaculo diz, que a fortaleza se compõe de uma cortina simples, da qual se dá de espaço a espaço uma arca angular de mui pequena extensão, e talvez seriam os seus bastiões: mas esta obra de defensão e obstaculo tem na elle por do meio do seculo 16: e em quanto a torres, assevera não ter d'ellas achado vestigios, e que pela altura do terreno seriam escusadas: vio, como no centro da mesma fortaleza, uma cisterna antiga. Na margem de uma das duas ribeiras que ha n'este sitio da Senhora da Colla, estão por longo espaço estendidas sepulturas: na encosta da montanha achou o Bispo Cenaculo seis sepulchros, e algum de mais de 25 palmos em quadro, e de boas paredes, que serviriam para generaes e pessoas maiores. No resto de um capitel, que o mesmo Bispo descobriu, veem-se alguns listões de relevo mui simples, embarçados uns com outros em forma angular: e ahi achou tambem lapides sepulchraes de caracteres Fenicios ou Turdetanos, e com ellas estochos longos sem gume, e feitos de aço e cobre bem calcinado, com punho pouco engrossado, e virote chato, pequeno, e que fóra uma especie de orelhas, que não podem não ser da mais remota antiguidade. N'este sitio se podem ainda fazer curiosas explorações. — Continúa o mesmo Sabio Prelado a conjecturar, mas n'esta parte a nós vez sem bons fundamentos, que alcançada a victoria no Campo de Ourique, fóra pelos nossos tomada a fortaleza da Colla. — Voltando para o meiodia, vieram continuar o combate na montanha hoje de S. Pedro das Cabeças, pela parte, segundo se conta, que lles era menos embargosa, chamada *Pão de Cobotas*. Assevera-se, que o inimigo fóra ahi plenamente derrotado, e que os reis mouros acabaram a vida degolados pelos nossos, n'uma montanha a meia legua de distancia para Leste, que por isso ficou sendo chamada *Cabeças de Reis*, e que tem hoje apenas dois moradores, com quanto seja este logar productivo, e vestido em torno de asinhão e olivado. Em S. Pedro das Cabeças achou o referido Bispo signaes de fortaleza mourisca: hoje existe n'aquelle logar uma ermida dedicada a S. Pedro: e he a montanha guarnecida de asinhaes do nascente ao sul, e de lavouras ao norte. Aqui, obra de 13 ou 14 passos da ermida, jaz uma grande pedra que a fama antiga tem trazido venerada com uma fabula curiosa, porque se diz estar tapando a boca de um espaço subterraneo, aonde os cinco reis mouros se junctavam a comer sobre aquella mesma pedra, a qual então lá dentro lhes servia de mesa; e que chegando El-Rei D. Afonso, a reconhecer as forças dos mouros, e colhendo ahi os reis, entrára a cavallo pelo subterraneo, ficando na mesa assignaladas as ferraduras. De tudo isto só he verdade achar-se um penedo grande, e mais nativo e sem feição nem geito de mesa, nem signal algum de ferraduras. — Pela extensão de mais de uma legua contra Castro, quasi em linha desde Cabeça de Reis, havia varias fortificações; e alguns outeiros ainda por estes sitios conservam o nome de castellos, como são, *Castello da Ribeira*, do *Côito*, do *Monte Outeiro*, da *Caminha*, da *Amendocira*, *Castello Grande* meia legua á direita do Cobres, que he um grande monte escarpado, com um terreno espaçoso na sua empenhosa, formando uma praça de 50 passos: tem escadas rusticamente feitas, que vem dar a um grande pégo que ali ha, aonde he contado terem os mouros por costume virem fazer aguada. O *Castello das Juntas* fica no confluento das duas ribeiras Terges e Cobres, sendo a montanha pelos dois lados quasi tão perpendicular, que não era possivel ser por inimigos atacada facilmente. Entre esta fortaleza e a de S. Pedro de Cabeças, diz o Bispo, que ainda viria uma abertura, hoje entupida, que mostra haver estrada cuberta. A maior parte porem dos castellos mencionados não tem de castellos senão o nome. — As duas ribeiras *Terges* e *Cobres*, que levaram o sangue da batalha ao Guadiana, nascem, a primeira na herdade da Boa Vista, freguezia de Almódovar, a segunda na herdade de Borrinhaxas, freguezia de Castro, misturam-se no sitio onde está o Castello das Juntas, e entram no Guadiana a tres quartos de legua de distancia acima do celebre *Pulo de Lobo* [que, para o dizermos de passagem, he uma das maiores curiosidades, e um dos mais engenhosos brincoes da natureza em Portugal], tendo antes recebido as aguas das ribeiras da *Caldeira*, *Maria Delgada*, e *Albernoa*: todas estas ribeiras correm por entre serras, rochedos e matos.

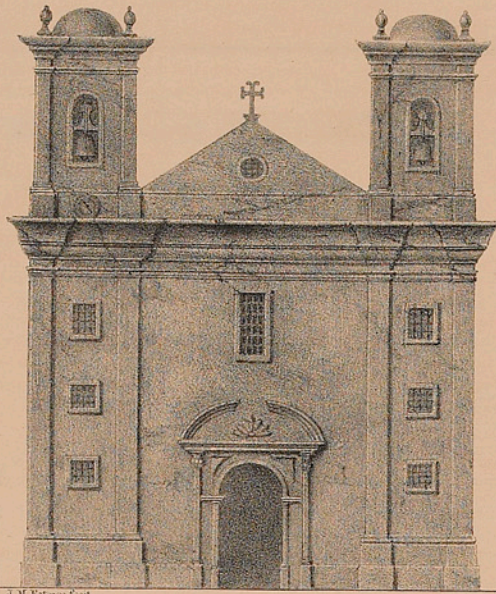


Fig 1ª

J. M. Esteves fecit  
IGREJA MATRIZ DE CASTRO-VERDE

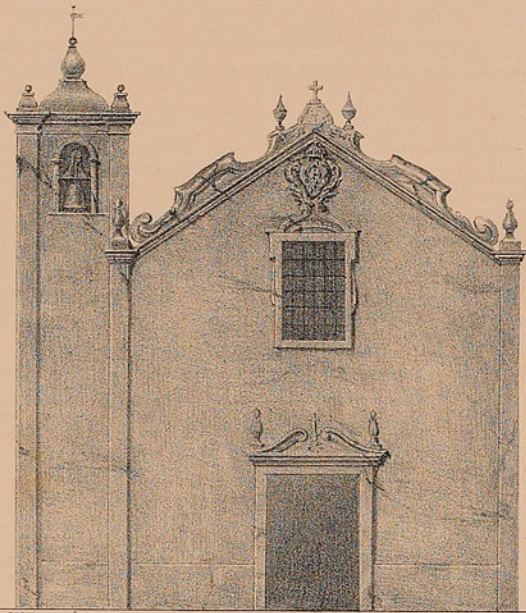


Fig. 2ª

J. M. Esteves fecit  
IGREJA DAS CHAGAS DO SALVADOR

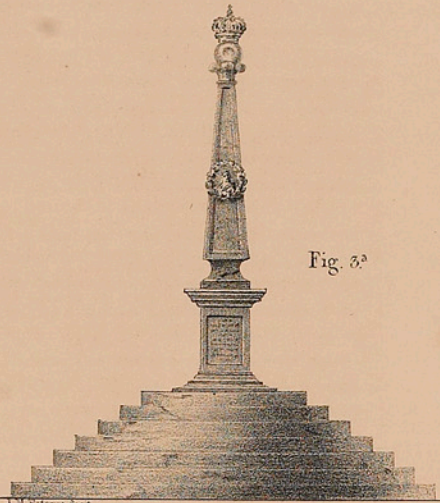


Fig. 3ª

J. M. Esteves fecit  
PADRAO DA RAINHA D. MARIA 1ª EM OURIQUE

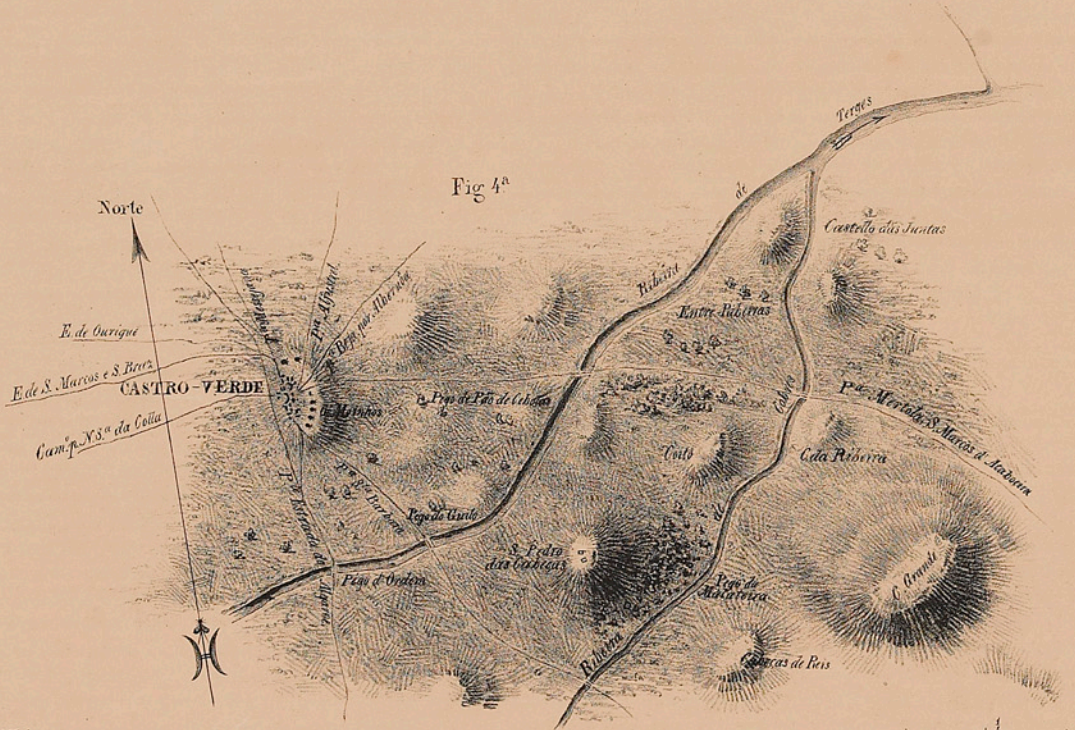


Fig 4ª

F. A. W. fecit.

1/4 Leg

SITIO E MONUMENTOS DA JORNADA DE OURIQUE

Lith. R. Nova dos Martyres II.º 12.



# POEMADA DE SANFABEE.

(ANNO 1147.)

..... O Rei subido  
A tomar vai.....  
..... o sempre ennobrecido  
Scalabicaastro, cujo campo ameno  
Tu claro Tejo regas tão sereno.

CAM. Lus. C. III. Est. LV.

## I.



A o Inverno de 1147 se queria despedir; ja Março reverdecia os sineiras, enflorava os cómoros silvosos, e arrelvava de violetas os valles, ao longo das varzeas do Mondego caudal e espelhado. Manhãs das primeiras aves, sorrisos da primeira luz, bafos macios do ceu por entre o vicejar de pimpolhos, não sois vós, não, alvoroço de contentamento, mas affecto confuso e suavissimo, esperanças mal distinctas, mais parecidas a saudades que a esperanças: dormita sonhando o coração, como lago de vida, onde se está retratando a alma; ceu immenso mas interior, que embebe em si o ceu de fóra com todos seus varios accidentes de serenidade ou serração, de nuvens de dó ou de escarlata, de sol claro, ou de luar, ou de trevas.

Pelas janellas altas dos Paços Reaes, na alcáçova de Coimbra, estão entrando virações cheirosas de primavera. Vem clareando o dia; e D. Afonso mancebo passeia ao longo das salas, por entre suas armas reluzentes, e luas douradas de estandartes captivos. Cuidados de homem e de rei, cuidados de esposo e pai, de christão e conquistador o trazem desvelado e esquivo a sonhos e descanso. A benção da estação se lhe dá sim a sentir, mas não ja como em os dias de sua infancia: então, por entre os conhecidos casaes do seu Douro, como a andorinha hóspeda do seu tecto, madrugava elle para as delicias unicas do existir, papeava e adejava como ella, todo do presente, respirando por todos os poros da alma a luz de Deus, que he como um estar possuindo o mundo inteiro. Oh que não são os reis não, senão mininos e aves, os de quem a natureza se deixa senhorear, como fera indomita que só a amores se quer render. Para flores e folguedos lhe vinha então infante a primavera, que hoje monarcha o procura para armas e lides. Costume he seu todos os annos, ao reparer da quadra dos ninhos e amores, arrancar-se ás branduras da casa; e quando tudo revestindo galas se levanta para a vida, marchar com seus valorosos para os campos dos combates e da morte. ¿Será isso crueza d'alma, instincto de abutre, ou quando menos sêde de sangue que as embriaguezes de sangue lhe creassem? ¿Será altiveza de pensamentos que, de quanto na terra verdeja, só cobice os louros e as palmas? Não: elle ama a paz, e só por amor d'ella continúa as guerras; ama os homens, e não he senão para dar a seu povo um largo reino de quietação, que se aventura com elle nos conflictos; respeita as feitura do Creador, mas jurou de exterminar os inimigos da sua fé; e se ora está para cavalgar contra elles, não he porque em seu palacio não haja doçuras que o namoram, e não só amores, mas amores de amores, que alem de recém-esposo de formosa que muito ama, ja por ella ouve em seus lares vagidos de filho seu, musica da natureza que lhe está estreado os ouvidos.

Não he ainda anno revolvido, depois que o filho de D. Henrique recebeu ao seu thálamo a Princesa Matilde ou Mafalda, filha do Conde de Moriana e de Saboia Amadeu: e elle a ama não só como a companheira dos seus dias, o consôlo das suas penas, e origem de que estão para brotar os reis seus successores, mas tambem pelo alto nome e glorias, cuja he herdeira. Mais qualificada nobreza não a havia na christandade: de heroe em heroe lhe vinha derivado o sangue desde o grande Imperador Othon II: o bellicosos principe Amadeu seu pai duas vezes fóra em Terra Santa capitão e cabeça da gente da Igreja. Formosura e virtude propria são a mais completa excellencia feminina: vendo e respirando a rosa, quem jamais lhe perguntou pelas raizes ou pelo plantador? mas a Providencia provêra cuidadosamente como na esposa de D. Afonso nem as pompas da guerra falcessem; e esta união de recordações varonis com os dotes mais suaves do outro sexo, realçando cada cousa pela sua contrária, fazia do affecto mais doce da vida, mas de que muitas vezes os fortes se envergonham, um dúplice dever, um timbre e uma auréola para D. Afonso. Laços de tal consorcio, a natureza e a fortuna, filhas ambas de Deus, pareciam tê-los apertado; havia comtudo quem os podesse estreitar ainda mais, era o filho que acabava de lhes nascer. Sobre a fonte santa do baptismo, para que n'aquella hora e lance em que se fadava para o ceu, se fadasse não menos para a victoria, do nome do avô o chamaram Henrique. Mas o auspicio terrestre era mentiroso; não vinha essa mão para o sceptro nem para a espada: anjo era emprestado do ceu ao palacio dos reis,

eram primicias do amor que Deus tomava para si; o primogenito para o throno tinha de nascer mais tarde, esse havia de ser D. Sancho. Não se futuram na vida segredos lá de cima, e emtorno ao berço do primeiro infante esvoaçam encantados os corações de Afonso e Mafalda. Ella pousa ainda quebrantada em seu dorido leito. Todo o palacio cata silencio; abunda a alegria em todos os animos, e ninguem ousa tumultuar; em respeito ao descanso da mãe reprimem-se os transportes que o filho excita: os servos empregados em seus diversos misteres, vão e vem mudos e risonhos: só o recém-nascido se ouve no aposento, e ao longo das salas o pisar d'El-Rei que, em saindo d'aquelle penetal sanctuario para lhe não perturbar o descanso, lá se vai passeando, mettido em muitas porfias de seus pensamentos. «Para Deus e para meu povo hei lidado até hoje, de ora avante para Deus, para meu povo, e para mim mesmo. Para mim tambem accrescentarei este reino, que «ja não tenho de morrer; desempenhei-me com meus avós no que até «hoje hei campeado; campear mais rijo e mais largo me cabe agora para proveito e incitamento de meus netos.» E aqui se detinha com os olhos no ceu azulado, tomando por todas partes o pezo á grande façanha que ha muitos dias trazia no animo. Agra he ella, e de crescidos perigos para sua pessoa, mas d'esses mesmos perigos se compõe sua mór formosura. Deixará porém tão cedo aquelles dois pinhores da alma? um a que nem ainda costumou seus olhos, outro de quem nunca os fartará? ¿deixa-os quando um acaba de lhe desabrochar, como em arbusto novo um primeiro botão de primavera, e o outro, por haver salvado o limiar da morte, se lhe está figurando renascido? Se elle cair, que não volte nunca mais, quem á esposa a consolará, quem ao filho será exemplo e mestre? Aqui por ventura se lhe abatia aquelle querer seguro, que nunca vacillára: mas de novo encarava as luas e a espada; uma e outras lhe acenavam partida, victoria, e tornada repentina. Qual era porem a materia d'estas dúvidas, tão a sós porfiadas da alma a dentro? ninguem o podia presumir, que El-Rei nem aos seus intimos descobria o peito, um só afóra, o qual não apparece em Coimbra, nem toma parte nas festas e regosijos que por ella vão.

Populares e senhores, mininos e anciãos, donas, donzellas e cavalleiros desatinam por todos os cabos a cidade com folgar e passatempos: mór causa tinham para elles do que lhes fóra (de sete annos passa ja) a victoria de Ourique: he nascido Rei novo para penhor da independencia, continuação de conquista, defensão e firmeza do ja ganhado. Os sinos da Cathedral e de Santa Cruz misturam com os coros religiosos das açções de graças uma linguagem de contentamento mais vivo, e com as musicas do terreiro e ruas pensamentos mais altos de esperança: todos os mais sons, como de terrestre natureza, nos ares onde nascem ali se amortecem e expiram; estes, como d'entre terra e ceu, não sómente se vão para lá das nuvens onde de homens só olhos e pensamentos logram subir, mas por ares livres se alongam de campo em campo, de monte em monte, e dos sobejos das alegrias das cidades vão repartindo com as solidões mais agrestes e apartadas.

## II.

Com o seu régio infante no regaço se estava pois Coimbra, a formosa, mui senhorilmente folgando; sentada em seu monte de primavera; com o largo Mondego a seus pés, como barra de viva prata em seu manto verde; dentro em o seu tão sereno horizonte, que parece feito de um beijo risonho do Creador; respirando felicidade, e expressando-a para toda a parte com aquellas donosas toadas, quando pela assomada dos montes d'alem, redeas endereçadas contra a nova ponte, despontava um cavalleiro. Logo que deu com os olhos em Coimbra, na fronteira encosta reclinada, deteve-se um pouco espaço, como quem ja ao cabo respirava de caminho longo e porfioso; abraçou-a com a alma; e afagando com mão agradecida e limpando dos fofos de espuma o seu bom cavallo, que tambem como elle se recobrava de alentos áquella vista, continuou a apressar seu caminho, quanto o quebrado e descaído d'aquellas vertentes lho consentia. E porque ja lhe tardava o chegar, para enganar o tempo, recomeçou, que assim he estilo de peregrinos, a so-

litaria cantiga, com que dia e noute se viera por entre balsas e pedras teimosamente desenfadando; e era esta:

### OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:  
Quem fóra planeta de tanto luzeiro!  
Que víra o que nunca ver poude um romeiro,  
Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Tejo, encantado,  
Reluz o sepulchro de tanta valia,  
E n'elle entre palmas, de rosas c'roado,  
O corpo de Iria.

As aguas co'as folhas tem longo palrar:  
Ai bordas do Tejo, quem fóra salgueiro!  
De uns psalmos soubera que ignora o romeiro,  
Segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento  
Os anjos renovam com grão melodia  
Debaixo das ondas, entorno ao moimento  
Sacrarío de Iria.

Quem fóra a serêa do mago cantar,  
Ou quem te soubera cantar feiticeiro!  
Da véa do Tejo, de noute ao romeiro  
Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos  
Nascido, creado, desfeito n'um dia,  
E como ao ceu alto por novos caminhos  
Subiu Santa Iria.

Assim descantava de noute ao luar,  
Em barca boiada sem mão de remeiro,  
No pégo de Iria, de Iria um romeiro,  
Acceso em saudades de santo folgar.

E no somno passando com esta memoria,  
Sonhou que os desejos o ceu lhe cumpria!..  
Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na glória,  
E vê Santa Iria!

### III.

A? porta dos Paços Reaes se apeava o Cavalleiro, quando El-Rei, que o ja víra de longe, vinha contra elle descendo, com o abraço feito, e a alegria do semblante tresdobrada; e travando-lhe da mão, o apartou consigo onde se fecharam.

— «Que novas nos trazeis, Mem Ramires? que novas? Entendeis que nos dará Deus logo nas mãos a poderosa Santarem?» —

— «Senhor sim (respondeu o Cavalleiro); e bem a ponto sou eu chegado, pois que vos entro por casa com as esperanças quando tudo vos são alegrias.» —

— «E nem creis vós para ave de ruim agouro, amigo Mem Ramires, Cavalleiro muito honrado de minha Corte! Mas por quanto somos sós, dizei ja de vossa secreta mensagem o principal. Por que parte acommetteremos? Como jazem lá os coitados dos nossos Templarios captivos? Ainda he vivo o santo varão Martinho? São as fortificações tão arduas, como no-las tem cá pintadas a fama? He Auzéchri, por possança de braço e animo, igual á sua temerosa nomeada? Como entrastes? como saistes? Esperam em Deus e na minha espada os nossos Christãos? .. Ja a alma vos digo que me não cabe no peito, nem em Coimbra, se com cedo me não hei de ver a braços com essa tão fallada Santarem por formosa, crua e guerreira.» —

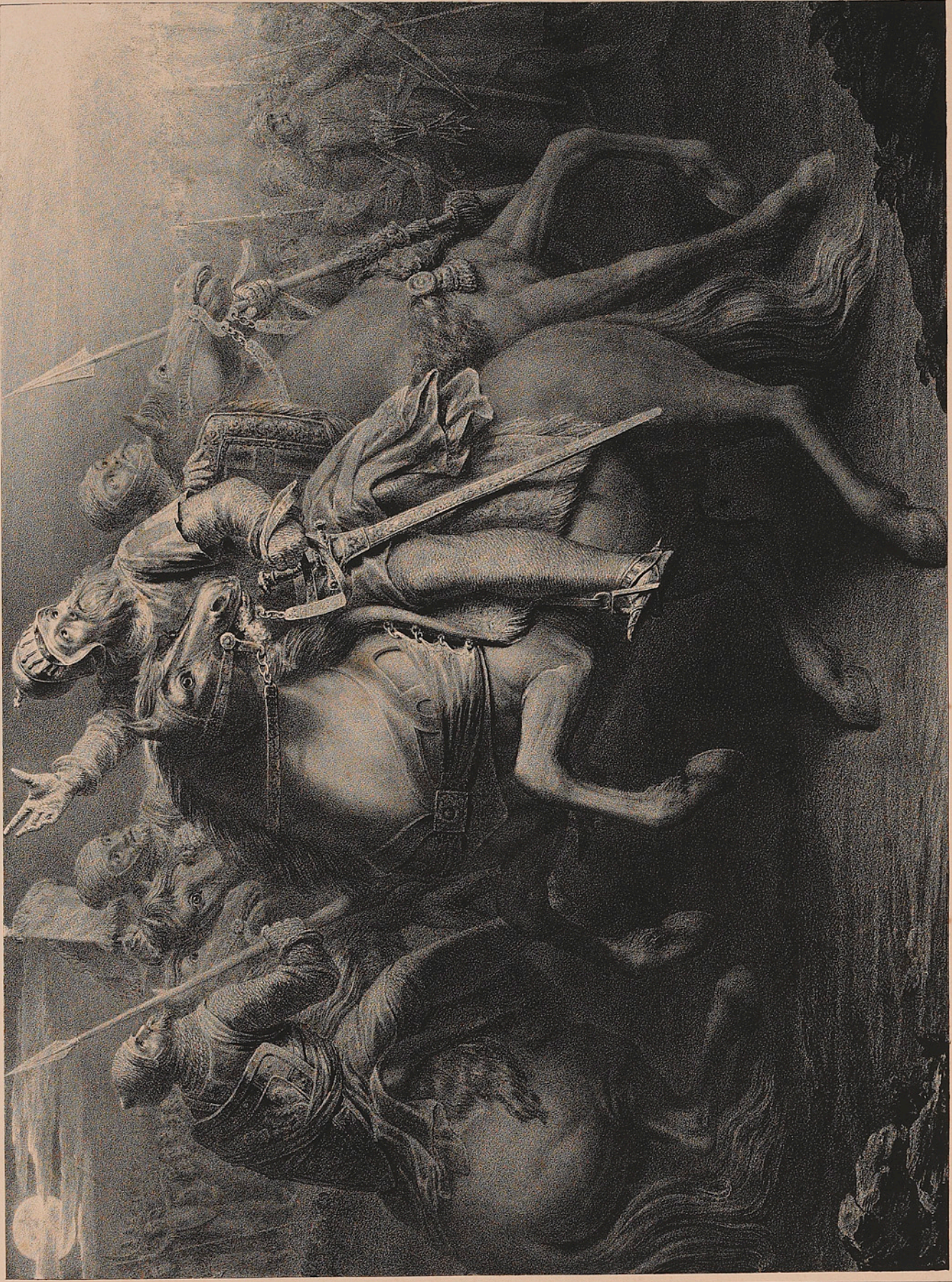
— «De tudo isso espero dar-vos conta mui breve e cabal. Com o seguro não menos de minhas armas que das tréguas, entranhei-me afouto por aquellas graciosas terras de infieis, e com o de peregrino ao pégo de Santa Iria, me vi recebido na cidade, e logo á presença do Alcaide e Governador d'ella por El-Rei de Sevilha! He elle um formoso velho, e mouro soberbissimo. No levantado e alteroso do semblante se lhe leem mais de trinta annos de governo; e na promptidão e viveza de seus meneios a historia de suas, em nosso damno, tão admiraveis cavallerias. Todo o sol de Arabia e Africa, de que traz sello no moreno do carão, lhe scintilla pelos olhos. Seguro na estima do poderoso Sevilhano; altivo com o grande nome que entre os musulmanos tem ganhado; acatado do povo como braço irresistivel; e senhor da mais valente cidade, recebeu-me com desdenhosa arrogancia como a irmão de tantos captivos seus, em aposento ricamente alfaiado á nossa custa. Requeri-lhe vénia para visitar os meus conterraneos prisioneiros e aquellas aguas e logares, tão sagrados para nós outros pelo sepulchro da nossa Martyr, a quem mãos de anjos ali alçaram tumulo, e vozes de anjos entoaram exequias sob as aguas do Tejo; por onde de Irena Santa trocou a goda Scalabis o seu romano appellido de Presidio Julio, pelo piedoso nome, que ainda renegada conserva, de Santarem. Concedeu-me o primeiro com desprezo, com leve sorriso o segundo, e despediu-me. Em rol de dívida (que este ferro, prazendo a Deus e a vós, espera pagar mui á risca) deixei carregada a injuria; e contente com este primeiro succedimento de minhas traças, corri ao carcere. Jazia aquelle povo de baptisados em amplo sepulchro, por debaixo dos pés e festas dos vivos. Findados são, que se revolvem e gemem nas entranhas da terra; ouvindo os risos dos demonios, que os guardam. Ali, para onde nem lua nem sol adivinham entrada, nem raio alvorece d'aquella outra melhor filha do ceu que até das trevas faz dia e se chama Esperança, vendo baixar um Cavalleiro christão e portuguez sóto, alvoroçado, com abraços e boas novas para todos, foi tamanha a felicidade que sentiram que, esquecidos os trabalhos passados, uns a outros se davam os parabens, e a mim bençãos, e muitas graças infinitas a Deus que os visitava com bemaventurança. Quietado aquelle primeiro impeto, começaram de me perguntar como ficavam lá as terras dos christãos? se ainda seus parentes e amigos eram vivos e se lembravam d'elles? por que rumos voava a fortuna do reino? e que fazia El-Rei? e a que era eu vindo ao meio dos barbaros? Atropeladamente procurava ir respondendo a todos, e a tudo; e lhes dizia que tivessem muito animo;

que a hora da redempção lhes estava batendo á porta; que adiante viera eu reconhecer e apalpar o caminho por onde logo chegaria D. Affonso Henriques. Aqui, onde cuidei que todos se accenderiam, ficaram pasmados, olhando uns para os outros; e apoz um consernado silencio me disseram: «Correi, Cavalleiro, e de nossa parte lhe supplicai não cavalgue para impossiveis; condão tem esta cidade de inconquistavel. De quanto póde o braço do Alcaide Auzéchri e sua gente, próva fomos nós, que ja tambem fomos bons Cavalleiros portuguezes de D. Affonso. E se estes leões nos venceram longe de sua terra, quem, senão o archanjo S. Miguel, os tomaria n'este seu covil tão fortificado da natureza e da industria, a que todos os seculos tem ido accrescentando nova defensão, a qual estes nossos braços augmentam cada dia? Com todo Portugal que elle viesse, e ainda ajudado de Leonezes e Castellhanos, mal poderia sahir com seu intento. Que se deixem estar folgando no paraíso de suas terras: que entendam quanto ceu ha entre as arvoredas conhecidas de cada um, ao pé das fontes e rios de sua criação; que ditem as armas para manter os amores e delicias de seus lares, e não se ponham na ventura de envelhecer e se finar, como nós, antes de tempo, mortos á patria, ao mundo, a nós mesmos e ao porvir, e só vivos ao presente de suor e açoutes, e á memoria do passado, que he a mais incomportavel de nossas penas.» — E tudo isto, Senhor, o clamavam tão de dentro, e tão afogados em lagrimas, que a mim de os ouvir me sangrava o coração como de mil lançadas. Procurei contudo confortá-los; e porque melhor se possessem apegar aos cabellos de minhas grandes esperanças, lhes contei quantas victorias incriveis nos havia por vós dado o Senhor Deus, cuja fama, que enchia o mundo, não chegára áquellas masmorras, ou lá soára diminuida, ou contrariada pelas bocas praguntadas de seus verdugos. — «Hemos de vir, lhes disse, hemos de vir bater com os contos de nossas lanças ás portas de ferro d'esta Babylonia, e sacudidas as faremos saltar de seus gonzos. Ajudai-nos vós de dentro com fé, orações, e jejuns, em quanto não descermos a soltar-vos: então com os vossos grillhões esmagareis a cabeça de quem vos los cingiu. Mas que he feito do santo Prior de Soure? comvosco o suppunhamos; e em sua intercessão fiava El-Rei a metade da victoria.» — «Do santo varão Martinho mal vos podêmos dar novas, me respondeu um dos Templarios. Quando, tres annos ha, entrou pelas terras de Soure desaperecebida este aleivoso de Auzéchri; vendo arder e nadar em sangue os nossos campos, fomos nós, os religiosos Cavalleiros do Templo, os que lhe pedimos e acabámos com elle, apezar de sua ja tão desfeita velhice, que nos acompanhasse na vingança, que tão poucos em numero pretendíamos tirar de tanta e tão soberba mourisma. Entendíamos que onde tivessemos connosco tal santo, eram infalliveis as maravilhas. Não nos faltou elle, nem o esforço, mas desamparou-nos a Providencia! e quando connosco o vimos captivo, nenhuma cousa nos lastimou em nosso infortunio, como o havermos causado o seu. Caminhando por cima d'aquelle monte de cinzas, terra, e casas nossas ainda ha pouco, para nos virmos a tão apartado e irremediavel desterro, as mais amargosas lagrimas que dos olhos nos corriam não eram quando os punhamos nos grillhões que rojavamos, mas quando viamos derrubadas com pezo de cadeias as mãos que vinte e um annos ministraram a Deus os sacrificios do povo, e desparsiram ao povo os beneficios e esmoladas de Deus. Contra nós bramiamos, de o havermos chegado áquelle transe; elle orava, e abençoava-nos caminhando para o captivo. Lançados n'este carcere, foi elle o nosso conforto e vida: em quanto o podêmos ver e ouvir, não nos sentimos destituídos da mão divina. A cada hora nos dizia, que entre duas boas estrellas nos tinha ella postos: redempção terrestre por D. Affonso, ou premio de martyres por Auzéchri: ceu logo, ou ceu um pouco menos cedo pelo caminho da patria, que tambem he ceu; tambem D. Mem Ramires! e mal o entendeis vós outros os que folgais n'ella. E muitas vezes nos bradava, como cheio de uma luz profetica. «Havei animo, filhos, que ainda heis a de ver n'este mundo os prodigios do Deus d'Ourique, e verter lagrimas de alegria sobre o sepulchro de vossos pais e mãis.» Quem de suas fallas, e taes, se não sentira arrebatado e convencido! Acreditavamos, esperavamos padecendo, e padeciamos quasi contentes. Adivinharam nossos inimigos d'onde nos vinha a resignação: e para o castigarem d'esta sombra de felicidade que a sua presença nos dava, um dia no-lo arrancaram. Souo depois que o haviam levado para Evora; de lá para Sevilha; de Sevilha para Cordova, accrescentado ao martyrio dos annos e captivo, o do desterro e separação cada vez mais longe do seu rebanho, o qual nunca mais d'elle houve novas. Tal foi para nós o fim d'aquelle grande varão.» —

— «Farei eu a todo meu poder, interrompeu D. Affonso, por onde sáia evangelho a profecia; e pelas cruces da espada vos juro, D. Mem, que essas lástimas que dos meus bons Cavalleiros de Soure e de seu Prior me heis contadas, me acabaram de determinar, se tantas outras razões contra Auzéchri o não houvessem ja feito. Vingaremos regamente nos mouros de Santarem essas injurias, e a nossa vingança lembrará por espantosa até ao fim dos tempos. Mas contai-me ja quanto heis notado da qualidade e fortaleza da terra.» —

— «Como entre dois máes, um de campinas serenas e alaistradas, outro de terras altas, revoltas e montuosas, está a donosa moura Santarem de cabeça tão levantada e soberba, que se afigura, desdenhosa da baixaza dos campos, querer ir-se recolher nos montes; mas tão guardada nas mostradas de fóra, e tão contente no semblante, que dos montes





*Sendim.* - Lovén e Lith.

Off. Lith. de M<sup>re</sup> Louz. Etna Nova dos Martyres N.º 12

**CLARHO SANTARIM: AQUELLE FOGO DO CÉU O ANNUNCIÁ!**



parece que safo para vir mirar-se no Tejo como em espelho uma noiva, ou espiares olhos por um jardim sem limite. Contemplando-a de longe, tão galhardamente guarnecida de seu arnez de muralhas dourado do sol, e ao mesmo tempo tão enramalhada da pacifica oliveira, vendo-lhe pascer ociosamente em derredor os seus cavallos de guerra, não se atina se mais he Amazona que está cuidando em pelepas, se lidador que vestiu galas para festa. Formosa e formosissima he Coimbra, dizia eu, mas á fé que as honras de segunda vassalla de D. Afonso, nenhuma tanto as merece como Santarem; e fausto entre os mais faustos me será o dia que eu vir esta Irmã renegada descingir-se das suas luvas de ouro, abaixar a cabeça para baptismo de sangue, arrojor ao fundo do Tejo o seu alcorão, pôr a cruz entre as joias e flores do peito, e com palavras não ja arabes, levantar o sorriso para o ceu que tudo lhe havia dado, e para remate de tudo lhe restitue a fé. — Mas se tomada de fóra e ja de longe se representa inexpugnavel, considerada no interior toda ella he força, altiveza, valentia e victoria. O que nas véas lhe circula, são torrentes de homens valorosos e ferro; as suas entranhas, máquinas guerreiras; os seus pensamentos, os damnos que nos ha feito; a sua sêde, a nossa destruição; e o seu coração, que não dorme nunca, Auzéchri. A outrem qualquer houvera eu dissimulado tudo isto, a vós não: encommendastes-me verdade, mereci-la; e difficuldades e perigos mais vos namoram e attraem, quanto mais avultam. Pelo occidente, onde se chama *Alphan* (porque d'ahi a terra, ainda que brava e embargosa, se representava *plana* em comparação de todo o mais circuito) está hoje Santarem guarnecida de fortes muralhas, torres e barbacãs. Era este lado o menos munido da cidade, ainda que nem por elle a houvessem podido render D. Afonso VI vosso avô, e depois Sairi, que só á fome a conquistaram. A muralha que ás armas de ambos resistira, alagou-a Auzéchri até ao alto, com terra trazida ás costas dos nossos captivos; terrível promontorio, amassado com suor e lagrimas christãs! e sobre ella, como sobre alicerce, levantou, gigantes e arremessadas, estas novas fortificações. Por todas as outras partes, primeiro que os homens entendêra a mão bruta da natureza em a fortaleza, cercando-a de precipicios, que são os primeiros pelejadores das cidades contra seus inimigos. D'estes precipicios, aos que olham e se debruçam contra o sul pozeram nome *Alanse*, porque só coleando como *serpente*, podem os olhos melhor do que os pés trepar aquelle caminho, sem caminho, nem firmeza, nem resguardo, que de um como fundo de abismo vai braceando até aos pés do muro. *Alhafa* chamam, ou *terror*, e com razão, o lado que tem rosto ao nascente; alto e desesperado despenhadeiro, que tão subito e sem remedio mergulha no Tejo profundo, que d'ahi tem por uso precipitar os condemnados á morte, os quaes vem por aquelles ares volteando, dobando, resaltando, até que o pégo os engole, e de repente se não vê mais que uma pouca espuma sobre as aguas, pelo declivio algumas nodas de sangue. Serra-se emfim pelo norte esta armadura de gigante com uma dependurada e brutesca mole de penedia, que de baixo se afigura estar querendo metter a cidade pelas nuvens. Dez vezes a rodeei palpando-a toda com os olhos e com a alma, á procura d'onde poderia entrar-lhe o ferro: para a levar de pura força, todo o engenho parece escusado. He a povoação no alto uma boa planicie; não desmesurada para os defensores a manterem, nem tão pequena que se deixe levar de poucos inimigos: e o cume da Alcáçova, com seus muros particulares e de uma só entrada por ponte levadiça, he fortaleza de fortaleza, e lhes dá ainda um novo seguro! Se accreentas a isto o numero, valor, e apercebimento de sua gente, a sua opinião de invenciveis, o abastecimento de seus armazens, e outra vez por fóra a multidão de paúes e alagoas que, assim como o Tejo, lhe servem em muita parte de largas cavas, entenderéis que altissima gloria vos aguarda em hasteardes n'aquelle ninho de aguías o vosso estandarte aos ventos do ceu. — D'ali sim que he o espiares olhos por terras de promissão, e paraísos de abundancia! Para o nascente, mais de vinte milhas, mui chãs, de searas verdes: pelo austro e poente, vista que se farta de abraçar, fuge e desfallece: contra o aquilão, os outeiros e os montes vestidos de vinha como que a acenaros com ramalhetes prateados de oliveiras. Por toda parte rebanhos e armentios, e o Tejo largo e azul com as ondas povoadas de peixes, as areas minadas de ouro, deslizando-se em giros por entre margens abundosas, verdes, floridas, por onde pascem e voam d'aquelles fogosos cavallos, cujos avós os tiveram os Romanos por geração dos ventos. —

— « Bem (o atalhou D. Afonso, erguendo-se com um ademan de impaciencia): mostrais-me logo uma arvore do paraíso, só para me dizer que he prohibida: e encarecis-me a glória de plantar o meu estandarte onde affirmaes que não poderemos subir! » —

— « Sim que subiremos, e eu primeiro que nenhum; e eu o hastearei no viso do muro, se mo consentis. Só a industria nos póde franquear o primeiro passo, por tomado vo-lo dou: o vosso valor fará o demais, e porá coroa á empreza. Mandai aperceber, partamos, e eu vos serei guia, e abrirei as portas. » —

Aqui a práctica se travou mais accessa entre ambos, mas em tom ainda mais sumido e resguardado. No rosto d'El-Rei fóra pouco a pouco alvorecendo o contentamento, que ao cabo de um quarto de hora era ja alegria transportada. Apertaram-se um ao outro as dextras, e separaram-se.

N'esse mesmo dia, quando veio pela tarde, na varzea do Mondego, pouco abaixo da cidade, em um pósto solitario, conversavam entre si quatro homens sobre assumpto que, pelo cuidado com que esprietavam se os alguém ouviria e pelos movimentos dos rostos, se podia adivinhar de grande monta. Setecentos annos transformaram o sitio: hia o rio fundo e sujeito por entre margens altas e escarpadas, fresca a ribeira e alcatifada de relva, e tudo espessura e fresquidão de pomares e figueiras, que por isso se chamava ali o Figueiral. Inda hoje he apurado passeio; mas a abundancia de fructiferas sombras desapareceu: o rio alteou-se, e com suas arêas afogou os tapetes viçosos, vindo por isso a trocar-se a amenidade do antigo nome, no de *Arenado* ou *Arnado*, que hoje dura. A cidade crescendo, e apertada já no monte, veio descendo e espalhando-se pela ribeira, e onde antigamente nenhum edificio, afóra o mosteiro de Santa Cruz, attraía ou distraía os olhos, ás moradas aéreas e movediças dos passaros succederam as dos homens: mas setecentos annos, que tanto fizeram e desfizeram, ainda não gastaram de todo os echos das palavras que ali então se diziam entre aquelles quatro homens. São elles El-Rei, — Lourenço Viegas, o Espadeiro, — Pero Paes irmão mais velho do Lidador, genro de D. Egas, descendente de D. Ramiro II de Leão, e algum tempo Alferes de Portugal, — emfim Gonsalo de Sousa, vassallo sempre fiel e grão privado do Principe, capitão valoroso e senhor de terras e castellos. Convocára-os ali o chefe, longe dos olhos e linguas de paredes do Paço, para lhes confiar o seu projecto, ouvi-los sobre o que importava se fizesse, e concertar logo a partida. Eram tres corações grandiosos aquelles, e segundo o seu: ouviram serenos a proposta, approvaram as razões da determinação, offereceram-se prestes a todo transe, mas não entendiam como sem congregar as forças de todo o reino, sem apertado cêrco, grande aparato e porfiosa demora, se desse por possivel o mais redondo impossivel de armas que se então conhecia. Sobre esse ponto rijo batiam todas as disputas. — « Senhores, disse El-Rei por fim, como quer que seja, voto a Deus que não será a cousa senão como vo-la digo. Não perderei o tempo em fazer gente, partiremos subito os sós Cavalleiros de Coimbra, particularmente os meus Templarios; e antes que Santarem saiba do nosso caminho, no terá ja caído nas mãos: he joia que um golpe da espada moura arrancou da Coroa Portugueza quando eu nascia; eabe que a minha espada lha torne a engastar no nascimento do meu primogenito. Importa romper por todas as demoras: devo-o ao meu sangue, e não menos o devo á Patria. Que se olhe para o passado: por Santarem nos veio a assolação de Thomar, Leiria, Soure, chagas fundas e ainda não cicatrizadas. Se considero o presente, Santarem não he só terror perpetuo dos visinhos, a sua fama temerosa campea até ás portas de Coimbra, e lhe sobressalta os somnos. Santarem, se encaro o futuro, apenas nos ajoelhe aos pés entregar-nos-ha as chaves de Lisboa, Lisboa o senhorio de toda a Provincia. Em Ourique cortámos ha outo annos a cabeça á omnipotencia arabe: foi um formoso dia aquelle, que ainda não teve successor; um braço d'ella que ainda esgrime vivo, he Santarem, decepemo-lo. » —

Calou-se: os tres Cavalleiros escutavam ainda, quasi convencidos do fallar seguro de El-Rei, e os sinos do mosteiro chamaram á oração os religiosos. D. Afonso estendendo o braço contra o rio e arvoredado, — « Senhores disse com a alma desabrochada n'um sorriso, este Mondego libertará o grande Tejo! Coroa de vencedor he ja esta que a Natureza lhe está creando: mas antes que estes botões se desdobrem em flores, ja as minhas tenções serão obras, ja haveremos voltado a lavar n'estas aguas as mãos do sangue barbaro. » — Então lhes revelou tudo que entre elle e Mem Ramires era concertado ácerca da execução do seu projecto, e recommendando-lhes especialmente o segredo, alegres fizeram volta para a cidade, practicando, por desviar suspeitas, em assumptos mui alheios do que na alma traziam.

Como assim vinham, aponta com graciosa chaneza a Chronica antiga, que ao passarem pela rua da Figueira velha para a Praça, disse-ra uma velha regateira para as outras: « Quereis vós saber o que El-Rei com aquelles seus companheiros fallou? » Disseram ellas: « Que fallou? » — « Fallou, disse ella, como fossem furtao Santarem. » — El-Rei que isto ouviu, e diante de si trouxera sempre os Cavalleiros, sem nunca se apartarem, ficou sobre maneira maravilhado; e como entraram no Paço, — « Ouvistes, lhes disse, as palavras d'aquella mulher? pois vos affirmo que se algum de vós se houvera de mim separado um só instante, sem nenhuma falta as pagaria agora com a cabeça. » — Que nos relevem censors a simpleza d'esta memoriasinha: assim no-la emprestou a tradição, assim lha restituimos: he uma pobre florita, mas he sua, conserve-a.

Dias não eram passados quando, uma segunda feira dez do mesmo mez de Março, saía pelas portas de Coimbra o Rei mancebo, não com hoste ordenada e em som de guerra, mas com uma pequena e lustrosa cavalgada que não excederia a duzentos e cincoenta Cavalleiros; tudo gente de bom sangue e provado esforço, e em muitos dos quaes brilhava a famosa cruz da milicia do Templo. De Coimbra são todos, todos presados de D. Afonso, muitos officiaes de sua Casa e seus privados. Mem Ramires, e os tres do Arnado que vão junto do chefe, são

talvez os únicos sabedores de seus projectos: todos os mais o seguem á ventura, mas bem crentes de que para onde quer que caminham, caminham para a victoria: e a via revessada que levam, adrede escolhida para não dar rebate ao inimigo, lhes impossibilita adivinhar o seu verdadeiro destino. — Em Alfafar se assentaram as tendas da primeira noute. — Chegados ao outro dia a Dornellas, mandou El-Rei a Martim Mohab com dois companheiros, que adiante se fosse com toda a diligencia dar aviso a Auzéchri como eram rôtas as treguas. Costume era d'aquelles tempos e lei de guerra, sob infamia de aleivosia, avisar o inimigo tres dias, pelo menos, antes da quebra das pazes. He porque toda a guerra era então de ferro e não de fogo; de perto e a braço, e não de bala e de longe; mais de força que de destreza; mais pelejada que jogada: punham um povo defronte de outro povo como cavalleiro defronte de cavalleiro; viam-se os rostos e trocavam-se fallas batalhando; e em duello o nome de desleal fere e mata mais cruentamente que a lança. — A' quarta feira já Martim Mohab e seus companheiros eram outra vez com El-Rei em Aldegas. Os mouros estavam apercebidos. — A maior parte do seguinte dia se detiveram na serra de Alvarados, d'onde partindo pela noute foram amanhecer em Ebrahaz, no alto de Perens. Santarem dista apenas poucas horas de caminho.

He este o logar e a occasião que El-Rei escolheu para declarar o seu segredo. Os que ainda o não tinham podido presumir, ouvindo-lho dos proprios labios, e confrontando um tão pequeno feixe de lanças com uma tal montanha de pedra e ferro, estremeceram: mas D. Afonso, sem dar mostras de que o notava, continuou dizendo: — «De Santa Cruz, n'esta hora, como de um vaso de eleição, estão subindo á presença de Deus fragancias de orações em favor nosso. Primeiro que eu e vós combatamos estes mouros, já o Santo varão Theotonio e sua comunidade haverão vencido com as armas espirituaes a misericordia divina. Elle me abençoou, como a vosso cabeça, antes de partir: e quando ajoelhado pela ultima vez lhe beijava a mão debaixo das abobadas sagradas, — «Ide, ide, me disse, que aqui vos fico aguardando para as acções de graças» — e por seus olhos transverberava um não sei que lume de inspirada profecia! N'esta mesma hora se rompeu tambem o segredo em toda Coimbra: clerezia, povo, mulheres, tudo intercede em roda dos altares. Quereis mais? no proprio coração de Santarem se invoca por nós o Deus das batalhas: mais? e tudo? d'esses muros a dentro estão mãos compradas que nos hão de abrir as portas!» — Era esta ultima circumstancia um fingimento artificioso, que o apêto do lance parecia desculpar, e de que El-Rei tacitamente pedia perdão a Deus.

Apoz isto, ordenou o modo que se teria no accommetter. Cento e vinte homens escolhidos foram mandados construir dez escadas, uma escada para cada doze homens, os quaes por ella subiriam a todo o risco a senhorcar o muro: esses matariam as vigias, alçariam a Sina Real, desciriam a receber pelas portas o resto dos lidadores, e todos junctos passariam aos fios da espada o povo adormecido ou mal desperto.

Bem traçada estava a temeridade: mas quando os soldados souberam, da boca de El-Rei, que determinava elle proprio entrar no conflicto, o perigo d'aquella só cabeça poude mais com elles do que o seu: supplicaram-lhe que deixasse a elles sós todo o balanço da aventura, e aguardasse o exito para que, se caissem, houvesse quem os vingasse, e a patria se não visse de repente sem a sua columna. Resistia o Principe, redobravam-se as instancias dos vassallos, crescia o tumulto, era ja uma sedição de lealdade! — «Partamos (bradou elle com um gesto que emmudeceu tudo) para Santarem! toma-la-hemos junctos, ou junctos morreremos!» — Declinava a tarde. Deixadas no alto d'aquellas matas as tendas e mais bagagens, saltaram de repente em seus cavallos, e partiram.

Caminhando ja pelo escuro da noute e em profundo silencio, contra os dilatados e solitarios olivedos de Santarem, como que desejosa de tomar tambem parceria em tamanho feito acudio a Natureza com um portento dos seus, mas que a occasião, e o mui levantados que hiam os animos, representou sobrenatural. Accende-se no ceu um luzeiro como de estrella grande, precipita-se como um facho, e rompendo pela parte direita as planicies do ar, e resplandecendo ceus e terras, voa ao longo do Tejo contra o Oceano. Com aquelle dia entornado repentino no seio da noute os cavallos atonitos se enovelam e se retraem, nos olhos d'elles e dos Cavalleiros faisea o espanto, os rostos enfiam, as lanças apertadas nas dextras relampagueam tremendo, curvam-se joelhos, os estandartes se derrubam como acatando a passagem de um archanjo de Deus, soa um brado por todo o campo «*Caio Santarem: aquella fogo do ceu o annuncia!*» Era a voz de D. Afonso Henriques. Cerrou-se novamente a noute: a pequena hoste continuava alegre e alvoroçada a sua marcha pela solidão.

## VI.

Ja a cidade vem perto: apeam-se sem ruido, e deixando os cavallos com os pagens embrenhados nas trevas, procedem ordenados em dois bandos: a vanguarda, com os cento e vinte e cinco escaladores, guiada de Mem Ramires, a restante gente, capitaneada por El-Rei. Sobem, como duas legiões de fantasmas, pelo valle entre o monte Iria e a fonte chamada dos mouros *Tamarmá*, ou *agua de tamaras*. O lanço da muralha que demandam he, segundo o guia, o menos guardado de

velas: tanto o íngreme do accesso e a sua propria altura o defendem! Ja com os corações pulando, bocas e ouvidos abertos a todos os sons da noute, e as mãos apertadas nos banzos das escadas se imaginavam subir por ellas, quando de cima do muro se sentem fallas. São duas vigias n'uma guarita ali posta de novo; estão-se uma á outra esforçando contra o somno, que tão copioso se orvalha das estrellas n'aquellas horas perdidas do quarto d'alva. Que farão os Portuguezes? uma seara de trigo os convida; semem-se n'ella, aguardando dessocegradamente que adormecidas as guardas, retiradas, ou como quer que fosse divertidas, se demovesse o perigo. E então erguendo-se Ramires, e adiantando-se com os seus por Aleudia, se chegou outra vez ao muro; e porque ahi não soava rumor algum, alçou não sem custo a primeira escada. Jurára a fortuna vender-lhes esta noute a victoria por grandes sobresaltos: a escada resvalou, baqueando-se com grande estrondo no telhado de uma oleria contigua ao muro. Corre da frente de Ramires um suor frio; de pé no mesmo telhado, chama a si um mancebo por nome Moqueime, sobre os hombros o exalça ao muro para que nas amêas lhe prenda fortemente a escada, pela qual manda logo subir e arvorar o estandarte: elle e outros dos seus o seguem de após. Não eram ainda mais de tres em cima, quando despertaram ou acudiram de maior distancia as velas, e dando com os olhos n'aquella nuvemzinha movediça do estandarte e vultos negros por baixo, com voz rouca de sobresaltados, lhes bradaram rijo: «*Man hom Man hom, quem sois? quem sois!*» A nenhuma resposta lhes respondeu: e logo, com vozes engrossadas do terror, lançaram tres vezes por cima dos sonhos da cidade este grito: «*Annassara, Annassara, Annassara!* Christãos, Christãos, Christãos!» ao qual, como raio a trovão, seguiu outro, disparado da alma de Ramires «*Santiago e D. Afonso!*» e a esse, outro d'El-Rei, lá por baixo das muralhas: «*Santiago, e Santa Maria! Avante, Portuguezes meus! Sou eu, o vosso Rei e Senhor, D. Afonso! Avante, invenciveis; e ande tudo á espada!*» Foi este um pregão de sentença, á qual o ceu não quiz, a terra não poude pôr embargos.

Uma grande e antiga cidade, dominadora por largos annos, está sentada no patíbulo, sob a mão do executor da divina justiça: infernal, não só temeroso, he o misturado clamor d'elle e d'ella, sentindo-se frente a frente, e lutando a lucta suprema da desesperação no meio das trévas, silencio, e desamparo do mundo. Meia nua e meia armada, com os braços meio tomados do terror, meio furiosos, a gigante condemnada se debate na sua agonia, urrando ameaças e blasfemias, só ouvidas das estrellas, que lá lhe vão arrastando a sua para o occaso, e que em volvendo amanhã, ja em seu giro haverão podido dizer ao levante: «*Morta he no occidente a mais poderosa filha da Arabia!* a que «do alto da Alhafa despenhava os seus criminosos ao Tejo, caio como «elles do cume das suas grandezas ao nada!»

Quizeramos seguir ponto por ponto o fio da narração, mas passou este spectaculo de execução sem espectador nem luz, e o estrondo que deu o todo do feito afogou o echo de quasi todas suas circumstancias. — Por duas sós das dez escadas havia subido gente ao muro, que não passava ainda de vinte e cinco espadas. Solícito El-Rei pelo ruido que de dentro soava, manda parte de sua gente que, rodeando pela direita, accommetta pelo lado de Alphan a porta de Leiria; e Gonsalo Gonçalves, com o restante, que voem a tomar a entrada da rua de Serigo, por atalhar aos mouros a passagem para a porta de Atamarna. Crescia o estrepito: Mem Ramires com os seus descia, acutilando os resistentes, direito á mesma porta: ja a alcançam; não ha chave! as armas, as pedras, a raiva, e a final um martelo, segundo dizem, atirado de fóra por cima do muro, a suppriram; e no momento em que El-Rei hia talvez para galgar como os outros o muro, Atamarna se lhe abriu diante de par em par! De dentro do limiar mourisco souo o brado de Santiago! e a conhecida voz de Ramires lhe gritou: «*Promettedes (ti-vos hestear a bandeira; lá está! abrir-vos a porta; entrai, D. Afonso, na vossa cidade de Santarem!*» — Cahio El-Rei em joelhos, apertando as mãos para o ceu: a oração que orou n'aquelle relance ninguem a ouviu senão Deus, mas quão fogosa se lhe desentranharia da alma! acção de graças, preces, agonia, tudo se resumiu na curta frase que só souo como um afogado gemido. Inspirava-o aquella fé robusta, da qual está escrito que basta ella a transportar os montes: inspirava-o a esperança viva, virtude que unida ao querer constitue meia omnipotencia: ah! para ter sido essa, de todas as orações de homens a mais digna de Deus, só lhe faltou que a houvesse igualmente inspirado das tres grandes virtudes a principal, o amor: mas a cruz que ante os olhos tinha, era a da espada, o sacrificio para que se aparelhava orando, era o de um povo.

Cresce de instante para instante a vozeria, soa rebate de todas partes, todas as casas vomitam armas e alaridos, por todas as ruas retroam atabales e retinem trombetas, correm tropeis para todas as torres e portas. He medonho o bracejar de uma cidade na escuridão: cada um treme de mil perigos que imagina, e vai de encontro ao que o ha de devorar; foge-se diante do fugir do amigo, pede-se refugio ao adversario; tudo lembra para a consternação, tudo para o remedio esquece: cada voz, cada som he hum agoiro, cada passo uma incerteza: occorre a casa e os bens, e veem-se bens que se dispersam, e casas que desabam: clama-se pela mulher e filhos, ouvem-se gritos consternados: por toda parte gira na escuridade a morte em redemoinho. Mas nos lances desesperados acode a natureza com a desesperação, e aonde





# TOMADA DE LISBOA.

(ANNO 1147.)

Que Cidade tão forte por ventura  
 Haverá que resista, se Lisboa  
 Não pôde resistir á força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa?

CANT. C. III. EST. LXI.

I.



Em que hora dourada te bemfadou a natureza, terra de Portugal! E's tu o seu ultimo adeus ao sol formoso e ás formosas estrellas da Europa: em ti resumiu todo o amor de uma despedida, todas as carícias e feitiços de namorada que estuda deixar saudades. Terra de Portugal, e quem te desamaria! o teu halito attraíu sempre multidões dos povos estranhos, e em todo o tempo os teus filhos, encantados do teu condão, se esquivaram a pôr pé fóra do teu paraíso, salvo quando Fé ou Gloria lhes acenavam. Terra antiga do Endovéllico, de Jupiter, de Mahomet, e do Christo, salve! e reverdeçam na memoria todas tuas palmas, mau grado á fortuna; e resurja honrado o teu nome, a despeito de vilãs invejas de estranhos, inda hontem barbaros. Tu, tu lhes déras a mão para que se erguessem; tu gigante em pequena base a elles em bases immensas pigmeus; e elles te adoraram quando, debruçada para o oceano, te viram no alçar do braço esquerdo correr-lhes o pano ao mundo do sol, no estender do direito desenrolar-lhes novos mundos; e do que então te adoraram, agora se vingam insultando-te! He porque te embriagaste na taça cheia das prosperidades, e a raposa venceu o leão; he porque a omnipotencia da riqueza e poderio que soubéras ganhar pelo esforço contra inimigos, das garras de amigos a não soubeste defender. Embora: tu viverás e florirás: ainda caída, inerme, roubada, despida do manto de Rainha, serás grande e magestosa no teu dormir, porque o ceu que te cebre será sempre o mesmo ceu de bençã, e as ondas que orlam o teu perfumado leite murmurarão de contínuo aos teus sonhos as tuas glorias, tão numerosas como ellas. Terra do meu Portugal, não esmoreças: tu jazes, mas he para descansar não para morrer. Tambem as nações tem dia e noute: em quanto a alva de um futuro esplendido te não acorda, continuemos a pascero os olhos no occaso, que inda de todo se não desbotou das purpuras. Sõem as nossas narrações como cantar do selvagem, quando, entre seus irmãos que dormem, ao pé da sua fogueira no deserto, e com os olhos na rede alva em que de uma arvore lhe pende o filho, lhe entoa os feitos memoraveis de seus avós, e procura ja d'ali ir-lhe amamentando o animo para as vindouras façanhas de sua tribo.

Se he Portugal a digna coroa da Europa, Lisboa resplandece como digno carbúnculo em tal coroa: he a Acrópolis do Tejo, a Cidade dos marmores, dos templos, dos palacios, dos jardins; a cingida de verdura, de flores, de abundancia; a Mãe dos grandes homens, das grandes armadas e de uma familia grande de cidades espalhada nas cinco partes do Orbe. Quem lhe fosse primeiro autor, ou em que recuadas eras do mundo, nem á historia lembra, nem se afouta o discurso a fareja-lo. Que importa que se lhe escondesse a origem, adormecida para sempre á sombra harmoniosa das fabulas? Não acerta fundadores, mas do proprio ser e feitos derivou melhor nobreza, até que desnecessitada e desdenhosa das fidalguias de antiga, os documentos com que as podia provar os converteu em galas de namorada: aos terremotos e incendios atirou as ultimas cãs e o segredo de sua idade. Se não alardea monumentos decrépitos, se as Artes a não alfaiam das suas mais excellentes maravilhas, se ja nas entranhas lhe não circulam o ouro e os aljofares, ainda, e cada vez mais puras as virações da saude adejam pelos seus outeiros; ainda, e dir-se-hia que cada vez mais formoso, lhe está o sol coando primaveras por todas as estações; ainda o seu rio despojado do tridente e do cortejo das frotas, ainda o seu porto o melhor do oceano, attraem docemente e despedem com saudades o navegante. Todos seus dias respiram festa; e em quanto de seus cumes os olhos serpeam enlevados pelo labirinto dos seus valles, pelo dilatado dos seus horizontes, do alto das suas torres a harmoniosa toada de tantos sinos vai acordar ou ajudar se não ja o pensamento religioso, ainda ao menos o genio folgazão de seus filhos: sim, alegres são ainda os seus filhos como nos dias das esvaídas prosperidades; o encarar o futuro ainda lhes não gelou o sorriso, o sairem das ruínas do passado com os pés descalços e ensanguentados, ainda, mercê de Deus, os não fez suspender as dansas, nem largar das mãos a cithara: alegres são como um pobre bando de orfãosinhos brincando na casa de lucto, em torno do paterno esquife. — Dias de D. Afonso Henriques, anno de 1147, tomai-nos, tomai-nos depressa.

No meio d'esta Lisboa que tão grandiosa se estende de sul a norte, e desmedida de nascente a poente, que no crescer duas vezes rebentou o seu cinto de muralhas, até que nem mãos de Rei valeram a cingir-lhe terceiro, ¿vedes vós aquelle monte que leva ás costas a sua rede de ruas velhas, ao longo do bairro mais central, povoado e formoso? ¿aquelle monte, que levanta de improviso sobre despenhadeiros a cabeça torreada, por detraz das duas praças do Rocio e da Figueira, e vai serenamente descaindo de norte a sul, até fallecer ás abas do Tejo por detraz do Terreiro dos antigos Paços Reaes? Pois eis ahi no meio da vossa Cidade a Cidade moura, no meio de Lisboa a christã e deliciosa, *Lissibona* ou *Aschbounah* a arabe e guerreira. ¿Notaes na sua extrema do norte, bem ao cimo do despenhadeiro, affrontando o monte de Santa Anna e o da Graça, outr'ora *Alfella*, e d'elles separado pelo valle onde dos mouros vencidos que o povoaram ficou o nome de *Mouraria*, ¿notaes aquelle pallido lanço de muralha carcomida que blasona de romana, que se tem salvado com suas oito torres d'entre as convoluções dos terremotos, e dos renovadores? Ahi era a cidadella, ahi o alcázar dos Alcaldes ou régulcs saracenos; e ahi permanece como guarda d'aquellas pedras a memoria de um grande feito portuguez. La prendiam as duas fiadas do muro que, recurvando-se logo uma pelo nascente a outra pelo poente, corriam divergentes ao longo dos dois recostos, até entestarem com as aguas, ao rez das quaes dando-se as mãos, outra vez se fechavam: longa e tombada piramide de povoação, cuja base assentava no Tejo, o vértice na cidadella! Por doze portas se abria para toda a parte a muralha, guarnecida de torres; torres e muralha que um chronista d'essa idade, tendo-as visto e por ventura pelejado, appellidou de *admiravel estructura*, e *inaccessivel* o monte que fechavam. O mar e outeiros circunstantes contemplavam com respeito aquellas torres, colossos de pedra que entre si se bravavam áleita, que nem de noute nem de dia cerravam olho, não depunham nunca as armas, e cujo quarto de vela poderia ser de mil annos sem as cançar. Das doze portas era a principal contra o occaso a *Porta de Ferro*, quasi no sitio onde veio a nascer, e hoje convertida a sua casa em templo se adora protector do reino, Santo Antonio, o Santo popular dos milagres, das alegrias, dos achados e dos cazamentos: do Sol nascente tomava seu nome a *do Sol*, que respondia ao posto onde outro templo se veio a consagrar mais alteroso a S. Vicente, particular advogado da Cidade: outras quatro portas emfim, alguma das quaes retem ainda o nome de *Porta do Mar*, davam para o Tejo: entre ellas e as aguas não media va aquella porção de terra hoje descoberta e arruada, que appellidamos Ribeira Velha; vinham as ondas pulsar-lhes os limiares, e trazer á Cidade com as barcas e navios dos mercadores, dos corsarios e dos Principes alliados, a fartura, o tráfico, a riqueza, as armas, os brios e as presumpções de inconquistavel. Se escutammos uma vaga mais plausivel tradição, ahi onde com voz arabe se diz *Alcaçarias*, tiveram os Reis Mouros uns sumptuosos Paços, recreados por fora com o movimento das suas ondas e do seu povo sempre em actividade, no interior deliciosos com estas mesmas aguas tepidas e saudaveis que ainda hoje nos banham abundantes, e onde então se banhavam as formosas invisiveis do serrallo. A' vasta e carrancosa fortificação exterior accresciam as interiores providencias de que o arabe guerreiro e ingenhoso não usava esquecer-se: espaçosas cisternas para os apertos de um assedio; para o ultimo apuro e terror de uma entrada irresistivel a *Porta da Traição* sobre a encosta mais defeza, goelas abertas no solo, e fugidas subterraneas para a campina e para a ribeira. Não ha ainda muito que uma profusão de echos ruidosos respondiam d'aquelles occultos caminhos aos brados que de cima se lhes atiravam, d'onde a imaginação do vulgo logu fingiu e pregoou maravilhosos templos soterrados de infinita fabrica, e florestas de columnas e arcarias: cisternas mais recentemente abertas cortaram com suas paredes aquellas veredas militares, e com os echos ajudadores de fantasias emudeceu e se finou a fabula.

Taes eram os fortalecimentos e reparos da industria ajudada da natureza do sitio: por fora de toda a muralha trasbordam arrabaldes, os quaes semelhantes a um bando alegre de creanças que espairecem, mas

temem alongar-se do amparo maternal, não ousam sahir-lhe da sombra e aventurar-se pelas solidões dos arredores. — O numero dos moradores, da cêrca a dentro e a fóra, por duzentos mil ou mais o computam as memorias escritas. — Moldurai este quadro, imaginando os outeiros e plainos circumvisinhos aproveitados com arvoredos e pomares, feregias, searas, hortas, pastios e rebanhos, manadas de bois e cavallos por toda essa amplidão de occaso, de septemtrião, e de nascente, que o nosso povoado cobrio de suas calçadas, ladeou de seus edificios brancos, aventa com o seu bôlicio perenne. — E para concluir, acrescentai ainda a pintura da scena, representando um esteiro do Tejo ao longo do valle que asoberbam emparelhadas as tres ruas dos formosos nomes (a Augusta, a da Prata, a do Ouro): por onde agora pisamos longos passeios de marmore entravam e refluam as marés, e onde as lustrosas carruagens voam atotinando o dia e a noute, resvalavam serenamente em suas barcas indo e vindo os arraes e gente mourisca com seus barretes de grãa, com seus pellotes, aljubas, marlotas, balandrões e capelhares colorados: sim, mas quem o crêra, se das entranhas da terra não houveram surdido os documentos? tempo houve até em que grandes argôles de bronze seguraram embarcações sob o claustro de S. Domingos.

Vistes a cidade: espriai mais ao longe os olhos; divisareis povoações fortes e castellos que a saudam e tractam como boas visinhas. No alem rio, dominando as aguas Almada, a mineira do ouro — sentada nas nuvens Palmella, a atalaia de duas provincias — Sizimbra a pescadora, a folgar com o estrondo do seu oceano — Alcacer a Romana e indomavel, revendo-se no rico estendal de suas marinhas: — para a quem do Tejo, entre outras, Sacavem, Mafra, Cintra.

## II.

As victorias ultimas de D. Affonso, a notoria grandeza de seus projectos, a recente queda e tragica noute de Santarem trazem as Cidades mouras em sobresalto. Lisboa, por mais forte e principal, não ignora que, primeiro que nenhuma outra deve ella tremer. Sabe como El-Rei tem apellidado suas terras; como, contra seu genio e costume, ja trascorreu dias e mezes em aprestos para uma expedição estrondosa: está por tanto apercebida para o receber. Com a fronte levantada ella espriava por suas aguas e terras a vista até ao horizonte, á espreita d'onde assomará inimigo; e a paz mais profunda e amorosa lhe ria nas papoulas côr de fogo e malmequeres amarellas, com que Maio largamente recamava a boleda superficie dos seus campos; nenhuma proa suspeita commettia a serenidão do Tejo. Senão quando, (eram fins do mez) pelo norte se lhe descobre a nuvem da tempestade. He nova e mais crescida hoste portugueza, he a Sina de Ourique, he D. Affonso!

Ao primeiro rebate de tal noticia, subio tudo ao alto dos muros e cobellos, ás cumieiras das casas e mesquitas: toda a povoação está pousada em pinha, como um enxame que trepida e susurra sobre o tecto da colmêa ameaçada; os soldados para se esforçar, as mulheres para se carpir, as crianças para se gosar do espectaculo, os velhos para verter lagrimas caladas, e todos cubiçosos de ver a estatura, as armas, o numero de gente que tanto fez e tanto ousa. D. Affonso e os Portuguezes podem, n'um relancear de olhos, fazer o alardo do immenso inimigo que os espera. — Todas as ferradas portas do muro se trancaram rijamente; todos os postos militares se guarneceram conforme ao tempo; todos os inuteis á guerra desceram para deixar livre o espaço a seus defensores, servir-lhes, ajuda-los, e orar. Lisboa e D. Affonso estão na lice, e rosto a rosto; Lisboa com seu membrudo corpo e immensa alma, D. Affonso comsigo, com Portuguezes, e com Deus, que he a sua fortuna.

Fugio Maio, entra e cresce Junho, e ainda entre si se medem; nenhum levantou o braço para esta lueta de morte: a Cidade, porque em defender-se lhe vai muito mais do que em accometter, e porque com olhos longos, a todas as horas espera ver chegar e descer por sua parte á arena as cidades e fortalezas visinhas: El-Rei, porque, posto que se reforçou com quanta hoste poude, não tem ainda braços assaz longos que valham a apertar pela cinta e suffocar aquelle monstro descommunal. Em roda lhe gira, estudando como e por onde lhe varará o golpe ao coração.

Era chegada a vigília dos dois Principes dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, tão celebrados sempre na christandade. Jejuavam os nossos, encomendavam-lhes a demorada empreza, oravam ao celeste porteiro que antes de lhes abrir a elles o empyreo, franqueasse á Santa Fé cujo era patrono, as ferrenhas portas d'aquella barbaria, e sob as armas ociosas não ousavam de abrir o coração aos patrios folguedos de tal dia: eis que, de velas desfraldadas ás escaças virações do estio, sobem serenamente, como um bando de cisnes, pela deserta vêa do Tejo, obra de cento e cincoenta, ou mais navios christãos. Saídos de diversos portos do norte da Europa para ir ajudar a conquista geral da Syria, esperados de D. Affonso para temperarem primeiro com elle as espadas no sangue arabe das Hespanhas, convidados tambem sem duvida do desejo de conhecer tão deliciosas terras e tão apregoado Capitão, e sófregos de n'ellas e com elle ganhar mais riqueza para si, não menos gloria perante os homens, e aos olhos de Deus iguaes merecimentos, remontavam alvoroados e ao som de muitas musicas, pelo tão fallado rio, uma das mais soberbas téas de seda e prata que jamais a natureza

desenrolou. Crescia-lhes aos olhos a Cidade valorosa, esvoaçavam-lhes os corações no acampamento dos baptisados, as armas e bandeiras de suas diversas gentes reluziam ao sol de um dia festivo, no mais bello clima que nunca sonharam.

Ao estrondo com que os dois exercitos de terra e mar se victoriarão de longe, Lisboa segunda vez ergueu a sua cabeça de tantos mil olhos, apertou mais fortemente na mão as armas, e suspirou com dobrado fervor pelo auxilio de suas Irmãs mais novas. Ja pára em frente d'ella e ao largo esta cidade aventureira, lançados ao fundo os seus alicerces de ferro. El-Rei acompanhado dos Bispos de Portugal e principaes Capitães da hoste, desce á praia para receber ao limiar da sua terra nova os amigos de seu coração grande, os filhos de tão apartadas regiões.

São estes que em cardume vem desembarcando, Inglezes, Francos, Lotharingos, Flamengos, Allemães, e alguns outros septemtrionaes. Por Cabo geral da expedição pegoarão com altos louvros as nossas Chronicas, um Guilherme de Longa Espada, irmão de Guilherme Duque de Normandia e Rei de Inglaterra: mas não faltam n'ella barões, por sangue, por esforço, por piedade e por sciencia de grande conta e apreço. Erico, pelo suave da sua condição appellidado o Cordeiro, que troca o manto Real da Dania pela loriga do soldado, que logo despirá pela cogula do religioso, e vencido no thro no, lidador no campo, descanço e triunfo só os encontrará no claustro com a morte: — Theodorico, Duque de Lorena, Conde de Flandres, capitão da maioria do exercito, e pai d'aquelle Philippe que ha de receber por esposa uma filha de D. Affonso Henriques, D. Thareja, e a deixará viuva, perecendo soldado de Christo em Terra Santa: — Arnoldo, Conde de Areschot: — o Condestavel Christiano: — Roberto, Senhor do Caste llo Insolense: — Arnulfo, douto ecclesiastico flamengo, de quem chegará uma carta á posteridade com a relação do cêrco: — o Abbadé Dodechino, Chronista do seculo, que igualmente lançará ao futuro um pregão do que se vai passar a seus olhos: — o Bispo de Breme: — os Bispos Atrebatense por nome Alviso, e Noviomense Simão: — o virtuoso inglez Gilberto, que regerá primeiro Prelado a restaurada Igreja Lisbonense: — muitos outros Sacerdotes e Monges, alem dos cavalleiros de quem nas relações portuguezas se fará particular menção sob os nomes de Childe Raolino, D. Licherte, D. Ligel, dois Lacornis D. Guilherme e D. Roberto, D. Jordão, e D. Alardo. Quem poderia descrever toda a diversidade de trajos que de repente arraiou as praias; o imagnario de tantas tenções e divisas bordadas de ouro e prata nas cotas, entalhadas e relevadas nos escudos; as distinctivas cores das charpas de cada Senhor, reflectidas nos adornos de seus vassallos e sequezes; os telizes e arnezes dos cavallos; as armas dos combates, arcos, béstas, fundas, lanças, archas, massas, espadas, estoques e montantes; e o confuso susurro de alegria em tantas linguas, por estes ares inda ha pouco silenciosos!

Recebia-os El-Rei como a bons auxiliares e amigos, e convidando aos seus apoentos no arraial os principaes Senhores, Barões, e Prelados da gente estrangeira e propria, lhes disse: « Mal era para se hospedar n'uns pobres Paços de panos como estes, coados dos raios do sol e esvoaçados dos ventos calmosos, um tão luzido e numeroso concilio de magnates: mas não he aqui mais do que o vestibulo; a sala onde vos darei festim pela boa vinda, he aquella que logo se vos vai abrir. (E com a mão lhes indicava os muros de Lisboa.) Senhores Cruzados, a Cidade que aos olhos tendes he talvez entre as das Hespanhas a mais forte. Por sete annos vai que eu o experimentei: cerquei-a, ajudado de outra frota de setenta navios francezes, que tambem navegavam para a Terra Santa, e dispartimo-nos cançados, sem havermos conseguido senão deixar-lhe assolados os burgos e a campanha. Desde então ella se tem refeito e melhorado, como vedes: mas tambem desde então cada anno tem acrescentado na balança de Deus os crimes e insultos da gente saracena, e por esse meio facilitado a corrente das nossas victorias. O meu antigo voto de levar a cabo esta empreza, segunda vez o renovei logo em mim mesmo, e terceira e ultima o confirmo hoje diante de vós. Lisboa he o meu sonho de sete annos: atravez de cada uma das outras cidades que oppugnava eu via sempre Lisboa, e agora que a tenho presente, por nenhum caso do mundo a abrirei da mão senão morto. Se perante ella nos achastes detidos, não era coração que nos fallencia; mas Lisboa tem, bem o conheceis, as suas raizes na agua; pelo Tejo se lhe renovariam perennemente as forças. Faltava-nos ainda uma armada para completar o assedio, a Providencia vos elegeu; Santiago, debellador de pagãos, que vindes de visitar romeiros, vos inspirou; S. Pedro o patrão dos mares e da fé vos desembarca; o neto de um conquistador de Lisboa, vos recebe! Vós sois tambem os netos e muitos de vós os filhos dos primeiros Cruzados, e as espadas que herdastes são as mesmas que tanto resplandeceram ao sol do Oriente, e renderam Nicea, Antiochia, Jerusalem. Com taes auspicios e taes auxiliares, que impossiveis deixariam de se tornar faceis a gente de Portugal? Crede-me, quanto homem pode desejar, tudo agora nos dará esta boa inimiga: antes do rendimento, exercicios de valentia, mortes preciosas, fama por toda a christandade; depois de captiva, a mim e aos meus multidão de escravos, dilatação de Estado, aumento de segurança, as chaves do Tejo e do mar; e a vós ouro prata e alfaias com que vos retirareis opulentos, que a vós só concedemos, outorgamos e manteremos desde esta hora todo o despejo. Tendes tambem o arbitrio de comnosco vos ficardes, e de fundar, povoar, e desfrutar n'esta região abençoada



da. Descendentes vossos, se o acceitardes, se ufanarão com se chamar Portuguezes, como eu, eu tambem, que tal nome não dera ja hoje pelos mais honrados do mundo: não, que o não déra; e a rasão com que o blasono, vós mesmos a presenciareis nos proximos conflictos.»

Recebeu toda a assemblea com estremado applauso as palavras do Monarcha, e muitos agradecendo-lhe e acceitando ja d'ahi o benevoloo convite, que a terra o ar e a quadra do anno pareciam estar ajudando, folgaram do ensejo para apertar com as suas, aquellas mãos tão veneradas no largo mundo por seus feitos. Tantas glorias reunidas em tão pequeno espaço produziam n'uns e n'outros uma embriaguez mutua, e cada um sentia menos o orgulho, que a sua presença e nome podiam accrescentar áquelle concilio, que o engrandecimento que de taes companheiros lhe resultava. Os mais illustres não julgando, nem esses mesmos, ter merecido tanto, appellavam para o futuro, e se impunham o dever de pagar generosamente á fortuna o que ella ali generosamente lhes adiantava. Era a massa do vulcão que hia submergir Lisboa, a ferver ja accessa na mina!

El-Rei, tanto pelo gosto de conhecer particularmente a cada um de tão luzidos cavalleiros, como por melhor os afeiçoar a si, ás suas cousas, e terra, os conversava, ora separados ora junctos, com a boca cheia de riso, detendo-se menos em relatar seus feitos que lhes elles perguntavam, que em lhes perguntar e louvar os d'elles tanto privados como publicos, especialmente os principios que então corriam da segunda Cruzada, que de suas terras os demovêra: e essas narrações tão recentes e ainda tão novas ca nas margens do Tejo, e ás quaes a presença de Lisboa saracena refinava o sabor, eram para elle e para os Portuguezes o mais apeteccido passatempo. —

### III.

Morrêra o esforçado seculo XI, esse que apoz infortunios, talvez merecidos, entregára aos Cruzados os Lugares Santos; morrêra com elle Gofredo de Bulhões que os manteve quasi só; com Gofredo morrêra emfim a fortuna. O Mahometismo tornava a revolver-se; as suas ondas ameaçavam afogar em breve todas as ja vacillantes victorias christãs n'aquellas partes. De forças e união se carecia para lhes resistir: as forças attenuára-as o sol da Asia com a molleza, com os vicios, com as enfermidades, com a morte; a união entre os diversos Principes Cruzados, privadas dissensões e invejas mutuas a desfizeram, fructo venenoso da feudalidade transplantada para um clima de fogo. As cidades e fortalezas dos baptisados hiam pois caindo umas apoz outras aos fios da simitarra barbara, e Jerusalem estremeçia ja no seu deserto, como a tenda do viandante abanada do primeiro sopro da tempestade ao cair da noute. O scetro, que fôra clava na mão de Gofredo, progressivamente enfraquecido nas de seus successores; agora de todo viuvo por morte de Fulcon, via-se indeciso entre uma mulher e um minino. Deixando estes ruins auspicios se acabava o anno de 1142. Empeoravam as cousas de dia a dia. Sanguino, o mais formidavel capitão da Syria, chegára ja a arrebatara a forte Edessa no dia do Natal de 1144, e na sua ma noplra triumphal a torçera e espremêra de todo o sangue christão: e depois d'ella ainda outras muitas praças e cidades correram os mesmos ou semelhantes fados. Todo o lado oriental do edificio da christandade, alçado a tanto custo, estalava, desabava, subvertia em ruinas os seus moradores. O alarido dos que sobreviviam echoava por todo o Occidente. Os que de lá vinham augmentavam com seus terrores a fama; e aos pés da Cadeira Pontifical de Roma um velho Prelado, representante e documento dos infortunios e transe da Palestina, invocava com os olhos afogados em lagrimas, e as mãos apertadas na cruz, a misericórdia da Igreja para com sua irmã deshonrada e moribunda entre salteadores. Eugenio III se levanta, desembainha o gladio de S. Pedro, grita ás armas. El-Rei de França Luiz o Moço convoca na cidade Carnotense todos os Senhores e Prelados. Assemblea tão lustrosa ou tão vasta nunca d'antes a houvera; não ha casa nem templo que os abranja. N'um campo se congregam livre e descoberto, em cujo meio, subindo com El-Rei a um cadafalso o grande servo de Deus Bernardo, primeiro Abbade de Claraval, tão inspirada voz levantou por cima do attentissimo silencio da multidão, tão vivo poz aos animos o painel do aperto e necessidade dos christãos orientaes, tão bem ungiu com palavras de piedade os corações, que todos os olhos eram fontes, todas as vozes uma só voz « Cruz! Cruz! » e todos os braços se estendiam para a tomar. Foram os primeiros que no hombro a pregaram El-Rei, a Rainha, os Prelados, os Grandes: necessitou-se até que o santo Abbade rasgasse e desfizesse o proprio hábito para dar o suspirado emblema aos que na repartição innumeravel não haviam podido ter parte. Este segundo e melhor Pedro Heremita, cuja palavra accendia um reino, parecia a todos, pela austeridade de seu viver, pelo venerando de sua presença, pelo alumiado de seu entendimento, e pela fama de seus milagres, o mais forte e bem acondicionado general para a empresa; mas a sua humildade contrapezava todos seus outros meritos; o que a sua voz havia valido com toda uma nação, o clamor de toda uma nação não o pôde acabar com elle: outra era a sua predestinada milicia. Proseguia apostolando, e evangelizando, pela Europa alem, a guerra que não podia capitanear religioso. Os principes e as cidades se lhe rendem e se cruzam á porfia. O poderoso Imperador de Allemanha Conrado, como presago dos infortunios que o aguardam, resiste; mas prodigios, mas uma eloquen-

cia que he de todos elles o maior, mas a furia santa e contagiosa que essa mesma eloquencia lhe accende em de redor, o subjugam: a Germania sobre as pisadas da França desceu emfim á malfadada arena. Conrado e Luiz conduzirão em pessoa os seus valorosos: as suas bandeiras serão os guiões de todo o Occidente. Para ellas se voa de toda a parte da Europa; e se um ou outro Principe, mais amigo dos fructos da oliveira que do susurro da palma, ou mais tibio na fé, ou menos confiado na estrella das aventuras, se deixa ficar entre seu povo, da hoste dos Cruzados recebe, por presente de despedida, uma roca e um fuso.

Entrava por sua primavera o presente anno de 1147. Dois famosos exercitos terrestres estavam em pé para marchar; o dos Theutónicos em Maio, o dos Francos em Junho: aquelle de setenta mil, este de ouenta mil combatentes: um e outro espantosamente accrescentados de infinidade de serventes, de mulheres, de devotos, de monges, de clerigos, que eram como o musgo denso d'aquelles grandes penedos, e que, augmentando-lhes o volume, lhes dificultavam o rodar, e lhes amorteciavam muitas vezes o embate. Mas primeiro que estas duas hostes de terra se abalasses, ja os ventos de Abril haviam despegado das praias do Rheno e do Véser, uma armada naval de Flamengos, Lotharingos e Allemães, que reunidos no porto de Colonia, se partiam adiantados para a bellicosa romaria. Eram todos presencias testemunhas e argumentos vivos da pathética eloquencia e prodigios do solitario de Claraval. Celebrada com suas familias a Paschoa, á semelhança dos antigos Hebreos em pé e ja cingidos para partir, aos vinte e seis de Abril desferem velas: e navegando em vinte e tres dias o pouco mar que os dividia da Inglaterra, e a que um chronista da era chama *amplissimos espaços do oceano*, surgem no porto de Tredemunde ou Cremunde, d'onde, reforçados com Arnaldo Conde de Areschot e boa copia de Inglezes, saem em numero quasi de duzentos navios. Açoutados de porfiadas e descompostas tempestades, dispersos, percorridos varios portos das costas septentrional e occidental da Hespanha, desembarcam a implorar mercê de Santiago no seu altar de Compostella, e alegres e esperançados com sua bençam, tornam-se ás ondas. Proseguindo no intento que ja traziam de vir estrear-se nos infieis mais visinhos, remontam o Douro uma segunda feira depois das outavas do Spirito Santo. Com braços abertos os recebeu o Bis po do Porto, que ja sobre aviso d'El-Rei os estava aguardando. Nos onze dias que ahi se detem á espera do Conde de Areschot e do Condestavel Christiano, que a tempestade trazia desgarrados desde a Ascensão com parte da armada, receberam com o melhor agazalho dos da terra, abastança de mantimentos e refrescos, que a munificencia Real lhes facilitava, e que o deserto das praias de Lisboa lhes tornava indispensaveis. Reunidos todos, deixam o Douro pelo Tejo, onde com dois dias de próspera viagem acabamos de os ver entrados e recebidos com tanto contentamento de parte a parte.

### IV.

Desembarcadas todas as forças, entendeu logo El-Rei em inteirar o cêrco. O primeiro dia de Junho os viu assentar as tendas; ás tendas succederam immediatamente estancias mais commodas, despejados á força todos os arrabaldes de seus moradores. Para si e para os Portuguezes tomou El-Rei o meio do cêrco, não só para poder mais igual o facilmente reger a direita e a esquerda, mas sobre tudo porque essa frontaria do norte era a mais ameaçadora e a que sem armas por si contradiria os mais impetuosos assaltos. O nascente, guarneceem-no os Flamengos, Allemães, Lotharingos; os Inglezes e alguns Francezes o occidente: a armada, cerrando o sul, tolhe aos da cidade toda a esperança de fuga, ou de soccorros de gente e mantimentos, que da Africa ou do Algarve ou do Alemtjejo acudissem.

Ao dia decimo, esculcas e atalaias entram pelo arraial d'El-Rei, denunciando como a poucas leguas para o norte recresce com pavoroso ruído uma desmedida nuvem de pó, afrontando os campos e escurecendo o sol, que para estas partes se endereça, e que segundo novas, traz em si cinco mil mouros de cavallo e corredores, dos castellos de Thomar, Torres Novas, Alemquer e Obidos. D. Affonso rasga do seu campo uma porção de mil e quinhentos cavallos e corredores, e á desconhecida frente de quem o procura a arremessa. Em Sacavem se embafteram os dois esquadrões, onde ja, pela ponte que ahi havia, eram entrados os Agarenos. Foi pelega memoravel: cae dos christãos a maior parte, dos infieis passante de tres mil. Não dá a ponte vasão á fuga dos inimigos: muitos entre a morte do ferro ou da agua trepidam um momento. . . precipitam-se, desaparecem. Os vencedores poucos, mas emfim vencedores, faltando-lhes ja resistentes, vão bater ás portas do castello sobranceiro ao pégo: abre-lhas o Alcaide Bezai Zaid: com suas mulheres e filhos prostrado no limiar, lhes entrega as chaves. Convertido pelo milagroso do vencimento, pede o baptismo, e se consagra heremita para o restante da vida ao serviço da Capella que no alto do outeiro começa de se levantar á Mãe de Deus. Ahi, n'esse templosinho, o primeiro que houve de christãos nos arredores de Lisboa, foi depois enfiando como perolas finas em rosario, annos sobre annos de penitencia e charidade, abençoado de Deus e abençoando os homens, e tão bemquisto da terra e do ceu como da sua consciencia. Uma hermda o conchega melhor do que um alcáçar; o som da sineta o deleita mais que o dos anafis; o seu borel secco e aspero ja o não dera pelas gilas do Califa de Cordova. Por entre as amiudadas cruces de pedra, plan-

tadas em de redor da Capella, ás cabeceiras dos Portuguezes mortos, ajoelhado ou passeando Bezaí Zaide ora por D. Affonso, o mouro intercede pelo descanso dos christãos. Para si nada pede na terra, afora algumas raizes que o sustentem, flores que renove no altar da sua Virgem, e um canto onde elle tambem ao cabo durma á sombra da cruz, á beira d'aquellas aguas serenas, perante os olhos da que he estrella da manhã e porta do ceu.

## V.

Reforçou bríos aos cercadores a victoria de Sacavem, mas Lisboa não dá mostras de quebrantada. Todos os dias e por todas as partes menos inacessíveis se veem os de fora assaltar galhardamente, e galhardamente os de dentro repelli-los: a astucia encontra sempre com a vigilancia, o valor embate o valor, as muralhas e a campanha se tingem igualmente de vermelho. Com estes jogos de soldados se desfadavam os christãos do esperar em quanto se aprestavam as necessarias machinas e artificios para um assalto geral. Por espaço de um mez se misturou o retinir das escaramuças com o estrepito do trabalho de milhares de soldados obreiros ao longo da agua, á direita e á esquerda da cidade, por onde menos inclinada se offerece a serventia para os muros. Em ambos os arraiaes dos estrangeiros se fabricam d'aquellas torres de madeira, ja dos Romanos e Godos usadas nos assedios. Por toda a parte se carream e arrastam os tóros das mais corpolentas arvores: entregues a braços nervudos gemem sob o golpear dos machados, rechinam com o vaivem das serras, rangem por entre a grita do alar, pousam, travam-se, e entre o tropejar dos martellos vão formando paredes sobre paredes, andares sobre andares, até que o derradeiro iguala ou sobrepuje a altura da fronteira muralha. Desdenham estas briosas bastidas alicerces que as arraiguem como as torres de pedra: semelhantes a animaes monstruosos e ferozes, anceam o movimento e o espaço: com a rugidora fronte nos ares, o ferrado corpo aberto em bocas e ouriçada de lanças, de alto abaixo prendes de vida e furia, correm com seus pés rolantes, arremetem com uma cidade, aferram-na, luctam, e ou vomitando-lhe por cima torrentes de armados a rendem, ou morrem gloriosamente na demanda.

A trez de Agosto, festa da invenção do Protomartyr, estavam as duas torres, fructos de largo dispendio e fadigas, levantadas, perfeitas, munidas, e prestes a marchar, cada uma de seu lado, á vista dos navios attonitos. Quatro d'elles tambem, deputados da frota, devem accometter de rosto a cidade, lançando do alto de suas armações contra o muro das quatro portas outras tantas pontes, desde a *Porta Antiga do Mar* até á que depois se chamou do *Chafariz d'El-Rei*.

Lisibona entre tanto não está ociosa: espreitou e seguiu attentamente do cume de suas atalaias os trabalhos dos cercadores; conhece todo o perigo que a ameaça, e tem-se aparelhada para o resistir. De duzentos mil moradores nenhum deixou de contribuir para a defensão commum. Aquelles a quem a fraqueza de idade ou sexo impossibilitava o uso das armas, afervoraram-se em aprontar e junctar nos sitios convenientes todos os meios e instrumentos de defeza, amontoar pedras e cantos para arremessos, azeite, péz, enxofre, e mil invenções de fachos volantes e traves. Tudo que era ou podia ser força, tudo que era ou podia dar morte, saíra de seus armazens, depositos, e recantos, e subira estrepitosamente para o redor dos defensores, os quaes confrontando a carranca de sua cidade com a do campo adverso, a sua multidão com a pouquidade dos inimigos (porque aos christãos não attribuem as historias mais de treze ou quatorze mil cabeças), e a sua vantajosa posição com a de quem por qualquer parte só debaixo dos pés os poderia pgnar, apressavam com os desejos a hora do conflicto, lançavam olhos satisfeitos aos terrados de suas pousadas e mesquitas, e ja uns a outros se convidavam para o despojo dos quartéis e navios dos Portuguezes e Cruzados.

Estando assim todas as cousas a ponto, dá El-Rei o sinal de accometter, a que responde como um immenso echo o rugido de uma Cidade. De fora todas as sinas e balsões se meneam, floream-se todas as armas; de dentro toda a coroa de homens que peza sobre a muralha, fica firme como ella: e em quanto o cerco, á feição de uma serpente que enrosca e aperta um elephante, se vem ruidosamente contraindo, e ameaça todas as portas, e obriga os cercados a lidar igualmente por uma circumferencia desmedida sem poder concentrar-se em parte alguma, as torres e os navios, contra a frontaria e extremos lados avançam com galhardia, prestes ja ja a arremessar-lhes a um tempo as suas seis pontes, seis estradas aéreas para o martyrio e para a victoria. O pequeno espaço intermedio se diminue de instante a instante; vai desaparecer; vão travar-se a braços. Mas uma tempestade de ferro e fogo rebenta de cima do muro e dos cobellos: o vento, que se levantou fero, peleja pelos infieis, repelle os navios cravados de virotões e alastrados de mortos, propaga e enfurece as chammas que se ateam na torre dos Ingлезes. Imaginai o tumulto n'esta parte do campo! Edificio de tantos suores e tamanhas esperanças entre os braços freneticos e ferozes de um elemento devorador! Com os estralos das chammas, apupadas dos Mouros, assoviar dos tiros, gemidos dos moribundos e estrepito das pedras pelos broqueis e capellos de ferro, mescla-se aquella celeuma rouca do terror de quem lucta com um incendio. As labaredas zunindo, vãmente perseguidas a ferro por todos os andares, e invulneraveis como um cardume de serpes infernaes, es-

coam-se d'aqui para silvar acolá com mais furia, dispartem-se para confluir em mais amplo espaço, torcem-se, destorcem-se, labirintam, repassam, triunfam: e o desemparedado edificio desabando a lanços sobre lanços, mais não deixa juncto das accommettidas muralhas que um montão abrazeado de ruinas, de madeiros, e de homens, e por cima do Tejo uma cortina de fumo que o vento do norte dispersa d'ante a face da altiva Lisibona, por sobre os topos de duzentos mastros seus inimigos. — Em quanto assim a fortuna a servia e desaffrontava pelo meio dia e pelo occaso, os Theutónicos pelo nascente accommettiam com outro genero de industria, e procuravam pertinazmente á força de machinas romper o muro. Nova torrente de fogo reduz as machinas em cinza: o mestre que ja da brecha incitava os trabalhos, cáe apedrejado e submergido sob um montão repentino de penedos; a ruptura que á sua voz se abríra elle a fica ajudando a tapar com o cadaver.

Por este e varios outros modos larga e memoravelmente se pugnou em todo o circuito da Cidade com perda grande dos Saracenos e maior dos christãos, particularmente dos Francos, os quaes mais leões que soldados, mais temerarios que valorosos, confiados na grandeza e estranha força de seus corpos, corriam, ja singulares ja tumultuarios, a esgrimir mais perto do muro onde choviam bastissimas as frechadas, e cessando só de porfiar quando com o nome de Christo a ultima alma lhes fugia d'entre os labios.

A noute que sobreveio nem para uns nem para outros poude ser de alegrias. Os ouvidos ávidos das esculcas mouras, no seu ir e vir pelos adorbos ou andamos do muro, não ouviram nenhum cantar de soldado pela amplidão do arraial, nenhum folgar estivo de marinheiros dos remotos baixéis negros ao longo das aguas; só passos dos que vão recolhendo os mortos, só alguma sumida toada de cantos lugubres. A cidade colheu sim esperanças e ganhou ufania: nas mesquitas alumadas dão-se graças a Mafoma, triunfador do Christo; na frequentada alcáçova o Alcaide soberbo, com seus conselheiros e capitães saborêa-se na vingança, e julga ver aberto o dique á torrente das prosperidades; mas em muitas casas chora-se, e em todas, ás portas fechadas que o não ouçam visinhos, ainda se teme: são Cruzados, são Portuguezes, he D. Affonso!

## VI.

N'uma tenda humilde, retirada a um dos mais escusos confins do arraial, palpita com as virações da antemanhã a claridade de uma tocha sobre as cãs de alguns religiosos adormecidos por terra, e as faces graves e penitentes de outro, que ajoelhado entre elles e diante de um crucifixo, com alma toda assomada nos olhos, aspira celestes visões nas floreadas paginas de um Psalterio. Mão de fora levantou mansamente a cortina: as estrellas espreitaram aquelle painel digno do seu Creador, até que a um adejo do norte o lume ondeou e se extinguiu, e o solitario, recaindo no mundo, desentranhou do coração um suspiro. — « Não me hajaes a mal, D. João Ovelheiro, que a taes deshoras vos procure (lhe disse o que abríra a tenda): dormido vos fazia e não orando: certo que menos enfadamento vos causára então a visita. Mas pois o desbaptizado d'este vento aguião, de que tanta afronta recebemos hontem nós outros, vos apagou a luz, sahi ora se vos praz, que ja agua acima me parece quer alvorecer, e praticaremos um pouco no que me ha tolhido os soimnos de toda a noute. » —

A's primeiras palavras, o Arcebispo de Braga (que esse era) conhecendo a falla d'El-Rei se levantára presto, e ambos saíram, caladamente por algum espaço, contra a beira do Tejo. — « Em dois mosteiros heis sido fundador, meu Senhor Arcebispo de Braga: e tamanho amigo do ermo, lealdade de vassallo e zelo de religioso o trouxeram onde uma barraca em terra infiel lhe suprisse templo. De Matinas vos ergueis, e quando os Anjos alegres da alvorada hospedam vossos antigos irmãos la nos verdes e chilreados hortos de Santa Cruz e de Alafões, discorreis vós ao lado de um homem sangrento, á vista de muralhas e armadas, por entre martyres inseputos. » — « He meu dever (respondeu o Arcebispo) esforçar-vos com a fé até ao humbral da morte; mortos, interceder por vós ao Deus, cujos somos servos tanto os do arraial como os do ermo » — « E de ambos officios vos ides desempenhando fielmente (atallhou D. Affonso): mas outra dívida temos ainda, que na consciencia me carrega; de vós oro ma ajudeis a pagar. Todos esses que ahi jazem sem vida, quanto podiam e tinham a nós e a Deus o hão dado, deixando até seus corpos como moedas á conta do preço que ha de custar esta Cidade. A's suas almas ja Deus, como esperamos, haverá pago: mas a estes pobres corpos, que pelos perigos do mar e pelos inda maiores d'esta desconhecida terra largaram as suas; que se arrancaram d'entre abraços para se arremessarem ao ferro e ao fogo, e ousaram querer morrer onde para a agonia faltavam consolos, prantos para o cadaver, e terra benta para a sepultura; a estes corpos, que hontem nos faziam sacrificio de si, e hoje nada nos pedem nem nos sentem passar, insta que demos sem dilação, como a reliquias de soldados e santos, um campo santo e honrado onde durmam em o Senhor. Duas vezes mo estão clamando; uma d'aqui de dentro, outra la de cima, as quaes me não consentirão nenhum descanso sem que as haja obedecidas. Entendei portanto em escolher logo e ja, perto de um e d'outro arraial, os dois sitios que mais acondicionados vos parecerem para o effeito, sagrai-os, e recebei o voto que ja d'aqui faço, de n'elles alçar, se Deus for servido ajudar-nos na conquista, as primeiras casas de oração e collegios de re-

ligiosos que haverá n'estes subúrbios, os quaes lhes fiquem por monumentos, e onde para todo sempre se lhes perpetuem os suffragios. — D. João Peculiar (ou Ovelheiro) transportado em espirital contentamento, derramava lagrimas, esgotando por ouvidos, boca, e olhos as palavras d'El-Rei; e a quem, depois de algum silencio, respondeu: — « Grande he a vossa alma, ó D. Afonso, onde cabem ao mesmo tempo a guerra e a piedade. Não vos quebrantem provações de Deus, que o voto haveis de a final paga-lo vencedor, porque em toda a obra santa sempre vos hei visto ao meu lado ou diante de mim. Na paz vós nos ajudastes a fundar retiros para os fugidos do mundo; no meio da guerra vós nos mandaes aparelhar portos para os desembarcados das tormentas da vida; e dilatando para Deus a Igreja, e o reino para vosso povo, nem dos tristes dos estrangeiros vos esqueceis, dando-lhes, quando ja não são, a unica patria que lhes he possivel achar; um torrão, em que junctos pouzem os que nas mesmas regiões nasceram, por iguaes trabalhos peregrinaram junctos, e junctos vieram a acabar do mesmo ferro. As recompensas da Providencia eu vo-las auguro; a gratidão dos vossos, elles vo-la provarão sempre; pela dos estrangeiros, estas minhas lagrimas suaves que vos respondam, que ainda que uso de annos e mercês vossas me hajam feito portuguez, da minha França me lembro, sei o que saudades da patria doem na alma, e nenhuma cousa me apiada as entranhas como o achar estes affectos entre gente não minha. » —

Os dois cemiterios são immediatamente assignalados. O Arcebispo, seguido dos Bispos D. João de Coimbra, D. Odorio de Viseu, D. Mendo de Lamego, D. Pedro do Porto, e dos estrangeiros, e de toda a numerosa cleresia do exercito, os consagra invocando a Trindade Santissima, e aspergendo-os com um orvalho de agua abençoada. Toma depois duas pedras que igualmente benze e entrega a D. Afonso. Este, com devoto animo ajoelhado, as lança para fundamento das duas religiosas fabricas promettidas; e em hora magnifica se foram das mãos Reaes á terra essas sementes, de que brotaram e cresceram dois dos mais sumptuosos templos: aqui, mais visinho da Cidade, no cemiterio dos Inglezes e Francos, o de Santa Maria, denominada para sempre *dos Martyres*, pelo numero grande dos que em tal sitio acharam o somno perpetuo depois das batalhas da fé; alem e mais remoto dos muros, no cemiterio dos Theutónicos, o do padroeiro S. Vicente, occasião das futuras armas da Cidade; basílica e predestinada urna de grandes Reis e Principes. Em um e outro alto, começaram desde logo com as solemnidades rituaes da Igreja os enterramentos dos soldados, caídos na vespera.

De quam perfeitas harmonias não era painel aquelle complexo! Ao meio, a Cidade moura viva e bellicosa: nos recostos, á sua direita e esquerda, as mudas povoações dos finados christãos, como que postos em anfiteatro, para animarem ainda com a sua presença as pelegas, e cambiando misteriosas saudades com a corrente das livres aguas, e com a turba moveição dos navios que ao primeiro vento se podem abalar para suas praias: e entre os milhões de esperanças e alegrias remotas susurradas nas velas, e de alegrias extinctas e gelado nunca dos sepulchros, um acampamento de mocidade a devanear futuros, debaixo de baluartes inacessiveis!

A Senhora dos Martyres (se por ventura vos recrea folhear para traz nas eras) começou-se desde logo a fundar pelos seus estrangeiros, que na armada se diz lhe trouxeram a imagem: não safu por então opulenta como hoje a vedes, joia de marmore engastada em povoação rica: foi uma hermidã proporcionada com a aspereza do tempo, e (quem o imaginára hoje!) com o desacompanhado do monte. Ahi se congregavam para celebrar e orar quotidianamente pela boa sorte da guerra e descanso dos mortos, muitos clerigos e monges de grandes letras e maiores virtudes, companheiros da expedição — Em S. Vicente, principiada a Igreja, pozeram-lhe os Theutónicos Reitor um Sacerdote seu por nome Roardo ou Vivardo, acompanhado de um leigo, Henrique. Roardo cantava missa todos os dias, todos os dias repartia pelos feis ao costume antigo as eulogias, o pão bento ou de amor, e recebia do zelo publico as esmolos com que se adiantava a edificação. Henrique, singelamente albergado á porta da começada Igreja, guardava-a dia e noute; e onde hoje ouvimos pelos ares estremecidos, tangia elle ás horas uma sineta solitaria á usança de sua terra, mas cujas conhecidas toadas com o seu coração, e com o de muitos, bastantes segredos deviam conversar, bastantes deleites de infancia e de familia. D'este leigo e d'este cemiterio, porque nos desfendamos um momento das armas, apontam as memorias velhas um caso, que se como historico vos travar na garganta, como fructo silvestre ao menos o acceiteis das religiosas crenças e poesia d'aquella idade. — Perecêra no conflicto, guerreando muito gentilmente, um nobre e virtuoso cavalleiro, tambem Henrique, natural de uma villa que se dizia Bona, quatro leguas acima de Colonia, na ribeira de Reyna. Enterrado confusamente com os outros seus conterraneos, acudio a omnipotencia a estremar-lhe com milagres a sepultura, como foi o de dois surdos e mudos de nascença, que tendo-o em sonhos visto em figura de peregrino, com a sua palma ao hombro, cobraram ouvido e falla, com espanto e edificação de todo o exercito. Morrendo alguns dias depois d'elle um seu pagem muito amado, succedeu que lho sepultaram os companheiros mais desviado do que era rasão. Dormia o porteiro alta noute no seu cubiculo do atrio: apparece-lhe o Cavalleiro defuncto, e lhe pede com fervorosas instancias, que logo logo lhe desenterre aquelle seu servo e lho restitua, posto a par da sua

jazida. Havido o sonho por sonho e despresado do velho, segunda vez lhe torna a visão á seguinte noute com o mesmo recado e mais grave sentimento no aspecto e vozes. Não acabava ainda de se resolver, quando terceira vez se renova o portento, porem mais temeroso pelo agastamento e ameaças do santo. Levantou-se o coitado tremulo e espavorido: era alta noute e morava sosinho n'aquelle funebre deserto. Accende como pode uma candea; e abordoando-se na enxada, apressando os pés trópegos de sepultura em sepultura, chega á do pagem; cava, alça o corpo defuncto, carrega-o sosinho ás costas, e vai-se sepulta-lo ás plantas do seu senhor; bemdita amizade que nem por morte consente apartamentos! Quando ao dia seguinte, se viram e ouviram taes novidades, não só espantaram ellas, senão o presenciar-se outra que as confirmava, qual era, estar o bom do leigo, apoz noute assim trabalhada, tão são, fresco, e inteiro de forças, como se *jouvera em sua cama, folgando, sem fazer nada.*

A viva fé n'estes e n'outros milagres renovava e accendia a devoção, que n'aquelles peitos vestidos de ferro se transformava em valor bastante a romper por tudo: nem de menos se carecia que de maravilhas para abonar a presença do Deus das victorias em arraias ja quebrantadas da fortuna.

## VII.

Progredia o cerco e hiam por diante os aprestos para futuros assaltos, reparavam-se as machinas destruidas, construiam-se novas. A continúa presença d'El-Rei por toda a parte, multiplicava os animos e as esperanças: as frequentes refregas por aqui, por acolá, alimentavam os odios: e n'estas cousas, com varia fortuna se vai consummindo o mais de mez, que decorre desde o grande assalto frustrado até aos outo de Setembro.

O tempo que abastecia e reforçava os de fóra, com todo o mar e terra comunicados, exauria a olhos vistos a por nenhum modo renovada substancia da Cidade. Sobram-lhe braços para se defender, mas d'essa mesma força nasce a fraqueza. A peor inimiga da multidão he a multidão: as virtualhas e aguas decrescem com arrebatemento medonho, e o terror da fome anticipa nos rostos mais animosos a pallidez. Tem a guerra seus fluxos e refluxos, e a gloria pelo menos a contrabalança; a peste escolhe suas victimas e deixa-se resistir; mas a fome de uma cidade, nada a desconta nem consola nem distrae; as fadigas a agravam, o descanso a exacerba; relaxam-se as virtudes, as azas dos pensamentos nobres descaem, egoismo cego e surdo vai empedrando todas as entranhas. Não será a fome a que mais dissocia as feras e lhes refere a silvestre natureza? Uma consternação feroz murmura pelas ruas e casas. A cada hora, mais um armazem que se exhaur; mais uma matmorra, ou celeiro subterraneo, que se varreu; mais uma cisterna que restitue a mãos tremulas um cantaro vasio, ou espedaçando-o nas lageas descobertas do fundo, ás vozes que de cima a amaldiçoam respondeu com gemido soturno de sepulchro. Só algum abastado que poude precaver de longe a penuria, devora em segredo o que amontou, regala-se tragando as lagrimas e entranhas de seus irmãos, acautela que nenhum fumo da sua chaminé o accuse em publico de viver, e renova graças ao Profeta cada vez que d'entre as cerradas gelosias vê conduzir mais um mirrado para o descanso último do almocabar. Se n'esta infinita povoação, onde cada individuo com uma consciencia íntima de forças que protesta raivosamente contra a aniquilação, sente sem embargo acercar-se o seu fim inevitavel; se n'esta povoação desesperada, onde cada um de pé e com a alma inteira conta e calcula as horas da sua agonia; onde se vão pisando a um todos os espinhos e brazos do declivio para o sepulchro escancarado: se n'esta povoação condemnada, onde cada moribundo não tem mais lagrimas por si que as suas proprias, algum exemplo ainda apparece de generoso affecto, essas excepções sublimes, esses arrojos da natureza para alem de si mesma, só nos entes que ella fadou mais fracos, só nas mulheres e mãis os encontrareis. Essas sim, que primeiro que em si morram teem de morrer nos seus filhos. Quando ja lhes fallece com que renovar um último sôro nas duas fontes da vida, quando espremendo-as ja os labios infantis repugnam saibo de sangue, dão ainda lagrimas, procuram alimentar com beijos; e perdida ja de todo a esperança, apertando nos braços aquelles pinhores, como se os podessem conservar, lhes riem para os distrair, lhes cantam branduras para os adormentar, dormidos os mostram ao ceu, oram, e em favor de um amor prodigioso todos os prodigios crem possiveis. Quem, senão mulher, rastrearia, e mui por longe, o que pelas almas d'aquellas mouras passava, quando se assomavam com os pequeninos ao collo pelos eirados de suas casas, a contemplar os progressos do cerco, e a inquirir insoffridamente os futuros? — « Que de bandos de soldados a folgar em de redor das abundantes caldeiras dos Ricos-homens pelo arraial! que ir e vir de barcas, de carros, de azémolos assoberbados de todo genero de mantimentos; e um innocente sem ter onde humedeça a lingua! Tantos peixes a sair nas redes por esse dilatado Tejo, tantas aves atravessando estes ares livres, tantas hervas e raizes por esses montes, tanta caça por essas brenhas; e toda esta nossa afortalezada terra sem a substancia de uma folha verde, e até ja erma dos animaes que Allah creára para companheiros dos homens! Invejamos o ouro, a prata, as pedras finas, as riquezas de nossas casas: tomai tudo, afóra o ferro, e dai-nos pão. Sim o pão, a agua, e o fogo, para que se não diga de vós = cercaram um grande

tumulo vasio e venceram fantasmas. — Se inda invejaes os louros do Sexto Affonso de Leão, que Deus confunda, se lhe haveis a façanhosa cavalleria o entregar-se-lhe a nossa boa Santarem, quando ja não tinha para lhe oppor ás lanças senão corações espremidos da fome dos quaes não podia correr sangue, aguardai, valorosos de Christo, aguardai poucos dias mais. Se porem sois os que diz a fama, dai-vos pressa em quanto ha de pé quem vos possa receber: com os nossos filhos em braços descereamos ás portas a encontrar-vos, para que humanos uma vez, a elles e a nós encurteis com a espada este agonisar incomportavel; ou a elles os salveis, baptisando-os muito embora. E nós vos pagaremos o maleficio, servindo-vos escravas toda a vida: na paz arrastaremos como animaes as charruas das vossas terras; recolhidos dos combates, com as hervas de nosso uso vos pensaremos as feridas, lavaremos os freios e os pes dos vossos alfarazes. —

Continuamente crescia o desalento. Ja se ousava murmurar contra o Profeta: a fé, arraigada por tantas victorias antigas, açoutada da presente calamidade desmaiaava n'uns, n'outros hesitava, em muitos se convertia talvez para um culto que assim prevalecia contra o seu. Desatado este principal vínculo de fidelidade, nada podia contrastar o instincto da vida; e a despeito de todos os perigos, e da altura das muralhas, e do trancado das portas, e da vigilancia das guardas, se viam sair da Cidade infelizes, e vir correndo pedir em joelhos baptismo e pão. Nas horas das trevas principalmente, quando á volta dos lumes a christã soldadesca alegrava com jogos e contos a derradeira refeição, se viam despontar de longe aquelles semblantes pallidos que a claridade da chamma promettedora attrahia, e cujas faces descarnadas sorriam triste, quaes se pintam finados que uma luzerna de feiteiceiras congrega, e forçados mas pressurosos acodem ao prestigio. Uns, vem ainda escorrendo a agua do Tejo, a cuja torrente de cima do muro se arremessaram; outros, mostram as mãos e vestidos rasgados no descer de pedra em pedra desde o viso dos baluartes, até que fallecendo-lhes as forças ou o animo, ou onde se apegar, o juizo lhes remoinhou, cerraram os olhos, caíram; muitos se resvalaram a salvo por cordas ou longas hastas, mas quando ja respiravam, com os pés na terra promettida de seus desejos, presentidos das esculcas, ouviram das alturas um estalido d'arco, um zunir de setta pela escuridão, e logo nas carnes um topar de ferro. Embalde se irritava na Cidade a vigilancia, se requintavam as cautelas, se punham por obra para exemplo os mais atrozes castigos; os poucos alimentos enthesourados quasi unicamente para as párcas rações dos pelejadores, e tão defendidos com mão armada ao povo como as muralhas ao inimigo, bradavam mais alto que todas as considerações. A migração se amiudava de dia para dia, como de dia para dia se torna mais frequente, em arvore onde o outomno estancou a seiba, o despegar e cahir das folhas amarellas e mirradas, que pois que em seus ramos nataes ja não podem viver, na mínima aragem se deixam hir volteando a acabar em qualquer parte. Se a alguns porem d'estes malaventurados os salvava a fuga, a quantos outros não aguardava com mais desabrida morte! aos quaes, ou porque sedado o delirio da inedia que os tinha arremessado aos pés da Cruz, novamente a blasfemassem, ou porque renascido com a vida o patrio amor, tentassem refugir para os seus, ou ja porque insidiassem com falsos ou verdadeiros terrores os seus generosos hospedes, ou enfim porque a arabica altivez lhes não consentisse acurvar-se sem reluctar a christão jugo; lhes eram decepadas as mãos a golpes de machado pelos estrangeiros, que logo com os contos das lanças os repeliam do arraial para o muro. Rugindo e raivando como javalis em meio de cêrco e apupos de caçadores; desatinados entre o mundo que de toda a parte fugia e a eternidade que por todas avançava; passando a revezes subitos da furia á humildade, da desesperação ao espanto; baqueando-se, surgindo, correndo, ajoelhando, erguendo-se, e fugindo sem nunca fugir; ameaçando sem mãos, implorando sem mãos a terra e o ceu; esguichando dos pulsos o sangue contra as muralhas, forcejando trepa-las com os dentes e com os pés, endoidecidos do alto dos cobellos com uma saraiva de pedras e maldições; uns invocando Mafoma, outros blasfemando Mafoma e Jesus, estalavam em torrão de ninguem, senão da morte, sem esperança de lagrimas, de sepultura, de salvação, nem de vingança.

#### VIII.

Assaz provas tem ja dado de si os Portuguezes guerreando e vencendo mouros; assaz está patente o coração bellicoso dos Cruzados: toda a suspeita de cobardia resvala por seus arnezes ensanguentados como o vento pelos rochedos, e vai expirar aos pés das cruces de seus cemiterios. Não se espera em ocio torpe que, ralada do interno mal a Cidade, se prostre clamando misericórdia, e se deixe sem resistencia despir e agrilhoar: não, outras conquistas estão chamando por D. Affonso, a Palestina pelos aventureiros: o que a fome havia de acabar mais tarde e a salvo, urge que esforço e industria, atravez de perigos, o anticipem.

Desde o outavo dia de Setembro, no lugar da torre abrazada se está levantando outra, de admiravel fábrica e desmedida altura. Sabese a patria, não o nome do insigne mestre que a traçou e dirige, he de Pisa: o official que a executa he todo o exercito: o seu dispendio em tempo tres semanas, em fazenda a liberalidade d'El-Rei. — Em quanto assim por um lado descobertamente se aparelhava por onde descer ao alto do muro, pelo lado do muro opposto se mergulhava a furto nas

entranhas da terra, por baixo dos alicerces. Ao longo d'elles se estira, ja para mais de duzentos pés, uma tenebrosa estrada, onde até o lume dos archotes desmaia. Aqui os obreiros, se inimigos arremessos os não disturbam, se a guerra com os seus olhos de basilisco os não descobre, com peores terrores se affrontam, porque sobre suas cabeças descança, carregando no vacuo e apenas sustida de escóras de madeira, a monstruosidade de uma muralha com suas torres. A cada passo que adiantam, a cada punhado de terra que subtráem, a cada novo golpe que encaem calados, de ouvido á lerta, medrosos de ruido, póde o mundo sobreposto repentinamente afundar-se. Consideram-se uns a outros, e o estranho sitio onde se embrenham; mortos se afiguram reunidos em noute aziaga n'um só sepulchro. — Como assim procediam pelas trevas humidas e soturnas, percebe-se de um lado um surdo amidiar de enchadões! os homens de armas, que por cautela seguem aos obreiros, se condensam contra essa parte. De instante a instante claream os sons; ja a terrenha parede estremece, esboroa-se, desaba! Descobre-se, como frecha que veio de longe desferida por mão certa romper o lado de uma serpente e susta-la no seu correr, outra subterranea estrada que por esta entra, reluzente de armas e archotes. Grita de Jesu e Allah reboou a um tempo por aquelles echos novos: as espadas se entreteceram com as espadas, um rio de sangue estreou a virgindade da terra. Era o dia de S. Miguel, quando na igreja se memora a lucta do Archanjo com o Principe das trevas: dissereis que o vencido no ceu viera retentar o combate nos abismos. Recrescia a mourisma em ondas sobre ondas; recuavam brigando os Christãos; até que por sobre cadaveres e moribundos de uns e outros, desembocou ao sol aquella tempestuosa torrente de batalha. Acodem Christãos, não descontinuum de surdir Agarenos; cresce o baralhado redemoinho por cima de toda a mina, retine o ar com os golpes, retreme a terra com o tropear; por entre os vivos que tumultuam junca-se e altea-se de caídos o campo. Com medo de ferir os seus, de envolta com os contrarios, debruçados estão os de cima do muro, devorando com os olhos e accendendo com gritos aquella scena de vertigem, que se representava um como crivo de povo bandejado entre as mãos fortes do demonio da guerra. — Desde a hora nona da manhã durou a matança até ao desmaiar da tarde. Quebrantados então finalmente os infieis, não podendo ja levar por diante a gloria da sua desesperação, determinam recolher pela mesma fauce que tão numerosos os vomitára: mas os frecheiros que defendem a boca da mina, os recebem, e coroam a derrota: raros escapam, nenhum volta á praça senão crivado de feridas.

Senhores novamente os Christãos do subterraneo, continuam de dia e noute em o recheiar de materias inflammaveis, o linho, o enxofre, o alcatrão, os vimes, os matos esmirrados, ungidos em péz e em oleos: revestem de grossas capas denegridas a cerrada falange dos esteios; pelos pés, pelas cintas, pelas cabeças os travam uns com outros: o tecto, as paredes, o pavimento tudo he armado dos mesmos tapises. Representação temerosa de uma leva de demonios negros, que n'um corredor do abismo aguardassem agrilhoados o instante de um alto maleficio!

Mina e torre estão em fim concluidas aos dezeseis de Outubro. N'essa mesma noute se desampara a caverna ao fogo, em cuja actividade confiados, se vão quasi todos esperar em repouzo que o invencivel elemento seu auxiliar lhes haja aberto um caminho para as armas. Mudo está o arraial, mudo o ceu e o rio, muda a valente Cidade, com um mugir crescente de vulcão debaixo dos pés. O incendio invisivel se propaga e enfurece: pelo boqueirão da caverna vomita, apoz alguns momentos de reflexos ondeantes, linguas de chammas; logo uma só columna desmedida e massiça de labaredas sanguíneas, que o fumo aos rolos, aos novellos, ás nuvens, aos torreões, ás florestas de mil braços, rodêa, coroa, mascara, descobre e realça com as varias cores e fórmas de suas cambiantes fantasias, e os ares da noute serena se precipitam com um rugir de trovão soturno, atropelladamente devorados n'esta espelunca de inferno: he um tufão, he a alma do incendio que se esgota e se renova. Tres elementos se estão atormentando na contenda dos homens: o da terra succumbe. Sôa para a Cidade a hora da meia noute com um estampido pavoroso: duzentos pés de muralha desabaram, o fumo e o pó se amontoam pelos ares! Foi este terremoto o rebate de alarma. Flamengos, Lotharingos, Allemães, acordando sobresaltados em suas tendas, lhe respondem com alarido triunfal, e voam tumultuariamente contra a brecha, d'onde o terror deve ter afugentados os defensores. Chegam; as suas ondas trepam e inundam as ruinas: o veio de fumo e pó ja está rôto, e um escarpado monte de fortificações novas lhes apparece carregado de Saracenos, erriçado de morte por toda parte! Enfurecidos com a imprevisita resistencia os Cruzados, investem denodadamente: os inimigos os recebem nas pontas e gumes dos ferros com todo o rancor da religião, da fome, do susto e das longas injurias mal vingadas. Começou a peleja sobre a meia noute, continuou até ao meio dia, andou pelos Mouros a fortuna. Os estrangeiros redescenderam quebrados, como as vagas na resaca da maré, e vieram aguardar em seguro que assumasse do outro cabo a bastida d'El-Rei, e que tentados e divertidos os cercados por diferentes partes, deixassem esta menos inacessivel.

Tudo annunciava então um proximo desenlace, e que, n'este ultimo estrebuxar de tão caçada lucta, ou o exercito afogaria de uma vez a cidade, ou a cidade esmagaria para sempre o exercito, ou exerci-



Lith. de M<sup>e</sup> Louis Roux Nros des Martyrs N<sup>o</sup> 12 1/2

*Lindim* inv. e lith.

# MARTIM MONIZ, ENTALANDO-SE NA PORTA DO CASTELLO

DE LISBOA, COMPRA COM A VIDA A ENTRADA AOS PORTUGUEZES.



to e cidade pereceriam rugindo e abraçados pelas garras como dois tigres. Mas os contendores, que eram dignos um do outro, fizeram revolver-se ainda a sorte na urna da Providencia por mais quatro dias de transes mutuos. Que de memorias de heroicidade d'essas duas gentes e religiões rivaes não engulio este solo que pisamos! Se o que então se desdenhou ou desesperou de escrever, as caveiras enterradas sob nossas ruas e casas no-lo podessem revelar, que honradas soberbas se não levantariam tanto aos netos dos vencedores, como aos dos vencidos!

## IX.

No dia vinte e um de Outubro, dia ja memorando, e assignalado com sangue nos fastos da Igreja pelo martyrio de onze mil santas, determina El-Rei concluir a todo custo. No accommetimento, que vai ser geral, ha dois pontos sobre maneira arriscados; a torre ambulante, e a despenhada sobida do Norte: aos seus experimentados Portuguezes os confia. Deixa aos Lotharingos a brecha: aos restantes estrangeiros reparte os varios lanços do muro: para si nada reserva, apparecerá por toda parte, ajudará e acudirá a todos. He Martim Moniz o Capitão a quem toca vingar com um bando de Portuguezes a mais que difficil espalda da Cidade, e descarregar-lhe ao centro da nuca um golpe temerario, e por ventura decisivo.

De quem este fidalgo fosse quasi não alcançamos noticia: só o divisamos como certos Deuses Indigetes da infancia dos povos, que transparecem resplandecendo por entre nuvens. De um Conde castelhano, que a Portugal viera pelos dias de D. Henrique, o presumem neto; mereceu pelear em Ourique entre os valorosos de El-Rei, na dianteira do exercito; foi por dois filhos origem de duas series de nobreza que ainda permanecem; a só claridade da sua morte lhe supre uma vida patente de façanhas, e o seu nome se vinculou indelevel na Porta da muralha que ainda hoje lhe serve de Monumento.

Chegados á fralda da encosta, Martim Moniz se volta de repente contra os companheiros que, alçados os rostos, contemplavam attonitos o apumado e fragoso do monte, onde só alguma herva de longe em longe parecêra haver podido tomar pé, e em cuja crista por cima do muro fechado e torreado ressaía ainda a alcáçova; massas monstruosas, penduradas, ameaçando despenhos, e cuja mínima parte sobriaria a alaga-los: e sobre a alcáçova, sobre as torres, sobre a muralha, os terçados, os alfanges, as azagaiaes que giram resplandecendo! — «Procuraes o caminho, disse, eu vo-lo ensinarei. Se o accommetter he agro, impossivel nos será a fuga. Se nos recusarem a porta, força-la-hemos. Se entramos, captiva está a Cidade: se caíssemos, cairíamos tão alto que venceremos em gloria os vencedores! Tende fé nas divinas promessas, recordai-vos de Santarem. Adverti como somos postos hoje em exemplo a naturaes estrangeiros! Encomendemo-nos aos Anjos, que nos acudam com suas azas, e subamos por onde jamais não volveremos a descer.» — E elles subiam arremessadamente: o Capitão lhes levava uma larga dianteira. A cada passo que davam, o terreno decrépito se lhes esboroa debaixo das çapatas ferradas. Ora lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar, ora ir fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças. Choviam de cima os penedos que, rondando dispartidos para todos os cabos, tomavam alguma da gente, com a qual se hiam, de tombo em tombo, mergulhar no fundo do valle: e as risadas dos mouros ferviam nos ares, e todas as frentes portuguezas trespavavam, e as respirações resfolgavam amiadadas, e os corações pulavam de furor, e a muralha se avisinhava, e os olhos que d'ella se despregavam de relance descobriam por toda parte um estendido e formoso painel do mundo, o mar, a armada, os montes, as povoações mouras, e para traz e para baixo um abismo cada vez mais profundo!

Vendo os cercados que se ousava arvorar escada contra aquelle muro, pôr mão violenta n'aquella porta; como valentes que eram e seguros de si, deixados em cima os necessarios para derrubar os escaladores, descem a abri-la, saem generosamente a campear. Martim Moniz lhes tem rosto, os aperta, os rechaa, os persegue; pela mesma porta que os despejou os recalca para a praça, e embevecido na matança se interna apoz elles. Aqui principiou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dois bandos contendores. Mais numerosos os de dentro, não menos varões, e avantajados como gente de casa, precepitam-se rijo, arremessam ante si os Portuguezes. A porta, temerariamente aberta, vai-se fechar; de cima do muro a salvo consummarão a derrota. Moniz, a quem o malogro de tantas fadigas desespera, á porta se atira novamente como trave balouçada de aríete, aguenta-a contra o pezo e esforços de dentro, ruge como leão appellidando os seus soldados, fa-la gemer, bocejar, entre-abrir-se. Inclinado contra ella, com os pés ambos repulsando a terra, com o hombro e com a frente o madeiro, sobejando-lhe ainda alma da que em todos os membros lhe pullulla para esgrimir a espada, ora com ella acena aos companheiros, ora pela abertura cada vez mais de vassa a rodêa como corisco pelos rostos e braços dos resistentes, até que fraqueando estes um pouco, e sendo ja perto Portuguezes, pondo no empenho o último de suas forças e escorrendo em sangue que ja de largas feridas lhe repuxa, entre o umbral e a couceira se arroja; deitado e moribundo barafusta ainda; offerece-se por ponte á vingança portugueza; e sentindo sobre si o correr de soldados seus, que ja não pode ver, despede com um grito de alegria a grande alma, e abre da mão a espada, finalmente viuva.

Emquanto assim a Cidade era perseguida pelo norte, defendia-se ella nas suas duas orlas de nascente e ponte. Os Lotharingos, desde que a torre assoberbada de bellicosos varões portuguezes se avisinhou do opposto muro, recommetteram a brecha. Os Flamengos e Allemães assaltam com maravilhosa galhardia a muralha, trabucam machinas por toda parte; não tardará a se arrear a ponte levadiça da torre. A fama, que voa e revoa desacordada por dentro da povoação, encarece e multiplica os perigos, diffunde ao mesmo tempo a heroicidade e o desalento. O valor e o terror dos desesperados, os alaridos dos inermes, e o retinir dos anafles, e o vozear dos Capitães se accendem mutuamente. He uma nau grande em temporal defeito, perseguida de todas as vagas; os passageiros fechados no fundo a carpir-se da morte que ja ouvem rebramir por fora, os mareantes e mestres todos em seu officio, anteparando a entrada ás ondas, despejando as que entraram, e trabalhando pela salvação commum até depois de perdida a esperança. Taes andavam grandiosos, a braços com todos os fados, os indómitos filhos do Profeta. A torre, a torre sobre tudo os affrontava, que alem de desconforme na grandeza, horrenda na solidez, e por artificios e engenhos pugnacissima, tremúla no vértice o estandarte de Ourique, trasmostra por todos seus andares de frestas, cabeças e armas portuguezas. Contra ella pois se encarreia a maior furia: um vendaval de pedras disparadas das manguellas mouras, lhe açouta a frontaria e os lados, e os saraiva densa, e lhe varre da esplanada quantos lidadores ahi renascem. Quasi he cercada a flor dos cercadores dentro na sua propria fábrica, retraindo-se ja da morte que em todo o de redor lhes troa e os desarma. Os infelizes, animados de tão próspero agouro, ruem em chusma ao campo, e com a espada na direita, esgremindo-a e fazendo praça, sacudindo na esquerda archotes e lanças com fogareos inextinguiveis, arremettem contra a bastida, contra o monstro que, de garras encolhidas, e caminhando vagaroso, se achegava á muralha. Ja esta listra movediça de fogo e ferro se encurva para o abraçar. Não bastam os de dentro a resistir, alvorota-se de longe o campo, acodem os estrangeiros: o incendio começado, com o sangue dos Mouros se apaga; e mais feliz que a sua predecessora, a torre soltou enfim as cadêas de ferro á ponte levadiça, a qual assentando estrepitosamente sobre o muro e mostrando logo Portuguezes, produziu o effeito repentino de feitiço atirado a mar tempestuoso. Lissibona deixou cair os braços e as armas pasmada! E como se a sua hora derradeira lhe houvera dos ceus resoado no espirito, em signal de paz estendeu a dextra á do inimigo.

## X.

Reina a alegria no acampamento e na armada. A desesperação da Cidade transformou-se em tristeza misturada de esperanças: nem um alfange passeia sobre os muros, nenhuma voz ameaçadorã os insulta de fora. Os Capitães Portuguezes que sobrevivem metteram nas fundas as sinas, e as plantaram em de redor do pavilhão Real; sinas e pavilhão os soldados os coroaram dos ramos ainda verdes que o benigno outomno da terra conquistada lhes offerecia. D. Afonso assentado no meio dos barões, prelados, e ecclesiasticos graves, naturaes e forasteiros, com serena magestade recebe o Alcaide Mouro. Este Principe, em cujo semblante descarnado vinha expresso o infortunio e constancia da sua Cidade, á porta da tenda se deteve, contemplando com amargura, mas sem altiveza nem humildade, os descobertos e reserenados rostos dos descrentes. A presença d'El-Rei o absorvia principalmente. Disséreis que a sua alma estava procurando consolar-se da forçada vassallagem, com a só gloria de o haver por tanto tempo contrastado.

Emfim, tirando do seio as chaves dos ja abertos muros, e não lançando-lhas aos pes, mas pendendo-as no mais alto da lança arrimada ao lado d'El-Rei, disse: «Não ha Deus senão Deus, nem mal que elle não dê para bem, nem bem que d'elle se não dirive: Mudador das cousas, segundo seu entendimento, Facilitador do difficultoso, Distribuidor dos poderes, e riquezas! Ben Enrik, poderoso cabeça de Christãos, estava escrito que tu nos vencerias. Quando do norte baixavas contra estes baluartes, vimos uma noute a Lua sobre nós eclipsar-se: e agora, um dos nossos astrologos nos annunciou que o proximo Sol do mez Jumadit-tani se nos eclipsaria igualmente: a noute e o dia conversam para o alto com os Anjos sabedores do occulto, e escrevem com trevas aos olhos do mundo o comêço e remate da nossa ruina! Mas os que te resistiram na esperança e na desesperação, merecem o teu respeito. Nada para mim te peço, que na hora em que a minha espada morreu diante da tua morri eu ás felicidades; e a mão do lavrante de marmore rijo, seroará á candea da meia noute, para concluir a tempo o turbante esculpido na pedra do meu monumento: só para os restos d'este meu povo te supplico misericordia. Merecem-na elles, que são ouro fino acrisolado em cadinho de infortunio, e a misericordia coroa as victorias como o diamante sem nevoa que abrocha um ramal de coraes encendidos, e doce recende como o cacho das tamaras que brota no cume das palmas. De nós se hão apartado os olhos do Profeta em castigo de peccados, porque o Saraceno anda a braços com o Saraceno; o sangue dos Almoravides contaminou as mãos dos Almohades, e o dos Almohades as dos Almoravides, desde a Mauritania até Córdova, desde Córdova até a estas costas do mar grande. O Ben Enrik, tu foste o açoute de Deus, punidos estamos; não sejas como os Magioges, que no anno 229 da hegira, ha mais de trezentos agora, vieram das ultimas terras boreaes des-

truindo tudo o que respirava, o minino sem odio e o velho sem forças, as mulheres ramalhete e favos da vida, e os animaes domesticos, as casas do orar e do viver, e os bosques, os pastos e as searas, que são a mesa posta de Deus para passaros, brutos e gente; e por treze sóis se embriagaram com o vapor de seu maleficio, até que Deus, que por elles nos castigava, pelas armas dos nossos chefes Muslimes os desbaratou para os mares. Não uses de crueldades escusadas contra gente sem defeza, para que o destino, que pela mão te guiou, te não dê com a outra mão cerrada nos peitos para traz: concede as vidas aos que pela religião de seus maiores as baratearam; dá acabar em suas terras aos que tão briosamente as defenderam. Prohibe á tua hoste a entrada na Cidade antes de tres dias andados, para nos despedirmos quietamente e sem testemunhas das casas onde foram acalentados os nossos berços, festejadas as nossas bodas, carpidas as nossas mãis: e então nós sairemos para o bairro que Deus por tí nos conceder, ou para povoar e cultivar os teus campos. Sairemos como Agar e Ismael, com as mãos vazias, deixando-vos amontoados todos nossos thesouros, e não levando connosco senão as nossas penas. Aquelle que rege a fortuna, de Mossolemanes e Nazarenos adorado, Allah Grande, Poderoso, Justo, sem principio nem fim, te remunerar a misericordia de que usares para connosco, bafeje lealdade aos corações de teus subditos, como a alva bafeja fragancias ás rosas da estação de Arrabio, e o calor substancia ás espigas da quadra de Assaif: te mantenha castidade na esposa, esperanças em filhos numerosos, contentamentos na consciencia, em quanto durar o exercicio sereno do somno nocturno e o melódico arrullo dos pombos sobre os ramos das arvores. »

El-Rei, havido conselho com toda a assemblea, despediu honradamente o Alcaide, que se tornasse para os seus com o bom despacho de quanto requeriam. — Tres dias depois saíam por todas as portas da Cidade ondas e ondas silenciosas de familias saracenas; umas para o burgo do norte que El-Rei lhes consentia, outras para as aldeas circumvisinhas, que ainda hoje pelas fisionomias, e immemoravel nome de *sa-loio* estão recordando o arabe de sua origem. Ao mesmo tempo sobiam em solenne procissão pelas estreitas ruas de Alfama o Arcebispo Metropolitano, e o luzido concurso dos Prelados, clérigos e monges, naturaes e estrangeiros, atroando com os himnos da Igreja, e canticos de Laudes as despovoadas casas, por traz de cujas adufas nem um rosto de donzella se via alvejar a furto, nem reluzir uns olhos curiosos e vivos de creança. A legião santa dos levitas, que ufantemente arvoram o balsão da cruz, seguem-se em mãos de lustrosos alferes o estandarte das quinias e as mais alferenas de diversas cores dos Ricos-homens portuguezes e Senhores auxiliares, que todos vão com passo grave, fronte descoberta e inclinada, aos lados de D. Afonso. Logo, os atabales, tambores e trombetas, pregão da guerra emprestado ao triunfo, sons alvorradores das entranhas, que semeiam a festa nos combates e a so-

berba nos regozijos. Atraz, os pelejadores, que no seu pisar rijo e pezado, como que vão cunhando o seu dominio no solo que mercaram a ferro. Por ultimo, o borborinho do vulgo, tropel e relinxos dos cavallos, rolar dos carros, e todo o estrondo da futura vida de uma cidade a fermentar confusa e apertada no germen. Enquanto estes se derramam pelas desconhecidas ruas, se engolfam pelas casas, ou remontam aos muros e torres, vai a procissão com as preces, agua benta, incenso, e flores, convertendo, santificando e ornando as mesquitas que, semelhantes a esposas restituídas a seus primeiros amores, se alegram nas galas de outra vez se ouvirem chamar igrejas. — O bordão que ha de pastorear o rebanho, com sujeição á cabeça de Braga, he entregue ao virtuoso Gilberto, como ao Rico-homem Pero Viegas as chaves e espada da Alcaldaria da Cidade. — Por tudo olha, a tudo dá movimento a providencia d'El-Rei: reparte pelos estrangeiros as prometidas riquezas; aos que hão de ficar amalha ou demarca terras em que vão povoar; as fertes planicies de Balata (Valada) ao Conselho do Municipio Lisbonense as commette, para maternalmente se distribuirem em cada um anno pelos pobres do Termo; aos Mouros forros, arruados na sua Mouraria ou repartidos pelos campos, concede segurança e protecção, que alguns annos depois lhes confirmará por escriptura, para que nem christão nem judeu lhes possa empecer, e elejam d'entre si um Alcaide para os seus negocios e contendas. Culto, costumes, trajo, tudo lhes será consentido; e por conhecida de vencidos e subditos pagará os tributos; um *maravedi* por cabeça, no dia do anno novo — *alfitra*, *azaqui*, e *moque*, que serão a dizima dos gados, a de todos os trabalhos, e a quarentena de quanto possuam; com o encargo mais de amanharem as vinhas da Coroa. — Com todos estes cuidados da paz, e com os das proximas batalhas, que ja apparelhava aos castellos visinhos, se misturava o que de tudo era em El-Rei raiz e remate, o pensamento religioso; e simultaneamente pulavam para os ares a magestosa Cathedral, e os dois votados monumentos da victoria, a Episcopal Igreja dos Martyres, e a fastosa basílica de S. Vicente de Fora.

Leitor, se alguma vez passares em treze de Maio por diante dos Martyres, ou em vinte e cinco de Outubro pelo terreiro da Sé, e ouvires la dentro as toadas dos orgãos e canticos, e vires logo pelas portas patentes ir saindo uma Cruz, brandões, sobrepellizes, dalmaticas, rezas, incensos; abstem-te do sorriso da moda, descobre nobremente a fronte portugueza, lembre-te que são as acções de graças pelo principio e fim do assédio, que desde o anno 1147 se tem sem interrupção até ao presente renovado. Se impellido de um pensamento antigo, acompanhares tambem essas procissões ao recolher, nos Martyres mostrar-te-hão ainda as reliquias dos soldados santos: na Igreja Maior, ao passar pelo vestibulo, saúda a pedra veneranda que te falla do lado direito.

## NOTAS.

Pag. 33, no principio. — De documentos portuguezes, para a relação que fazemos da Tomada de Lisboa, só nos ajudou a Escripura da Fundação de S. Vicente de Fora, publicada por Brandão no *Appendice da Part. III. da Monarchia*: o Chronicon Lusitano ou Gotorum, e o Lamecense contentam-se com apontar ou encrenhar esta Tomada, sem entrar em particularidades. — He documento de grande respeito pela sua quasi coevidade, tendo por data o anno da Encarnação 1188, terceiro do reinado do Senhor D. Sancho I, quando ainda existiam testemunhas vivas e muito autorisadas, que nomea. Algum moderno, á falta de boas provas para lhe dar garrote, mostra como pode a sua boa vontade de o arruinar, dizendo, sem mais razões, que não responde pela sua autenticidade, e isto ao mesmo tempo que declara não o conhecer fora de Brandão. He o grande achaque dos utilissimos folheadores de cartórios por officio: a sequeição de escripturas de doações, compras, vendas, contractos, e testamentos, resequi-lhes toda a parte viçosa do animo; a descarnada linguagem do necessario os affez á mais religiosa abstinencia do deleitoso, e onde lhes apparece relação um tanto viva e circumstanciada, ja os tomam frios e febres, ja lhe fazem cruces como hermitão santo que viu mulher, ja fogem para o escuro da covoa ou para as penitencias das silvas. Assim fóra esconjurada, com bem pouco fundamento, a Escripura da Tomada de Coimbra por D. Fernando, e sem nenhum a do Rendimento de Santarem por D. Afonso Henriques. — Ora, tambem nós não houvesmos presente o original d'esta relação de S. Vicente, e todavia temo-la e havemo-la por autentica e genuina; e ahi vão os porquês. Mas antes de tudo, á autoridade do moderno que a não viu, e pela sua autenticidade não responde, contrapomos a autoridade do grande Brandão, que não cede em critica a nenhum dos modernos, o qual tendo-a visto a reputa verdadeira.

Ha alguma cousa mais e muito mais que a autoridade, he a convicção que resulta da attenta anatomia por todas as entranhas do documento. O anno de 1148 em que elle dá a tomada, não he bem liquido se se não imprimiria por erro, sendo que o mesmo Brandão no P. III Cap. XXVI do Liv. VIII, de 1147, mas se o não houve de impressão, tambem de cómputo o não haverá fazendo-se a devida distincção entre o anno da Encarnação e o da Circunscição, como advertiu J. P. Ribeiro quando em geral tractou de tal materia, e que particularmente menciona esta Escripura em o Tom. III das *Dissert. Chronol. Append. IX*, p. 131 e 132. Demais, a clausula, *decimo octavo regni sui anno*, que igualmente se acha, como ja notamos, na chamada Oração da Tomada de Santarem, tira toda a suspeita de que fosse aqui escripta com erro a data da Tomada de Lisboa, pois que recuando dezoito annos do de 1147, nos acharemos em o de 1129, em o qual, levantado o cerco de Guimaraes, se pode dizer principiára o reinado do Senhor D. Afonso em todo o Portugal de então.

Agora, acareado o documento com todas as Chronicas estrangeiras, que talvez se não conheciam entre nós antes do Sec. 16, tempo em que ja elle era velho, assim como com outras que só nos Sec. 17 e 18 vieram á luz, de nenhuma he desmentido, antes de todos esses testemunhos se ajuda e os ajuda. Longo seria escrever tal confrontação; assim como a nós fizemos para nosso convencimento, pôde o leitor curioso e desocupado repeti-la para o seu. —

Uma só suspeição poderiam pôr, que seria o dar-se ahi a

El-Rei quarenta annos de idade: dissolvamo-la. A data do nascimento d'El-Rei ainda hoje não he demonstrada. Mas demos que a verdadeira he a de 1110, como quer Brandão, e não a de 1107 de que o documento reza; e o que se segue d'aqui he que o escriptor não teria bem presente essa circumstancia, o que não fóra para espantar, porque no parece que a cousa não estava bem assente n'aquelles mesmos tempos, e isto talvez por ter o Principe nascido fora de Portugal, quando o Conde D. Henrique andava mais envolvido em guerras com Galegos e Leonizes, e o sul dos seus Estados mais revoltado com levantamentos de Mouros e perdimento de muitas e boas terras: periodo este em que a historia anda tão desatinada, e escripta até das cousas principallissimas, tocentes ao Conde, que nem sequer acerta a dizer-nos que partes fossem as que n'essas mesmas guerras elle seguia. Que muito he logo que em tempos, alem de tão perturbados, tão ignorantes e descuidados, se não tomasse na memoria de todos nota fixa do nascimento de uma creança, que procedia não de Rei mas de um Conde que a fortuna parecia desamparar, de uma creança de quem ninguém podia adivinhar que viesse a ser o que foi. Sabido he haver documentos, de inconcusso credito, entre si discordes no datar este acontecimento, sendo todavia de notar para ajuda da nossa hypothese, que todas as variantes se limitam entre o anno de 1106 em que por morte de D. Afonso VI. rebentaram aquellos disturbios, e o de 1110 em que mais accesos andavam. — Advertiremos, para que melhor se avalie o desinteresse da presente apologia, que a Memoria a que alludimos de pouco nos serviu, porque das Chronicas estrangeiras colhemos quasi tudo que no nosso artigo desenvolvemos.

Convirá agora dar alguma conta d'essas outras fontes, flamenças, allemãs, francezas e inglezas, das quaes algumas ha nunca citadas nem conhecidas de escriptor nosso, quer antigo, quer moderno.

*Veterum Scriptorum et Monumentorum amplissima Collectio. Parisiis: 1724.* N'esta preciosa compilação dos Benedictinos de S. Mauro, Martene e Durand, acha-se a pag. 300 do Tom. I. uma Epistola do Padre Flamenço Arnulfo, testemunha ocular, para Milão Bispo Morinense. O primeiro que entre nós a mencionou, e traduziu em parte [ainda que ás vezes mal entendida] foi o Joáo Baptista de Castro na *Quinta Parte do Mapa de Portugal*. — He este o principio de todos os documentos que temos de mencionar. Quanto aos factos, sua ordem e datas, nunca d'elle nos apartamos. Só o taxamos de que se deixasse cegar tanto do amor da sua gente, que dos trabalhos e louvores dos Portuguezes, assim como dos bons servicos dos Inglezes e Francos, quasi não dissesse palavra.

*Appendix ad Chronic. Mariani Scoti*, pelo Abbadé Do-dechino, tambem testemunha presente. Parece um resumidor do supracitado, com quem muitas vezes até nas palavras se encontra. Tem só de mais o declarar muito expressamente a derrota que os Mouros fizeram nos christãos *circa beate Marie Assumptionem*, que á vista de Arnulfo, entendemos ser no dia da Invenção de Santo Estevam, e immediatamente anterior á fundação dos dois cemiterios, por vehementes conjecturas suggeridas da lição attenta da Escripura da Fundação de S. Vicente.

*Annales Helmodii seu Chronica Slavorum. Francofurti: 1581.* Helmodio vivia no mesmo seculo, e foi parcho no Bispado de Lubeque, por ordem de cujo Prelado escreveu a sua

Chronica. Particularisa melhor d'onde eram os estrangeiros: abunda porem em erros intoleraveis, taes como, confundir Portugal com Galiza, e talvez o Porto com Compostella; pôr D. Afonso Henriques, a quem chama Rei da Galiza, presente ao desembarque dos Estrangeiros em Santiago; faz-lo marchar por terra para Lisboa, ao mesmo tempo que elles partiam por mar: o que porem de tudo, mais he para riso, he o despejo com que diz, formaes palavras: *tomada a Cidade e expulsos os barbaros, pediu El-Rei de Galiza aos forasteiros que lhe dessem a Cidade despejada, sendo primeiro entre elles repartido socialmente o despejo*; e isto depois de haver dito que El-Rei trouxera um forte exercito, *validum exercitum*. — *Roberti de Monte Appendix ad Chronographiam Sigeberti*. — *Reum a Germanis per multas aetates gestarum. Francofurti: 1613.* Roberto Abbadé do Monte de S. Miguel, em Normandia, muitas vezes citado, e com aprego, pelos historiadores do norte, foi tambem contemporaneo. Sendo tão diminuto como exacto na narração do itinerario dos Estrangeiros e duração do cerco, he contudo o primeiro que nos offerece o numero dos cercadores, que poem em 13.000.

*Rogério de Hoveden, Inglez.* Viveu não menos no Sec. 12. Não se nos deparou fora de Brandão. Acrescenta á tomada de Lisboa a de Almada, e mais terras visinhas, com o socorro dos estrangeiros.

*Henrique*, Arcebispo de Huntingdon em Inglaterra. — Repetimos d'elle o mesmo que dissemos do antecedente. D'aqui avante os não contemporaneos do acontecimento ou do Seculo, quanto podermos na sua orden chronologica.

*Gervasio*. . . *Historia Anglicana Scriptores. Londini: Joáo Brynton* 1652. Floreceam nos Sec. 13 e 14. O 2.º

d'estes dois Chronistas afirma que uma grande parte dos estrangeiros era da animosa gente de Inglaterra. Ambos trespassariam em attribuir aos Cruzados a expugnação de Almeria, que foi anterior alguns dias á de Lisboa, e na qual, alem de Hespanhóes, só concorreram Francezes e Italianos. Talvez os enganasse a semelhança dos nomes *Almada* e *Almária*, e a proximidade de tempo em as tres conquistas.

*Jacobi Meyer* — *Compendium Chronicon Flandric: an. 1538.* Tradslado Roberto do Monte: e no que accrescenta do seu acha-se um erro de ponderação, quando afirma que D. Afonso instituiu em Lisboa um *arcebispo*, sujeitando-lhe seis outras cidades tomadas aos mouros.

*Christophoro Brower e Jacob Messenio, Jesuitas* — *Antiquitatum et Annalium Treverensium*. Dão o dia da chegada da expedição maritima de Colonia ás costas de Inglaterra, que em nenhuma outra parte achámos; mas parece ser menos exacto o que affirmam, que fosse ahi, e não no proprio porto de Colonia, que a armada de Lotharingos e Allemãs se reunisse com a dos Flamengos.

*Joannis Buzelini* — *Gallo Flandria Sacra et Profana. Duaci: 1625.* N'esta obra achamos a primeira menção do Conde de Flandres, Theodorico, no numero dos aventureiros. O autor da-nos a noticia curiosa de que, apor a tomada de Lisboa e de algumas outras cidades em Portugal, o Conde partia com a sua gente para a Syria a auxiliar o assedio de Damasco, e a odios e rivalidades entre elle e os outros chefes attribue o desgraçado exito d'essa jornada. Numera tambem, como socios da expedição Cruzada em Lisboa, o flamengo Roberto Senhor do Castello Insolense, Simão Bispo Novionense, e Alvisio Bispo Atrebatense.









*Busto de Martin Moniz sobre a Porta de seu nome, no Castello de Lisboa*



*Lindim*  
8.

*Lith. de Manuel Lavi*

*Castello de Lisboa, contra o Norte. Porta do Moniz. Lanço do muro da Alcaçova*



## GIRALDO SEM-PAVOR.

## TOMADA DE EVORA.

(ANNO 1166.)

Eis a nobre Cidade, certo assento  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as aguas nítidas de argento  
Vem sustentar de longe a terra e a gente

Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se alewantam nobremente,  
Obedeceu por meio e ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.  
CAM. Lus. C. III. Est. LXIII.

## I.



A SERRA de Montemuro, a duas leguas para o nascente da cidade de Evora, existia no undécimo seculo um rude castello, recém-formado no visio do mais alto e fragoso de quantos cabeços por esta parte se alewantam. Entre as suas ruínas, de uns tresentos passos de circuito, inda hoje appellidadas *Castello de Giraldo*, folgam os caçadores encalmados de se ir banhar no puro vento do ceu, recostados em meio de uma espessura de medronheiros, carrascos, urzes, estevas, rozellas, alecrins e rosmaninhos. Vario e saudoso he o quadro que os rodêa: para o sul, até ás serras de Portel e Vianna, vastas campinas com suas searas e arvoredos, onde resaem, aqui um antigo convento recreação dos filhos de Loyola; la, juncto da Igreja de Ourega, as reliquias de um palacio, como tantos outros da provincia caído ao desamparo; e pouco avante a hermidinha de Santa Comba, onde affirmam piedosas legendas ganhára a virgem a palma do martyrio. Se os olhos fogem do poente, afrontados da multidão de outros cabeços bravos da mesma serra, vão descaír consolados ao noroeste no formoso valle do oratorio de N. Snr.<sup>a</sup> de Monserrate, fundação e antiga acolheita espiritual dos *proves irmitaes*, como lhes chamava a escriptura, que esse terreno lhes doou no seculo XV. Mais a longe, inclinando para o norte, alveja a hermidia de N. Snr.<sup>a</sup> de Guadalupe. Banha pelo nascente os pés ao enramalhado outeiro do nosso castello a ribeira de Rio-Mourinho, que o divide de Valverde, assento de uns nobres Paços dos Arcebispos, e de um humilde convento dos Capuchos, fundação do Cardeal D. Henrique, encolhido em fabrica, grandioso por fama de milagres. E rematam por esta parte o horizonte os gigantes pinheiros de S. Bento, filhos, segundo tradição, d'aquell'outro que, desde os tempos dos mouros, como que ja preterido da morte, permaneceu até ao meio do seculo passado: e logo alem dos pinheiros as torres da cidade.

Em uma noite do mez de Maio do anno de 1166, perto do Castello Giraldo estalava uma fogueira; o seu clarão só as estrellas la por cima o descobriam: tanto era encantado o sitio, e apertado no reconcavo de um labirinto de rochedos, cómoros, e matas silvestres! Cêrca da labareda, era alta noute, homens de duro semblante estirados, armas pelos ramos pendentes, cavallos de guerra e azémalas de carga pascendo. Algumas raparigas aprestam ao lume uma refeição selvatica de javali e caça brava, e em quanto os rouxinoes trinam a espaços pelos cabeços suas namoradas porfias, vão cantando em meia voz xácaras mais de pelejas que de amores: nenhuma roca de linho ou de lã, nenhum vagido de creança. Não he uma povoação fixa, parece uma d'aquellas pequenas sociedades que em nenhuma parte se aparentam com a terra por mutuos beneficios; para quem o mundo não tem norte nem sul, não ha no tempo futuros nem passados. Nada de leis humanas he a sua constituição, o desprezo dos perigos a sua providencia, e a sua fortuna não aquella que senhorea e arrasta os successos, e n'elles e por elles transforma as vontades, mas uma fortuna escrava que entre armas se leva á força para onde e por onde se quer. He finalmente uma d'aquellas cabildas que giram por entre os povos assentes, como os cometas errantes e excéntricos, infecundos e agoureiros, por meio da ordenada familia dos planetas e sóis. Nada lhes minguava de quanto requer a primeira natureza: o pão ceifava-lho a espada, sendo o lavrador mouro e o lavrador christão igualmente seus tributarios; agua e fogo lhes offerecia a terra; as covas e arvoredos abrigo e cama; a astucia ou a força lhes grangeava companheiras e servas; e o castello, obra barbara de suas mãos ainda mais barbas, lhes segurava um refugio contra as perseguições. Mil outras ventagens, como fructos de arvoredos silvestre em tempestade, lhes choviam da lança; e onde quer que acampavam, o terror do seu nome, ainda maior que a sua possança e maleficios, lhes servia de muralhas e baluartes. Seriam felizes se dos vizinhos troncos e penhas houveram nascido, se no peito lhes não morára coração que não caleja, como os hombros e mãos, sob o peso das armas. Mas o aborrimto, enfado e tristeza trasbordava então pelos rostos e se exprimia pelas posturas e movimentos de todos aquelles homens; e posto que esta noute, como outras muitas, só por espancar o tedio com a variedade, houvessem trocado o recinto da fortaleza pelo desagasalho da brenha, a memoria e consciencia de sua miseria os seguia e estava com elles, e as nocturnas caricias da primavera tão malogradas escorriam por seus sentidos, como falla de donzella por um coração desfeito de annos. Por crimes seus se desterraram do seu Portugal, suspiravam pelas casas e familias que mais não veriam, e onde nem talvez a amizade, o amor, nem o parentesco se atreviam de vergonha a nomea-los. Eram esforçados como o seu seculo, e cavalleiros como o seu Rei; e fora das lides do seu seculo se consumiam em perigos sem gloria, em quanto seus irmãos em roda da sina de D. Afonso destruíam os inimigos da fé, se enrequeciam de despojos e fama, firmavam e dilatavam o Estado. O Minho e o Mondego, o Douro e o Lima vinham sussurrar em todos os seus sonhos; e os seus dias se arrastavam eternos pela aspereza das serranias. O ocio, a noute e a solidão são paraíso de anjos para os heremitas que tambem n'esta hora velam na visinha Serra de Ossa: mas para os bandidos de Montemuro o ocio, a que de alguns dias acá os condemna a ausencia do seu Capitão, mais lhes he supplicio do que folga; a solidão que os cerca lhes representa o desamparo em que se

pozeram de ceu e terra, e a calada da noute deixa ouvir a cada um os rugidos da consciencia: carecem do tumulto, do latrocínio, do espectáculo de alheas penas para se aturdir, e anceam afogar as memorias negras do seu passado seja em que for, embora em novas negruras, em novos sangues, em novas lagrimas.

Que faz Giraldo Giraldes seu chefe que ahi os mandou esperar? partiu sosinho e não volta. Por terras do Alemtejo andam armas vencedoras d'El-Rei: ; dar-se-ha que se lhe fosse arremessar aos pés, supplicar-lhe perdão do crime que, despojando-o da graça e valimento do Monarcha e entregando-o ás iras da justiça, o forçara de renunciar o reino florecente pelo exilio escabroso entre infieis, o nome de D. Giraldo Sem-Pavor pelo do salteador Giraldo, a companhia dos heroes pela dos bandidos? Em quanto elles na alta brenha, como abutres em ninho á espera da mãe, se impacientam a aguarda-lo, ; pactuará elle, em cambio da sua vida e fortuna, entrega-los nas mãos de seu commum inimigo? ; virão ja marchando sobre seus vestigios pelas intrincadas sendas da montanha esses destemidos caçadores de homens, que ao primeiro raio da manhã se verão negrejar em coroa densa e movediça por todos os cabeços circumvisinhos? Taes começavam a ser as fantasias, se não as murmurações do bando. Faceis vem desconfianças de traição aos que de traição vivem e romperam com todos os deveres de homens; e a distancia a que sempre os deteve a alma taciturna do Chefe, ainda quando a comunidade de perigos e interesses mais pareciam uni-los, recordando-lhes no meio da presente igualdade as sempre suspeitas e nunca bem esquecidas desigualdades entre o rico Filho d'algo e populares e vilões que todos eram, relaxava ja nas vontades o laço da obediencia. Elles, que do mais poderoso Rei da christandade se haviam redemido, como se não indignariam de depender de um igual que, se ainda não atraçoava, ja pelo menos trascurava ignominiosamente os deveres que lhe elles sóis impozeram quando com huma palavra lhe conferiram o direito summo de os capitanear, porque enfim de vassallo perseguido elles o alçaram a Rei de homens livres; foram estas espadas que pendem vilmente á cinta das arvoredas as que saudaram scetro a sua lança e converteram os penhascos em throno que elle agora parece desdenhar. Se algum n'aquella hora houvesse ousado arremessar pelos labios este pensamento de todos, quebrado era o encantamento, e o imperio do Capitão perdido sem remedio: mas o respeito devido á sua mui provada valentia, o terror que inspirava por uma parte a sua severidade e por outra a grandeza do seu genio, que parecia adivinhar tudo, calcular tudo e tudo vencer, os opprimiam como um fado, e os agrilhoavam a seu pesar no fundo do ermo, como condemnados no abismo.

Soa de longe um grito, acode-se em tumulto ás armas. Foi o brado de uma das sculcas nocturnas, denunciando ter ouvido passos vir subindo contra o arraial; passos de um vulto, que perguntado — *Por quem?* — não respondera nem se detivera. Accendem archotes, montam a cavallo, vão-se arremessar contra o perigo desconhecido e reforçado pelos fantasmas da noute, com o denodo de quem tomou por vida o barateia-la a todo o lance, e não podendo ja aspirar a restituir-lhe a doçura, folga ainda de a sentir pelos grandes abalos. — «Christãos ou mouros, poucos ou innumeraveis, a elles companheiros! ha dias que os nossos corvos se não banqueteam: amanhã quando o sol os acordar festejarão o bom almoço de que lhes haveremos carregado estas encostas.» — E ja de espora fita e redea larga se abalavam, quando da parte d'onde se ouvíra o rumor apparece um homem desacompanhado que, levantando a voz, os fez a todos parar: era Giraldo. E que outrem houvesse ousado ou ousando houvesse conseguido dobar pelas trevas as enriçadas veredas d'aquelle labirinto e chegar são e salvo ao arraial dos salteadores? Era Giraldo, que havendo partido armado e cavalleiro, volvia peão com as armas sumidas sob a capa, e por cima d'ella pendente ao lado uma tiorba, como trovador que de aldêa em aldêa e por alpendres de casaes, em horas de sesta e do sol posto vai cantando façanhas, amores e peregrinações de guerreiros em longes terras. Mas o seu rosto nada perdeu do costumado imperio, um signal da sua mão desarmada faz que todos se apêem e esperem em silencio as suas ordens: breves são ellas, porque Giraldo não conversa senão com a sua alma, e as razões dos seus projectos não he jamais elle senão o exito quem as explica. — «Companheiros, despedir esta noute da montanha e das tristezas; e apparellhar para amanhã me seguides!» — Ditas estas palavras, subiu ligeiramente ao castello, e se recolheu sosinho no seu silvestre palacio que uma cama de feno enchia todo, que nenhuma porta defendia, e em cujo tecto, antes de se deitar, devassou com a mão uma larga fresta, ou para que fosse a alvorada quem o acordasse para um dia enfim de felicidade, ou para considerar pela derradeira vez as estrellas da sua serra, as confidentes unicas de suas noutes afanosas, as celestes influidoras de seu projecto heroico. Dentro em pouco todos os lumes uns apoz outros se extinguíram, todas as vozes emmudeceram, e ao tenue ruido do orvalho sereno pelas folhas mil sonhos contradictorios de pelejas e delicias volteavam pelo profundo somno do campo.

## II.

Fôra e não longe dos muros da mourisca Evora, contra o noroeste,

no cume de outro vistoso outeiro que chamam de S. Bento, avultava uma torre alta, redonda, de grossa cantaria, sem porta nem entrada por parte alguma. O passado seculo na sua infancia ainda a saudou inteira; o presente ja a herdou destroncada, senhoreando ainda todavia a cerca das visinhas religiosas a cavalleiro do seu muro elevado; o seculo que vier não herdará nem alicerces. Com a solidez, com a figura e com o fechado imaginára o architecto arabe fadar-lhe inviolabilidade e eternidade; e de todas essas pedras que amontou só um resto coberto de hervas signalará ainda alguns dias o sitio; o mais se transformou pelas encostas em moinhos, que volteando ufanamente as suas grandes velas brancas, e cantando ao som do trabalho, parecem uns com outros escarnecer do decrepito avarento de quem repartiram os bens para os desfructar. Por aquella só parte se podia a cidade moura temer de algum subito accommetimento, que por todas as outras dominava alta e desafrontadamente, como inda agora, um estendal mui chão e patente de planícies. A' diurna e nocturna vigilancia da torre estava pois confiada a segurança da primogenita e princeza da provincia Trans-tagana.

Dentro n'esta torre reside um valente mouro com uma filha moça e formosa. Desterrados voluntarios do commercio dos seus, annos ha que cifram o mundo em tão estreito espaço. Por premio do muito que em sua mocidade servira com as armas, pediu elle a honra de ser, em quanto visse, a vela e providencia da cidade onde nascêra; e esta honra fôra facilmente concedida á sua mais que provada lealdade. O pai que ja nada para si ambicionava, afôra o ver crescer em seguro as graças da filha, e a filha que não imaginava ainda outra felicidade alem da que possuia com seu pai, habitando assim um com o outro tão fôra e tão por cima das moradas humanas, como que tinham contraído uma natureza mais sublime. Limitadas em numero as suas affeições, as pouquissimas que ainda lhes restavam haviam adquirido uma força invencivel, e ao mesmo tempo uma pureza, uma luz e uma serenidade, que da maior visinhança do ceu pareciam filtradas. O amor da terra natal e da religião de seus maiores eram as principaes d'estas paixões: as gloriosas historias e o alcorão, o recordar, o orar e o esperar as suas perennes occupações n'aquelle ermo aereo. Susurrava a cidade como um enxame confuso que só negocia o viver, em quanto elles, como duas aves no cume de uma arvore inacessivel, viviam mais do que a vida, viviam suas fantasias, viviam harmonia e paz, viviam coração e viviam alma, que he de todos os vivêres o mais chegado a Paraíso e o mais para invejas, se de fôra o entendessem. Ao seu amor de patria nada igualava a não ser o seu odio a christãos. Com o longo descostume do verdadeiro mundo, a imagem de seus conterraneos, despindo-se insensivelmente de quanto no commercio dos homens produz tedios, cançasso e aversão, purificada, perfumada pela saudade, divinizada pela religião, facilmente se lhes convertêra em idolo dourado, enforçado, digno de todos os sacrificios. Cousa he a patria que mais e melhor se ama ao longe do que ao perto, suspirada do que lograda: a idea porém dos christãos portuguezes pelo contrario se carregára e denegrija; a memoria e a fantasia desocupadas, exagerando-a á porfia com quanto podiam, a haviam transtornado n'uma idea completamente monstruosa e infernal. Não havia crimes possiveis ou impossiveis que nos inimigos os não supposessem, como nem virtudes e excellencias que não figurassem nos seus. N'estas convicções os confirmava a solidão: dos oppostos affectos de d'ellas nasciam os repassava cada vez mais a propria vista de cada pedra do edificio, cuja alma eram, documento e monumento da irreconciliavel inimidade dos dois povos.

A' seguinte noite apoz aquella em que Giraldo se recolhera a Montemuro, finda a derradeira refeição e oração, « Filha, disse o velho á virgem, agora mais que nunca importa velar. Grande he Allah de quem mana toda a virtude: com tantos olhos da alma havemos de observar todo o arredor, quantas são as estrellas que espreitam do alto o segredo das terras. O cavalleiro que hontem vimos passar para a cidade, ao entrar e ao sair deteve-se a considerar a torre: christão era, raça condemnada, sem fé nem verdade; e o que passou com o Alcaide bem mo ouviste ler n'esta carta que o mesmo Alcaide nos enviou com o ultimo mantimento que içamos á torre. — Não ha Deus senão Deus e Mafoma » he o seu Profeta: sabei vós outros, atalajas da torre posta á cabeceira » ra da cidade como mãi que não dorme ao pé do berço do filho primei- » ro, sabei como he vindo a nós um Nazareno por nome Giraldo ben Gi- » rald, e por appellido Sem-Pavor, Capitão dos ladrões acastellados na » montanha, que tantas vezes fazem entradas por terras assim de mou- » ros como de christãos, com os quaes ladrões (que Deus confundu) » trazemos nós pazes, até que possamos de subito um dia colle-los na » rede de nossa vingança: Sabendo elle como o tiranno de Coimbra » ben Enrik dispoz submeter a seu jugo esta nossa provincia, e enten- » dendo que igual perigo como a nós o ameaçava a elle e aos seus, gen- » te criminoso, fugida á justiça da terra do seu nascimento, a nós por » divina mercê Alcaide de Evora nos propoz unir as suas armas com as » nossas, para commum defensão e complemento de vingança estrondo- » sa, que por muitas e graves offensas jurára em sua alma sacar do ti- » ranno. Duvidámos nós de sua fé, porque se por uma parte he revel, » perseguido e desterrado, por outra o considerámos nobre, cavallei- » ro e saudoso da patria, e primeiro foi nosso adversario que seu of- » fendido: todavia trocámos com elle a requerida promessa de mutuos » auxilios. Pelo que agora vos recommendamos sete vezes, e novamen- » te vos tomamos juramento pelas azas escuras do Anjo da morte, e vos » emprazamos para a ponte delgada do oceano de fogo, no dia da con- » ta, em que todo este povo se vós o traisseis iria vozeando pender-se » da orla do vosso aldicé, e precipitar-vos de chofre no golfo das cha- » mas, que veleis dia e noite e nos des rebates de qualquer novidade » sentida de longe. — « Meu pai (interrompeu a virgem, fechando-lhe » nas mãos a carta, e tomando-a por cima da cabeça) sobre mim caia to- » do o sangue da nossa cidade, e á hora da morte me enluteu a alma » com as aguas do infame baptismo, se jamais por nosso deseuido entrar » a ruina aos victoriosos filhos do Profeta. Minha he esta noite, que ma » promettestes; ide-vos a descançar, e sonhai felicidades, que eu as go- » zarei ainda maiores, mantendo sosinha no meio do enlevo das trevas ca- » ladas os altos destinos da nossa cidade. »

Só está a formosa Moura de pé ao humbral da ventana, bebendo por olhos e ouvidos a escuridão e silencio dos campos. O somno que ella havia de dormir dorme-lho a cidade, e o santo orgulho que por isso lhe alvorota o peito, quasi tão docemente a dessocega como a outras as amorosas fantasias de sua idade. Virgem até no coração, até no pensamento, se alguma cousa invejasse mais, seria só a gloria de vestir armas e de pelejar contra christãos, como ja outras muitas de seu paiz, celebradas nos cantos dos poetas. A alma do pai se infundiu na sua; o

seu seio só palpita com as relações das pelejas; o seu olhar só se inflama vendo passar por longe algum christão, e n'esses momentos déra ella todos os palacios de safiras dos contos orientaes, todas as musicas e aromas das sultanas de Córdova, por ter o olhar do basilisco. Todas as suas supplicas ao Profeta imploram a peste e a destruição sobre o nascente reino dos descrentes portuguezes. Nos extasis do seu zelo religioso cuida até que presenciaria com delicias a tomada, o exterminio, o incendio de uma d'essas cidades infeis; as mães arrastadas pelos cabellos nos regatos de sangue, os filhos longe d'ellas, esmagados sob os pés tumultuosos dos cavallos; os soldados da cruz trazidos em cadeas para virem em lugar dos brutos puchar nos longos dias do verão as gemedoras noras nos hortos e pomares dos arrabaldes. E todavia não he ella cruel; mas extrema piedade para com o pai, unico ente vivo do seu mundo, e para com a patria de quem elle a nomêa anjo, lhe dá toda a crueza. O fanatismo fortificado pela solidão occupa todo o lugar que fôra d'ali sentimentos mais doces e humanos haveriam senhoreado. Oh quem assim odêa os inimigos d'uma patria que não desfructa, que não fizera amando! olhos que assim se deleitam em perder-se pelos ermos da noute ao pé d'um velho adormecido, que não exprimiriam em mais doces vigílias! Mas essas vigílias que ahí vão por baixo de tantos tectos, não as inveja ella, que as não conhece: do amor nada tem ouvido mais que o canto d'alguma avesinha que no meio do vô pára a descançar no cimo da torre: dos prazeres só sabê o verdejar dos montes apartados: da primavera, d'essa quadra tão irmã e tão uma com os seus annos viçosos, só as virações que vem como por dô, contender com alguma florinha que, nascida entre as pedras do edificio, desabrocha como ella em desterro, e desenvolve formosura nem d'ella propria conhecida.

Mas na vespera por juncto da torre passou um peregrino, e sentando-se defronte a descançar á vasta sombra fresca e rumorosa do grande pinheiro, cantou ao som de tiorba um romance, cujos sons e palavrões lhe desceram suavemente ao fundo da alma e lha trazem desde essa hora enlevada.

Viva Allah, foi meu padre um bom mouro,  
Moura madre me deu de mamar,  
Moura lida fadou-me um thesouro,  
Moura virgem mo tem de entregar.

E que só ao sentir-te em meus braços,  
Virgem moura, os meus males dem fim.

Honra a Allah que o porvir nos decreta  
Quando os olhos abrimos á luz!  
Tu és gloria aos feis do Profeta,  
Eu horror aos de Affonso e da Cruz.

Voto a Allah, meu laude cançado,  
Se consigo esta flor das huris,  
Que hasde em Meca pender marchado  
D'ouro e perlas, de prata e rubis.

Manda Allah que en te colha a meus laços,  
Fenix rara, em teu proprio jardim,

Allah bom, Allah forte, Allah grande,  
La do setimo ceu me ouça já;  
E um pelo outro a descanço nos mande  
Cedo, ó virgem mimosa d'Allah.

E ditas estas trovas se partíra, voltando-se muitas vezes para a torre e ventana onde ella ficava. Desde então mais o não havia avistado senão por sonhos. Nos poucos momentos que dormira representava-se-lhe vê-lo, sem saber como, entrar na torre, e toma-la em braços; e sempre n'aquelle ponto o tumulto do coração e um terror involuntario a despertára sobresaltada. Nada ousára confiar ao pai nem quasi a si propria de tão estranhos desvarios; mas creada com as superstições moursas, costumada ao alcorão, onde sonhadas vem as profecias, mulher, moça, donzella, e imaginária como quem por falta de universo revolvia de continuo o do seu interior, debalde procurava dar de mão a um presentimento confuso d'algum grande lance que a aguardava com aquelle desconhecido. Pela primeira vez agora sente estreita a sua prizão, e segue com a vista as nuvens que se desvairam pelos ares livres. A expressão do rosto attento do peregrino não a entendêra ella; feição por feição a está recordando; procura por algum modo traduzila ou rastrear-lhe sequer o sentido; mas o bemquerer que os versos expressavam e pediam não se lhe figurava que morasse no mesmo coração d'onde elles pareciam rebentar. O olhar poderoso d'aquelle mouro a fascinára apossando-se de todo o seu destino: em qualquer parte não sabida para onde os passos o levaram, onde quer que dorme ou vigia ausente, ella está juncto d'elle, ajoelhada como escrava aos pés de senhor offendido. Se elle volvesse n'esta hora a assentar-se na mesma pedra, presentilho-hia de longe, conhece-lo-hia na escuridão, e teme até que, atrahida por esses dois olhos resplandecentes nas trevas como duas estrellas, absorta e arrebatada como a ave de ramo em ramo se despenha na boca da serpente, deixaria a alampada só velar na torre juncto ao pai adormecido, e desdobrando a escada levadiça aos sons do alaud, desceria saltando atropelladamente a encontra-lo, e cravar-lhe um ferro nas entranhas para revoar á torre, acordar o velho, refugiar-se-lhe no peito, e dizer-lhe ao ouvido: « Salvei-te a tua filha: defende-me, esconde-me, que trago as mãos ensanguentadas. »

Aqui, correndo a despertar a luz que, ainda mais cançada de velar do que ella, ja começava a ondear sombras perturbadas no aposento, foi juncto do leito procurar no rosto sereno e forte do ancão adormecido mudas inspirações da paz e valor que lhe falleciam. Depois sorrindo de si mesma, embracou o escudo, empunhou e meneou convulsamente a lança, e repondo novamente lança e escudo, e chamando-se louca, voltou para a ventana a desempenhar-se de sua penosa tarefa. Nenhuma luz surdia la das janellas de Evora, nem dos casaes pelos montes ao longe: ja os galos responderam ao canto da meia noite que então o galo invisivel e celeste do Profeta. O insensivel lentor da noute, o rumorejar monotono das folhagens com o frouxo meneio das virações relaxam pouco e pouco azas ao alvorotado pensamento da solitaria. No rebate da janella se reclina contra o campo confiado á sua vigilancia, com a face sobre o braço curvado, a outra mão cerrada ao peito, e os olhos nas estrellas por onde, como por umas serranias de diamantes, faz subir suas orações candidas ao throno d'Allah; até que o cançasso, o silencio, a hora e o seu destino lhe fecharam os olhos: somno profundo a afogou, e sobre a grande cidade só ficou vigiando, como sobre um mausoleo desamparado, a chama incerta d'uma desamparada alampada.

Em quanto sonhos talvez d'antigos combates, talvez das glorias do mahometico paraíso, enfeitavam o descanço do mouro, era o culpavel somno da virgem imprudente atravessado de visões, carrancudas como fantasmas, pesadas e frias como a morte. Dissereis que as nuvens, que volteavam cada vez mais densas pela face das estrellas, e atormentadas do vento se transtornavam á porfia em mil formas agoueiradas e monstruosas, pelas palpebras transparentes lhe estavam coando para os reconcavos da alma as suas sombras, e que as idéas esvoaçando soltas do jugo da razão se infundiam n'ellas, ou as trajavam para a atormentar com uma scena fantastica de inferno. Eram somno e sentidos horrendamente misturados; era aquelle estado, que ainda ninguem, mormente pela noute das grandes paixões, deixou de experimentar, em







que a mentira e a verdade, o interior e o exterior, o real, o possível e o impossível se conspiram para nos desatinar. Todos seus membros estremeciam, grandes gotas geladas lhe escorriam da fronte, o peito arquejando anceava sacudir de sobre si a mão dormente que o esmagava com um peso igual ao do mundo. A voz procurava, sem encontrar, uma fuga por entre os lábios convulsos até ao ouvido paterno, e a cabeça desesperando-se immovelmente por se agitar, anhelava ferir-se contra a pedra e sacudir n'um grito o torpor em que se sentia finar. Os esforços da vida contra a morte começavam emfim a prevalecer: ja sopitava o braço; ja despregava e erguia o rosto; ja se descerravam os olhos; quando entre as visões do animo não bem apagadas, e o aspecto do ceu carrancudo, creu ver, viu, vir surgindo por fora da torre e co-sido com ella um braço nu e forçoso, uma fronte larga e requeimada, uns olhos reluzentes, um semblante como o que em sonhos a perseguiu. Ainda mais atterrada com esta apparição aerea, a qual sem azas e suspensa no vacuo, a contempla absorta com os olhos quasi pregados sobre os seus, e agitando-lhe ja os cabellos com a respiração afanosa, retrair-se foi o seu primeiro instincto; mas o braço, como garra de leão a aferrou subito: o segundo impeto precipitar-se; aguentou-a o proprio peito de que fugia. N'esse instante a desesperação lhe restituiu o que o pavor lhe havia roubado: com forças maiores que do seu sexo, e proporcionadas a um lance tão apressado, fechando os olhos por não ver o seu inimigo, se travou estreitamente com elle arca por arca, e se empenhou entre os dois uma lucta mortal de que eram arena uma estreita lazea e o ar profundo, e uma luzerna agonizante o unico espectador. O seio nu e melindroso da virgem tressua contra um peito cerdoso, fornido, armado de cicatrizes; a face tenra se magôa nos tufos de marfim barbas hirtas; um hombro requeimado repelle um hombro de marfim: só são iguaes os dois corações que um a outro se sentem bater atropellados e que o mesmo fogo tem abrazado das mesmas furias. O mais profundo silencio envolve este tenebroso combate. Prova cada um o extremo das forças que a posição agra e temeraria lhes consente empregar, e parecem immoveis por algum tempo como duas estatuas abraçadas. Em qualquer outra parte o varão logo ao primeiro encontro houvera roto o equilibrio da contenda, ou antes, cavalleiro costumado a guerrear cavalleiros, desdenhára victórias taes d'uma donzella, mas aqui a desvantagem de sua posição contrabalanzava immensamente a melhoria do sexo: uma cunha mal entalada entre as juntas externas da cantaria da torre, era o unico pedestal que o sustinha sobre um abismo; com um só dos pés descalços se aferrava a ella, com o outro procurava, palpando na parede lisa, uma pedra resaida, uma falha, uma herminha. Com um só dos cotovelos se chumbava ao rebate da tão defendida e porfiada fresta; a cada esforço para se alçar sentia gemer a cunha, curvar-se, e lascas de calça cair resaltando ao longo da parede até ao alicerce. A moura, com o meio corpo debruçado sobre o seu, temendo menos despenhar-se com elle do que vê-lo entrar comsigo, lhe augmentava o peso, lhe encobria a passagem, e arrimando no ir e vir da lucta, as espaldas ora a um ora a outro humbral, lha trancava; com a face lhe vendava os olhos, com os dentes procurava devorar-lhos. Oh se elle podesse alcançar á mão a espada que se lhe balança e tine ao lado, a desesperação o fizera talvez commetter uma vilania! Cresce e revezase de um a outro a incerteza do exito; ora pendem balanzados para o campo ora para o aposento, como dois arbustos unidos que um redemoinho embaloça na alta ameaça d'um castello derrocado. Nenhuma ou uma só d'estas cabeças saudará o novo dia, e qualquer que succumba, grandes e alheios fados afundará comsigo! Tal certeza lhes redobra de continuo as forças.

A musulmana começa a animar-se pelo seu longo resistir, rouqueja surdamente o nome do pai e o de Allah, solta-se do contendor, retrae-se; como vaivem sacudido contra muralha, volta logo com todo o peso a embater n'aquella massa que ja sente vacillante e que não comprehende como tanto haja podido suster-se sem alicerce no meio dos ares. Ao mal esperado encontro, estremece o valoroso; o seu peito que ja se debruçava para galgar, se despega do amparo da pedra: com a direita estendida procura desacordadamente onde se apegue e não atina; vai precipitar-se... quando por um arrojado temerario, ennovelando todas as forças no interior, repulsando com o pé a ja quasi inutil cunha que lho sustentou e estala, pulla, retoma com um braço a janella, com o outro colhe pelo collo a destemida que ja voltava a segundar o tiro; aperta-lho como em uma tenaz, sacode-a duas, tres, quatro vezes como um gigante que procurasse desentalar um dragão d'entre penedos; pouco a pouco a curva, a debruça, ja os olhos da sua preza não podem ver o ceu, nem a luz da torre, mas só o anoutecido fundo do precepicio. Por um momento pendeu aquella corpo librado entre a vida e a morte; um leve e derradeiro toque rompeu o equilibrio, revolveu sobre si mesma! Os echos visinhos não ouviram mais do que um gemido curto e estranho, um fracassar successivo de cunhas, e logo um baque soturno que não souberam repetir; e tudo recaiu no silencio. A's trevas agradece o vencedor o encobrimento de tal victoria, e só lhes pede assaz espaço para lavar em correntes de mais digno sangue esta ultima sobre ja tantas outras nodas do seu nome. Com a espada apertada no punho, entra senhorilmente pela torre; mas a luz, como que fiel ás mãos que a accenderam e a que sobreviveu, longe de lhe facilitar o conhecimento do recinto, lho turva de repentinas sombras, revolvendo-se entre as vascas do apagar-se. A um de seus clarões instantaneos, percebe ainda intacto o facho com que nos perigos da noute era dever da atalaia fazer signaes e almenaras do alto da torre, e pelos movimentos e direcção da chama indicar ás vigias internas da cidade a que parte, com que forças, e por que modo importava acudir. Accende-o, dá com o mouro adormecido: « Torre maldita, exclama, não terás para offerecer a um braço cavalleiro senão infamias! » Viu armas: considerou um pouco se o acordaria, mas reflectindo que um só adversario mal valia o tempo tão apertado e precioso que despenderia a espera-lo, de um golpe lhe fez saltar a cabeça. Corre com a luz exploradora a todas as partes, e certo de que ninguem vive no edificio, desenrola a escada levadiça, crava na ponta da espada, sem a olhar, a cabeça defuncta, desce velozmente. Ao pousar pés em terra; he um cadaver o primeiro objecto em que topa! Afirma-se, reconhece a moura que dorme n'um banho de sangue o seu somno ultimo: deu-lhe um suspiro, « Tão moça, formosa e sem culpa!... oh gloria! oh patria! quanto muitas vezes custais caro! » Foi um raio de piedade que rompeu por entre as nuvens tormentosas do pensamento até á flor do coração do guerreiro, e antes de lho haver podido aquecer, se esvaiu. Se ha horas bemaventuradas que não admittem penas, outras ha tão negras que nenhum reflexo benigno as pode matizar. Todo abrazado na sede de um futuro para o qual tão largos passos deu ja por uma vereda de cobardias, nada pode haver

n'esta noute que o detenha. Com o gume que destroncou a cabeça do pai decepa a da filha, a mesma espada bebe duas vezes o mesmo sangue, e as duas almas n'aquelle momento reunindo-se por ventura para deixarem junctas o mundo, ou para ficarem girando e gemendo em redor da sua torre que não poderam salvar, folgariam de ver na inimiga mão reunir-se ainda uma vez aquelles rostos que só um ao outro se olharam tantos annos, que exprimiram sempre os mesmos pensamentos e as mesmas vontades.

Assim descia Giraldo semi-nu, qual havia trepado á torre, pela encosta do silencioso outeiro: sob as suas çapatas ferradas, que juncto aos alicerces realçára, resoa o caminho, que a largas passadas o despede. O tinir da espada o importuna como um escarneo: carregada e fêa vai a sua alma como um espelho da noute; n'uma e n'outra só uma estrellinha incerta reluz ao longe. O vento que doudejando por entre os ramos não vistos, tantas vezes humanas arremeda a ouvidos perturbados, de quando em quando o força a deter-se para escutar. N'um d'estes momentos figurou-se-lhe ouvir ja as fallas de sua gente, a quem intimára o mais profundo silencio, e estremeceu e córou pensando nos despojos que de sua victoria lhes trazia. Esteve para as armas remessar; mas alçando na mão e encarando pela primeira vez aquellas duas cabeças junctas, lhes sorriu um sorriso triste, que dizia: « Porque? não eram as vossas mortes necessarias condições para uma grande façanha e uma felicidade ainda maior? Oh que vos invejára eu, se não fora este meu sonho do porvir! Na patria morrestes e pela patria; morrestes puros e sem remorsos; morrestes onde amastes e com quem amastes. As peores amarguras da hora suprema, nenhum de vós as trago, nem os terrores do expirar, nem as saudades do mundo, nem a pena de testar lagrimas a quem só se desejaram alegrias. Tu findaste dormindo, tu combatendo e esperando; ambos perto, nenhum aos olhos do outro. E agora, em quanto eu, vivo e vencedor, não tenho um rosto de mãe, de filha ou de amigo onde encoste esta cabeça condemnada, esta face enrugada antes da velhice, estes labios desafeitos de branduras, os vossos rostos se tocam, e o mesmo vento desabrido parece estar folgando de vos emprestar uma sombra de vida e amor, quando entremescla mollemente as ondas negras d'estas madeixas com a prateada espessura d'estas barbas. Se alguma cousa sensitiva permanece em quem viveu, dos tres que descemos da torre não sois vós, não, os mais mal afortunados! »

Entre tanto embuscados em um soute, nas fraldas do outeiro, os bandidos de Montemuro esperavam e desesperavam. Para que fim desampararam o seu castello da serra? ; porque se lhes mandou que trouxessem, alem das armas bem aparelhadas para ferir, uma multidão de páos curtos e delgados, indignos de suas mãos, incapazes até para pelegas de mininos? e porque rasão despartindo-se d'elles, antes da meia noute, se despojou o capitão da mór parte de suas roupas, se enfeixou em ramas verdes, levando alem da espada e de uma lança altissima, alguns d'aquelles mesmos páos, constante assumpto de seus motejos? Saudades teimosas da patria, asperezas de vida, e penas sem desafogos nem esperança, ; transtornar-lhe-hiam a cabo o juizo, e estarão elles, elles terror forte do Alemejo, elles javalis de Montemuro, representando sem o cuidar um arremedilho ridiculo de um comediante? No meio d'este cuidado geral cochichando e papeando todos em meias vozes, soa de repente uma que os emmudece. « Valorosos, exclama Giraldo, minha he a torre da atalaia; eis aqui os que a mantinham! Minha e vossa será por tanto Evora ainda esta noute, e amanhã teremos um presente de Rei para offerecer a D. Afonso em troco de nos restituir, como espero, a patria. He o derradeiro empenho em que vos metto; havei-vos n'elle como nos demais, e fiaí o restante da fortuna, coroadora certa dos arrojos magnanimos. Pelo que ja me ha servido, julgai se podemos ou não confiar n'ella. Em quanto me vós suspeitaveis ou traídor, ou inconstante, ou cançado, preparava eu só comigo os meios para a redempção de nós todos, sem que nem vós, nem os inimigos me adivinhassem. Enganando, socolor de fingido interesse, o Alcaide nosso falso amigo, visitei e estudei a cidade, suas entradas, saídas, forças e industrias defensivas. Desfarçado em peregrino, sentado hontem em face da torre que me importava reconhecer, com um cantar mouro ao som d'alaude atrahi á janella os guardas para ver ao sol os adversarios que nas trevas havia de destruir; e em quanto me elles contemplavam do seu asilo inaccessible, debuchava eu na memoria as juntas das pedras que me haviam de servir de escada. Tudo sahiu como o eu traçára. O escuro dos ramos de que ainda agora me vesti, ajudado do negrume dos ares, me consentiu volver la sem ser notado: juncto ao pinheiro aguardei se adormeceria a vela; mal a cri dormida, soccorrido das cunhas, e fazendo firma na lança, sobi, e vo-lo repito, estou senhor d'aquella verdadeira chave da cidade, com a qual juro abrir-vol-a antes de uma hora. Se alguém ha que tema entra-la comigo, que fique, e no seguro d'estas moutas ouvirá de longe o alarido da nossa victoria; e se até os echos de guerra o assustam, parta, que todos nós lhe abriremos caminho; parta, e va-se acolher a Montemuro entre as mulheres. » — Todos elles levantaram as vozes e as armas jurando segui-lo: poucos minutos apoz, só havia entre aquellas arvores duas cabeças mortas que pareciam surgidas de sob a terra, para escutar ao longe o estertor de uma cidade. Os cavallos corriam á redea larga para um posto assinalado, e o mais da gente, semelhante a uma nuvem densa, que sem ruido aloja em si o temporal e o leva ás cegas por onde e para onde apraz ao vento, ascendia rapida e silenciosamente com o Capitão pelo caminho da torre, contra as muralhas de Evora.

### III.

Um edificio sobrepuja dentro na cidade a todos os tectos, calado como toda ella, mas não como ella adormecido: he um como ouvido e olho que o grande corpo do povo tem sempre de fora da coberta do seu leito em quanto descança. Aos sculcas d'esta segunda torre toca explorar a larga campanha de que a povoação se rodea, receber da torre externa no outeiro de noroeste os signaes de accommetimento por aquella parte, e havida certeza ou receio de novidade, dar rebate aos moradores. Eis que la de cima a sentinella do quarto da modorra vê arvorar-se inesperadamente um facho na coroa da torre redonda! Sobre-saltada como o despontar de tão mal agourado cometa, não tarda em lhe responder com outra igual chama que « alerta está, que ainda porem não alcança pela calada da noute rumor algum, nem atina para que sitio importe dar repique aos homens de armas. » Giraldo (elle era) tão encantado com o lume do mouro quanto o mouro assombrado com o seu, lhe significa por novos e successivos signaes, « haver passado inimigo que la se vai correndo para os plainos, fora das portas do nascente. »

N'este momento, a uma bafagem que soprou d'aquella parte, ouviu a sentinella claramente um frémito de cavallos e armas vir recrescendo contra o muro. Para acudir á trombeta de rebate largou o facho, o qual Giraldo vendo cair para fora ao longo da torre, que branquejava e se escurcia successivamente, disse, arremessando o seu a larga distancia: « Assaz conversaram guerra as torres com suas linguas de fogo; agora a nós pertence, a nós varões fazê-la e acaba-la com braços de ferro. Avante! cahida he a estrella de Evora, e sumido para sempre, como raio, o nosso infortunio! »

Aos arrastados rugidos da trombeta, seguiu a voz estrondosa da atalhia, clamando sem cessar alarma alarma, e denunciando a porta e lanço do muro para onde urge confluír os socorros. De instante a instante clarêa o tropear da cavalleria; a trombeta e o pregão da vigia se revsam com mor furia, echoando pelas ruas ermas e tenebrosas. Por baixo dos tectos ja lavra um rumor confuso; ja vultos alvos vem asso-mando pelos eirados; ja aqui e acolá se descerram portas e estampam nas frontarias oppostas uns movedições paineis de luz, onde desaparecem e reaparecem tecendo-se e correndo confusas figuras de terror, homens que se vestem arrebatadamente, mulheres que lhes trazem alfanges e broqueis. Ja os tambores surdem, e discorrem tumultuariamente todos os caminhos: o fragor de um rufo geral inunda e estremece a cidade até ás intimas particulas dos edificios e dos homens, como uma fervura em cachão atormenta o vaso e revolve quanto n'elle se encerra; e por entre este som grande, poderoso, escuro, atravessam solitarios os gritos e gemidos dos clarins, como os corvos da tempestade pela amplidão da tempestade. Agigantadora de perigos é a noute; lembram-se de D. Afonso e da miseravel tragedia de Santarem. Uns se armam e correm offerecidos a toda a fortuna; outros se detem assombrados em suas pousadas, incertos se mais convem morrer defendendo-as de dentro, se desampara-las pela salvação commum; e ao mesmo tempo que os visinhos inquirem aos visinhos e aos desconhecidos que passam, sobre o que ninguem conhece, e os transe do coração se trocam nas fallas em mal fingidas afoutezas, o Alcaide com um bom numero que ja chegou a congregar de peleadores resolutos, espera em cima do muro e com o ouvido attento a tornada dos exploradores que pelo campo enviára a descobrimento. « Cavalleiros christãos, cavalleiros christãos, (gritam estes, recolhendo-se turvadamente ao meio dos seus) cavalleiros christãos! que se não sahis apercebidos a rechaça-los, não tardarão que nos não commetam, tanta he a soberbia de suas vozes e feros, e a arrogancia do seu campear, certo maiores do que se havia de esperar de tão pequena copia de gente! Sahi logo, sahi os que ja sois prestes, que vos fiamos haveres d'elles bom barato. » — Com tanta furia foram estas palavras ouvidas, que toda a companhia com grita de Allah, aberta a porta, se arremessou em torrente ao campo e se foram de tropel contra os mal estreados quebrantadores de seu somno. Giraldo, que por este ensejo anhelava escondido não longe com a sua turba, como sentiu assaz desviado o tumulto, investe com a porta ainda patente, qual, ou de confiados ou, o que he mais para crer, de attonitos, a conservavam os porteiros e guardas d'ella: estes, cegos do escuro e confusos com a revolta, só reconheceram pelas obras a quem vinha entrando, e quando ja não havia resguardarem-se; porque, recebendo em cambio das perguntas com que festejavam o victorioso regresso dos seus, resposta de botes, talhes e reizes, logo ali se desampararam das vidas. Entrados os christãos e deixado aquelle passo a bom recado á conta do golpe de inimigos que andava fóra, se espalharam correndo pelas ruas com grandes vozes de « Victoria, Portugal e S. Thiago! » e acutilando quantos mouros armados lhes occorriam. Então o conhecimento claro do mal presente restituiu aos moradores a resolução que os annuncios d'um perigo não sabido lhes tivera embargada. Tambem isto o previra Giraldo, e para acautelar que n'essa hora se não viesse a perder o valor afogado da multidão, e desejoso de acabar este feito o menos enchovalhado, que ser possesse, de sangue até de infieis, he que fizera trazer aquellas estacas que a sua gente agora hia atravessando pelas argolas de todas as portas, a fim de salvar pela prisão as vidas dos que ainda se não tivessem lançado a perde-las. Continuava não obstante por toda a parte, antes crescia o reboliço. Ao estrepito das armas, gritos e gemidos dos moribundos e precipitadas carreiras de perseguidos e perseguidores, se accendiam pelas casas os chóros e clamores feminis; pelos minaretes o rebate; pelos eirados a raiva que de tudo fazia armas, e as chovia ruidosamente sobre os adversarios de envolta com as maldições e improperios. Os melhores dos mouros que fóra andavam a braços com os cavalleiros da trilha, pouco tardou que pelo resoar da cidade ca-

hissem na conta do que podia aquillo ser, e entendessem quanto importava acudir, se ainda fosse tempo, ao centro e somma de todos seus interesses; pelo que pelejando e refugindo, se vieram outra vez caminho da porta. Chegados a ella, e quando esperavam que para recebê-los se abriria, a viram escancarar-se para vomitar um bando de espaldas que tempestuosamente os tomaram pelos rostos, em quanto os de cavallo os alanceavam pelas espaldas. Aqui foi o desmaiarem totalmente os corações: arremessam as armas os que sobrevivem, e por cima dos corpos dos feridos e mortos, por entre os cavallos e os golpes, o alarido e as trevas, se dispersam voando e desaparecem, mais acoçados do pavor que do perigo, porque os christãos desprezando segui-os por acudir ao arruido dos muros adentro, se deram toda a pressa de entrar; e reposta em bom seguro a porta, se derramaram pelas ruas a ajudar os companheiros assim com as obras como com as novas do desbarate ja feito.

Como esclareceu a manhã, sentindo Giraldo quietada com o terror toda a cidade por jazarem mortos, ou andarem fugidos os mais valentes de seus filhos, e não poderem nem ousarem os outros sair-se das casas, ordenou que na mortandade se pousse ponto, contentando-se os vencedores por direito de guerra e em paga da perdida noute, com o saque geral de povoação tão rica e tão a subitas apanhada. Assim se viram de repente os foragidos de Montemuro senhores de uma capital, servidos de escravos e escravas, abastados de tudo, até de fama para entre christãos e infieis. Duas sos cousas lhes falleciam, a honra de outra, e a facultade de rever a patria. Ambas essas maravilhas se cifravam na graça de El-Rei: nem sequer ousavam desejar-las. Porem Giraldo, sua antiga Providencia, inda os não desamparou. Assim como houve a cidade ás mãos despachou embaixador a D. Afonso, encarregado de lhe pôr aos pés as chaves d'ella, e a espada que a ganhára, com uma carta mui bem concertada de termos de lealdade, na qual lhe pedia fosse servido mandar logo tomar conta d'aquella pequena menagem, qual para elle e para a fé a haviam gostosamente grangeado os sem ventura não ha muito seus filhos, e ainda agora e sempre seus soldados e servidores: que elles ahi lh'a ficavam guardando, prestes a entregar-se-lhe com ella, e receber sem queixume da mão de seu Senhor e Rei o perdão ou castigo com que alfin lhe prouvesse alliviar-los de seu longo desterro.

Cheio estava ainda o Principe, quando a embaixada lhe chegou, do contentamento que recentes victorias suas lhe influíram: Cesimbra tomada, El-Rei de Badajoz com soberba copia de gente destruido, a formidavel Palmella, ao simples som de nossas trombetas, como Jerichó humilhada e entregue, outras muitas entradas felicissimas por terras de mouros transtaganos! Acresciam-lhe ao contentamento as esperanças dos novos louros que ja traçava colher de Moura, de Serpa, de Alconchel, de Coruche e de Elvas, que esse mesmo anno de 1166 lhe veio a entregar. Acolheu com boa sombra o mensageiro, e dando a Deus muitas graças por até em criminosos florir a heroicidade portugueza, o tornou logo a despedir com as chaves da cidade, a espada que a ganhára, e lettras cerradas de resposta para o capitão D. Giraldo, pelas quaes o nomeava seu vassallo e Alcaide perpetuo da sua cidade de Evora, com o perdão, honras, e mercê da fazenda ganha, a todos e cada um de seus valorosos sequazes.

Assim veio a poder de christãos, para nunca mais sair d'elle, esta formosa cidade, ja insigne de tempos antiquissimos: — em quanto Lusitana resistidora das legiões do Tibre, e amada de Sertorio, de cuja mão recebeu parte das joias que ainda hoje alardea, o seu colar de muralhas, e o seu aqueducto da agua da prata: — Romana, tão mimosa de Julio Cesar, tão enriquecida por elle de foros e privilegios, que *Liberalidade Julia* foi o seu nome; e tão bem olhada do ceu, que nascido o sol da fe, madrugou com as primeiras a recebê-lo, e a quasi todas se antecipou nos triunfos do martyrio. — Rebatizada, depois de quatro seculos de Arabe, reassume o baculo pontifical, que ja por outros tres seculos empunhára quando Goda, e com elle alçado por cima dos outros da provincia, para sempre se fica pastorando um vastissimo rebanho. — Abastada de nobrezas pela multidão de suas antiguidades, pelo venerando aspecto de seus edificios, pelo numero das suas casas religiosas e opulencia da sua cathedral, pela fidalguia de suas familias, pelos varões com que tem honrado as lettras e a milicia, pelas sciencias de que ja foi deposito, pelos monarchas a cuja cõrte ja deu assento, Evora d'entre tantas glorias só quiz e conserva por brasão de suas armas um cavalleiro com a espada erguida, e duas cabeças cortadas.

## NOTAS.

Pag. 45. *Principio*. — D'esta tomada de Evora temos antiquissimo testemunho no Chronicon Lusitano, mas tão succinto, que só diz que na era de 1204 [anno de Chr. de 1166] fóra a Cidade de Elbora tomada entrada e saqueada de noute por Giraldo, a quem davam sobre nome *O Sem Pavor*, e ladrões seus companheiros, do qual Giraldo foi entregue a El-Rei D. Afonso. — Noticias mais mudas não ficaram escriptas por contemporaneos, ou se perderam. O velho Duarte Galvão, na sua estonteada chronica, não só erra o anno d'esta façanha, senão que inteiramente omittie n'ella o nome de Giraldo, contentando-se com dizer que tomara El-Rei D. Afonso, de envolta com outras cidades, esta. He André de Rezende o primeiro que pelo meado do seculo XVI apparece com uma relação circunstanciada, na sua *Historia da antiguidade da Cidade de Evora*. D'onde a tomasse não o diz elle: mas he tão respeitavel a sua auctoridade, que Brandão, o irreconciliavel inimigo da mentira, não duvidou segui-lo passo a passo. Parece portanto que entendeu, assim como nós entendemos hoje, que, se ja não foi por documentos que inda poude alcançar que se governou o seu Rezende, a tradição sempre viva, constante, e uniforme entre os moradores da terra lhe pareceu sufficiente testemunho. A narração do mestre Rezende acrescentaram depois Brito na *Chronica de Cister*, o P.<sup>o</sup> Francisco da Fonseca na *Evora Gloriosa*, e outros mais, um grande matiz de circumstancias cerebrinas que, se bem augmentam sabor a quem lê, todavia enganam a quem estuda, e que por não lhes reconhecer intenção poetica, lhes toma todas suas palavras sem cambio nem rebate. Quanto a nós, de Rezende tirámos a massa do feito, e no que a nosso modo lhe marchetámos para enfeite, e que bem se denuncia como tal, pouco mais empregámos ainda assim do que probabilidades e conveniencias.

Pag. 45 col. 1 lin. 1. — As descrições que fazemos do Castello Giraldo em Montemuro, e mais adiante, da atalhia no outeiro de S. Bento, podem ser recebidas com toda a fé. Para a sua e outra nos conformámos com as informações que nos transmittiu o nosso amigo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha

Rivara, actual Bibliotecario da Livraria de Evora, mancebo estudiosissimo, escriptuloso antiquario, e engenho ja mui conhecido e presado dos amigos das lettras patrias por varios dos seus escriptos, publicados no *Panorama*, na *Revista Literaria Portuense* &c. Folgarámos, se para isso houvessemos espaço e licença, de estampar aqui as duas cartas suas sobre estes objectos, onde largamente se desenvolve o que pelo nosso texto só vai tocado. Não pago, para nos obsequiar, com o que podia encontrar nos livros, foi-se aos sitios, e com tanta devoção de poeta os visitou, que nem lhe esqueceu colher d'entre as ruinas do Castello de Montemuro, na manhã do 2 d'este Abril de 1840, um raminho mui florido de alecrim para no-lo mandar. O presente e as lettras que o encerravam condiziam maravilhosamente: estavam ao mesmo tempo vendo e respirando o sitio.

Pag. 45, col. 1, lin. 26. — Os quatro pinheiros annosos e robustos na cerca das freiras em o outeiro de S. Bento, he fama geral entre os Eborenses que procedem de outro pinheiro que ahi houve de maravilhosos corpulencia e ancianidade, de que duram illustrissimas memorias na tradição popular. D'elle se diz que ja em tempo de Giraldo Sem-Pavor era arvore alterosa. Foi derribado pelo vento em noute de 3 de Janeiro de 1739. Não era este objecto para escapar ao bom mofador de antiquarios, autor da *Historia das Antiguidades de Evora*, Amador Patricio. Vá, por galanteria e sem querermos desvenher a arvore, um resumo do que se lê nas paginas 174 — 176. « Vindo aos campos de Evora a ave Fenix em o anno 3960 da criação do mundo, recolhia-se a descançar e dormir sobre este pinheiro. Ahi começou a fazer o ninho de paos cheirosos de canella, gengibre &c. para nelle se queimar e renascer das cinzas pela setima vez: mas sobrevindo um inverno mui aspero, abalou-se e não tornou mais. Ao pé deste pinheiro se escondou o capitão Giraldo á espera que adormecesse na visinha torre a sentinella moura. Caíndo com um temporal derribou o muro das freiras, e se profundaram algumas pernas pela terra dentro perto de uma vará: foi tanta a lenha, que só da ra-

ma fizeram provimento por seis mezes todos os fornos de Evora: o diametro do tronco era de 13 palmos. Foi depois este tronco levado á cozinha das religiosas de S. Bento, e lá se fez de ceppo em que se faz o picado para tortas e pastéis, e dizem as religiosas que os picados ficam tão saborosos e cheirosos, que não he necessario langar-lhes adubos, o que só se pode attribuir a ter a Fenix feito ninho n'este pinheiro, que já dissemos era de substancias aromaticas. Não tinha o pinheiro raizes por todo o arredor como as mais arvores, mas só duas, em o meio das quaes ficava uma pedra que ainda está no mesmo lugar; a qual para a parte da torre de Giraldo tinha umas riscas que um homem muito insigne em ler escripturas antigas, declarou serem lettras, como umas que estão no frontispicio da Camara da Cidade para a parte da cadeia, e dizerem assim:

Apollo, Musas e poetas  
Dos vindouros celebrados,  
A sombra d'este pinheiro  
Farão versos amuados.

Todos os homens insignes  
Nas armas e entendimento

N'esta cidade de Evora  
Hão de ter seu nascimento.

Cairá este pinheiro  
Se escapar de ser queimado;  
O tronco dará um ceppo  
Em que se fará picado. »

Pag. 45, col. 1, lin. 30. — Não costumam os nossos historiadores apontar em que parte do anno 1166 caísse a tomada de Evora: consta porem por documento authenticico, que foi no mez de Maio, ficando só por descobrir o dia. João Pedro Ribeiro, na *Dissertação VI. Secç. IV. pag. 110*, menciona a outro proposito uma escriptura do Cartorio do Cabido de Lamego, que data d'esta maneira: *Era 1204 Mense Maio civitate Ebora quando fuit ablata a Mauris*.

Pag. 45 col. 1 lin. 79. — No Capitulo 32 da P. III. Liv. 3 da *Monarchia* se achará como, com bons fundamentos, suppozemos, ja n'este anno da tomada de Evora aos Mouros, a visinha serra de Ossa habitada de christãos heremitas.

## D. FUAS ROUPINHO.

... Hum D. Fuas, que de Homero  
A cithara para elle só cobigo!  
CAM. Lus. C. I. Est. XII.



UMA está de navios a amplidão do Téjo. Lisboa, a anciã dos montes, olha do alto d'elles para o ceo, e para o mar. Vai saindo o julho do anno de 1180: succedem-se as almeiadas manhãs, deslizam-se os dias longos e chegam as noites, sem que lá para a barra se tenha percebido branquejar de véla, borboleta marinha de boas novas. Cada crepusculo que se apaga deixa accrescentadas tristezas no coração da Cidade; cada somno lhas agrava com agouros. He porque a armada naval, filha sua pequena e formosa, lhe safo do bafo e agasalho materno, e lá se anda mar em fóra á ventura dos planetas, montando por entre as moveiças brenhas das ondas, as aliterosas galés mouriscas, assoladoras e ameaçadoras das vizinhas costas.

— « Já cá nas terras a possança infiel cança e contrasta a miude a a valentia dos christãos: que será ora, diz ella, sobre um elemento que mal nos conhece ainda, e onde os barbaros campeam senhorilmente ha tantos annos de sul a norte e de nascente a occaso? Afugado ro-me eu vê-los remontados sobre seus castellos boiantes, rosto despejado e seguro, como cavalleiros em campo seu, governando com a esquerda mão as rédeas de suas furiosas carreiras contra os atrevidos e mas inexpertos de meus filhos, e com a direita armada derribando-os onde o sepulchro por si mesmo se lhes abre, se fecha, e se perde. N'esta minha fortaleza e em tantas outras se eclipsou a lua; mas entre as ondas que suas são, poderá ella ter occaso? Toda tremo se como paro por uma e outra parte os auspícios; o numero e grandeza das prós, a multidão e pouquidade dos pelejadores, a facilidade e diffiduldade dos socorros, o uso e sciencia de uns, a desesperiencia dos outros: e por cima de tudo, desmaio quando cuido que, se cá tem a fortuna tantas vezes jurisdicção sobre o valor, lá ella que he vento, que he estrellas, que he tempestades, lá ella só he tudo, e sem ter a que voltar a roda, com um só sôpro pôde fazer e desfazer imperios. » —

Sobeja razão tinha Lisboa para tamanho desocego: por dentro toda era tristeza e orações, por fóra toda ancias e curiosidade: pelo alto de suas muralhas e torres, pelo cume dos seus outeiros, pelas frestas e alpendres dos casaes circumvizinhos não descontinuam olhos de se volver para o oceano, em quanto a luz do dia, da lua ou das estrellas dava logar: práticas de susto e conforto misturados susurravam por todos os cabos.

Para que o leitor possa fantasiar por si mesmo qual seria a substancia d'estas conversações, bom será que desde comnosco um passo para traz, e troque Lisboa pela côrte de Coimbra. — Em Coimbra se estava pois El-Rei D. Afonso, já adiantado em dias, cortado dos trabalhos e victorias, fructo quasi a despegar-se da arvore da vida para o regaço dos Anjos. Semelhante ao seu Mondego, que depois de estrepitoso correr e tumultuar por serras e gargantas, vem todo manso alargar-se para derramar abundancia e vida pelos campos da sua cidade, retratar em si o ceo, e imita-lo em bemfazejo; nas lidias de governar, legislar e orar se recobrava tambem elle das da guerra. Reconhecido e prezado da cabeça da Igreja, em paz com os vizinhos Estados, com a maior e melhor parte do reino já redemida e segura, consolava os dias da viuvez e o forçado ocio das câs com escrever e repartir ás suas queridas cidades nobres e uteis foraes. Era um pai de familias que, sentindo-se proximo a despedir-se de suas filhas, todo se occupava em lhes deixar ainda a sua alma em seu testamento. Mas se o seu cavallo das pelejas, a quem já não aguardava mais que uma só façanha juncto a Santarem, pascia, tristemente livre, a aborrecida erva dos valles silenciosos, a sua espada forjada sem bainha lá se andava em mãos do Principe herdeiro, mancebo de vinte e cinco annos, floreado e levando por diante o seu condão de triunfo, contra os mouros de Alemtejo; e a exemplo antigo de El-Rei, e aos recentes exemplos de seu Successor e Filho, a heroicidade portugueza continuava, onde quer que lhe a sorte offerencia materia, a assignalar-se por feitos, a que mais coubera nome de maravilhas que de gentilezas. N'este estado se tinham as cousas quando, na primavera seria ou ja estio d'este mesmo anno 1180, sem annuncio nem novidade de guerra pela vizinhança, dos verdes montes da fronteira de Coimbra descia para a ponte e crescia para a cidade uma ruidosa multidão de cavallos, peões, bagagens e captivos. Alvorota-se o povo com a novidade, corre desordenadamente ás armas, acode-se ás portas, e aquella parte do muro que ainda hoje retém o nome de Couraça da Cidade. Orava El-Rei em Santa Cruz com os olhos pregados n'aquelle chão que ja para sua sepultura trazia demarcado: ao primeiro susurro ergue-se arrebatadamente, cinge seus membros velhos e ainda ferrenhos com as primeiras armas que topa, ordena que soem o rebate, e voa á defensão commum. Um clamor geral dos seus se ergue ás nuvens apenas o avistam: a presença d'El-Rei he a certeza da victoria. A causa do reboliço se avizinha... toda a cidade deixou cair das mãos as armas com um grito de alegria! Mouros, mouros são os captivos que lá vem, e o cavalleiro que na frente de todos se adianta he o Alcaide outr'ora de Coimbra e hoje de Porto de Mós, D. Fuas Roupinho, o velho e valoroso fidalgo, amigo do velho Rei, o aio e creador do Infante D. Pedro Afonso, e um dos memoraveis vencedores de Ourique! Reconhecêra-o a cidade, porque o ancião abalado como ja vinha com a vista do seu Mondego e da sua Coimbra, apenas de metade da ponte percebêra ao longe o Monarcha, desnudando do capello de ferro a grande cabeça alva, se lançára em terra de joelhos com o rosto para o ceo e os braços como de pai estendidos para o povo. — Não consentia a pressa alcatifar-lhe a passagem de verdura, mas as saudações rumorosas do vulgo apinhado, o estrondo festivo dos instrumentos bellicos, e o alvoroço dos sinos lhe improvisaram um triunfo mais sabroso que os do antigo Capitolio.

Recebido aos Paços e ao peito d'El-Rei, D. Fuas Roupinho manda que lhe vão pondo aos pés armas, bandeiras e thesouros recém tomados, capitães e principes maniatados, e por corôa de opima vassallagem, sobre um andor trazido ás costas de escravos, o ha pouco senhor d'isso tudo, um valoroso Rei de Mérida, pallido e moribundo das feridas e vergonha do vencimento. Ao nome ouvido de D. Afonso Henriques, Gamir, que assim se dizia o mouro, abriu pela primeira vez os olhos, que emperradamente trouxera fechados por não vêr as terras e os semblantes dos baptizados: cravados os deteve n'elle por algum espaço, como quem se assombrava de contemplar a imagem do Destino Omnipotente, e rodeando-os mudo pelos cavalleiros circumstantes, deixou correr algumas lagrimas silenciosas, onde reluzia uma d'aquellas profecias de moribundo que raras vezes saem fallidas: « Assim como eu, desaparecerá de todas estas partes o poderio de Mahomet » e tornou-os a cerrar, sem que nem as palavras benignas e consoladoras do Monarcha, nem o ruído das cadêas que elle fez logo cair dos pulsos dos prisioneiros, nem o respeito que mandou se catasse aos principes vencidos, nem as ordens que deu a seus fisicos para desveladamente tractarem a Gamir como a Rei e a Filho em aposento dos Paços, nunca mais lhos obrigasse a abrir. A morte ja marcára com sangue a sua victima; alguns dias depois Gamir havia de jazer debaixo da terra estrangeira, e dormir irrequieto o seu derradeiro somno ao som dos campanarios christãos, saudadores de novas victorias.

Fôra em resumo de palavras o caso: que apercibido em segredo este potente Rei de maravilhoso número de bons soldados, entrára subitamente pelas partes do sul portuguez, e a correr e a devastar se veio voando até á comarca de Porto de Mós. D. Fuas Roupinho, que ahi era posto de El-Rei por Alcaide do castello, conheceu que não era para a pouca gente que n'elle havia, o contrastar até ao fim tão copiosa e soberba multidão: deixou n'elle a flor da pouca gente que tinha, com preceito de o manterem até sua tornada, e retirado á serra da Mendiga, e congregados com a furia que o apuro requeria os possiveis socorros dos Alcaides de Santarem, Alcanede, e outras terras vizinhas, do alto da serra esteve vendo um dia inteiro lá em baixo e ao longe o seu castello, como penhasco em meio de temporal, assaltado, atormentado, e endoudecido das estrepitosas ondas dos barbaros. Enfiavam e pasmavam em redor de D. Fuas sereno os auxiliares insoffridos. — « Esperai [lhes repetia o capitão]; nem se ha o castello de render, nem deixaremos nós de pelejar: hei fé em Deus, cujas são as victorias; havei-a vós outros em mim, que não he ja esta a primeira vez que me avisto com inimigos. Deixai ás horas do dia e aos olhos contentes do sol aquella formosa peleja de um contra centos: guardada nos está a noute: pouquissimos somos, e fallecer-nos-ha vantagem de posto; só nos cabe lidar quando ja a escuridão não permitta contar lanças, e quando cançados os adversarios pelo resistir de nossos irmãos, nos não fique impossivel o debella-los. » — E n'essa mesma noute, por um d'aquelles lances de ousadia temeraria de que se a fortuna costuma namorar quando commettidos por grandes homens merecedores de seus louros, n'essa mesma noute ficou o campo dos assoladores assolado, o castello triunfante, o Rei agareno mortalmente ferido e aprisionado pela propria mão do velho amigo de D. Afonso, que ora vimos lançando-lhe aos pés todos os despojos d'esta imprevisita jornada.

Durava ainda na cidade a alegria do bom successo, quando entrando um dia D. Fuas á presença d'El-Rei, o achou pensativo e carregado. — « Tristes novas deveis de ter recebido de vosso filho que lá se anda a guerrear, disse duvidosamente o capitão. — « Não d'esse, respondeu o Principe, senão do meu primogenito, que he todo este bom reino de Portugal: novas certas me são chegadas como por mar nos commettem os mouros: insultadas andam ja, não só ameaçadas, de suas galés as costas de Setubal até Lisboa. Que faremos, cavalleiro? não nos conhece ainda o mar, e a elles lhes leva e traz ás costas seus alterosos castellos, como elefante submisso: falcões somos nós e aguias; e como nos haveremos com os lobos marinhos? » — « Mandai como quer que seja aprestar em que sair ao oceano; e Deus diante, e Santiago em grita, a quem como a pescador bemaventurado hão de obedecer as ondas e os ventos, partiremos; e ou voltaremos com a victoria ou não voltaremos: sagrado e do Senhor Deus he o mar não menos do que as terras. » — « Sois logo vós de todo o ponto o de que havemos mister e eu esperava, acudio El-Rei com o semblante ja alvorecido de serena alegria. Para Lisboa cavalgai logo a toda a rédea: cartas são estas para meus officiaes e para a cidade; apparelhar-vos-hão frota, gente, e todo o preciso. Tomai esta espada pelas invejas que me deixaes. No meio dos perigos, lembrai-vos que o vosso Rei e amigo está a essa mesma hora acompanhando em vosso favor as preces dos santos varões de Santa Cruz. Ide, vancei, e tornai. » —

E D. Fuas a cabo de poucos dias desferira com effeito algumas vélas, não muitas, das praias de Lisboa para o mar grande em demanda do famigerado almirante mouro Alfamim, e o coração da cidade se avertára, vendo-as ir resvalando na corrente quasi á ventura, e tentean-do com prôa mal certa o caminho, como uma ninhada de cisnes novos que por instincto secreto de que um dia senharearão o lago, a elle se arremessam pela primeira vez, e de aza estendida, collo emproado, com alegre ufania vão estudando e adivinhando o nadar. As despedidas mutuas que as galés e as praias, vendo-se umas a outras fugir e crescer, foram por vozes e gestos cambiando até se desaparecerem, reviviam pela memoria da grande povoação, como um agouro de despedida derradeira. Uma barca de pescador que houvesse entrado com a nova de ter visto no horizonte uma velasinha á maneira das christãs, houvêra sido uma barca feliz, e alviçaras de ouro lhe teriam chovido de centenares de mãos agradecidas com milhões de bençãos e boas fadas.

Mas as horas longas como dias transcorriam todas uniformes, como as contagens de um ramal rezado sobre uma sepultura, que uma a uma se vão deslizando e caindo para o vão da eternidade, cheias das mesmas supplicas e incertezas. Que de corações interesseiros de pais e mães, de filhos e filhas, de esposas e namoradas, de parentes e amigos se não fiavam com saudade dos aventureiros, e sustos que na falta de realidades se vão buscar á fantasia! O rumorejar ordinario das marés, a viração mais leve do vento eram ameaças de temporal: no sol, nas estrelas, no correr de cada nuvemzinha se conjecturavam mil agouros: o ceo e a agua eram diante da cidade, pelo seu muito amor supersticiosa, duas paginas de um livro aberto, onde ella procurava de caracteres de uma lingua desconhecida desentranhar o conhecimento do futuro. Com o progresso do tempo cresciam os receios, com o receio dos christãos as sonegadas esperanças da escravaria moura, e logo com os reflexos d'estas outra vez os receios christãos.

— «Vélas, vélas á barra, vélas entram o Tejo!» — «São nossas.» — «São inimigas!» — «Por D. Fuas apostarei.» — «Não apostarei eu por Alfamim, porém temo.» — «Cerrar as portas e acudir aos muros, segurar os escravos!» — «Ainda mais que entram: crescido número de galés!» — «Enxergai-me aquella maior, mahometana he sem dúbida.» — «Mas attentai vós n'aquell'outra, que sem nenhuma falta he das de Christo.» —

Crescia o ruido, e os balanços do coração pendente dos olhos. Acercava-se a frota: de galas a vestia o sol sobre a torrente alastrada de vagas douradas. Todos haviam acertado: eram Alfamim e D. Fuas, eram os estandartes das luas e os das Quinas, mas as Quinas nos topes de todos os mastros, e as luas dos infieis volteando-se por baixo d'ellas como um corvo debatendo-se em vão entre as garras da agua real, e Alfamim possante de membros e catadura, semelhante ao tubarão que tirado em secco arqueira furiosas saudades do seu viver marinho e bellicoso, vem agrihhado e deitado aos pés do Alcaide de Porto de Mós no castello de prôa da capitaina christã. Toda a cidade, delirada de júbilo, acode ás praias a recebê-lo; o vulgo, o Bispo e cleresia, os soldados e Senhores, a Camara da cidade, todos os Officiaes d'El-Rei. Saudações, musicas, benções, e coroas hospedam o vencedor ao abicar em terra o pequeno batel, que de bordo da galé, tão modesto como saíra para o conflicto, o reconduz para o triumpho. Não foi o seu de estrondosas vaidades, como o d'aquelle primeiro triumphador naval dos Carthaginezes romano Consul Caio Duillio, mil quatrocentos e quarenta annos antes: foi um triumpho sincero do público amor filial e devoto, tributado a um coração juvenil que vivia inteiro debaixo das cãs, a uma alma onde a prudencia temperava e refinava o valor, e cujo valor por terra e mar dominava a fortuna. Não se lhe alçou columna rostral como a Duillio; não se lhe cunhou, como a Duillio, moeda em memoria do seu feito; nem menos, como elle, o viram por-haver bem merecido da patria, arregar-se o jus de afrontar a rude simplicidade do seu tempo banquetando-se todo o resto da vida entre esplendores de tochas e delicias de perfumes e musicas. Não, Fuas era mais que Romano, era Portuguez!

Por isso D. Afonso, que lhe medira a alma pela sua propria, por agradecimento e recompensa da consummada façanha concedendo em seu pedido, outra vez lhe ordenou que se saísse aos mares com a sua ja tão melhorada frota, a castigar a soberbia agarena: e D. Fuas, despejada as galés do opulento despojo que trazia, em troco refeitas de vi-

tuilhas e munição, e repovoadas da gente que lhe pareceu escolher d'entre a muita que da cidade e campos concorria a se lhe offerecer, torna a abrir o vôo para as ondas ja menos desconhecidas, perlustra toda a longa costa até á extrema do Algarve e além, sem avistar a quem vença. Escorrida com a mesma fortuna a Andaluzia, chama seus capitães a conselho, e lhes propoem que, por não perder a saída e desaproveitar o fervor dos soldados, pois que ja o inimigo não ousa appresentar-se, o vão demandar onde he certo que o encontrarão. — «Não he longe Ceuta, accrescenta elle, Ceuta, a aurea porta da Africa, ostentosa de trofeos, resplandecente de aljofares e diamantes: valorosos a defendem de dentro; o seu castello he um promontorio, e em seu vestibulo que he o mar, lhe passeam diante, como sentinellas, as armadas. Praz-vos como a mim, que vamos bater a essa porta um primeiro golpe portuguez com os copos da espada, o qual retumbando pelas praias africanas, lhes annuncie que um dia, no crescer e trasbordar de nossas victorias, volveremos a entra-las? Praz-vos em fim, como certamente prazera á Deus, e prazeria a El-Rei se elle aqui fóra, que torçamos para lá a prôa a aprezar as suas armadas?» — «Sim, responderam todos.» — E poucos dias apoz, segundo triumpho naval regozijava as praias de Lisboa, e todos os navios de Ceuta entravam arrebanhados, como escravos, n'este mesmo Tejo, que ja haveriam sonhado vir a pizar como senhores.

Mas a columna de Duillio, monumento da primeira Guerra Púnica, nos dias da segunda Guerra Púnica derribou-a um raio: assim veio a cair a maravilhosa prosperidade de D. Fuas Roupinho perante as praias da mesma Ceuta. Ahí o aguardavam apinhadas, se acaso voltasse, as forças navaes dos mouros. Voltou, levado do temporal ou da fatalidade: vio-se cercado de cincuenta e quatro galés grossas, prevenidas de gente e armas, ardentes, juramentadas para o desgarrado. Pelejou: recusou a Providencia terceiro milagre; perdeu elle e a maior parte da armada, que não excedia vinte e uma vélas, mettidas umas no fundo, captivas outras, e fugidas algumas para trazer ao reino o pregão do lucto.

Tal foi o fim tragicamente nobre d'este varão, tronco brotado de fidalgas raizes desconhecidas, cujos ramos se vieram derivando até á presente idade, e cuja fama como todas as famas gigantes e remotas, está por maior veneração revestida do pegadigo musgo dos seculos que são as fabulas, em que de puro respeito nem de leve agora tocamos. Tal foi o seu fim: o orgulhoso mar lhe servio de digna campá, sobre a qual as quilhas infieis, ainda que também admiravelmente derrotadas, tripudiaram clamorosas danças de triumpho. Oh que não pasariam se ahí mesmo houvessem podido descortinar nas profundezas do ceo os segredos do futuro! Portuguez sobre cujas cãs se revolviavam as vagas, ficava ali como quem ja tomava anticipada posse de Africa em nome de Portugal. Era uma fatal semente de victorias que em dias de D. João I haviam de começar a pulular, para logo aterram com a sua sombra os descrentes, coroar com as suas ramas os nossos heróes e armadas, e attraír as admirações e invejas do mundo em todos os tempos. Mas não antecipemos a grande fadiga de memorar as pompas nauticas com que ja esse e posteriores reinados nos estão chamando a vontade: tomemos antes folgo cerrando rapidamente aqui a inexhausta e inexaurível chronica do mui cavalleiro, mui christão, e mui afortunado Senhor Rei D. Afonso Henriques e seus barões. A'manhã ousaremos commetter a de seu digno Filho e Successor.

## NOTAS.

*A Estampa.* — Annuciámos no Prologo d'esta Obra que seriam as estampas do Sr. Sendim e do Sr. Fonseca; e assim se foram revezando, até que partindo para Roma, por ordem do Governo o Sr. Fonseca, para fins de sua Arte, caio todo o peso da tarefa no Sr. Sendim, secundo genio, e de quem nunca se dirá que reussisse serviço á patria ou aos amigos. O painel porém d'este septimo capitulo, copiado para a pedra pelo mesmo Sr. Sendim, he do Sr. Joaquim Rafael, Professor de Pintura na Academia das Bellas Artes de Lisboa, e pintor historico ja de ha muito conhecido por suas obras nos Paços Reaes da Ajuda: e será o do outubro do Sr. Francisco de Assis Rodrigues, Lente de Esculptura na mesma Academia, digno discípulo e successor do immortal Joaquim Machado de Castro, e autor de ja muitas e mui geralmente admiradas obras de estatuario. Assim que, ao revez da mar parte dos annuciadores, ja em vez de dois artistas portuguezes que prometteramos, apresentamos quatro; pelo que pedimos e damos parabens, ja, revivendo as glorias antigas, por ahí mesmo estamos vendo vir desabrochando outras novas. Se ja nos lá ficam passadas as da guerra, venham as das boas artes, como por Italia se diz, distraír-nos, se ja não pôde ser consolar-nos: netos dos que sobrarão para façanhas, cheguemos nós ao menos a lhes algar monumentos. A mais se nos adiantam ainda com os desejos as esperanças: d'este concurso de artistas nascirão sem falta invejas nobres e competencias mui fructíferas. Ao mesmo campo onde se estes illustrarem acudirão outros, aos quaes e a todos, como portuguezes sejam, abriremos de boa vontade a porta e daremos logar n'esta unicamente officina de fama patria. Quanto a nós, com esta só ficamos contentes, se a conseguirmos, que vingando de alguma parte do esquecimento os portuguezes que o foram, e incitando os futuros a que o venham a ser, aos presentes abrimos uma sala de exposição, como dizem, d'onde suas obras possam ser vistas para o mundo todo.

Pag. 49 — aoTitulo. — He D. Fuas Roupinho, sujeito

em fama tão remontado que a Homero cobigava Camões a cithara para o celebrar; e entretanto, [cousa muito para nos rirmos de historiadores ou de criticos, ou de uns e doutros, e de todos e de tudo] poucas são as cousas que d'elle se referem, que ja se não tenham dado por improvisadas, ou falsas, ou impossiveis. As principaes que n'este septimo capitulo memoramos, a saber a defensão de sua alcaldaria de Porto de Mós, e as suas façanhas navaes, parecee-nos que não se ha mister de grandes forgas para as manter de pé, rebatidas as baterias dos negadores juramentados, e muitas vezes amoucos. Não assim a maravilhosa historia da Senhora da Nazareth, por D. Fuas desencantada, e depois sua salvadora: a qual lenda, adduzida por Fr. Bernardo de Brito na P. II da *Monarch. Lus.* foi cabalmente refutada por Fr. Manoel de Figueiredo, Chronista dos Cistercienses, na sua *Disertação Historica-Critica em que claramente se mostram fabulosos os factos com que está enredada a Vida de Rodrigo Rei dos Godos &c. &c.* Não podiamos logo, porque não deviamos, encorporar-la no texto; mas como tradição popular e tão poetica, parecee-nos reduzi-la, como fizemos, a uma Xacara ou Rímance, que homisiando-se entre a humidade das Notas, cá poderá escapar mais facilmente a alguns trabalhos, que os não ha maiores que ter de brigar com espadachins e embugados litterarios. Procurámos dar ao Rímance cara, e gestos, roupas e falla de antigo, e entendemos que não saio de todo baldado o empenho: este he o seu merito, se algum tem, e confessaremos que no grangear-lhe este dote não andámos exemptos de malicia, porque tinhamos e temos para nós que se por uma parte desagradar a ancianidade de taes formulas, como por outra condiz com a simplicidade de coração e entendimento necessaria para crer, cousa que já não he d'este nosso tempo, tornaria o conto mais accetito. Das difficuldades d'este genero de poetar, que tão facil se representa ao lér, nada diremos: os que alguma vez o tiverem tentado sobejamente as conhecem; os outros não curam, e bem hajam elles, de taes cou-

sas. Só diremos, e não no-lo terão a vaidade os que houverem reparado no como tantas vezes sentencemos as nossas Obras, que raro será o portuguez romancero e contemporaneo que observe com tanto rigor as leis e clausulas, em nosso entender essenciaes, de taes poemas.

### RÍMANCE DA SENHORA DA NAZARETH.

Não ha taes memorias de tanto deiteio,  
Por onde a vontade melhor se espergúice,  
Como as que recendem aos beijos e leite  
De nossa apartada feliz meninice.  
Cavar pelas minas de fundas verdades  
He nobre fadiga;  
Mas contos contados de idades a idades  
Tem força de encanto que a todos obriga.

Lidai á luz triste das lampus nocturnas,  
Cobri-vos de brancas, mineiros da historia,  
Mandai-nos bom ouro das lobregas furnas  
Que a vida vos comem semente de gloria:  
E nós fundidores  
D'esse ouro que achardes, e seus polidores,  
Fa-lo-hemos estatuas aos olhos do dia;  
E porque as do povo fegues á porfia,  
As croas sabidas lhes ponem de flores.

E sem mais escudo,  
Agora diremos primeiro de tudo  
O que avós e padres ja creram de f',  
E será a origem da grão romaria  
Que á Estrella dos mares, á Virgem Maria  
 Nas rochas do Oceano sagrou Nazareth.

I.

Em campos de Guadalete  
Acablado se era o dia,  
Co' o dia de alguma batalla,  
Co' a batalha a monarchia.

Os anafites dos mouros  
Resoam brava alegria,  
Dom Rodrigo Rei dos Godos  
A rdeia larga fugia.

— «Onde te vás, Dom Rodrigo,  
— «Tão só, com tanta agonia?» —  
— «Vou-me a fazer penitencia,  
— «Que este mal Deus mo devia.» —

— «Ventura de Deus te guie, —  
— «Justica de Deus me guia, —  
— «Boas horas boas fadas  
— «Vão com tua Senioria:

« Que se te cobre o descanso  
« Ao cabo d'essa agra via, —  
« Boa fada he a Penitencia,  
« Bom descanso a terra fria, —

Ja vai a pé do gineto  
Que mais correr não podia:  
Co' o saial de um pegureiro  
Trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado  
Aberta uma igreja via:  
Era de um mosteiro grande,  
Cauliana se dizia.

Idos se eram ja os monges,  
Alfaias, e pedraria;  
El-Rei vendo a casa nua  
Em lagrimas se fundia.

Suas faces afrontava,  
Os seus cabellos carpia,  
E por de tudo ser causa  
Mui grande mal se queria.

Um só monge que ficara,  
Romano por nome havia,  
La d'onde estava pousando  
Estas lastimas ouvia.

E desendo a toda pressa,  
O vio que em terra jazia  
Estirado e a cor defuncta,  
Aos pés da Virgem Maria.

Secorrido do bom velho  
Dom Rodrigo em si volvia,  
E o segredo de quem era  
Em confissão lhe dizia:

Que de seu perdido reino  
Mais nada não pertendia  
Senão só findar a vida  
N'alguma cová sombria,

Fazendo mil penitencias  
Cada hora, e cada dia,  
Comendo só das raizes,  
E pousando em terra fria.

Confessado e commungado,  
Como a bom christão cumpria,  
Só, qual veio, hia abalar-se;  
O monge o não consentia.

— « Sim que ireis, mas não sosinho,  
— « Eu vos darei companhia,  
— « Companhia que hei de dar-vos  
— « Nunca assim Rei a teria.

— « Mas he que espadas e langas,  
— « Peões, nem cavalleria,  
— « Mais he que exercitos de anjos,  
— « Pois he a Virgem Maria.

— « Nazareth em Terra Santa  
— « Esta imagem possuia,  
— « Mil veneradas das gentes  
— « Por milagres que fazia.

— « Mas vindo a ser perseguida  
— « Pelas furias da heresia,  
— « Acá se veio fugida,  
— « Um monge grego a trazia.

« He braço do santo velho,  
« (« Cyrico se dizia)  
« Morenita e graciosa,  
« « Oh que bem que parecia!

« Ella chorava de gosto,  
« Ella he fama que sorria;  
« Acompanhavam-na os anjos  
« Com celeste melodia.

« AQUI emfim cobrou templo  
« Depois de tão larga via,  
« D'onde ampara ha largos annos  
« Esta ha pouco monarchia.

« Ora que o reino se afunda  
« Com ondas de mouraria,  
« Fuja com nosco por servos  
« E com Deus por sua guia. » —

E ditas aquestas vooes  
Com grão pranto que vertia,  
Os pés beijou da Senhora,  
Os pés e as mãos á porfia.



*Lindero - Lith.*

*Joachim Bequet, inv. e pinxit.*

*Off. Lith. et. Imp. Rue. des. Martyrs. 172.*

**D. FUAS ROUPINHO: PRIMEIRO TRIUNFO NAVAL DOS PORTUGUEZES.**





S. Bernardo do Século XVIII! como se as onzadas de um engenheiro militar não fossem em tudo oppostas á prudencia e serenidade do claustro! Segundo com o mesmo discurso a não consentir ao proximo arrojões nem temeridades, podia o crítico negar todas as mais gloriosas historias antigas e modernas, especialmente a dos Portuguezes, e apesar de attestada pelas quatro partes do mundo. Por esta má logica nos lembra a d'aquelle Marechal velho allemão, afeito e aferrado á sua tática antiga, o qual desorientado e raivoso com as victorias de Napoleão, dizia d'elle: "Ignora todas as regras da milicia; nada faz como se deve fazer: ahi tendes porque nos sempre vence e destróe."

Não pago o nosso Chronista Cisterciense com destruir na terra a tradicional gloria de D. Fuas Roupinho, passa a combatê-la tambem nos mares, com mais apostada sanha do que o faria o mesmíssimo perro de Alfamim. Não quer que venças as frotas mouros, nem que embarcasse, e até na Chancellaria Historica poem embargos para que o não despachem Almirante; e vai tão levado nesta sua carreira de negar, que estavam vendo quando nos affirmaria, com alguma probabilidade das suas, que nem nunca vira o mar, nem ouvira fallar nelle, e que em tão proxima idade não era crível que por mar se pudesse batalhar por causa do enjô. A nós certamente no-lo causam tamanho estes maisis, belleguins, sizeiros, e dizimeiros das glorias patrias, que ja com gravidade e cortezia de estilo lhes não podemos responder.

Nem o Chronicon Lusitano ou *Gottorum*, nem o Conde D. Pedro, diz elle, referem tal façanha maritima dos Portuguezes. Baste uma resposta: se a historia d'aquelle reinado houvesse de passar infallivelmente pelo haver de peso d'estas duas Obras, ficaria aguentada de muitos de seus melhores feitos e circumstancias d'elles, feitos e circumstancias alias demonstrados por documentos.

Basta para amostra. Se taes dissertações e analyses são por sua natureza cousa tediosa a quasi todos os leitores, que não serão as analyses de taes analyses! Se nesta a nosso pesar ainda assim nos demorámos, foi porque a grande e em muita parte justissima nomeada d'este Chronista Figueiredo poderia fazer força a muitos entendimentos, e por isso mesmo nos não mizeria desprezo. Por despedida observemos em geral, que se o chamado espirito de dúvida he o melhor apurador da verdade e a mais limpa fonte da boa historia, não podemos e moderadamente engenhos para melhores obras nascidos, e providos de bom saber, em tanta maneira tem encrecido este saudavel espirito de dúvida, que no mondar as searas historicas, de envolta com a zizania, ervelhas e papoulas, tem arrepellido, levado e queimado mui contentes muitas das suas mais gradas pavãs: por odio a mentiras affirmadas, fazem-se elles autores de outras peores mentiras que bradam ao ceo, que são as das verdades negadas. Não queremos citar aqui nomes, porém são tão numerosos e flagrantes os abusos cometidos pelo ha pouco fallecido nosso Consocio Antonio de Almeida, n'uma serie de Dissertações que sobre o primeiro reinado publicou nas Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, que posto haver-mo-lo ja outra vez reprehendido, não podemos ainda agora perdoar-lhe. Estas Dissertações, que pouco passam de uma compilação do que ja outros haviam escrito, autorizadas como estão com o nome da Academia, podem induzir em graves erros a naturaes e estrangeiros. Não seria obra digna da mesma Academia manda-las rever, expurgar, emendar ou refutar?

Pag. 49 — column. 1 — lin. 9. — Neste Capitulo em que estrémos o mar, e logo com triumphos, requeria a curiosidade e mandava o bom discurso que estendida e cumpridamente tratasse dos nomes, feição, grandez e armamento dos navios, e da maneira que tinham assim no navegar como no pelejar. Mas porque em tal materia nos deixou quasi ás escuras a descuriosa antiguidade, e em cousas de usos e costumes tão essenciaes, não havemos por licito o supprir faltas da sciencia com os sobejos da fantasia, houvémos que seria melhor arbitrio cerrarmos á parte do silencio, como fizemos. Agora porém, e aqui em Nota, que ja pôde o discurso vaguear destravado das pás historicas mais rigorosas, acudiremos aos desejos dos estudiosos com as poucas noticias que lográmos colher mais da conjectura que de affirmação.

He indubitavel que a navegação dos povos mais antigos de que nos chegou noticia, era em comparação da moderna o que he um embrião á vista de um homem feito. Pouco a pouco, e de idade para idade foi crescendo com uso, e enriquecendo-se com os inventos das artes e descobrimentos das sciencias, que umas e outras no seu progresso a foram fadando, como a tudo o mais. Em Homero, o mais antigo livro profano que existe, sommando as quantias de navios que aderece a cada um dos gregos capitães que ao cerco de Troia confluiram, achámos ser o total da armada de mil cento e cincoenta e seis navios. O crescimento de tal numero em proporção das forças presumiveis do exercito conjurado, e muitas outras circumstancias de difficuldades, empaxos, perigos e desastres dos mesmos gregos á ida e á volta provam a pequenez, imperfeição e impericia das embarcações n'aquelle idade. — Mas deixando tempos tão apartados, e ainda os de menos antigos gregos, os de romanos e cartaginезes, para nos virmos chegando a uma epocha mais vizinha da que tractamos, sabe-se quanto eram copiosas na meia idade as frotas dos Normandos, rudes mas atrevidos e muitas vezes felizes senhores dos mares e costas de Europa. Da armada naval de Guilherme o Conquistador ja em outra Nota fizemos menção, assim como tocámos na profusão de vélas de que se compunham as expedições cruzadas para a Terra Santa. Dos quaes factos por boa razão se ha de concluir que dos tempos heroicos e homericos até aos tempos religiosos e cavalleiros, se a nautica se adiantou não foi senão mui pouco, porque o quarto e ainda o dizimo em numero de proas modernas fariam hoje tremer quaesquer Estados, e acabariam as maiores façanhas navas.

Mas não poderemos nós desencantar algumas provas menos conjecturaes e mais positivas, do como eram no principio da nossa Monarchia as embarcações portuguezas? Cuidamos que não, e n'esta parte concordamos com o nosso Consocio Academico o Sr. Vice-Almirante Quintella, na sua excellente Obra recém-publicada com o titulo de *Annaes da Marinha Portugueza*, onde por falta de documentos historicos, toda a descripção que faz das galés portuguezas n'esses primeiros tempos, faz da maneira de navegar e combater, a deduz da boa razão e dos exemplos das batalhas navas dos Cartaginезes,

Gregos e Romanos. Para não copiar o que deve andar nas mãos de todos, remettemos o leitor applicado para a Memoria primeira da dita Obra, onde achará a materia tractada com brevidade e clareza. Segundo o mesmo Autor, foi a *invenção da polvora e emprego da artilheria no mar*, emprego que alguns affirmam se deve aos portuguezes, o que transformou e engrandeceo a nautica. Mas diz ahi o Sr. Quintella cousa que não deve passar sem reparo: *Posto que as nossas Historias, são as suas palavras, não fallam de armamentos navas no Governo do Conde D. Henrique, e mui poucos referem no do seu Filho D. Afonso I, he contudo evidente que estes dois grandes Principes armarem algumas Galés para defenderem as costas maritimas dos seus Estados, que deviam ser de continuo infestadas dos Mouros da Barberia, e de vós que occupavam a melhor parte do litoral da Peninsula.* Eis-aqui outro exemplo do que na precedente Nota dissemos contra os argumentos chamados de probabilidade e verisimilhança. O Monge Figueiredo contradição factas navas e militares, posto que affirmadas pelos historiadores, só porque se lhe não coadunam com o genio: o Sr. Almirante Quintella tem por evidente a existencia de uma nossa marinha militar, ja no Governo do Conde D. Henrique, apesar do silencio de todos os historiadores. Vê-se que o primeiro pensava nas recolhidas sombras das abobadas de Alcoçaba, e nas pautadas horas do estudo entre as do altar e as do côro; e o segundo talvez entre os balandos da camara da sua não, com o animo cheo de marinha pela muita que lera, vira, e praticára em toda sua vida. Mas para mais prova de quão pouco o são estas de conjectura, ja a algumas do Monge oppozemos nós as nossas, e agora ás do Vice-Almirante opporemos tambem outras. — Tão recente era ainda o senhorio christão portuguez que veio em dote ao Conde D. Henrique, tão difficuloso de se manter internamente contra mouros fronteiros e quasi encravados, e tanto a custo se dilatava, quando se dilatava, por terras d'elles, tão rudes eram os nossos de então nas cousas da milicia, e tão pouco numerosos, e tão minguados de haveres os devemos ferosamente julgar, que ja fica sendo para espanto o que alcançamos se fizera e perizera por terra em resistir, fortificar e conquistar, excedendo as medidas de prudencia e possibilidade o atribuirmos-lhes ao mesmo tempo distração de forças e espantoso aceresimo de gastos em manter sonhadas frotas contra aquelles que se em terra eram tão duros de domar e reduzir, ainda deviam ser muito mais poderosos pelo mar que então corria em grande parte por sua conta, e andava trilhado de continous exercitos e colonias que Africa despejava para estas provincias. Defender as costas mas de dentro, acastellando e munindo os principaes postos d'ellas, he em nosso entender o mais que a fortuna por então consentiria, e o com que se haveria de conformar o bom juizo do Conde e a sua experimental sciencia de capitão. Não ja assim nos ultimos annos d'El-Rei D. Afonso I a que as historias lançam a façanha que relatámos de D. Fuas. Tinha crescido o reino em territorio e povoação; hiam ja na vasante os fados mouriscos; com o sem numero de pequenas conquistas deviam de ter crescido as riquezas, com o tempo e necessidades as artes, com a boa ventura e fama devia de ter acudido numero grande de forasteiros cobiceiros de servir e fazer casa em solo e ares de tanta benignidade: d'estes mesmos estrangeiros, de que no nosso Capitulo sobre a Tomada de Lisboa dissemos se ficaram muitos, não faltariam alguns de conselho e autoridade que, saudosos da sua antiga vida maritima, não só persuadissem taes expedições, mas por que residiam em Lisboa seus cercanias, se acompanhasssem de boa vontade: e bons mestres deviam de ser essas nas cousas de mar para ajudarem com os seus dictames o apparelhar da frota, marrear e combater sobre elemento mais seu conhecido ainda então do que nosso.

Mas tornando-nos d'esta digressão, não de todo escusada, pois valerá de escudo a outra parte do nosso artigo, digamos algum pouco mais sobre o assumpto dos navios por aquelles tempos. Quanto á figura, faltando-nos monumentos peninsulares que no-la determinassem, recorremos como era razão aos da França, por entendermos que sobre dever ser semelhante a construcção naval de todos os povos de então, á de nenhum outro se devia a nossa chegar tanto como á franceza. Mandamos por isso trasladar fielmente para a nossa estampa o padrão das embarcações de Haroldo, que das preciosas tapestarias de Bayeux mandou copiar e gravar nos seus *Monumentos da Monarchia Francaza* o Benedictino Montfaucon: e tomámos este padrão por ser o seu assumpto não remoto em tempo do nosso, e o unico por aquella Obra subministrado. Aos que estranharem na estampa assim como no texto o embandeirarmos os mastros, respondemos abonando-nos com a mesma autoridade franceza.

Acudamos aqui a um reparo que muito naturalmente se nos fará, por não apparecerem no nosso Quadro principalmente galés, pois que de galés se serviram os Romanos por séculos cá moraram, e de galés usavam tambem os mouros contemporaneos com quem por paz e guerra conviviam. Assim he, e estamos persuadidos que mais de galés que de embarcações propriamente de véla se comporia a frota de D. Fuas, e provavelmente só de galés a que trazia apreçada. Mas como o Artista não julgou conveniente exprimir senão aquelles poucos navios, deixando os de mais á consideração e fantasia do espectador, e não tinha á mão documento das galés d'aquelle idade, senão só das outras embarcações que tambem por cá se deviam de usar, a amostra que tinha de dar preferio com razão que fosse d'estas ultimas.

Pelo que respeita aos nomes que aos diversos generos de embarcações se dariam, he qüestão que por nos não atrevermos com ella deixámos aos eruditos. O de *Barchas* de que talvez com pouca corrupção se deriva *Barcas*, e que segundo João de Barros, ainda em dias do Infante D. Henrique se dava a certa especie de navios, deve ter sido corrente no começo da Monarchia, pois que se acha dado genericamente ás embarcações estrangeiras que ajudaram a El-Rei D. Afonso na tomada de Lisboa, na escriptura latina da Fundação de S. Vicente de Fora, onde as palavras que para aqui fazem são as seguintes *in centum et sexaginta navibus quas barchas nominamus*. Os nomes antigos de Barcheins, Caravos ou Carevos, Carracas, Fustas, Fustas-mauças, Galeaças, Galeotas, Pinaças, Setias, Taforeas, Urcas &c. não seria ja hoje muito facil empenho definir precisamento o que significassem, posto que usados de escriptores de tempos

mais chegados aos nossos, nem afirmar se alguns d'elles ou semelhantes se usariam na marinha dos primeiros reinados.

Tomámos da *Nouvelle Serie d'Impressions de Voyages* por Alexandre Dumas, publicada no *Siecle*, jornal de Paris, de 9 de Julho d'este anno de 1840, a seguinte noticia curiosa e modernissima. Achando-se o Autor na cidade de Agus Mortas, e chegando-lhe noticia que obra de um quarto de legua d'ali, se acabava de dar com o esqueleto de uma das galés d'El-Rei S. Luis enterrada na arça, accodio ao sitio, e diz elle: "Como chegamos á beira do Vidouze, vimos a dianteira de um navio, ou por melhor dizer de uma barca grande: a popa jazia ainda sepultada na arça. Era o comprimento patente d'esta embarcação de 63 pés, a maior largura 9, e a altura do fundo da quilha até a bancada 3. E quanto ao que se não via, avaliando-o pela curvatura do costado, teria quando muito 7 ou 8; com o que ficava sendo o total de 72 a 74 pés. Bastou-me isto para eu entender que não era aquella uma nó, senão barca: mas barca que fosse, nem por isso deixava de ficar sendo um documento curioso da civilização commercial de nossos pais. Duas ou tres horas nos ficámos nós ali a tomar-lhe as medidas de altura, largura e comprimento."

Pag. 49 — column. 1 — lin. 49. — A subjeição de Portugal á Santa Sé por El-Rei D. Afonso Henriques com o feudo annual de quatro onças d'ouro, he provada por documentos que J. P. Ribeiro dá por legitimos e incontestados. O mesmo Senhor Rei desejando, segundo as idéas do seu tempo, tornar bom, seguro e inviolavel o seu titulo Real, por via do reconhecimento do Summo Pontifice, então dispenseiro em nome de Deus das Soberanias mundanas, votou acrescentar estas pareas com mais duas *marchas* de ouro por anno, além de um regalo que lhe mandou de mil aureos ou *bizancios*. Temos que não será desagradavel a quem lê encontrar aqui em vulgar a integra da honrosa Carta de S. Santidade, que então era Alexandre III, a qual principia: *Manifestis comprobatur.*

"Alexandre Bispo, Servo dos Servos de Deus: ao arrissimo Filho Nosso em Christo, Afonso, esclarecido Rei dos Portugaleses, e a seus Herdeiros para todo sempre. Causa he comprovada por manifestos documentos, como por meio de fadigas bellicas e lides militares, extirpador intermedio dos inimigos do nome christão e diligente defensor da Santa Fé, has feito como bom Filho e Catholico Principe, mil generos de serviços á Sacrosanta Igreja tua Madre, deitando aos que para o diante vierem, um nome digno de lembrança, e bom exemplo para se imitar. He logo justo que o que assim foi escolhido lhe em cima pela Divina Graça, para bem de um Reino e salvação de um Povo, a Sé Apostolica o fique amando com sincero affecto, e procure solicita prover de bom despacho a justiça de seus requerimentos. Por tanto, havendo nós conta á qualidade de tua Pessoa ornada de prudencia, dotada de justiça, e então accionada para a governança de um Estado, sob a protecção do bemaventurado S. Pedro e Nossa a tomamos; e esse Reino Portugalesense, com todas as honras e dignidade de Realeza, como a Rei compete; e outro sim todos quantos lugares hajas de arrancar com os auxilios da Divina Graça a poder de Sarracenos, a cujo Senhorio não possamos allegar direito os visinhos Principes christãos, á tua excellencia os outhorgamos, e com a nossa Autoridade Apostolica o confirmamos. E porque mais fortemente te accendas no serviço do bemaventurado S. Pedro, Principe dos Apostolos e da Sacrosanta Igreja de Roma, isto mesmo havemos por bem de o conceder aos sobreditos teus Herdeiros; e sobre estas cousas que por Mercê Divina lhes ficam concedidas pela obrigação que para tal nos impoem o nosso Officio do Apostolado, os defenderemos. Muito por tanto te releva, Filho carissimo, que te hajas por tal modo humilde e devoto no tocante á honra e obediencia de tua Madre a Sacrosanta Romana Igreja, e tanto te exercites em tudo que for para ventagem sua e dilatação da christandade, que a Sé Apostolica se dê parabens por tão devoto e glorioso Filho, e descanse segura no teu amor. E para demonstração de que o sobredito Reino existiria na jurisdicção do bemaventurado S. Pedro, e por maior documento de reverencia, determinaste que assim a Nós como a Nossos Successores se houvessem de ficar pagando duas *marchas* d'ouro: o qual censo, para utilidade minha e de meus Successores, tu e os teus Successores haverão cuidado que seja punctualmente entregue ao Arcebispo de Braga que a esse tempo for. Decretamos pois, que ninguém absolutamente haja por licito perturbar sem ração a tua Pessoa ou a de teus Herdeiros ou esse dito Reino, ou tirar alguma de suas possessões, ou retê-la de pois de tirada, ou dar-lhes nojo com outro qualquer vexame. Assim se para o futuro alguma pessoa ecclesiastica ou secular, sabendo do determinado n'esta nossa Escriptura, o tentar temerariamente contravir, se depois de segunda e terceira vez admoestada, não emendar com satisfação bastante essa culpa, fique despojada de seus poderes e honras, e entenda que pela perpetrada iniquidade permanecerá reo no tribunal divino, e seja sequestrada da communhão do sacratissimo corpo e sangue de nosso Deus Senhor e Redemptor Jesus Christo, e na conta final ficará sujeito a rigoroso castigo. Mas a todos quantos ao mesmo Reino guardarem estes seus feros seja dada a paz de N. S. J. Ch. para que n'esta vida se logrem do fructo de seu bom proceder, e perante o severo Juiz vão encontrar os premios da eterna paz. Amen, Amen, Amen." — Seguem-se as assignaturas de nove Cardeas Presbiteros, e depois quatro Bispos e varios Cardeas Diaconos &c. Esta Bulla he de 10 das Kal. de Junho, anno da Encarnação de 1179 e 20 do Pontificado de Alexandre III.

Pag. 49 — column. 1 — lin. 31. — Ayo e creador do Infante D. Pedro Afonso chamámos a D. Fuas Roupinho. Nem Galvão nem Brandão o dizem: mas veja-se a Nota [b] do supracitado Chronista Cisterciense Figueiredo a pag. 33 da sua *Dissertação* sobre El-Rei D. Rodrigo, Fuas Roupinho, e perigrinações da Imagem da Senhora da Nazareth. Este Infante, com quem tantas fabulas se tem levantado, não sendo a menor d'ellas fazermos o irmão de D. Afonso Henriques, era evidentemente seu Filho. O autor das *Dissertações Chronologicas* achou no Real Archivo copiosas e indisputaveis Memorias que o provam.







## D. SANCHE I. — TOMADA DE BELVES.

(1185 — 1189.)

Sancho, forte mancebo, que ficára  
 Imitando a seu pai na valentia  
 . . . . .  
 Havendo poucos annos que reinava  
 . . . . .  
 Do Germano ajudado Sylves toma  
 E o bravo morador destrue, e doma.

CAM. Lus. C. 3. Est. 85. 86. 88.

### I.



ous dias de lucto tinham pesado sobre a altiva frente da antiga Coimbra: — dous dias de lucto no ceu e na terra. Desde o immediato ás nonas de Dezembro do anno do Senhor de 1185 até o quinto antes dos idos, as nuvens cubriam, como um toldo immenso, o alcacer armado da sua armadura de pedra, que campeava sobre a povoação, semelhante a um gigante posto na coroa do monte por guardador e vigia da cidade, que repousava á sombra delle reclinada na encosta. O vento ora rugia pelas troneiras do castello mourisco, ora sibilava por entre as ameias da torre albarran, ora varria os eirados dos edificios da povoação, ainda semi-arabe em seu gesto, e ía sussurrar nos esteveas e carças da planicie, que, ao longe, o Mondego cubria a espaços com as aguas caudaes do inverno. A atmosphaera carregada e tristonha denunciara durante os dous dias uma terrível procella, mas parecia que o anjo das tempestades a enfreava, querendo só que o ceu fosse como cuberto de um veu melancholico, que o tornasse accorde com as tristezas da terra.

E de feito, funda magoa apertava com mão robusta os corações dos christãos de Coimbra, e de todos os que começavam a povoar de novo esta terra portugueza, assolada por guerras d'anniquilação, mas

remida do dominio dos Mosselemanos com sangue de muitos milhares de martyres soldados. Vestidos com sobrevestes de burel pardo, viam-se os cavalleiros subirem para a alcaçova, ou descerem de lá em silencio pelas ruas escuras e tortuosas da cidade, e os sobrejuizes e officiaes palatinos com vestiduras d'almafega encaminham-se para a *côrte*, ou tribunal supremo, onde se distribuía a justiça. Semelhante á paz de um cemiterio, a paz que reinava em Coimbra era lobrega e pesada.

No campanario do cenobio de Sancta-Cruz um sino batia de quando em quando uma pancada soturna, e lá em cima nos paços do alcacer os prantos das carpideiras, discordes e agudos, reboavam pelas salas, e iam expirar pelas corredouras e arcarias, misturando-se e confundindo-se com o gemido do vento.

D. Affonso Henriques fôra depositar perante o throno de Deus uma larga vida consumida em grão parte nas batalhas pelejadas em nome do christianismo e da patria. A voz de bronze do mosteiro era o gemido da igreja: o murmurio profundo e sentido, que transverberava pelas ventanas e frestas da alcaçova, resumia e representava o pranto doloroso, que soava por todos os angulos da boa terra lusitana, ao verem seus filhos que o braço daquelle homem de ferro, cuja passagem na terra

fora uma incessante peleja, e a cujo nome, maldicto d'infiéis, estavam ligadas as glorias portuguezas de meio seculo, largara a espada para nunca mais a empunhar quando por entre os eccos dos anafles mouriscos retumbasse o grito de Allah, — o grito do accommetter.

As portas do templo monastico estavam cerradas havia tambem tres dias: os monges psalmeavam as orações dos finados ao redor de uma tumba vazia, e na capella fronteira uma campa, ali posta de fresco, cubria o cadaver agigantado do fundador da monarchia, que de tantos senhorios herdados a seu filho, reservara apenas para si nove palmos de terra e uma lousa, que lhe servissem de derradeira morada, e dos avultados thesouros, accumulados por elle, só guardara para seu monumento uma espada embotada, e um escudo assignado de golpes das lanças e alfanges dos arabes.

Tal era o aspecto grave e melancholico de Coimbra durante os dous dias primeiros depois que se finára o vencedor d'Ourique: tal era o seu aspecto pelo alvor da manhan de nove de Dezembro do anno de 1185.

Mas o vento do norte começava a varrer pelas profundezas do ceu as nuvens até então quasi immoveis: o sol surgindo da banda do oriente vinha bater nas pedras amareladas do antigo alcacer e nas ameias da cathedral visigothica — nestes dous emblemas dos dous unicos elementos de civilisação da idade media — o soldado e o sacerdote; das duas unicas especies de homens que então representavam as molas perpetuas do existir das nações — a força e a intelligencia: as torrentes de luz, derramando-se pela atmosphaera, como um liquido transvasado em outro liquido, inundavam a terra, e douravam os outeiros arredondados e suaves que rodeam Coimbra, os valles scintillantes de verdura rociada do orvalho matutino, e o arqueado vulto das aguas do Mondego, que passava solitario e lento por entre os sinceiraes, em seu eterno demandar o oceano.

Como o bafo de uma aragem trazida pelas correntes incertas do ar alegrara quasi subitamente a face carregada do ceu, assim o espirito moveido do homem fizera sorrir a cidade enlutada, como se nos raios tepidos do sol lhe tivesse descido de cima um pensamento de alegria: Coimbra despira tambem as suas vestiduras de dó.

O alcacer, onde na vespera apenas se via o atalaia encostado no cimo da torre de menagem, e cujo recincto parecia despovoado, trasbordava de vida e de ruido: os trajos esplendidos das damas, as armaduras refulgentes dos cavalleiros, as vestes dos bispos, as garnachas negras e capas roçagantes dos sobrejuizes, os habitos monacaes dos abbades bentos e cistercienses, os tabardos variegados dos officiaes e domesticos da côrte, no cruzar continuo pelos aposentos dos paços, cujas altas e largas frestas estão patentes, pelos balcões e varandas, pelos terrados descubertos, offerecem a quem de longe olha para o castello um kaleidoscopo maravilhoso, que attrahe e contenta os olhos das multidões, ás quaes a povoação, trajando tambem suas galas, abre de par em par as portas dispersas em volta della pelo seu cincto de muralhas, parecendo convidar os estranhos a virem assistir a um grande regozijo publico da cidade rainha da terra portugueza.

Esta transformação subita; este enchugar repentino de lagrymas; este trocar de tristezas por alegrias; este simular esquecimento dos restos do rei soldado, juncto dos quaes os conegos de Santa Cruz rezam solitarios as orações de um trintario, pareceria impio a quem não soubesse o motivo de tal mudança. Mas nem ingrata, nem impia era Coimbra: morrendo, Affonso Henriques lhe herdara duradoura saudade; porém as esperanças de Portugal não haviam descido ao sepulchro com o velho guerreiro. Ao lado do carvalho antigo e carcomido, que o vento da morte derrubara ao perpassar, um rebentão crescêra e bracejara, e já robusto e nodoso, affrontava as tempestades que cercavam o berço da monarchia. O infante D. Sancho, nascido á sombra do escudo paterno, educado pelas crenças vivas daquelle tempo, amestrado durante a juventude no exercicio das armas, já na idade viril impunhar o sceptro de rei que então era mais de temer que de amar; porque o throno assentava sobre um solo moveido, como o revolver das pelejas, de cujo desfecho dependia muitas vezes a sua existência; — porque então o titulo de senhor significava para aquelle que o recebia a obrigação de ser o primeiro em velar e combater, em padecer e soffrer; o ultimo em desrevestir as armas, em repousar na vida domestica, em folgar nos passatempos e deleites: a corôa real, dourada por fóra, era por dentro d'espinhos, e o homem que a punha na cabeça devia ter provado o animo para não se deixar vencer por muitas noites de vigilia e de angustia; por muitos dias de desesperança, por muitos intentos mal-logrados; devia ter siso e cordura de sobra para não adormecer nos triumphos, não abusar das victorias, não se deslumbra por ambições insensatas: devia aproveitar todas as experiencias proprias; julgar rapidamente e por si os successos; porque então o entendimento do homem não podia prever o futuro pelo passado cuberto de trêvas, e, no meio da barbaria geral, o individuo quasi que só vivia com as suas idéas, em quanto no meio da lucta das duas raças e das duas religiões, que se debatiam sobre as ruinas da antiga Hespanha, os acontecimentos passavam como a luz do relampago, e eram cambiantes e incertos como o serpear do raio.

Mas nos ultimos annos do reinado de seu velho e cançado pae D.

Sancho tivera largo ensejo para se doutrinar no officio de rei. Havendo nascido a 11 de Novembro de 1154 achava-se na florente idade de trinta e um annos, ja principe e capitão experimentado e practico, tanto nos negocios da guerra, como nos do governo da monarchia, ao qual com bons fundamentos se pôde crer fora associado por D. Affonso nos ultimos annos do seu reinado. Ha quem diga que contando treze annos escaços D. Sancho acompanhara seu pae no infeliz recontro do Arganhal contra elrei de Leão, sendo talvez esta mal-sucedida facção da sua infancia um como presagio das desventuras e revezes que lhe entristeceram os ultimos annos da vida. Depois, ja mancebo, tornara o seu nome famoso com victoriosas entradas pelas terras mouriscas de Andaluzia; e lidando por muitos annos contra os infiéis no Alentejo, coroara a serie de seus triumphos com a defensão de Santarem, onde, cercado pelo exercito innumeravel do émír Almumenin Abu-Jacob Jussef, se defendera com diminuto esquadão de soldados, como leão em seu antro, até que elrei D. Affonso cingira pela ultima vez a terrivel espada, e cubrira as rareadas cans com o capello de ferro, para ganhar aos inimigos da fé a sua derradeira victoria, salvando o filho, que encerrado no alcacer, não tinha nelle muro ou torre, que não fosse uma ruina, nem peça d'armadura que lhe vestisse o corpo ou os corpos de seus cavalleiros, que não estivesse assignada de fundos golpes recebidos em combate horrendo de um contra mil.

Era, pois, com a aureola da gloria passada, com um nome que reboava ao longe pelas provincias d'Hespanha, que D. Sancho vinha assentar-se no throno paterno, do qual havia muito os portuguezes o consideravam como unico herdeiro, e em cujos primeiros degraus elle já puzera um pé firme durante a vida de D. Affonso. Deixando o tumulto dos campos, apenas soubera que seu pae se acercava da morte, o infante voara a Coimbra; mas as horas derradeiras do moribundo tinham corrido mais rapidas que o ginete do cavalleiro, e quando D. Sancho se aproximou da cidade, os bispos e magnates o esperavam ja para o saudar como rei da nobre terra de Portugal. Mal enxutos os olhos das lagrymas furtivas, que por breves instantes lhe fóra permitido ir derramar sobre a terra ainda revolta, que escondia o cadaver daquelle que lhe dera o ser, elle cruzou a porta occidental de Coimbra para tomar sobre os hombros inteiro o peso da monarchia nascente, guerreada não só por odios implacaveis de mouros, mas tambem pela ambição e ciume do poderoso senhor do reino leonez.

Ornada estava a cathedral veneranda, como em um desses dias de grande festividade religiosa, nos quaes os hymnos da igreja retumbavam em suas abobadas requemadas pelas mãos dos seculos. O bispo D. Martinho acabara a missa solemne que devia preceder o acto de alevantamento do novo rei, e este se aproximara do altar, juncto do qual se havia de celebrar essa augusta cerimonia.

Os bispos das outras dioceses portuguezas que eram presentes, os abbades cistercienses e beneditinos, o prior de Sancta Cruz, e os nestres das ordens de Calatrava e do Templo, e os priores das do Hospital e Sepulchro, o Mordomo da Curia, o Alferes mor, e o Mordomo menor ou Dapifero, os ricos-homens, infanções e cavalleiros, por um e outro lado do templo, rodeavam D. Sancho. Cuberto de armas brancas o mancebo ajoelhou aos pés do bispo D. Martinho, que revestido de habitos pontificaes tinha nas mãos a biblia e o livro das leis visigothicas. Sobre aquella jurou o novo monarcha respeitar este, guardando as immunnidades da igreja e os direitos dos vassallos, e conservando intacta a herança do patrimonio real, e a independencia da corôa. Ali prometeu tambem continuar na guerra contra os inimigos do Christo, alargando os ambitos da monarchia, e dando a vida, se necessario fosse, pela victoria da cruz. Então o veneravel D. Martinho ungiu-o, o abençoou, e os demais bispos, grandes, e povo o proclamaram rei, pondo-lhe a corôa na cabeça, e lançando-lhe sobre os hombros o manto real. Depois os prelados, os nobres, e os burguezes, que assistiam á solemnidade, ajoelharam tambem, e milhares de orações ferventes subiram ao ceu pela prosperidade e gloria daquelle que ia ser o principal defensor e pae da gente portugueza.

Ao alcacer, ao alcacer! — Como um vulto moveido, variegado, o informe, o mar de povo que enchia o terreiro da cathedral, e trasbordava pelo atrio e portal para dentro do seu recincto, se começa a escoar ao longo das ruas; mas d'ahi a pouco de roda da alcaçova situada no alto do monte, e desassombrosa de edificios por uma larga clareira, se agglomeram de novo as multidões: a ponte levadiça está descida: homens d'armas a cavallo com as lanças em punho a guardam de um e d'outro lado: pelas seteiras, troneiras, e ameias voem-se os besteiros encostados ás hêstas, e as roldas que d'hora a hora correm as muralhas e sobem ao alto das torres. Nos pateos interiores muitos cavalleiros, chegados mais tarde, esperam pela vinda d'elrei, que atravessando as ruas principaes de Coimbra voltará em breve aos paços paternos, para receber das alcades, senhores de terras, e officiaes da côrte o preito e menagem, que lhe será feita na quadra principal dos antigos paços dos condes e alvazis, onde se alevanta o throno sobre um largo estrado, e cujas paredes de pedra se vestem de colgaduras primorosas do oriente. O ruido de vozes, e passadas, que soa pelos aposentos, corredouras, e eirados, mistura-se com o estrepitar dos cavallos, que atravessam a pon-



*Sardem*

*Enl. de Mr. Jean-Bapt. Ponce des Vergnes - 1798*

D. SANCHE I: SALVA DO FUROR DOS SOLDADOS OS MOUROS PREITEADOS  
 EM SILVES.



te, com o tirar e jogar das armas dos cavalleiros, e com os gritos e risadas dos peões, que apinhados á borda da carcova se assemelham de longe a um manto de muitas cores lançado sobre o terreiro, e rasgado d'istante a instante pelos escudeiros e homens d'armas, entrando ou saindo do alcaer á rédea solta, e abrindo sulcos tortuosos por entre o povo, que se une logo como as aguas do Mondego, que passa lá embaixo, cortadas pelas quilhas das barcas velozes, que cruzam de uma para outra margem.

Formosa cavalgada se aproxima finalmente ao castello: é elrei que chega. Grande silencio se faz entre o povo, que se affasta e condensa em dous tropeis enovellados e macissos de um e de outro lado da ponte. Cavalgando em mulas possantes rodeam-no os bispos, abbades, mestres, ricos homens e infanções. Cada um destes ultimos traz apoz si o seu possante ginete de batalha, montado por donzel imberbe, e, segundo sua riqueza, maior ou menor numero de cavalleiros e escudeiros, que seguem seu pendão: os homens de pé da mercê de cada um delles os acompanham correndo ligeiros por entre os homens d'armas, e trazendo ao hombro azevans, ou lanças curtas. O povo saúda com altos clamores elrei, ao atravessar o profundo portal do castello, e apenas elle desaparece seguido somente dos prelados e nobres, acompanha, em voz baixa, com affrontas e maldicções as comitivas feudaes, que se espalham correndo para todos os lados, em busca de pousadas nos bairros de seus respectivos senhores.

Já D. Sancho se assentou no seu throno de rei: o alferes-mor em pé do lado direito, tem na mão tendido o pendão ou signa real: o mordomo-mor, o meirinho da curia, o mordomo menor, o chancellor, e os mais officiaes da côrte estão em volta do throno: elrei vae receber dos grandes vassallos do preito e menagem pelas terras da coroa, que cada um possue. Os meirinhos ou adiantados das provincias, os alcaides mores, os mestres das ordens e os mais senhores de terras prestam successivamente seu juramento nas mãos do novo monarcha. Os potestades ou meirinhos, que administram os condados ou provincias, juram fazer respeitar a justiça, os foros do reino, e a suprema auctoridade real; os alcaides, recebendo d'elrei a investidura dos castellos, juram defende-los até a morte, nunca os entregar senão ao monarcha, ou áquelles que para os tomar tiverem seu mandado, servirem na guerra com um numero certo de lanças segundo as tenças que recebem do rei, e acolherem este ou os seus successores nesses castellos quando a elles chegarem; e os mestres do Templo e das outras ordens, e os preceptores ou commendatarios fazem tambem preito e menagem em nome de seus irmãos nas armas e na vida monastica. Os senhores que possuem bens da coroa seguem-se apoz estes, e acabada a cerimonia, as sallas e os pateos cheios de infanções, cavalleiros, e soldados peões, e o terreiro cuberto de populares, restregem com aclamações e emboras ao novo monarcha, que descendo do throno folga no meio de tão claros signaes de amor dos seus companheiros na guerra, e de todos os filhos da boa e formosa terra portugueza.

O banquete com que, segundo os costumes daquella epocha, se concluiu a solemnidade, foi esplendido, mas triste. O sol tinha desaparecido no poente, e a ampla salla d'armas da alcaçova onde se aprestára a lauta cêa era illuminada por muitas tochas, que os pagens traziam nas mãos, e por grossos brandões, presos por anneis de ferro, e enfileirados ao longo das lisas paredes de marmore, ou em volta das columnas que sustinham os tectos do aposento. Mas lá em cima, nos vãos profundos da abobada, por entre as laçarias e chaves, por sobre os frisos e capiteis, aonde a luz não subia, sussurrava a aragem da noite, como suspiro solto em galilé deserta por finado que não pudesse repousar debaixo de sua lousa. Ao menos assim pareceu, porventura, aos nobres hospedes de D. Sancho; assim lhe pareceu talvez a elle proprio; porque todos os rostos, em vez de se alegrarem com o progresso do banquete, se carregavam e confrangiam. Debalde o escanção fazia correr novas taças, cheias de vinho, por detraz dos convidados; — quasi intactas estavam ainda as primeiras: e quando ao postasto os dous truões do paço Bom-amigo e Acompanhado quizeram com seus arremedilhos e visagens vir cortar aquellas, no seu entender, mal cabidas tristezas, D. Sancho lhes acenou que saíssem, e dentro em breve tudo caiu no mais profundo silencio.

Tambem em silencio os prelados, e ricos-homens começaram a saír da salla: por largo espaço só se ouviu o som rouco e abafado do tropear dos cavallos passando rapidos pela ponte levadiça; e D. Sancho, que por alguns momentos estivera involto em cogitações profundas, erguendo os olhos, apenas viu de roda de si os seus pagens d'armas, que immoveis esperavam os mandados do novo senhor do forte e nobre alcaer da velha Coimbra.

As ventanas do quasi deserto aposento estavam cerradas. Elrei ergueu-se, e encaminhou-se para uma dellas: um pagem lh'a abriu. Com os punhos cerrados na frente, elle se encostou ao balcão de marmore. A noite fria e escura só recebia uma especie de tenue luz crepuscular das estrellas, que tremulas scintillavam no ceu, e das frestas ponteagudas da igreja de Santa Cruz, que transverberavam uma claridade pallida e immovel como o cadaver daquelle a quem tambem rodeavam, não pagens d'armas adornados de cotas bordadas d'ouro, mas cenobitas cin-

gidos de cilícios e cubertos d'estamemha; não pagens d'armas em silencio, mas cenobitas resando os hymnos lugubres da morte; não mancebos fieis ás esperanças de beneficios, mas anciãos fieis á memoria delles, e que os pagavam na unica moeda que possuíam — as preces de homens innocentes e virtuosos.

D. Sancho ajoelhou com os olhos pregados no grande vulto das muralhas ameaiadas e das torres de Santa Cruz, e orou largo espaço. Ao clarão de uma tocha que estava ao pé delle, disse depois um dos pagens, que pelas faces tostadas dos sóes das pejeas vira cair ao guerreiro uma torrente de lagrymas. Era que elle acabava de comprar um throno por preço de orphandade!

## II.

O anno de 1189 havia começado. Entre os cuidados de povoar Portugal, e de defender a monarchia da cubiça e suberba do rei de Leão, D. Sancho tinha consumido tres annos de seu reinar. — Em quanto nos pateos e officinas dos castellos os ferreiros e armeiros teciam cotas e cervilheiras de malha, burniam capellos, arnezes e çapatos de ferro, e os alfagêmes temperavam e puliam lanças, montantes, achas d'armas e espadas, na salla do conselho d'elrei, em Coimbra, e perante elle e seus letrados, o notario da curia, Juliano, escrevia em rolos de pergaminho as cartas de povoação ou foraes, que, estabelecendo direitos e deveres para os que se offereciam a povoar as terras destruidas e ermas, faziam renascer a industria e a agricultura, moribundas no continuo revolver das pejeas de tantos annos. Assim o novo monarcha, sem deixar de atender aos exemplos guerreiros de seu pae, principiava a plantar na terra conquistada por elle a arvore ainda tenra da civilisação e da esperança.

Mas no meio destas occupações um grito doloroso, uma voz de terror e espanto reboou por todos os angulos do reino. Os vicios e crimes dos christãos do oriente tinham desafiado a cólera de Deus, que suscitara contra elles o terrivel Saladino. Guido de Lusignam rei de Jerusalem, vencido juncto de Tiberiade, vira morrer ao redor de si a flor dos seus cavalleiros, e dos monges guerreiros do Templo e do Hospital. Elle proprio caíra nas mãos dos infieis, e o que mais duro era de soffrer para a Europa, a cruz do Salvador, alevantada no meio das batalhas como um penhor da victoria, ficara tambem captiva. O castello de Tiberiade, Ptolemaida, Naplusa, Jerichó, Ramla, Cesaréa, Jaffa, Beiruth, e Ascalon haviam aberto as portas, máu grado seu, ao vencedor de Guido. A mesma cidade sancta não podera resistir a indomavel Saladino, e o sepulchro de Christo, profanado pelos sarracenos, caíra em servidão como o symbolo da fé — o madeiro venerando do Golgotha.

O reino christão da Palestina, fundado sobre os ossos de milhares de martyres e de guerreiros, deixára d'existir; porque apenas Antiochia, Tripoli e Tyro resistiram ainda aos innumeraveis esquadrões d'infieis. Mas o brado de agonia, que soltava a christandade do oriente no seu arranco final, não soara de balde no occidente. Por toda a parte se ergueu e restregiu um clamor de guerra sancta em nome do evangelho — do evangelho, que o sultão de Damasco não podia vir arrancar dos corações dos valentes filhos da Europa. As nações agitavam-se como mares revoltos por violenta procella, e rangendo os dentes alçavam-se em pé, e mirando o oriente com olhar torvo, açacalavam as armas, e suspiravam pelo dia em que podessem alagar de sangue e alastrar de cadaveres os plainos da Syria.

A antiga Germania, em todo o tempo seminario feracissimo de homens valorosos, foi a primeira em arrojar contra a Asia os seus mais esforçados cavalleiros. Em quanto Henrique d'Inglaterra e Philippe de França proseguem em suas mutuas dissensões, antes de partirem para o oriente, o imperador Frederico, com um lustroso exercito de mais de cem mil soldados, se encaminha pela Hungria e Bulgaria para Constantinopola, e punindo as traições do fraco e refalsado imperador Isaac, atravessa o Hellesponto. Depois de repetidas victorias, chega aos muros d'Iconio, que fulmina como um raio desfechado do ceu, e repouando ahi algum tempo, embrenha-se com o seu exercito nos desfiladeiros do Tauro, caminho da Palestina.

Entretanto, os portos d'Alemanha, de Flandres, e d'Inglaterra ferverem de náus e soldados: muitos barões e simples cavalleiros, pregando sobre o peito a cruz da guerra de Deus, impacientes pela demora dos cabos supremos, se embarcam para soccorrer seus irmãos afflictos, e vellejam em demanda da Syria. As armadas vindas do norte transpõem a garganta, que une o oceano com o mediterraneo, entre Sebta e Gebal-Tarek, e vão levantar os animos quebrados dos christãos do oriente, que começam a guerra pondo cerco a Ptolemaida.

Os cavalleiros d'Hespanha não se mostraram nem mais tibios em deplorar o captivo da cruz e do sepulchro do Christo, nem menos fervorosos em vingar a affronta do nome christão. As náus dos cruzados, que as tempestades ou a necessidade de victualhas conduzem aos portos derramados pelas extensas costas da Peninsula, se pejam de novos moradores, que, alistando-se debaixo dos pendões dos guerreiros septemtrionaes, vão com elles, irmãos em armas e em fé, arrostar com as procellas dos mares, e com os combates de um contra dez, que os

aguardam na Syria, e a que elles já estão afeitos nas pelejas da sua terra natal.

Bem como os outros monarchas da Hespanha christan, D. Sancho arde em desejos de ir renovar na terra sancta as façanhas de seu avô D. Henrique: todavia, como elles, tambem não ousa abandonar o povo ainda infante, que a providencia quiz se abrigasse á sombra do seu amplo escudo. O imperio dos Almuhades abrangia então toda a Mauritania, e a ultima revolta da dinastia Almoravide tinha sido sopitada. Jacob ben Jussef, filho do Emir Almumenim, estendia o seu dominio á quem e além do mar sobre vastos territorios, de maneira que os castellos dos infieis cingiam as terras dos christãos como uma faixa de pedra; — e se os ossos de martyres jaziam calcados aos pés dos sarracenos nos campos da Palestina, tambem no extremo occidente da Europa os cerros e valles das provincias christans tinham sido remidos com o sacrificio de muitas vidas, e a terra liberta do jugo mussulmano estava amassada com muito sangue de cavalleiros, para se haver d'expôr de novo, abandonada dos seus principes e soldados, á colera dos Almuhades.

Mas o coração robusto de D. Sancho não soffre pensamentos de paz e repouso, em quanto o estrondo da guerra sancta retumba por toda a parte. Gastada está a substancia e força de Portugal por largas e cruas luctas; porém, nem a fé, nem os brios de seus cavalleiros se apoucaram ainda; e quando a signa real esvoaçar tendida ao bafo ardente da guerra, milhares de lanças hão-de rodea-la, como muralha solida, posto que movediça. E ai da mourisma por cujas terras essa signa passar erguida! — porque semelhantes ás pavêas de loura seara, por entre as quaes se vê surgir a fronte tostada do segador, os casaes e as aldêas, os burgos e as cidades serão ceifados e lançados em terra ao redor della por essa souce agigantada de homens cubertos de ferro, que o pendão fatal guia e dirige, como se fosse dotado de vontade e de entendimento. Sabe-o elrei, e por isso pensa de noute e dia em que povoação das Hespanhas fará responder os gritos de arabes morrendo aos gemidos derradeiros dos sarracenos da Palestina caindo debaixo das espadas dos novos Cruzados. Entre as cidades assignaladas d'antemão para os dias de combates, Silves se apresentou á sua memoria — e Silves foi escolhida para theatro de pelejas.

Então, terra antiga do ultimo occidente, não eras tu como hoje um montão de ruínas, uma flor murcha e esquecida nos campos do Algarve, ora mirrados pelas tempestades das discordias civis. Então opulenta te revias nas aguas do teu rio, juncto das quaes alvejavas por entre as arvores frondosas dos pomares que te eram como estrado de princeza, sobre o qual assentada respiravas ao pôr do sol o cheiro das flores, semelhante ao arabe do deserto, que á mesma hora, involto no seu albornoz alvaco, se estira a viver entre os cespedes de um oasis. Então forte e populosa, achavas facilmente no meio dos teus vinte cinco mil habitantes, soldados com que guarnecer teus muros e torres, e marinheiros com que povoar tuas setias, que infestavam as costas das provincias christans.

Mas Deus e D. Sancho condemnaram-te, oh Silves, a seres serva; e Deus e D. Sancho prepararam os meios da tua ruina. Em quanto este ajuncta em Santarem os mais esforçados cavalleiros de Portugal, e o mestre dos engenhos e trons, Miguel, concerta e apresta os que hão-de servir para combater e derrubar os grossos panos das tuas muralhas e baluartes, os ventos, que o Senhor sopêa ou desfecha quando lhe apraz, guiam a Lisboa uma poderosa armada, que vae, caminho da Palestina, castigar na Asia aquelles, que, como os teus filhos, blasphemam do Christo, e que, como elles nas Hespanhas, guerream e perseguem na Syria os sectarios da Cruz.

Os olhos dos moradores de Lisboa se espraíam pelo horizonte occidental, onde ao longo da marinha que orla os reguengos d'Oeiras e Algés alvejam as vellas das Isnachias do norte, que sobem o rio, semelhantes a um bando de alcatrazes fugindo á procella do oceano. Os practicos do mar as conheceram logo por de christãos; mas apenas as mais ligeiras, acercando-se da cidade, passam á quem do pequeno outeiro, onde, de pouco edificado, se ergue entre vinhas e hortas o mosteirinho de Sanctos dos monges-cavalleiros de Sanctiágo, as bandeiras, assignadas de cruces verdes e brancas, revelam a todos os olhos, que essa multidão de vellas conduz ao oriente esperanças para Jerusalem captiva, e estragos e mortes para os seus oppressores.

As náus lançaram ferro diante da cidade que ainda naquella epocha estava encolhida e abrigada á sombra do seu torvo alcacer, de roda do qual se pendurava, como filhinha do collo materno, pela ingreme encosta do monte, em cujo topo elle campeava orgulhoso então, e hoje mostra ruínas branqueadas. Saindo do breve esteiro, que se curva entre as egrejas de S. Julião e da Magdalena, muitas barcas remam ao largo e rodeam os navios, cujos castellos refervem de homens, e scintillam de brilho d'armas; — e pelos bordos das Isnachias, os vultos que sobem e descem assemelham-se ao formigueiro, que, aninhado no topo de arvore carcomida, anda ajunctando na veiga o seu povimento do inverno. Sobre o sólo vacillante das embarcações guerreiras os filhos tostados e espadaúdos do occidente, abraçam os louros e agigantados filhos do norte. Diferentes em trajos, em armas, em linguagens elles

são irmãos; porque tanto uns como outros se acolhem á sombra eterna da Cruz.

Já um mensageiro, mandado pelo alcaide de Lisboa, corre á redea solta caminho de Santarém: pela volta da tarde o atalaia posto no alto da torre de menagem viu-o surgir d'entre uma nuvem de pó, e ao pôr do sol elle atravessou a ponte levadiça da alcaçova, onde elrei esperava impaciente que novas lhe traria, se de dor, se de folgar.

De folgar eram ellas, e sobradamente deleitosas naquella conjuncção; em que estes estrangeiros lhe eram como mandados de Deus por ajudadores da arriscada empreza que intentava, aspera de commetter a sós com os seus portuguezes. Assim, ao romper d'alva, seguido de poucos homens d'armas, o valente mancebo, alvoçado com suas esperanças, se encaminhou para Lisboa, deixando a seu meio-irmão Pedro Afonso, alferes mór do reino, a capitania da nobre hoste que se ajunctava á roda de sua signa.

Aquelles, que atravessando os mares iam contrastar na Syria os esquadões de Saladino, cujo nome enchia d'espanto a Asia e a Europa, eram por certo homens de grande e robusto coração. Para elles as horas lentas e tormentosas das batalhas passavam como momentos de jubilo, o restrugir das espadas afuzilando umas nas outras, soavam-lhe como toada harmoniosa de menestreis em saráu esplendido, e um campo tincto em sangue e semeado de cadaveres despedaçados era-lhes mais aprazível que veiga povoada de boninas, quando ao romper d'alva exhalava perfumes suaves, e scintilla com o orvalho da noute aos primeiros raios do sol. Facil foi por isso a D. Sancho persuadi-los a serem com elle participantes na gloria da tomada de Silves, e como se a cidade fôra já captiva, entre elrei e os capitães da frota se dividiu de antemão a presa: a elles couberam os thesouros dos mosselemanos, a elrei as torres e muralhas que os defendiam, sobre as quaes havia de hastear o seu pendão de senhor.

### III.

Muitos dias eram passados desde que Silves começara a debater-se em lucta feroz com os christãos que a estreitavam. As galés dos cruzados do norte, e as náus de Portugal aprofando á foz do seu rio tinham lançado na margem esquerda delle uma multidão de guerreiros; e quando da erguida atalaia da serra fronteira, o vigia dava rebate das muitas vellas, que demandavam o porto, viram as sentinellas das torres do alcacer a hoste portugueza, que descendo dos visos das serranias circumstantes, para o valle dos arredores da povoação, se assemelhava a serpe gigante rolando-se em collos variados pelo pendor da ladeira. O esforçado D. Mendo de Sousa, que era o capitão daquelle exercito, cingira Silves por um lado, e as suas alas iam entestar com as alas dos estrangeiros, de modo que a povoação ficara como embebida em espessa feixe de lanças.

A força de rijos combates brevemente haviam sido tomados os arabaldes; mas o valor e ousadia dos cercadores em vão tentara penetrar alem das altas e grossas muralhas que defendiam a cidade. Elrei viera com uma formosa batalha de cavalleiros dar novo vigor ao cerco, e mais náus carregadas de gente e engenhos de guerra haviam partido de Lisboa e entrado no rio de Silves; mas a cidade orgulhosa e confiante no numero dos seus defensores e na altura das suas muralhas, affrontava a colera dos inimigos do propheta, e folgava dos seus repetidos assaltos, em que diariamente eram vingadas, com mortes e estragos de christãos, as mortes e estragos que estes haviam feito na cerca exterior, de que, não sem brava contenda, se tinham assenhoreado.

Abastecida estava Silves para muitos mezes, e uma forte couraça, que descendo do alto vinha cerrar-se na margem do rio, lhe ministrava abundancia d'agua: assim, não por demorado sitio, mas por assaltos repetidos deviam os christãos combater-la. A couraça, porém, alluida pelos tiros dos engenhos, solinhada pelos alveões, em um lanço extenso, a que tinham chegado as minas, sustida depois alguns dias sobre grossas traves apumadas, desabara quando estas haviam sido incendiadas. Os christãos trepando por cima das ruínas, cubertos de leves escudos, pelejando peito a peito com os arabes, abraçando-se com elles, luctando e rolando de pedra em pedra até a carcova meia entulhada, para de novo tornarem a subir, haviam por fim firmado os pés sobre a corre-doura no cimo da couraça. Ahi, os filhos d'Allah, vergando debaixo dos golpes dos pesados montantes dos portuguezes, e das largas e affiadas achas d'armas dos gigantes septemprionaes, deixando esse estreito campo de batalha cuberto de craneos esmigalhados, de corpos destroncados e de armas feitas em rachas, tinham-se acolhido ao amparo da forte cerca, resolvidos a sepultarem-se debaixo das suas ruínas.

Não tardou, porém, que este proposito de um valor tranquillo, este pensamento de resistencia meditada, esta tenacidade no soffrimento, virtude congenita no homem de guerra que nasce sobolo ceu das Hespanhas, fosse chamado a duras provas. Todos os dias se repetem assaltos á escalla vista; todas as horas os sculcas arabes, encostando o ouvido sobre a estrada que gira em roda dos muros pela parte interior da cidade, percebem o ruido subterraneo dos mineiros que se approximam de um dos cubellos, e sentem os golpes embaçados das alavancas batendo no coração das rochas sobre que se estribam as muralhas.

A's vezes os frecheiros immoveis, com os arcos curvos, e resguardados pelas ameias dos eirados, e pelos umbraes das setteiras exteriormente irregulares, que d'espaco a espaco seguem as escadas espiraes das torres, para darem entrada á luz, e saída á morte nãs horas do combater, creem enxergar uma oscillação rapida e leve, que passa pelos membros desses gigantes de pedra, como um estremeção de terror. A's vezes, lançando os olhos para as serranias selvosas que estreitam o horizonte, descortinam nas florestas os pinheiros agitando-se, e os cimos dos mais altos vacillarem, e abysmarem-se no mar de ramas que os rodea. Entendem os arabes o que significa esse tombar das arvores seculares: é que as minas se approximam a seu termo: é que algum lança dos muros vai trocar brevemente os seus alicerces de pedra por escoras de lenho, que incendiadas um dia farão desconjunctar os cubellos e torres, que o sólo sorverá n'um abysmo de labaredas e fumo. Mas elles não desmaiam: — guiados por esse ruido abafado que fazem os mineiros christãos rasgando as entranhas da terra, escavam tambem o pavimento das ruas, e sumindo-se pouco a pouco em o chão, que todos os dias embebe no seio maior numero de homens ousados, vão encontrar-se lá nas trevas subterraneas com os ferozes inimigos do propheta. Ahi se trava furiosa briga no meio da escuridão mal desbastada pelos fachos accezos nas mãos dos guerreiros, cujas cervilheiras retinindo, cujos rostos transfigurados pelos sulcos das espadas, que ao reluzir dos olhos banhados em cólera só atinam com aquelle alvo de faces humanas, fazem dessa pelega um quadro horrendo, semelhante a combate de demonios e reprobos travado sob as campas de um cemiterio. E quando, quebrados os alfanges africanos pelos machados germanicos, pelas achas d'armas portuguezas, os defensores de Silves são arremessados para a superficie da terra retraindo-se ante os seus duros contrarios, os christãos veem descer pelo respiradouro, que jorrou para as bordas do abysmo os pelejadores arabes, uma luz infernal, um rio de fogo, que se precipita em turbilhões, e contra o qual não valem nem armaduras de ferro, nem corações mais robustos que este. Então elles tambem recuam, e buscam erguer barreiras á torrente maldicta; e quando em fim alcançam interpor um muro de pedras, e de terra amassada com sangue, entre si e esse ultimo e invencivel defensor da povoação, sentem-no rugir, crescer, enovelar-se, e resfolgar um bafo ardente que transsuda pela tranqueira macieira que os separa delle. Anhelantes, á luz incerta e avermelhada dos fachos, olham em silencio uns para os outros, e nem sabem se devem fugir, se ficar: mas veem elrei immovel, e os mestres dos engenhos que examinam a caverna, e apontando para as paredes lateraes lhes bradam: ávante! — A esta palavra os alviões se cravam para um e para outro lado: o chão esboroa, e sobre a cabeça dos mineiros apparecem os fundamentos angulares de uma torre, como uma abobada achatada: grossos madeiros formam então, como por milagre, um peristilo egypcio, basto e achatado, sobre o qual repousam as torres, que, lá em cima, á luz do sol, parecem enraizadas eternamente na ossada da montanha. Assim os christãos abrem o sepulchro desses gigantes de pedra, que brevemente, cadaveres desconjunctados, descerão ao abysmo, que vae lavrando debaixo dos seus fundamentos.

Mas quando essa caverna, que se estende e alarga de dia em dia, d'hora em hora, como cancro ameaçador de morte inevitavel, se converter em fornalha encendida; quando as chammas e os rolos de fumo crepitarem em volta das grossas traves, enroscando-se nellas, e mordendo-as como a gibóia em volta de tronco humano; quando as quadrellas e torres se fenderem, vacillarem e cairem desmoronadas, que será de Silves, indefensa, nua, como mulher violentada, cujas vestiduras foram rasgadas por mãos da sensualidade hedionda e bruta? Que será della quando as suas praças e ruas, abertas em frente dos esquadrões de nazarenos, só tiverem interpostas entre si e elles algumas pedras tombadas e soltas pelo pendor da encosta? — Estas perguntas terriveis fazem-nas lá consigo todos os corações, e repete-as em alto som a pallidez de muitas faces.

O desalento, porém, já antes disso começara a coar pelos animos dos mais esforçados. O somno já não visita as palpebras dos alfaquis, que desesperam do amparo do propheta; e o indomavel Albaino, alcaide da capital do Algarve, contempla tristemente a sua boa espada, sobre a qual nesse meditar de amarguras vê cair uma não sentida lagryma. A imminente ruina das antigas muralhas de Silves não é causa principal da angustia que despedaça todas as almas, porque os broqueis dos guerreiros arabes poderiam talvez suppri-las: mal maior opprime a povoação, que se confrange em lenta agonia. Um espectro descarnado e macilento, assentado no cimo do alcacer, estende os braços mirrados sobre a cidade apinhada em volta deste: o seu halito é como o do Simúm, e por onde elle passa tudo fica arido e çafaro como o tempestuoso areal do deserto. Os tres açoutes que Deus vibra contra as nações no dia da sua cólera, não são porventura tão cruéis como este só, que os homens não contaram entre esses tres flagellos: a peste deixa o moribundo volver os olhos com saudade para os primeiros e derradeiros raios do sol; a guerra é como um banquete de ebriedade e delirio para o homem valente; a fome é martyrio longo e doloroso, no cabo do qual ha um adormecer suave na morte. Mas Deus tem maldicção mais tremenda! — Quando ella desce de cima, a luz do

sol converte-se em fogo infernal; o pelejador despe as armas e rola-se furioso por terra; a noite não traz nem repouso, nem refrigerio; as arvores perdem sua folhagem; as flores pendem, murcham, mirram-se e caem em pó; e no meio desta desolação geral, o ceu tranquillo e azul, o ar diaphano e puro, a brisa que passa fagueira, são como um escarneo da natureza, que parece sorrir-se no meio dos trances mortaes, das vascas atrozes, em que se debate tudo quanto vive, ou vegeta.

Este flagello supremo é a sêde: o seu espectro medonho era o que estava assentado sobre o alcacer de Silves.

Por isso uma lagryma tinha escorregado dos olhos de Albaino sobre o ferro luzente da sua boa espada. Contra este novo inimigo que lhe prestava ella?

## IV.

A rainha do Algarve cedera, em fim, ao seu contrario destino: os mensageiros enviados pelo alcaide mouro tinham oferecido em nome delle entregar a cidade, salvas as vidas e as fazendas dos seus habitantes. Elrei generoso na victoria inclinava-se á misericordia, oferecendo aos cruzados vintemil morabitinos em satisfação do despojo que perderiam, acceitas as condições daquelles que se reputavam vencidos: mas os guerreiros septentrionaes deslustraram seu nome com a crueldade e cubiça. Invocando a sanctidade do pacto feito com D. Sancho, antes de commetter aquelle feito, não consentiram que essa multidão de desgraçados, que abandonavam a formosa Silves ao jugo de ferro dos christãos, levassem uma só reliquia, uma unica memoria do tempo passado, dos dias de felicidade. Desterrados do seu ninho paterno, condemnavam-os esses homens ferozes do norte a irem peregrinos demandar aos seus irmãos em crença não só um asylo, mas tambem o pão da esmola. Os vencedores ainda julgavam excessiva piedade o conceder-lhes as vidas.

Eram tres de setembro: o sitio começado a 20 de julho havia durado mez e meio, e neste dia Silves abria as suas portas aos christãos. Sem armas, e trajando simples aljubas e alquicés, os cavalleiros arabes, acompanhados de mulheres e filhos, começaram a desamparar a cidade, por cujas ruas resoava um terrivel sussurro de gemidos abafados. Albaino era o unico que vinha montado em seu ginete andaluz, e ao redor delle os alfaquis e cacizes a pé, que de quando em quando voltavam a cabeça para se despedirem ainda uma vez, com os olhos, das almenaras das mesquitas, d'onde nunca mais a voz sonora dos pregoeiros chamaria á oração os sectarios do propheta. Espectaculo lastimoso era ver a multidão de velhos, creanças e donzellas timidas, cujas faces tinha de tão perto bafejado a morte, correrem para o Drade, ou para o Odelouca, e atirarem-se de bruços sobre as aguas em breve turvas, procurando extinguir a sêde que lhes roia as entranhas. Os christãos, entrando ao mesmo tempo na povoação, recuavam a todo momento traspassados d'horror: cadaveres de homens e animaes, corruptos e fetidos, estavam amontoados pelos terreiros e encruzilhadas: semelhantes a phantasmas, pallidos e moribundos, viam-se muitos mouros irem-se arrastando de bruços para não soltarem o ultimo arranco entre as blasphemias e escarneos dos seus cruéis inimigos, e outros, ja nos trances da morte, com a desesperação pintada no rosto, erguerem as mãos para os vencedores, pedirem agua, e expirarem. Os christãos captivos que jaziam nas masmorras de Silves eram quatrocentos e cincoenta quando começara o cerco, mas apenas restavam duzentos, tendo os mais perido á sêde; e dos vinte cinco mil habitantes da cidade so quinze mil saíram vivos para irem levar noticia da victoria dos christãos aos alcaides almohades da Andaluzia, de Cordova, e de Granada.

Elrei com os seus cavalleiros, ao lado da porta da Almedina, assistia áquelle prestito lugubre de familias sem patria, e no rosto se lhe divisavam claros signaes de compaixão; pelo contrario os cruzados, cuja crença viva degenerava em fanatismo cego, cubriam de afrontas os miseros desterrados, e até maltractavam barbaramente os inermes guerreiros arabes. No perpassar pelas portas, onde a multidão dos que entravam, em frente dos que saíam, se assemelhava á revessa de duas marés encontradas em surgidouro estreito, embatiam-se em confusão sarracenos e cruzados. Já alguns destes arrancavam as espadas, e já os gritos de morte soavam de boca em boca: mas, rapido como o relampago, elrei, seguido dos seus homens d'armas, se arrojou aonde mais acceso fervia o tumulto. A sua voz retumbou por cima de todas as vozes, e immoveis e em silencio christãos e mouros o escutaram.

Então D. Sancho ponderou aos cruzados, que a religião, a fé, e a honra de cavalleiros os obrigava a respeitarem a desventura dos habitantes de Silves: lembrou-lhes que senhores de tantos despojos, o sangue de novas victimas não os faria mais ricos; e com aspecto carregado declarou-lhes, em fim, que elle com os seus portuguezes os constrangeria a respeitarem o pacto jurado com os que foram, e já não eram inimigos, mas sim malaventurados.

As razões, ou antes as ameaças d'elrei produziram o desejado effeito. Dentro de poucos dias os habitantes de Silves eram consolados no exilio pelos seus irmãos d'Andaluzia: os besteiros d'elrei guarneciam as muralhas e torres arruinadas da capital do Algarve; e a armada dos cruzados, rica de despojos, vellejava ao longo do estreito de Gebal-Tarek caminho da Palestina.





